Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Linguística
Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral

Luciana Soman Moraes

Psicoterapia: possibilidades de depreensão da imagem do sujeito discursivo

São Paulo
2010

LUCIANA SOMAN MORAES

Psicoterapia: possibilidades de depreensão da imagem do sujeito discursivo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de Semiótica e Linguística Geral.

Orientadora: Profª. Drª. Norma Discini de Campos

São Paulo
2010

Para Celeste e Eduardo, sempre.

Agradecimentos

À *Profª. Drª. Norma Discini*, por ter me dedicado cinco anos de ensinamentos em Semiótica, dos primeiros passos até hoje (os segundos passos). Sua presença foi sempre intensa e desveladora de todos os sentidos. Obrigada pelo olhar atento e crítico em todos os momentos do desenvolvimento da dissertação, fazendo com que eu pudesse "entrar de cabeça erguida" em qualquer lugar ao qual eu quisesse pertencer.

Ao *Prof. Dr. Luiz Tatit*, por ter me apontado na Banca uma nova forma de entender a prosódia, de maneira tão doce abriu-me a porta para os desenvolvimentos da Semiótica da Canção.

Ao *Prof. Dr.* Arnaldo Cortina, por aceitar a participação em minha defesa, muito bem recomendado e elogiado. É uma pena que as novas regras da USP não permitam mais a alteração da dissertação após os comentários da Banca, fazendo com que seus ensinamentos e opiniões fiquem apenas restritos a mim, e não sejam transpassados como melhoria do trabalho.

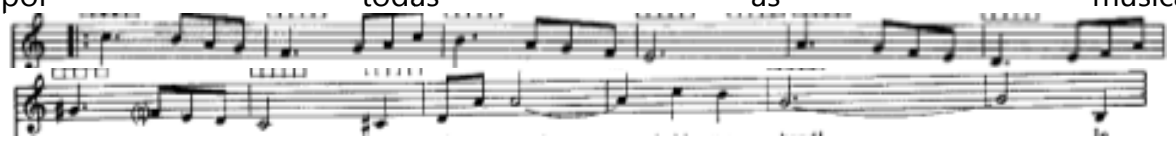
Ao *Prof. Dr. Marcos Lopes*, pela presença no meu aprendizado de Linguística, pelas indicações de referências de leitura, pelas discussões sobre o comportamento humano, reveladoras e divertidas, sempre!

À *Profª. Drª. Luciana Salgado*, seu discurso atravessou o meu por duas temáticas diferentes: a acadêmica, com o conteúdo certo na hora certa, suas aulas mudaram o curso dessa dissertação, mostrou-me uma forma de analisar textos simplesmente apaixonante, e um novo modo de entender a psicoterapia; a da saúde, com toda sua disposição para informações, guardo-as (e sigo-as) com carinho.

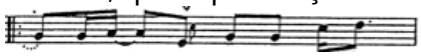
À *Helena Meidani*, pela enorme dedicação e seriedade com que encarou meu trabalho mesmo no Carnaval, nos exatos momentos que precisei. Agora, sua palavra é minha, e elas juntas são uma só.

Aos amigos *Mara Maia, Vitória Miki, Bruna Zerbinatti, Diego Marsicano, Eliane Soares, Sueli Ramos, Francisco Merçon, Taís Pote* e *Florence Haret,* estar ao lado de vocês nessa jornada foi imprescindível! Obrigada pelo carinho e pela presença.

Ao *Rodrigo*, pela paciência budista, pelo apoio incondicional, pelo carinho sem fim, por todas as músicas:



A Suely e Ronaldo, pela preocupação e carinho constantes, pela presença forte apesar dos 1000 km:



Às pessoas que construiram o meu estilo, com infinitas repetições: *Celeste* e *Eduardo*, *Carlos* e *Sheila*, *Marcia* e *Vitor*, *Fabiana* e *Maria Paula*, por me encherem de orgulho e de alegrias o tempo inteiro, pela base sólida de apoio, pela vida e por serem um capítulo a parte nessa dissertação, obrigada: "do estilo: fere de leve a frase... E esquece... Nada convém que se repita... Só em linguagem amorosa agrada a mesma coisa cem mil vezes dita" (Quintana). Em especial, Marcia, obrigada pela correção e pelo enorme incentivo.

À *Carolina*, por ficar ao meu lado escrevendo a dissertação, fazendo-me vivenciar diversas paixões semióticas: "better things are coming, I swear there is truth in that "

Aos meus óculos *Gisele Musa, Val Mira, Marina Paranhos, Desirèe Cordeiro, Thaïs Guimarães, Fernanda Libardi*: "da felicidade: quantas vezes a gente, em busca da ventura, procede tal e qual o avozinho infeliz: em vão, por toda parte, os óculos procura, tendo-os na ponta do nariz" (Quintana).

Aos grandes amigos *Marcus Amorim*, *Luís Jardim*, *Guto Motta*, por todos os momentos, a muito tempo. Em especial, *Marcus*, que me contou que existia "uma tal de Semiótica".

Ao CRHD, em especial a Cristine, Carla e Letícia, por tudo o que me ensinaram, pela amizade e carinho, pelo respeito ao diferente, dentro e fora do contexto de trabalho, que a distância nunca me fará esquecer.

A todos os meus clientes, que dividem suas vidas comigo, construindo-me como uma pessoa melhor, muito obrigada.

SUMÁRIO

RESUMO **008**

ABSTRACT **009**

INTRODUÇÃO **010**

1. A PSICOTERAPIA COMPORTAMENTAL COMO ATIVIDADE HUMANA E CIENTÍFICA 010
1.1 A psicoterapia comportamental como esfera da comunicação humana, à luz da teoria bakhtiniana de *gêneros* 010
1.2 Burrhus Frederic Skinner 012
2. SESSÕES DE PSICOTERAPIA COMO *CORPUS* DE ANÁLISE DE ACORDO COM AS BASES TEÓRICAS ADOTADAS 014
2.1 Projeto Norma Urbana Culta (USP) para transcrição do gênero conversacional 021
2.2 Suporte material 023
2.3 Publicações de sessões de psicoterapia comportamental em teses e dissertações do Instituto de Psicologia da USP 025
2.4 Contextualização das sessões de psicoterapia 026
2.4.1 A Sessão 1 (S1) (ANEXO B) – Thaís, Kaori e Luís – psicoterapia familiar e hospitalar 028
2.4.2 A Sessão 2 (S2) (ANEXO C) – Regina e Carlos – psicoterapia individual 029
2.4.3 A Sessão 3 (S3) (ANEXO D) – Alice e Tito – psicoterapia individual 030
2.4.4 A Sessão 4 (S4) (ANEXO E) – Giovana e Erik – psicoterapia infantil 031
2.5 Questões éticas de pesquisa em psicoterapia 032

CAPÍTULO 1 - ANÁLISE SEMIÓTICA DE SESSÃO DE PSICOTERAPIA DE FAMÍLIA **033**

1.1 Breves notas sobre o impacto da noção de imanência na teoria semiótica 033
1.2 A noção de imanência e o percurso gerativo do sentido 040
1.3 Análise semiótica da sessão de psicoterapia 054

CAPÍTULO 2 - DISCURSO FUNDADOR CIENTÍFICO COMO CONSTITUINTE DO ESTILO **091**

2.1 Semiótica e Análise do Discurso: um olhar para (um) *Outro* Constitutivo da *sessão de psicoterapia* 091

2.2 O discurso fundador *científico* como (um) *Outro* constitutivo do gênero *sessão de psicoterapia* 099
2.2.1 Termos técnicos do discurso fundador "Análise do Comportamento" 103
2.3 Análise das variantes discursivas dos textos selecionados de Skinner (ANEXOS A.1 e A.2) e da *sessão de psicoterapia* (Sessão 1, ANEXO B) 106

CAPÍTULO 3 - DEPREENSÃO DA IMAGEM DO SUJEITO DISCURSIVO *TERAPEUTA* E DO GÊNERO *SESSÃO DE PSICOTERAPIA* 124

3.1. Sessão de psicoterapia observada como temática, composição e estilo: uma interação entre a teoria semiótica e a de Bakhtin 124
3.2 Análise do estilo do gênero das sessões de psicoterapia comportamental.....135
3.3 Análise do estilo do psicoterapeuta da Sessão 1 150
3.2.1 O estilo de Thaís 152

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 161

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 168

APÊNDICE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....178

ANEXOS 181

ANEXO A.1 – Excertos da obra de B.F.Skinner [1984(1969)] sobre a noção de ambiente em contexto hospitalar 182
ANEXO A.2 – Excertos da obra de B.F.Skinner [1995(1989)] sobre a noção de comportamento operante para a psicoterapia comportamental.....185
ANEXO B - Transcrição da Sessão 1 do *corpus* de análise com aplicação da codificação de marcas da oralidade desenvolvida pelo Projeto NURC.....194
ANEXO C – Transcrição da Sessão 2: a quarta sessão de psicoterapia individual entre a terapeuta Regina e o cliente Carlos 214
ANEXO D – Transcrição da Sessão 3: a primeira sessão de psicoterapia individual entre a terapeuta Alice e o cliente Tito 237
ANEXO E – Transcrição da Sessão 4: a primeira sessão de psicoterapia individual entre a terapeuta Giovana e o cliente Erik 248

RESUMO

A Semiótica greimasiana é formulada como uma teoria da significação, cuja preocupação principal é explicitar as condições de apreensão e da produção do sentido, sob a forma de construção conceitual. Partimos do postulado saussuriano segundo o qual a significação é entendida como a criação e/ou apreensão das diferenças. A busca do sentido partiu, na presente pesquisa, de um objeto empírico, entendido como o enunciado da sessão de psicoterapia. Utilizamos o percurso gerativo de sentido como instrumento teórico-metodológico, que possibilitou a depreensão do estilo; a) gênero sessão de psicoterapia; b) do psicoterapeuta de uma das sessões. Outros três pilares teóricos empregados foram o conceito de gênero discursivo de Bakhtin, o conceito de *éthos* da Análise do Discurso de linha francesa e o estudo da prosódia, tal como encontrado em Carmo Jr. Pela análise do gênero discursivo, sugerimos que o diálogo da psicoterapia tem como característica principal o embasamento científico. Ter a "Análise do Comportamento" de base skinneriana como discurso fundador é um dos principais quesitos que torna o gênero *psicoterapia* diferente de outro gênero conversacional. A esfera de circulação do gênero engloba o discurso enquanto ciência do comportamento humano, dada no contexto de tratamento por um profissional da área da saúde. *Psicoterapeuta* e *paciente* são agentes desse discurso, que fazem crer na existência de dois sujeitos enunciadores, cada um modelado por um conjunto de determinados valores sociais. Uma característica em comum dos terapeutas nas quatro sessões foi a busca constante do objeto-que-falta aos pacientes. A partir de sua relação com o sujeito-paciente, cada sujeito-terapeuta cria um tipo diferente de programa narrativo a ser cumprido, para que o paciente possa adquirir competência. Não pode o terapeuta doar diretamente o objeto-valor ao paciente, não se fornece pronta a "autonomia", por exemplo; consegue-se, no entanto, criá-la ou construí-la a partir de um percurso no qual se alteram as competências do destinatário-paciente. *Dever*, *querer*, *saber* e *poder fazer* são modalidades, assentadas num contrato de fidúcia peculiar ao gênero. A confiança entre os atores sociais envolvidos numa sessão de psicoterapia supõe um acordo próprio ao gênero.

Palavras-chave: Semiótica, discurso fundador, psicoterapia, estilo, *éthos*, gênero discursivo.

ABSTRACT

Greimas' Semiotics is formulated as a theory of the sence under the conceptual construction form, which the main concern is to explain the apprehension conditions, and the meaning production. Starting with Saussure's postulates, where signification is understood as a creation and/or an apprehension of differences. The search for meaning started, in this research, from an empiric object understood as the utterance of psychotherapeutic sessions. We use the generative way of the sense as a theoretical-methodological tool that allowed the gathering of the style in a) the kind of psychotherapeutic session and b) the psychotherapist of the session. From the concept of gender by Bakhitin, the concept of *ethos* by the Analyzes of the Discourse from the French scholars, and the studies of prosody, as found in Carmo Jr. By the analyses of the discursive gender, we proppose that the psychotherapeutic dialog has, as the main characteristic, a scientific base. Skinner's Behavior Analyses, as a background discourse, makes the psychotherapeutic gender different from the conversational gender. The circulation sphere of the gender embodies the discourse as the science of human behavior inside the treatment context given by a health professional. Psychotherapist and patient are agents of this discourse, that make believe on the existence of two subjects, each one modeled by a set of determined social values. A common characteristic in therapists on four sessions was the constant search for the "missing object" in the patients. From that relation with the subject-patient, each subject-therapist creates a different kind of narrative program to be accomplished so that he/she can acquire the *competence*. The therapist can't give the object of value to his/her patient right away. We can't give him the "autonomy". We can, however, create it or build it from the course in which the recipient person's competence is changed. The *need*, the *wish*, the *knowledge* and the *power to act* are modalities rested on a peculiar trust contract with the gender. The reliance between the social actors in a psychotherapeutic session assumes an agreement of the gender.

Keywords: Semiotics, originator discourse, psychotherapie, style, ethos, discursive gender.

INTRODUÇÃO

1. A PSICOTERAPIA COMPORTAMENTAL COMO ATIVIDADE HUMANA E CIENTÍFICA

1.1 A psicoterapia comportamental como esfera da comunicação humana, à luz da teoria bakhtiniana de *gêneros*

Bakhtin (2003) estabelece o conceito de gênero como um conjunto de enunciados relativamente estáveis e de natureza comum, gerados na e pela linguagem, que permeia as atividades humanas. Conclui o autor que as formas de uso da linguagem são tão multiformes quanto o número de campos de atividade humana (BAKHTIN, 2003, p.261). Fiorin (2008b, p.61), por sua vez, em sua obra introdutória ao pensamento bakhtiniano, define gênero da seguinte forma:

> Bakhtin não vai teorizar sobre o gênero, levando em conta o produto, mas o processo de sua produção. Interessam-lhe menos as propriedades formais dos gêneros do que a maneira como eles se constituem. Seu ponto de partida é o vínculo intrínseco existente entre a utilização da linguagem e as atividades humanas. Os enunciados devem ser vistos na sua função no processo de interação.

Assim, adotamos a definição de gênero como um dado processo de interação em determinada esfera de atividade humana. O enunciado é considerado em seu contexto de produção, na atividade que produz linguagem e na linguagem que constrói a atividade. Nesta pesquisa, a *psicologia* é entendida como uma das esferas da atividade humana, e a sessão de psicoterapia, como um gênero discursivo.

Em função da variedade de discursos fundadores em constante debate, a psicologia tem diversas ramificações, e trabalhamos aqui com a denominada "comportamental". Como Bakhtin (2003) enfatiza a relação histórica entre atividade e

linguagem na constituição do gênero, consideramos importante contextualizar a origem do discurso científico da vertente escolhida, o que implica levantar a forma como ela compreende o homem no mundo, seu modo de constituição do tratamento psicoterápico e sua origem como discurso científico fundador representante de uma abordagem específica – a Análise do Comportamento. A terapia comportamental é atravessada interdiscursivamente por certas peculiaridades da atividade científica. Esse encontro entre prática e discurso pode ser identificado no *corpus* pelo modo como os atores do discurso *terapeutas* e *clientes* se constituem como *éthos* do enunciado da psicoterapia. Por conseguinte, temos atores discursivos nos papéis temáticos de *terapeutas* e *clientes*.

Ainda de acordo com Bakhtin (2003), há dois tipos de gênero: os *primários*, que são simples, ligados à realidade concreta, e os *secundários*, que envolvem uma condição cultural mais complexa, mais desenvolvida e organizada. Fiorin (2008b, p.70) classifica os gêneros primários como gêneros "da vida cotidiana", que têm ligação com a "comunicação verbal espontânea e têm relação direta com o contexto mais imediato", e os secundários como pertencentes "à esfera de comunicação cultural mais elaborada". Podemos incluir a *psicoterapia* entre os gêneros complexos, pois, institucionalizada, ela tem modos de proceder organizados, que a definem como gênero discursivo e como prática clínica. Ao desvelar a organização da terapia, encontramos coerções que funcionam como estruturas que definem o gênero: o *setting* terapêutico como lugar do encontro, a presença de um representante da psicologia e a presença de uma pessoa que sofre com problemas de ordem de interação, entre outras estruturas discutidas no capítulo de análise.

Apresentamos um breve histórico da construção da terapia comportamental, por meio de preceitos desenvolvidos na teoria da Análise do Comportamento como discurso científico. Com a investigação da construção histórica, procuramos nos apropriar de pontos de vista criados no discurso científico que podem aparecer no contexto da terapia. Perguntamo-nos, a princípio, que argumentos o terapeuta comportamental deveria assumir interdiscursivamente desse

histórico para ser considerado um terapeuta legitimador de certa tendência científica fundadora, que verdades a Análise do Comportamento estabeleceria como necessárias para qualquer atividade realizada "em seu nome" e que pontos o discurso científico defende como atuação do homem no mundo. Focalizemos Skinner, um dos autores principais desse discurso fundador.

1.2 Burrhus Frederic Skinner

Skinner afirma aderir ao behaviorismo numa época em que esse movimento considerava que o núcleo da psicologia era o estudo do comportamento, e a associação entre estímulo e resposta era o principal campo de pesquisa, fruto da concepção do comportamento por meio das leis de condicionamento (ou seja, das diversas possibilidades relacionais entre o estímulo e a resposta) (SCHULTZ; SCHULTZ, 1981).

Com Skinner, a teoria cresceu em termos de pesquisa e de novas ferramentas experimentais. Ele retomou o conceito *mente*, rejeitado pelos primeiros behavioristas quando se constituia como foco de pesquisa, e elaborou um instrumental metalinguístico para compreender o lugar que chamou de "dentro da pele". O movimento prévio a Skinner eliminara a mente como objeto passível de estudado, pela impossibilidade de ter acesso direto ela, assim como preconizara os métodos das ciências naturais. Skinner afirmou que "mente" é uma categoria utilizada para fenômenos que ocorrem dentro da pele e que, por vezes, só um único indivíduo tem acesso a eles. Para Skinner, a mente não está contraposta ao corpo, mas é parte do que o corpo faz. Assim, um novo ramo de pesquisa foi desenvolvido para retomar processos como sonhos, percepções, sentimentos, emoções e pensamentos sem a necessidade do método introspectivo:

> Uma pequena parte do universo está contida dentro da pele de cada um de nós. Não há razão de ela dever ter uma condição física especial por estar situada dentro desses limites, e eventualmente haveremos de ter uma descrição completa dela, descrição que nos será fornecida pela Anatomia e pela Fisiologia. Todavia, no momento, não dispomos de uma descrição satisfatória e por isso parece ser mais importante que entremos em contato com ela de outras maneiras. Nós a sentimos e, num certo sentido, a observamos, e seria loucura negligenciar tal fonte de informação só por ser a própria pessoa a única capaz de estabelecer contato com seu mundo interior. Não obstante, nosso comportamento, ao estabelecer esse contato, precisa ser examinado (SKINNER, 1974, p.23).

Skinner não negou a possibilidade de auto-observação ou autoconhecimento, mas questionou, em primeiro lugar, a natureza do método introspectivo, colocando em xeque o próprio comportamento do cientista quanto a essa observação, e, em seguida, analisou a natureza da mente humana e seu papel na explicação do comportamento.

A partir de sua associação e, ao mesmo tempo, crítica ao behaviorismo metodológico, Skinner construiu a teoria denominada *Behaviorismo* Radical. O termo *radical* tem origem etimológica em *raiz*. Para o autor, qualquer ação dos seres vivos é comportamento, resposta dos indivíduos em interação com o meio ambiente. É o comportamento a raiz, o principal objeto de estudo do analista (SKINNER, 1974). O pesquisador saiu do paradigma mente-corpo para uma explicação monista, isto é, *pensar*, *sonhar* e *sentir* são termos cuja manifestação é tão física quanto *andar*, *falar* e *apontar*, com a diferença de acontecerem dentro do corpo (uma questão de localização).

Micheletto (1997) descreve uma série de critérios que acompanharam Skinner ao longo de suas pesquisas:

> [...] estabelecimento do objeto de estudo – o comportamento; a suposição do comportamento como determinado; a pretensão de fazer uma análise científica do comportamento, a partir da

> noção de ciência proposta pela ciência natural; o estudo realizado a partir do dado empírico; o afastamento de toda metafísica do saber científico; a proposta de previsão e controle (MICHELETTO, 1997, p.30).

Esse breve resumo visou situar em linhas gerais a Análise do Comportamento como ciência, como discurso imbricado no gênero *sessão de psicoterapia*, dado nosso *corpus*. Não pretendemos fazer uma análise minuciosa, mas apenas observar alguns pontos principais para iluminar, na interação com o *corpus*, a análise Semiótica e a depreensão de sentidos que possam ter, de alguma forma, relação com o discurso fundador, entendido aqui como o discurso científico produzido pelas ciências naturais e biológicas. Tal como houve a mudança do objeto de estudo da psicologia para uma ciência do comportamento, houve a transferência da psicologia para a atividade clínica e para o discurso da saúde.

2. SESSÕES DE PSICOTERAPIA COMO *CORPUS* DE ANÁLISE DE ACORDO COM AS BASES TEÓRICAS ADOTADAS

Voltando ao cerne desta dissertação, falaremos do quadro teórico escolhido, que é a teoria da significação, que considera o sentido construído na sessão de psicoterapia uma arquitetura discursiva – deflagra-se nossa aventura semiótica. A Semiótica é formulada como uma teoria da significação cuja preocupação principal é "explicitar, sob forma de construção conceptual, as condições de apreensão e da produção do sentido [...] segundo a qual significação é a criação e/ou apreensão das 'diferenças'" (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p.415). A busca do sentido parte de um objeto empírico, um enunciado, um *corpus*. A Semiótica usa o percurso gerativo de sentido como instrumento teórico-metodológico que possibilita a depreensão da construção discursiva da sessão de psicoterapia, seja do efeito de sentido da manifestação, por meio da prosódia e do plano de expressão,

seja do conteúdo, nos seus três níveis de geração de sentido – fundamental, narrativo e discursivo. Outros três pilares teóricos desta pesquisa são o já mencionado conceito de gênero discursivo de Bakhtin, o conceito de *éthos* da Análise do Discurso de origem francesa e o estudo da prosódia, tal como encontrado, por exemplo, em Carmo Júnior (2005; 2007).

Nosso objetivo principal foi depreender traços da imagem do sujeito discursivo do gênero *sessão de psicoterapia* e traços da imagem do sujeito *terapeuta-Thaís*, presente na Sessão 1 (ANEXO B, p.194). É parte da tarefa de depreensão, seja do gênero ou de um sujeito discursivo, esclarecer a delimitação dos recortes a partir de uma certa totalidade, e o universo recortado é o que se apresenta: do gênero *sessão de psicoterapia*, relativo ao discurso da *psicoterapia*. Desse discurso, por sua vez, elegemos como *corpus* o grupo *psicoterapia comportamental*, como dissemos. De todos os representantes desse grupo (terapeutas, cientistas, pesquisadores), selecionamos quatro terapeutas e, dos pacientes atendidos por eles, selecionamos cinco, assim como selecionamos quatro sessões de um processo que pode perdurar anos.

Conforme Discini (2004b, p.36), é possível depreender a imagem do sujeito para além da aparência verificando como as relações sintáticas e semânticas do plano do conteúdo, acrescidas a sua manifestação no plano de expressão, determinam a significação de um texto. Ainda segundo a autora, a significação remete sempre à totalidade: o sentido é interdiscursivo, já que é construído por um "feixe de vários textos", gerando o que se chama a representação de um estilo. Assim como o sentido comum a vários textos cria o efeito de estilo de um gênero, um único texto pode ratificar recorrências que constroem o estilo de um único sujeito. Depreender a imagem do sujeito discursivo e do gênero se viabilizou pelo conceito de estilo, ao entendermos que a totalidade recortada é uma amostra do gênero e do sujeito implícito – temos o simulacro de um modo de ser.

Também observamos como acontecem as relações de solidariedade entre textos de psicoterapia e como a busca de semelhanças, que supõe diferenças,

constitui a base do método greimasiano, que motiva este trabalho, baseado em Saussurre. Esse foi o caminho pelo qual examinamos os traços que se unem e fundamentam os participantes de um mesmo universo de discurso.

Por meio do instrumental teórico, identificamos o lugar social dos sujeitos do enunciado da psicoterapia como construção do efeito de sentido. "Lugar social" é uma expressão que também descreve o universo discursivo de uma prática social (gênero). A Semiótica viabiliza esse conceito por meio da observação da imanência discursiva, ou seja, é considerado estratégia apresentada pelo texto, determinado efeito de lugar, e não a construção de um lugar real. Assim, no Capítulo 2, discutimos teoricamente a questão da imanência discursiva, posto que nos ocupamos da interface *prática* e *texto* na comparação entre a noção bakhtiniana de gênero e a noção semiótica de estilo.

O iluminador desse levantamento foi o conceito de *éthos* da Análise do Discurso de origem francesa, o qual investiga a marca de um lugar social expressa no corpo, no tom de voz e no caráter de um enunciador (DISCINI, 2004b; 2005a; 2005b; MAINGUENEAU, 1995). A noção de *éthos* caminha *pari passu* com o conceito de estilo. De acordo com Discini (2004b, p.57), o *fato de estilo* – entendido como uma unidade formal recorrente numa totalidade discursiva – caracteriza-se como o sistema de recorrências de um modo de dizer de um conjunto de enunciados. Trata-se de "uma unidade abstrata, formal, do estilo, analisável por meio do percurso gerador do sentido". Portanto, o *fato de estilo* faz a conexão entre um modo de dizer de um enunciador e a totalidade discursiva considerada.

A escolha do sujeito-Thaís para o estudo da imagem discursiva do ator se deveu ao fato de ser a única sessão cujo suporte textual foi originado de uma gravação em áudio, permitindo-nos a exploração de como marcas prosódicas interagem com o texto, aumentando o material a ser analisado à luz do conceito de estilo. As outras três sessões funcionaram, portanto, apenas como apoio para a construção da noção do estilo do gênero. Delas não foi depreendida a construção do sentido pelo percurso gerativo. Ao avaliar as marcas prosódicas do plano de

expressão, procuramos explorar a manifestação oral da sessão de psicoterapia por meio do exame de ênfases, pausas e sonoridades do corpo (suspiros, risadas etc.), tendo como pressuposto o plano de expressão sempre associado ao plano do conteúdo. Propusemo-nos examinar como oscilações prosódicas funcionavam como fatores de intensificação (ou não) das emoções que permeavam o diálogo terapêutico na Sessão 1 (ANEXO B, p.194). Verificamos também como ocorriam as oscilações provocadas em cada turno de fala e como elas recriavam ou negavam sentidos no plano do conteúdo.

Carmo Júnior (2005) descreveu a prosódia como uma gramática sem léxico definido, na qual o "*mélos* parece ser uma língua primeira", e considerou-a funcional para a comunicação. Tatit (1987) trabalhou semioticamente a eficácia da canção, com conceitos que nos orientaram nos estudos sobre a prosódia, mas alertando-nos para a diferença entre a prosódia e a canção: aquela visa auxiliar a comunicação, esta é desenhada para perdurar e ser reproduzida. Explorar o plano de expressão pelo contexto linguageiro manifestado no texto e por meio da prosódia foi uma forma de aprofundar o desenvolvimento teórico ligado à manifestação. Como afirmou Beividas (2006, p.78): "no estágio atual do seu desenvolvimento, a teoria Semiótica se propõe, portanto, *deter-se* frente à manifestação propriamente dita." Como o plano de expressão é coercitivo e delimitador de um modo de manifestação, ele modela o conteúdo, permitindo-nos identificar a busca de seus contornos como imbricamento do *éthos* e do estilo, próprios do gênero e dos atores da enunciação envolvidos. Assim, por exemplo, a palavra *pressa* pode ser retratada num aumento ou numa diminuição da intensidade sonora se, em relação a outros elementos da frase, ela indicar uma escolha sonora peculiar do enunciador. A fala pode ter acontecido de modo "sussurrado", "gritado", com "prolongamentos" ou "retraimentos" vocálicos, e cada manifestação é definidora de um significado agregado ao plano do conteúdo.

Outro objetivo deste trabalho foi observar como e por que o enunciado de uma sessão de psicoterapia reproduz um contexto histórico e social com ideais, aspirações e crenças próprias da contemporaneidade, posto que pertence aos

séculos XIX, XX e XXI. As outras três sessões escolhidas são contemporâneas à primeira (produzidas em torno do ano 2000) e nos serviram de apoio para esse fim. Todas foram conduzidas por terapeutas comportamentais, com a intenção, ainda que não explícita, de ratificar o discurso teórico fundador na prática terapêutica.

Por meio do instrumental teórico oferecido pela Semiótica, observamos como a abordagem psicológica aparece no discurso da terapia. Para os psicólogos, essa medida é útil porque escrutina o discurso da psicoterapia em seus meandros mais profundos, permitindo-lhes tomar o *setting* terapêutico como texto e a interação terapeuta-cliente como uma relação linguageira, isto é, um discurso cujo texto pode ser examinado nos três níveis gerativos de sentido. Criam-se, assim, melhores condições de discretização da situação terapêutica, para entender o que faz uma reunião entre pessoas se configurar como uma sessão de psicoterapia.

Acreditamos que esta pesquisa seja pertinente na medida em que inscreveu a psicoterapia numa esfera de comunicação social, advinda de uma prática humana. O terapeuta ouve o cliente e interage com ele visando seu bem-estar e a melhoria de sua qualidade de vida, segundo o que lhe sugerem o código de ética da profissão e os ensinamentos na academia.

Explorar essa atividade linguageira também é importante para o psicólogo, em face da própria configuração da atividade: é uma profissão tecida na linguagem e quase solitária. Diferentemente de uma construção, de uma equação matemática e mesmo de um laudo jurídico ou médico, só o terapeuta e seu cliente têm acesso direto ao trabalho efetuado: eles se encontram entre quatro paredes, com a necessária imposição do sigilo. Os cuidados exigidos pela profissão demandam do terapeuta um saber sempre maior sobre sua profissão e sobre o que acontece na clínica. Se observássemos, por exemplo, diversos atendimentos a casos de clientes com diagnóstico de esquizofrenia, o que seria comum na atuação dos diferentes clínicos? Se trocássemos o terapeuta da Sessão 1 pelo da Sessão 2, qual seria a traço de semelhança? O terapeuta "substituto" trabalharia com as mesmas questões? De que forma? A Semiótica foi o veículo que nos permitiu aproximarmo-nos dessas

questões, por meio das quais vislumbramos o que pode ser a raiz organizacional do gênero psicoterapia.

Por meio de seus principais pesquisadores, a Semiótica vem despontando como estudo de práticas sociais, como dissemos, numa postura imanente. Com a prática social adentrando a Semiótica como objeto, abrem-se muitas frentes que abrangem diversos mecanismos aa manifestação. Há uma abertura da Semiótica para mídias (DISCINI, 2005a; 2005b), música (TATIT, 2002; 2008; MONTEIRO, 1997), cinema (SILVA, 2004; MATTE, 2005), discurso político (SOBRAL, 2005) e prosódia (CARMO JÚNIOR, 2005; 2007). A Semiótica pode contribuir até para um refinamento teórico da prática escolhida pelo profissional. É curioso que, a um aumento do saber-fazer do destinador-terapeuta, pode estar relacionada também uma afinação com saberes sobre a prosódia. Ilustrando a questão, transcrevemos a fala de Kaori, a mãe do cliente Luís, uma das interlocutoras da Sessão 1:

> Exemplo 1 – diálogo entre a terapeuta Thaís, Kaori (mãe) e Luís (filho), na sessão de psicoterapia familiar, o início do encontro: [1]
>
> T: pro::ntinho ((referindo-se ao gravador estar em funcionamento)) dona Kaori então Luís me contou que ele veio SOzinho então da M ((estação de metrô em São Paulo)) na quinta-feira? a senhOra conseguI::u
> K: consegui
> T: como É que fo::i?
> K: foi bo::m ele veio sozinho tá::
> T: como é que a senhora ficou?
> K: é:: eu fico assim preocupada mas eu logo ligo pra cá ((risos))
> T: e deu certo cê viu?
> K: vi tô conseguindo né?
> L: tá conseguindo
>
> (In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 1 a 11.)

[1] As notações sobre a transcrição de marcas que denotam traços da oralidade estão no item 2.2, na próxima página, e também no ANEXO B, p.194.

O primeiro turno de fala da terapeuta retrata um aumento na intensidade da emoção, uma emoção que podemos designar como eufórica, fruto da conjunção com o objeto de valor[2] "Luís andar de metrô sozinho". Mas, em termos sonoros, a mãe responde disforicamente: "Luís andar de metrô sozinho" é o núcleo da discórdia, pois, para a terapeuta, diferentemente da mãe do paciente, essa é uma atividade que deve ser realizada. Do ponto de vista da terapeuta, Luís tem competência e sabe andar de metrô sozinho. Essa atividade deve ser realizada para que Luís, de 23 anos de idade, ganhe autonomia para ir e vir ao local de atendimento, como parte de um programa de independência pelo qual ele deve realizar cada vez mais ações de maneira independente – dormir sozinho e comer sozinho, entre outras citadas ao longo do *corpus*. Como Luís é portador de transtorno psiquiátrico, sua mãe, Kaori, teme perder o filho se o deixar por conta própria, o que faz com que não queira deixar de cuidá-lo/vigiá-lo. Ao mesmo tempo, sabe ser essa uma atitude necessária, dados a idade de Luís e o programa de tratamento psicoterápico de que participam, o que gera o conflito. Kaori deseja a independência de Luís, mas teme que a independência o leve a perder-se no mundo.

A terapeuta começa a sessão euforicamente, afirmando que Luís tinha conseguido andar sozinho de metrô. A euforia pode ser observada tanto no plano do conteúdo quanto pelo plano de expressão; neste, pela variação melódica, pelo aumento da entonação e pelo uso do diminutivo, entendido no português como uma forma de afeto, de carinho. Kaori reage melodicamente, com prolongamentos vocálicos e com a interrupção da frase em "tá", não continuando o assunto proposto. Essa diferença entre a euforia da terapeuta e a disforia da mãe faz com que a primeira identifique algo não consonante e reaja perguntando pelo bem-estar de Kaori no momento de executar a ação. É nesse ponto que se situa a primeira análise da terapeuta quanto à diferença entre sentidos veiculados no plano do conteúdo e no plano de expressão: a suposição que tinha sido difícil para a mãe pode ter vindo

[2] As expressões "objeto de valor" e "objeto-valor" foram utilizadas nessa dissertação como equivalentes.

da interrupção da frase, assim como da diminuição da intensidade sonora. Entretanto, o que aconteceu de fato foi que a ação não tinha sido executada (como se vê na linha 89 do *corpus*). Kaori realizou um fazer persuasivo no plano do conteúdo, levando a terapeuta a crer que ela havia deixado o filho andar sozinho de metrô, porém com certa dificuldade provocada pela preocupação com o bem estar do filho.

Retomando o exemplo 1, quando Kaori manifesta no plano do conteúdo um sentido que se contrapõe ao de expressão, revela-se – como vemos a partir do desvelamento da mentira na linha 89 – um certo constrangimento na reação: foi o momento em que ela mentiu. A mudança na prosódia de Kaori talvez devesse ter sido investigada de outra forma pela terapeuta, e não ter sido pressuposto, de imediato, um "momento difícil".

2.1 Projeto Norma Urbana Culta (USP) para transcrição do gênero conversacional

A Sessão 1 foi registrada em áudio produzido em um dos encontros entre a terapeuta-Thaís, Kaori e Luís. Para fins de estudo, esse áudio passou por um processo de transcrição. Para fazer constar no texto escrito algumas marcas características da prosódia, usamos a codificação elaborada por estudiosos da Análise da Conversação, em especial, os parâmetros do Projeto da Norma Urbana Culta (NURC), da USP. Essa codificação permite identificar no texto escrito de traços típicos do texto oral, tais como: interrupção de falas, aumento ou diminuição de entonações, pausas, risos, suspiros e sussurros, entre outras. Em princípio, a orientação do NURC é que toda a transcrição seja feita em letras minúsculas, com exceção de nomes próprios e siglas já estabelecidas, que podem ser utilizadas com maiúsculas. Inícios de turnos também são escritos com minúsculas. A grafia de maiúsculas indica aumento da intensidade sonora, como em "dEle", na S1, ANEXO B, p.194, linha 385, fala da terapeuta. As pausas não são marcadas com vírgula, mas com reticências.

Quando a pausa for maior que 0,5 segundos, abrem-se parênteses indicando o tempo da pausa. Para acrescentar notas da tradução e sonoridades como risos ou sussurros, usam-se parênteses duplos "(( ))". O prolongamento de um som é indicado pelo acréscimo de dois pontos em seguida ao som que se estendeu, como em "é::", na S1, ANEXO B, p.194, linha 387, fala de Luís. O quadro abaixo dá um resumo dessas normas, extraídas de Preti (2000):

Ocorrência	**sinal**	**exemplos**
incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda ( ) nível de renda nominal
hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo de tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
entonação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	ao emprestarem... éh::: ...dinheiro
silabação	-	Por motivo de tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma retenção...
comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
comentários que rompem a sequência temática da exposição: desvio temático	- - - -	... a demanda de moeda - -vamos dar essa notação - - demanda de moeda por motivo
superposição, simultaneidade de vozes	ligando [as linhas	A. na casa da sua irmã [B. sexta-feira? fizeram LÁ... [A. cozinharam lá?

Continua

Continuação

indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto; não no seu início, por exemplo	(...)	(...) nós vimos que existem...
citações literais ou leitura de texto durante a gravação	„ „	Pedro Lima...ah escreve na ocasião "o cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós"...
observações: § iniciais maiúsculas só para nome próprio ou sigla § fáticos: ah, éh, ahn, uhn, tá. § nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros em itálico § números: por extenso § não se indica ponto de exclamação	§ não se anota o cadenciamento da frase § podem-se combinar sinais; por exemplo: oh::::..... § não se usam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois-pontos, vírgula; qualquer tipo de pausa é marcado por reticências	

Quadro 1 – Codificação de marcas da oralidade desenvolvida pelo Projeto NURC (PRETI, 2000, p. 15-16).

2.2 Suporte material

A manifestação do discurso se faz pela textualização. Como há múltiplas linguagens, o plano de expressão se concretiza por diversas materialidades, gerando efeitos verbais, visuais (escrita, por exemplo) e auditivos (oral, por exemplo), entre outros. O contexto de produção do enunciado deve levar em conta seu suporte, segundo o conceito de ato semiótico. Portanto, ao incluir o suporte na análise, fizemos parte da identificação das "condições [...] da produção de sentido", porque qualquer alteração do plano de expressão altera o próprio sentido do objeto (GREIMAS; COURTÉS, 1979). Se o sentido se formula pela relação entre plano do conteúdo e plano de expressão, ao se alterar a expressão, necessariamente se alterará o conteúdo. Assim, como tratamos na sessão de análise semiótica de um *corpus* conversacional, cada mudança da linguagem manifesta implica mudança de

sentido, a começar, por exemplo, com mudanças na estrutura enunciativa. Quanto à sessão de terapia, processo que respalda nosso *corpus*, há três cenas enunciativas a considerar:

a) a prática social, acontece *ao vivo* uma única vez em contexto (*setting*), com três atores que são definidos como enunciadores, mas ainda pertencentes ao corpo de "carne e osso", presentes no mundo da referencialidade ontológica, isto é, o *ser*;
b) a gravação de áudio, que registra o som no momento da sessão e, por isso, podemos retomá-la sonoramente, não mais no momento do acontecimento e nem mais visualmente. Temos o texto registrado, um texto de áudio. Mantêm-se os interlocutores. A enunciação pressuposta ainda se configura como *terapeutas* e *clientes*, mesmo que tenhamos perdido a *cena ao vivo*;
c) o registro escrito, cujas marcas da oralidade retiradas do áudio foram interpretadas pela pesquisadora e representadas na escrita, pelos parâmetros do NURC, razão pela qual há grande chance de o material conter viés autoral de transcrição. A enunciação passa a se denominar *autor da transcrição*, e o *terapeuta* e o *cliente*, interlocutores. Veremos que é apagada a presença do autor da transcrição, para que possam emergir os interlocutores.

Diante do suporte material da transcrição, não se pode considerar especificidade textual e discursiva a comunicação *ao vivo*, uma vez que esta sofreu tratamento da modalidade escrita. Por mais que a transformação em escrita reduza os matizes das linguagens (gestual, por exemplo) e o material de análise, essa escrita permite retomadas do texto, idas e vindas necessárias ao meio acadêmico que viabilizam a pesquisa. O texto transcrito é, portanto, uma modalidade do gênero, exigida para a viabilidade da pesquisa, graças à facilidade de acesso ao material. As marcas de codificação da oralidade atenuam, no texto, a redução de outras

linguagens. Assim, os efeitos da comunicação *ao vivo*, mesmo sob a restrição imposta pela transcrição, podem construir um modo próprio de dizer dos enunciadores-interlocutores.

Tomado como oralidade engessada, o *corpus* se configura como um tipo textual narrativo e espelha também o gênero *conversa*, produzido dentro da cena genérica, isto é, do gênero *sessão de psicoterapia*. A cena englobante é o discurso da saúde, especialmente o da psicoterapia. Para a sessão de psicoterapia, o suporte textual representa uma peculiaridade do gênero *sessão de psicoterapia*, justamente pelo fato de a sessão acontecer ao vivo, *in loco*, na presença dos atores sociais *terapeuta* e *cliente*. Transcrito, resulta numa narrativa longa, mas delimitada pelo número de linhas da transcrição, correspondente ao número de falas que ocorreram ao longo do tempo cronológico da sessão. O efeito de sentido produzido por todas essas questões é descrito no Capítulo 2.

2.3 Publicações de sessões de psicoterapia comportamental em teses e dissertações do Instituto de Psicologia da USP

Dadas a dificuldade de obter registro de sessões de psicoterapia e o fato de uma única sessão transcrita pelas normas do NURC já ser um extenso material de análise[3], optamos por reproduzir sessões transcritas e publicadas em teses/dissertações da área de Psicologia Clínica e Experimental do Instituto de Psicologia da USP. Por se tratar de publicações, as sessões ensejam uma variação de enunciadores *terapeutas* e *clientes* sem incorrer em trâmites de comitês de ética, como foi feito em 2005 com a Sessão 1.

A escolha pelos setores de Psicologia Clínica e Experimental da USP deveu-se à orientação da terapeuta da Sessão 1: a Análise do Comportamento. Posto que existem muitas correntes, em Psicologia, conjecturamos que, escolhendo sessões

[3] Consideramos que 794 linhas de turnos de falas radicam um modo recorrente de prosódia de três atores, o que é suficiente para o objetivo desta dissertação.

de uma mesma orientação, eliminaríamos variáveis intervenientes que eventualmente confundiriam a depreensão de sentido. Por exemplo, uma grande variação no número de falas do terapeuta dever-se-ia ao tipo de orientação do discurso científico ("análise do comportamento", "psicanálise", "Jung") ou a uma característica da interação entre *cliente* e *terapeuta*? Diferenças no número de falas do terapeuta, ou – falas mais assertivas/evasivas, são parte constitutiva do gênero *psicoterapia* ou se referem à diferença entre os discursos teóricos fundadores que respaldam os participantes? Assim, em princípio, a variedade de textos de psicoterapia de uma mesma orientação científica nos permitirá observar semelhanças e diferenças que não serão produto de uma variedade de discursos fundadores.

As sessões citadas em teses e na dissertação foram reproduzidas fielmente: mantiveram-se dados de correção e formatação, alterando-se apenas a indicação dos turnos de fala, para facilitar o acesso ao *corpus*. O que era indicado com (T:) para terapeutas e (C:) para clientes transformou-se em (R:) e (C:), terapeuta Regina e cliente Carlos, na Sessão 2; em (A:) e (T:), terapeuta Alice e cliente Tito, na Sessão 3; e em (G:) e (E:), terapeuta Giovana e cliente Erik, Sessão 4.

2.4 Contextualização das sessões de psicoterapia

Apresentamos abaixo uma súmula das sessões, para facilitar o acesso aos dados e explicitar fatos do campo da Psicologia, tais como nome de diagnósticos e atuação dos terapeutas. Diagnosticar é o ato de observar um evento e dar a ele uma classificação, construída por especialistas. A questão do diagnóstico nesta pesquisa leva em conta dois tipos de discurso que se atravessam: o diagnóstico feito por analistas do comportamento e por médicos psiquiatras. Por exemplo, dizer que um paciente tem depressão significa, para a medicina, que ele apresenta alguns dos seguintes sintomas: rebaixamento do humor, redução da energia, diminuição da atividade, alteração da capacidade de experimentar prazer, perda de interesse, diminuição da capacidade de concentração, associação à fadiga mesmo após um

esforço mínimo, problemas de sono, diminuição do apetite (CID-10, 1993). Para a análise do comportamento, a depressão é "um conjunto complexo de comportamentos; um padrão de interação com o ambiente [...] [e] não há como compreender o comportamento depressivo sem recorrer a uma análise funcional do mesmo em relação ao contexto particular no qual ocorre" (CAVALCANTE, 1997, p.2). Os "sintomas" psiquiátricos são eventualmente observados pela análise do comportamento no ambiente do cliente, mas revestidos de um conjunto maior de figuras e temas. Por exemplo, Tito, cliente de Alice (ANEXO D, p. 237), tem medo de ter depressão como sua mãe teve, mas a atuação de Alice caminha para investigar em que situações ele apresenta o medo de ter depressão e, principalmente, o que ele entende por depressão. Para a psiquiatria, a nosologia[4] de depressão abrange a "alteração da atividade". Para a análise do comportamento, a descrição "alteração da atividade" se manifesta com mais figuras, em situações concretas: Tito diminui o ritmo de trabalho quando tem medo de errar na frente do tio, mas, por exemplo, não reduz a atividade "namoro", o que configura uma alteração de atividade baseada no contexto. A categoria nosológica da análise do comportamento investiga o fenômeno dentro do ambiente em que vive o indivíduo; a psiquiátrica, no que tange principalmente ao corpo biológico do indivíduo.

A Análise do Comportamento questiona em grande parte o modo como se faz o diagnóstico psiquiátrico, no entanto, nesta pesquisa, essa ressalva só cabe para pontuar essa diferença entre as áreas, já que o diagnóstico psiquiátrico também se tornou uma nosologia amplamente divulgada e estabelecida.

Continuando a descrição do *corpus*, escolhemos duas sessões que foram descritas como *primeiro encontro* entre *terapeuta* e *cliente* (Alice com Tito, S3, e Giovana com Erik, S4). De Regina com Carlos (S2), selecionamos o quarto encontro, e de Thaís, Kaori e Luís, uma sessão do terceiro ano de atendimento. Foi importante escolher tanto sessões do tipo "primeiro-encontro" (S3 e S4) como outras (S1 e S2):

[4] Nosologia é a descrição, a definição e o estudo das doenças de qualquer natureza, física ou psíquica.

saber quantas vezes se encontraram *cliente* e *terapeuta* permitiu verificar certos efeitos de sentido como o posicionamento de um e outro e o efeito de intimidade. Das três sessões tomadas de trabalhos acadêmicos, recortaram-se algumas cenas para análise, mas as sessões são encontradas na íntegra nos anexos.

As sessões foram citadas ao longo da dissertação por seu respectivo número: S1 (ANEXO B, p.194), S2 (ANEXO C, p.214), S3 (ANEXO D, p. 237) e S4 (ANEXO E, p.248).

2.4.1 A Sessão 1 (S1) (ANEXO B) – Thaís, Kaori e Luís – psicoterapia familiar e hospitalar

A sessão foi conduzida pela terapeuta Thaís (25 anos), indicada no *corpus* por (T.), com aproximadamente três anos de experiência. À época, Thaís era terapeuta de Luís (23 anos) no serviço de psicoterapia voltado para pacientes com diagnóstico de transtornos graves e prolongados. O diagnóstico de Luís é esquizofrenia do tipo hebefrênica. A classificação do CID-10 para a hebefrenia apresenta a descrição dos sintomas ("distorção do pensamento" e da "percepção", "afeto inapropriado ou embotado", "ideias de passividade"), o curso do prognóstico cognitivo ("consciência clara e intelectual", apesar de haver possibilidade de déficit no decorrer da vida, de modo "contínuo", "episódico", "progressivo" ou "estável"), e a possibilidade de cura (remissão "completa" ou "incompleta" dos sintomas). Pacientes mais graves necessitam de maior apoio familiar; são os familiares os responsáveis legais (e emocionais) do paciente. É esse o contexto de atendimento psicológico da terapeuta: paciente portador do transtorno de esquizofrenia hebefrênica, Luís é atendido pela terapeuta. O atendimento em terapia familiar (com Kaori, a mãe, 50 anos) é uma tarefa complementar. Foi escolhida, como dito, uma sessão do terceiro ano de atendimento consecutivo da terapeuta tanto com a família como só com o cliente.

Em resumo, o principal tema da sessão é a (in)dependência de Luís. Kaori afirma que o filho precisa não só de mais conhecimento como também de mais

segurança e responsabilidade para agir no mundo por si. Segundo sua opinião, ele só conseguirá ser autônomo se ela o acompanhar em tudo o que ele fizer. A terapeuta atribui à mãe parte da responsabilidade pela dependência de Luís, mantida mais por medo que por necessidade real do filho, criando uma superproteção que deve ser desarticulada, de acordo com a visão da terapeuta. Thaís entra em embate argumentativo com Kaori, defendendo a posição de que ela deve deixar o filho experimentar certos contextos e verificar que ele sabe agir no metrô, acordar sozinho e pegar sua receita médica. Na sessão, há embates nas colocações de cada uma: de um lado, Kaori contando a Luís tudo o que ele deve fazer e, de outro, a terapeuta tentando provar que ele já sabe e procurando obter da mãe a permissão para ele tentar. No final da sessão, elas estabelecem um novo acordo, em que Kaori deve tentar deixar o filho andar sozinho de metrô.

2.4.2 A Sessão 2 (S2) (ANEXO C) – Regina e Carlos – psicoterapia individual

Os dados descritos aqui foram recortados da tese de doutorado de Regina Wielenska, sobre adesão e mudança de comportamento como efeito de interações verbais entre o terapeuta e o cliente nas primeiras sessões. A própria Regina (R.) foi a terapeuta das sessões de sua tese. Com aproximadamente 17 anos de experiência, atendeu Carlos (C.), de 37 anos, na modalidade de psicoterapia individual. Carlos procurou terapia por ter crises de ansiedade, em seu caso denominadas síndrome do pânico, que, de acordo com o CID-10, inclui:

> [...] ataques recorrentes de uma ansiedade grave, que não ocorrem exclusivamente numa situação ou em circunstâncias determinadas mas de fato são imprevisíveis. [..] Os sintomas essenciais comportam a ocorrência brutal de palpitação e dores torácicas, sensações de asfixia, tonturas.

A imprevisibilidade da manifestação da crise faz a pessoa com síndrome temer certos lugares ou situações e evitá-los, sobretudo aqueles em que já viveu a sensação do pânico.

Selecionou-se a quarta sessão de atendimento, que teve dois momentos. O primeiro, em que Carlos fala sobre sua profissão (sonha em fazer faculdade e melhorar de emprego e conta a vinda para São Paulo), família (seu jeito de ser pai, marido, sobre sua mãe e seu pai), infância (dificuldades na escola, a aspereza da mãe com os estudos, o falecimento do pai) e amigos atuais (conversas). O segundo momento se volta para a síndrome do pânico propriamente dita, como os lugares onde ele sente medo de ter crise (dentro do carro e de elevadores, em lugares com trancas, dentro do metrô) e o modo de contornar a crise (com respiração, discutindo suas crenças sobre a ansiedade, não fugindo imediatamente do local quando a crise se manifesta, não evitando mas, pelo contrário, se expondo aos lugares que causam medo). No final da sessão, Regina e Carlos combinam o exercício de ele andar no metrô, pois ela o ensinou a controlar a crise no metrô. "Andar de metrô" é uma figura que também aparece na S1, mas com uma vivência completamente diferente: na S1, Luís deve andar de metrô sozinho, no treino da autonomia; na S2, Carlos deve usar o metrô para treinar o controle da fobia de lugares fechados.

2.4.3 A Sessão 3 (S3) (ANEXO D) – Alice e Tito – psicoterapia individual

Os dados dessa sessão são da tese de doutoramento de Alice Delitte sobre a avaliação de sessões de psicoterapia. Assim como Regina, a própria Alice foi a terapeuta das sessões transcritas. De acordo com a tese, Alice (A.) tem cerca de 20 anos de experiência. Atendeu, Tito (T.), de 25 anos, na modalidade de psicoterapia individual. A demanda por terapia adveio da sensação de insegurança, do medo de ter depressão e da dificuldade de se expressar. Escolheu-se o primeiro encontro dos dois, em que nenhum diagnóstico psiquiátrico foi apresentado, concretamente, apenas foi citado, por Tito, o me do de ter "depressão".

Tito começa a sessão contando que já deveria ter procurado tratamento há muito tempo, por conta de alguns medos que sente. Sua mãe tem depressão, e ele sente que pode vir a desenvolver também; não tem confiança em seu trabalho e tem medo de errar, principalmente na frente do tio (com quem trabalha); sofre por antecipação. Diz que a mãe é "apavorada com tudo", que o pai é mais tranquilo, que gosta dos dois irmãos e frequentemente fazem coisas juntos. Tem uma namorada de quem gosta, mas de quem sente ciúme. Alice faz um trabalho mais investigativo, perguntando a Tito sobre sua vida e ressaltando alguns pontos. Pelo fato de ser a primeira sessão, houve apenas um apanhado geral da vida do cliente.

2.4.4 A Sessão 4 (S4) (ANEXO E) – Giovana e Erik – psicoterapia infantil

Para sua dissertação sobre o brincar na terapia comportamental, a terapeuta Giovanna (G.), de 22 anos de idade, atendeu Erik (E.), de 6 anos, na modalidade de psicoterapia individual infantil. Segundo a mãe, Erik apresentava à época um comportamento agressivo, opositor, hiperatividade e enurese. Por enurese entende-se a "micção involuntária (diurna e/ou noturna) anormal" (CID-10,1993). Das três publicadas, escolhemos a primeira sessão.

Mais do que temas, como nas três sessões anteriores, numa sessão com criança há brincadeiras – são elas que definem os temas. E houve muitas brincadeiras envolvendo enurese e encoprese ("emissão fecal repetida") (CID10, 1993). Eles conversam sobre o boneco que "faz cocô" de noite e de dia; ele conta que faz "xixi nas calças"; conserta um espelho, uma escada de bonecas; diz que quer ir ao banheiro; brinca com os "cavaleiros do zodíaco"; brinca com os bonecos da casinha e lhes dá nome; brinca de pega varetas, e assim segue a sessão.

2.5 Questões éticas de pesquisa em psicoterapia

A sessão de psicoterapia é protegida por sigilo. Essa proteção está no Artigo 9 do Código de Ética Profissional do Psicólogo (2005), que afirma o dever de o profissional respeitar a intimidade de clientes por meio do sigilo.

Não obstante, mesmo com o intuito de produção de conhecimento, a pesquisa se configura como a exposição de um dado sigiloso. Para a pesquisa acontecer, o Código de Ética prevê que a participação dos envolvidos seja voluntária, mediante consentimento livre e esclarecido, com garantia do anonimato de pessoas, grupos e organizações e que se divulguem os resultados.

O acesso à sessão de psicoterapia do *corpus* seguiu todo o protocolo sugerido pelo Código. Fez-se ao diretor do Centro de Reabilitação e Hospital-Dia (CRHD) do Setor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo um pedido formal de autorização de pesquisa. Concedida a autorização, convidamos três participantes: a psicoterapeuta comportamental Thaís e seus clientes Kaori e seu filho Luís, sendo apenas este último inscrito como usuário no serviço de atendimento do CRHD. Destacamos que todos os nomes referidos nessa sessão são pseudônimos. Em 2005, quando a sessão foi gravada, Thaís atendia apenas Luís, e não raro fazia uma sessão de família para estabelecer acordos entre ele e a mãe. Ao convidá-los, apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), encontrado no APÊNDICE dessa dissertação. O TCLE foi lido e explicado aos três participantes. Esclarecemos as condições da pesquisa, comprometendo-nos a suprimir dados que pudessem identificá-los e frisando a possibilidade de eles suspenderem a autorização de uso do relato até o momento de publicação da pesquisa, sem prejuízo da assistência hospitalar.

As sessões 2, 3 e 4 foram retiradas de teses e dissertações em que as pesquisadoras se instauraram como terapeutas, de modo que é lícito citar-lhes o nome. Seus clientes, por sua vez, já têm o tratamento do Código na publicação dessas pesquisadoras, eximindo-nos de produzir outros TCLE.

CAPÍTULO 1 - ANÁLISE SEMIÓTICA DE SESSÃO DE PSICOTERAPIA DE FAMÍLIA

1.1 Breves notas sobre o impacto da noção de *imanência* na teoria semiótica

Para depreender a imagem dos sujeitos discursivos de uma sessão determinada e do próprio gênero *sessão de psicoterapia*, partimos de um objeto palpável, tal como prevê o princípio empírico e científico estabelecido pela Semiótica. Lidamos com a Psicologia como discurso, como campo teórico que respalda o *corpus* de análise, ressalva necessária diante da opção de não tratar do tema *ontologia*. Não é nosso objetivo fazer um estudo comparativo da noção de sujeito para a Psicologia e para a Semiótica, mas sim observar como e que coerções forjam um gênero que se chame *sessão de psicoterapia*. Consideramos que esse estudo seria muito mais complexo e demandaria outros materiais que abordassem especificamente propostas epistemológicas, metodológicas e instrumentais, como propõe Beividas em diversas publicações, no exercício da construção de uma articulação entre Semiótica e Psicanálise.

No entanto, posto que o objeto examinado não partiria da comparação entre as formas com que as duas disciplinas constroem um modelo de sujeito, surgiu a necessidade de compreender como a Semiótica criou um modelo de sujeito coerente com seu método e, ao mesmo tempo, de justificar nosso escopo de desvelar a imagem do sujeito discursivo de um sessão de psicoterapia. Como uma ciência de base imanente apreende uma prática cultural que se constituiu no mundo "real"? Para responder como a Semiótica pode ter como objeto o mundo "real", perguntamo-nos sobre a interface do *universo exterior*, ou *referente*, como lugar constitutivo da prática da psicoterapia, e o *universo imanente*, como lugar de onde a Semiótica vê seus objetos. Pareceu-nos uma oportunidade de perquirir o aparato teórico semiótico que cerca o conceito de sujeito discursivo, para então analisar a imagem do sujeito discursivo de uma sessão de psicoterapia. Tentamos fazer algo

análogo ao que diz Valéry (2007, p.194) quando compara o pensamento abstrato à poesia:

> [...] antes de qualquer exame sobre o conteúdo, olho para a linguagem; tenho o costume de agir como os médicos, que purificam primeiro suas mãos e preparam seu campo operatório. É o que chamo de *limpeza da operação verbal* (grifos do original).

A discussão sobre o universo que o analista pode ter em mãos – o *real* e o *referente* apriorísticos – impôs à Semiótica uma decisão primeira, que determinou o rumo da disciplina. Acessar ou não acessar diretamente o mundo de "carne e osso" é propósito de duas frentes. O dito acesso ao *extralinguístico* toma fatos, atores, tempo e espaço como dados históricos e culturais reais, como apriorísticos em qualquer análise. Certas tendências da Teoria Literária são exemplos dessa vertente que, ao adotar a realidade como possibilidade de produto a ser identificada diretamente da análise textual, viabilizou uma remissão direta entre *texto* e *mundo*. Conforme Amora (1973), a Teoria Literária deve buscar (inclusive) na Psicologia, na História, na Sociologia e na Linguística, entre outras disciplinas, os conhecimentos capazes de explicar a relação do autor "de carne e osso" com sua obra e com as demais obras e também a da obra com o leitor. Seguir essa vertente é considerar a possibilidade de depreender alguns aspectos psicológicos, por exemplo, da pessoa João Guimarães Rosa pela leitura de suas obras. A outra frente, *intralinguística*, é também chamada *imanente*. Firma-se nas depreensões decorrentes do *corpus* de análise e na significação como produto exclusivo desse *corpus*. Por esse raciocínio, o texto não se articula diretamente à realidade fatual, mas se configura como um combinado de estratégias que cria uma imagem discursiva. Nada podemos saber, por meio de seus textos, sobre João Guimarães Rosa como pessoa-no-mundo, mas temos acesso a um conjunto de estratégias que firma a imagem discursiva do sujeito, dada já por meio da escolha de um gênero. Temos um estilo próprio, que nos remete especificamente a esse enunciador, e não a Machado de Assis.

Os semioticistas de linha francesa optaram pela vertente intralinguística/imanente, à custa de ter "a sina de sempre aparecer como pomo de discórdia entre a teoria Semiótica e outras teorias textuais" (BEIVIDAS, 2008, p.1). Essa escolha inicial foi marcada pelo *slogan* greimasiano "fora do texto, não há salvação" (GREIMAS, 1974, p.12), uma paráfrase lúdica do bordão católico "fora da Igreja, não há salvação". Fiorin (2008a, p.19) define a imanência como:

> [...] o postulado que afirma a especificidade do objeto linguístico, que é forma, e a exigência metodológica que exclui o recurso aos fatos linguísticos para explicar os fenômenos linguísticos.

De acordo com o autor, a Semiótica não deve tentar ter acesso aos fatos quando pretender explicar fenômenos linguísticos. Assim como não se podem conhecer a pessoa de Guimarães Rosa por sua obra ou do terapeuta por sua sessão transcrita, não podemos ter em mãos o fato com que trabalhamos: não veremos a sessão de psicoterapia acontecer mais de uma vez, não teremos contato com Picasso enquanto pinta suas obras. Para Greimas (1974, p.3), a condição de existência da análise discursiva é poder examinar "os humanos descritos, das ações descritas", e não de ações e acontecimentos reais.

O conceito de imanência perpassa a teia do referente exterior como estratégia enunciativa e se entrelaça a cada fio da teoria. Beividas (2008, p.3), por exemplo, apresenta quatro planos de entrelaçamento da noção de *imanência* na Semiótica greimasiana:

> [...] (a) é imanente a macro-semiótica do universo frente ao mundo real e bruto das *ontologias*; (b) imanentes são as estruturas do discurso – no percurso gerativo – em oposição à *manifestação* (textual); (c) imanência se contrapõe a *aparência*, nos esquemas do quadrado semiótico da veridicção; (d) imanência (do sujeito) opõe-se a *transcendência* (do destinador) no interior do percurso narrativo (grifos do original).

O autor apresenta a noção de imanência por três entradas da Semiótica, tomada como disciplina de conhecimento: na epistemologia (quando se refere às ontologias), na metalinguagem (o modo de construção do aparato lexical que faz a análise) e nos instrumentos (o percurso gerativo do sentido, o quadrado semiótico).

Ao mencionar os primórdios da teoria, Fontanille (2008) enfatiza que a imanência ofereceu inicialmente um ponto de vista mais restritivo em termos de objeto de análise. Condições, regras e parâmetros foram sendo criados e testados, solidificando a teoria com um método afastado do alcance do mundo "real". Sem a imanência, afirma Fontanille (2008, p.18), não haveria um conjunto de instrumentais fundamentais para a apreensão do sentido, como também não haveria:

> [...] teoria narrativa, mas uma mera lógica da ação aplicada a motivos narrativos; [...] não haveria a teoria das paixões, mas uma mera importação de modelos psicanalíticos; [...] não haveria a Semiótica do sensível, mas somente uma reprodução ou um arranjo de análises fenomenológicas.

Depois desse primeiro momento de restrição, houve uma evolução, situada por Beividas (2008) e Fontanille (2008), nas últimas duas décadas de pesquisa Semiótica. Beividas (2008) destaca a criação de um corpo semiótico conciso de pesquisa e a conseguinte expansão. Os autores consideraram evolução o alargamento dos parâmetros de *objetos semióticos*. Beividas (2008) observa que a definição de texto passou a incluir o contexto, o intertexto e a interdiscursividade, mas que, mesmo assim, continuou árduo o enfrentamento com fatores do mundo, embora a Semiótica tenha podido se apropriar cada vez mais de objetos que não só os do texto literário (ou escrito). A dificuldade de lidar com fatos linguísticos surge principalmente quando precisamos compreender os conceitos de *sujeito enunciador* e *corpo perceptivo*: de que corpo falamos, numa *sessão de psicoterapia*? Hoje, a Semiótica permite saber, por exemplo, que no *corpus* de análise desta dissertação interagem quatro categorias de sujeito: a) o *corpo referente*, cujo desvelar da aparência revela um modo de ser realista, de "carne e osso" – os participantes da

prática cultural "sessão de psicoterapia"; b) o *corpo do transcritor do corpus* – que deixa suas marcas como sujeito da enunciação; c) *o corpo dos enunciadores postos em diálogo* – o terapeuta e os clientes – aqueles a quem o transcritor delega vozes, no enunciado, como enunciadores; e d) o *corpo histórico e social* que atravessa todos os corpos, por se constituir dialogicamente e porque habita determinado tempo, espaço e valores culturais. É a teoria da enunciação se associando à noção de imanência para gerar uma teoria na qual sujeitos são, igualmente considerados, estratégias enunciativas.

Greimas (1974) descreve o enunciado como comunicação. Discursiva por excelência, atribui-se à comunicação um olhar tripartido: ela é produto de um agente, que executou um ato de comunicação – produto (enunciado), produtor (sujeito da enunciação) e processo (a própria enunciação). Se existe um produto da enunciação – o enunciado –, existe necessariamente o sujeito responsável pela articulação do mesmo enunciado. Não é o enunciador anterior ao enunciado que interessa, mas o enunciador como feixe de marcas enunciativas deixadas no enunciado. Na condição de processo, a enunciação não se esvai, pois o analista persegue suas marcas. Ao produzir o enunciado, o sujeito da enunciação forja certos sinais discursivos. Assim como o ouro derretido toma a forma de seu molde – e, mesmo na ausência do molde, podemos recuperá-lo, por pressuposição lógica –, o enunciado toma a forma da enunciação, e, a partir dele, pode-se recuperar seu sujeito. Pelas marcas que imprime ao enunciado, sabe-se que a enunciação tem a mesma estrutura de um enunciado elementar – sujeito, predicado e objeto. Para Greimas (1974, p.2), a diferença entre enunciação e enunciado está na seguinte asserção: "o actante objeto da enunciação é um enunciado [...] [e a] enunciação é um enunciado no qual apenas o actante-objeto é manifestado". Caminhar do enunciado aos sujeitos (do enunciado e da enunciação) foi um dos saltos qualitativos das pesquisas em Semiótica. A tradição greimasiana propõe não só que pesquisas partam de um objeto palpável – a enunciação enunciada –, para ir além de sua aparência e desvelar seus mecanismos

de produção de sentido, como também de passar a olhar atentamente a enunciação. Beividas (2003, p.3) descreve historicamente esse salto:

> Uma formulação feliz caracteriza com propriedade o movimento interno das pesquisas Semióticas nas últimas duas décadas. É a que Landowski nos apresenta – não importa aqui o grau de seu engajamento nela – quando, na abertura do texto "Le corps de la nouvelle", de G. Marrone, atesta a situação "como se de um século a outro tudo o que era verbo se tivesse feito carne". O texto deixa de ser "ponto de partida" e "ponto de ancoragem de nossas vociferações" sobre o sentido, sobre a semiose – como pleiteava vivamente Greimas, nos anos 1970 e 80, juntamente com sua famosa expressão: "fora do texto, não há salvação" (*hors du texte, pas de salut*). Cede a vez e o lugar ao próprio sujeito da enunciação e, mais que isso, para aquém, para a região do seu corpo-próprio, como lugar de primeira emergência das precondições do advento da percepção e, pois, do sentido, como lugar de mediação necessária na passagem dos "estados de coisa" de um mundo real para os "estados de alma" de um mundo significante.

"Do verbo fez-se carne" é a metáfora com que se descreve o momento em que a pesquisa em Semiótica foi capaz de não só decifrar algumas estratégias de formulação de sentido do texto, como também tornar possível a depreensão do corpo e dos estados de alma do sujeito da enunciação. Em outras palavras, foi possível incluir na análise a depreensão dos estados de alma de forma imanente, sem recorrer a teorias ontológicas. O argumento que afastou a Semiótica da "psicologização" do sujeito da enunciação foi justamente a incoerência metodológica que se criaria ao apostar no alcance da realidade extralinguística, quando o método de análise é configurado para depreender apenas o sentido do objeto semiótico, de sua natureza textual. Assim, ser conexo às bases da disciplina implicou uma escolha por parte dos semioticistas: aterem-se ao discurso e ao texto como "única realidade da qual a Linguística se ocupa" (Beividas, 2003, p.2). Extrapolar esse limite é, conforme afirmou Greimas já na década de 1970, como entregar o objeto linguístico

nas mãos da Psicologia e da Filosofia, encarregando-as de perscrutar o sujeito e, da mesma maneira, abolindo o objeto linguístico da Linguística. Portanto, descrever o sujeito é apreender uma ilusão de estados de alma, de posicionamento e de tempo, é compreender como o texto formulou estratégias e como esse conjunto de estratégias construiu um caráter enunciativo específico, em contraposição a infinitos outros que poderiam ter sido criados. Por exemplo, temos a concepção de *embreagem* como uma das possíveis estratégias formuladas pelo sujeito da enunciação ao querer se fundir com o actante-narrador:

> [...] [a embreagem] se apresenta ao mesmo tempo como alvo visado pela instância da enunciação e como fracasso, como impossibilidade de atingi-lo. As duas "referências", com o auxílio das quais se procura sair do universo fechado da linguagem, com que se busca prendê-lo a uma exterioridade outra – à referência ao sujeito (à instância da enunciação) e à referência ao objeto (ao mundo que rodeia o homem, como referente) –, nada mais produzem, enfim, que ilusões: a ilusão referencial e a ilusão enunciativa (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p.142).

A sessão de psicoterapia, por exemplo, é um texto produzido com marcas que, juntas, constroem uma cenografia enunciativa de vivacidade, de uma cena que aconteceu *ao vivo*. No *corpus* (ANEXO B, p.194), por exemplo, o sujeito-transcritor, como enunciador, indicou sutilmente com um "L." o início do turno de fala de Luís. A escrita incluiu sinais gráficos para indicar marcas da oralidade, realçando a dinâmica das trocas enunciativas, fazendo as vozes pertencerem a outros sujeitos que não ao próprio enunciador-narrador implícito. Já num formulário bancário, a voz da enunciação quase não existe, produzindo-se um enunciado asséptico, assujeitado, em termos de efeito de sentido. No gênero *sessão de psicoterapia*, tal como foi transcrito, manteve-se o caráter dialogal.

Em suma, sujeitos e objetos são construções de ilusões referenciais, posto que se pautam numa análise imanentista. A influência da imanência em ferramentas

de apreensão do discurso é um referente interno da construção do modelo de fenômenos, que passa a ser concebida como efeito de realidade, de veridicção, de enunciação, fruto de estratégias que o sujeito – também considerado como efeito de sujeito – formula por meio de regras no contrato enunciativo. Assim como o sujeito é produto do parecer do sentido, tudo o que o cerca e faz parte de seu corpo perceptivo passa a ser apreendido da mesma maneira: o tempo, o espaço e o conjunto de valores (GREIMAS, 1974).

1.2 A noção de imanência e o percurso gerativo do sentido

Greimas e Courtés (1979) definem a expressão *percurso gerativo de sentido* como uma economia para a descrição geral da teoria Semiótica, que se preocupa em observar a produção do sentido por meio de estruturas gerativas. O percurso é o modo de demonstração da arquitetura do sentido. Isso não implica dispor linearmente elementos, mas mostrar que as estruturas se inter-relacionam devido às instâncias intermediárias, do nível mais superficial ao mais profundo, do mais complexo ao mais abstrato. Essa condição de geração leva os autores a concluir que "todo objeto semiótico [pode] ser definido segundo o modo de sua produção" (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p.206). Se podemos definir o objeto semiótico segundo seu meio de produção, esse meio passa a ser um dos definidores do objeto. A imanência está sob a aparência de uma pintura, uma canção, a gravação de um vídeo ou mesmo a gravação de áudio de uma sessão de psicoterapia. O modelo explicativo do percurso gerativo ajuda o analista a desbastar a aparência do texto com vistas a alcançar a imanência, quaisquer que sejam os meios por que se expresse. Ao reconstruir as estruturas por camadas de geração de sentido no plano do conteúdo, a análise revela o modo de produção do sentido. Discini (2005, p.200-201) corrobora essa asserção quando descreve o sentido como "construção e processo" e o percurso gerativo como o instrumento de análise que visa "reconstruir as condições de produção e apreensão do sentido". Esse sentido é entendido como simulacro de

ações, como efeito produzido por meio de determinados procedimentos de construção da materialidade significante do texto.

O ato do analista diante de um texto é descrito como o desvelar, o depreender, o apreender do sentido em busca da imanência. Barros (2002, p.14) resume a tarefa de um semioticista diante de um texto:

> O texto, objeto da enunciação [...], para ser explicado, precisa ser desbastado dos efeitos de sentido aparentes. Sob a aparência, busca-se a imanência do discurso; sob a máscara, as leis que o produzem. Depois de cumpridos os procedimentos de abstração, é necessário efetuar o percurso inverso e reconstruir, a partir das estruturas imanentes, as estruturas aparentes de manifestação.

Fiorin (2008a, p.20) afirma que, para compreender o percurso gerativo, devemos "precisar melhor o lugar na enunciação na teoria Semiótica". O autor concebe esse percurso como sendo formado por três patamares – de estruturas fundamentais, narrativas e discursivas. Cada patamar é formado por uma semântica, definida como "conteúdos investidos nos arranjos sintáticos", e por uma sintaxe, um "conjunto de mecanismos que ordena os conteúdos" (IDEM). O percurso é composto por níveis de invariância crescente: "um patamar pode ser concretizado pelo patamar imediatamente superior" (IDEM, IBID.). Essas invariantes, por sua vez, se realizam por meio do discurso de maneira variável.

Para Barros (2002, p.13), a teoria Semiótica se propõe como "*imanente*, ao reconhecer o objeto textual como uma máscara, sob a qual é preciso procurar as leis que regem o discurso" (grifos do original). Nesse momento teórico, a autora assevera que a Semiótica contrapõe *imanência* a *aparência*, ambas assumidas como níveis diferentes de abstração textual. Assim, o conceito de imanência abre caminho para o desenvolvimento do caráter gerativo da teoria. Imanência como plano do conteúdo e aparência como plano de expressão é uma das formas de apreender o sentido do texto.

Fontanille (2008) explica que, para a depreensão do sentido, é preciso olhar para a semiose, ou seja, para o plano do conteúdo em consonância com o plano de expressão. Ele faz essa ressalva porque, historicamente, o percurso gerativo de sentido foi amplamente desenvolvido como recurso de busca das estratégias discursivas e, assim, relegou-se o plano de expressão. Hoje, olhar para a semiose não implica saltar para fora do texto, mas levar a manifestação mais fortemente para análise. Dessa forma, Fontanille (2008) sugere uma possibilidade de instrumentação o exame da manifestação. Numa tentativa de fixar os limites da imanência no texto-enunciado, o autor descreve uma possibilidade de estruturação hierárquica de planos de manifestação, em caráter provisório, em seis níveis de imanência e pertinência. Em suma, tenta estruturar o plano da expressão de objetos semióticos, quaisquer que sejam eles, considerados em sua manifestação. Não trataremos aqui da estrutura hierárquica da manifestação, mas a destacamos apenas para corroborar a oposição entre imanência e aparência.

É também chamada "textualização" a união do plano de expressão e de conteúdo. Pensando na função estética, veremos que, para compreendê-la, é preciso avaliar especialmente o plano de expressão no ato da semiose, na formação do sentido. Conclui Fiorin (2008a, p.57) que, por mais que o percurso gerativo trabalhe com o plano do conteúdo, ele sofre coerções do plano de expressão que são significativas para o entendimento do sentido nos discursos. O conteúdo sofre a coerção de seu suporte material: se variam os suportes, variam as coerções e também as significações.

Adentrando o dado bruto do *corpus*, observamos que a modalidade *transcrição* implica em coerção do material de análise. A transformação do plano de expressão do material (de cena ao vivo para gravação de áudio e desta para a escrita) nos obrigou a considerar a influência da materialidade da transcrição no momento da decomposição das estruturas analíticas do gênero *sessão de psicoterapia*. O exame da transcrição teve apenas o propósito de orientar a pesquisa, indicando que aquilo que é coerção imposta pela materialidade da transcrição não pertence

necessariamente ao gênero *psicoterapia*, ou *sessão de psicoterapia*. Quanto ao efeito estilístico do gênero, portanto, só nos interessa o estilo da *sessão*. Os efeitos estilísticos foram perscrutados tanto como imagem dos interlocutores (no *éthos* da sessão de psicoterapia) quanto como estilo de um gênero, como veremos no Capítulo 3.

Quando tomamos a sessão de psicoterapia como objeto de análise, como discurso a ser semiotizado para apreensão do sentido, apoderamo-nos de um texto, como dito, como produto originado por uma prática. Nas condições de produção do material da sessão de psicoterapia, não há material transcrito, mas corpos interagindo com os cinco sentidos humanos num determinado tempo e espaço. A prática da psicoterapia se enquadra também no gênero conversacional – não aquele do cotidiano, mas o engendrado pelo discurso científico e pelo discurso da saúde.

Os textos atravessados por gêneros *conversacionais* aparecem comumente como *corpus* de análise de semioticistas. No que concerne à Semiótica, eles podem ser trabalhados também prosodicamente, pelo plano de expressão. Resta perguntar como veicular o sentido por meio de marcas de expressão, ou seja, por meio da manifestação sonora que aparece sinalizada na transcrição; e como entender a manifestação sonora, condicionada socialmente (por exemplo, suspiros, aumentos/diminuições de entonação, risos etc.)? É possível depreender um estilo próprio da significação na variação de ênfases e acento em tal gênero conversacional? Qual é a importância desse tipo de análise?

Quando transcrita, uma cenografia discursiva oral pode apenas apontar indicadores de acentuação, de ênfase, entoações, sons corporais, pausas e nada mais. A fixação do plano de expressão só ocorre quando ele deve perdurar. De modo geral, a prosa e a linguagem coloquial não precisam durar, do ponto de vista material: quanto melhor for o desempenho do discurso conversacional, mais ele pode ser descartado, por ter cumprido sua função. Em outras palavras, quando se pede a alguém que repita o que disse, é porque a comunicação não funcionou. Como afirma Valéry (2007, p.195-196):

> Cada palavra, cada uma das palavras que nos permite atravessar tão rapidamente o espaço de um pensamento e acompanhar o impulso da ideia que constrói, por si mesma, sua expressão, parece-me uma dessas pranchas leves que jogamos sobre uma vala ou sobre uma fenda na montanha e que suportam a passagem de um homem em movimento rápido.

O estudo de variações melódicas como reiterações ou repetições, no plano de expressão, diz respeito apenas à música, à canção e ao poema como textos-base, porque neles há a necessidade de que perdurem, como o explica Tatit (1987, 1996, 2008). Ao tratarmos do gênero *psicoterapia,* cuja cenografia discursiva acontece *ao vivo* no *setting* terapêutico, cada nuance sonora altera o sentido do que foi dito ao terapeuta no ato da comunicação. Nesse contexto, a sonoridade tem apenas a função de veicular o conteúdo, tal como uma função utilitária da linguagem: dizer um conteúdo "sussurrado" é diferente de dizê-lo "sorrindo", mas, ao dizê-lo, cumpriu-se a função do plano de expressão, a transmissão de uma mensagem. Nas palavras de Valéry (2007, p.196): "estou falando a vocês, e se vocês entenderam minhas palavras, essas mesmas palavras serão abolidas". Quando se tem como *corpus* músicas, canções ou poemas, a intenção de compreender o plano de expressão como variação melódica é mais relevante do que no gênero *conversacional*, pois aqueles textos podem inovar o significado por preservar o plano de expressão para que dure no tempo e no espaço. No caso da conversação, pelo contrário, o objetivo principal é descartá-lo tão logo se cumpra a função de comunicação: da utilidade de transmissão de conteúdos imanentes. Portanto, com base em Valéry (2007, p.196), é artificial pensar na sonoridade da sessão de psicoterapia, por si só. Assim, se tentamos depreender, no Capítulo 3, o estilo do gênero com apoio no exame da variação prosódica, é só porque nos detivemos na alteração de certas marcas prosódias, no exato instante e contextp em que foram demarcadas, ao lado do conteúdo expresso.

Fónagy (1991, p.13) destaca um ponto de vista diferente da Semiótica. Afirma o autor que certas sonoridades perduram nas culturas como valores, tendo significado por si sós, como se, no ato de comunicação, funcionassem como uma molécula de sentido que se agrega à mensagem linguística. Para ele, "aumentar o tom da voz" é vertente do modo "gritar", e se constitui socialmente como valor quando há um embate agressivo, numa briga, por exemplo. Inicialmente, essa informação de Fónagy (1991) foi importante para esta pesquisa, para que questionássemos a relevância da sonoridade para o terapeuta na sessão. É antigo o interesse de psicólogos em entoações, gestualidades e expressões fisionômicas. No entanto, dados que extrapolam o discurso verbal só podem ser considerados preciosos para o psicólogo clínico em atendimento, ao lado do conteúdo expresso. Se o terapeuta é um especialista em comportamento humano, podemos cogitar que o que é dado no extraverbal é dado também na imanência. Cabe então ao terapeuta, como instrumento de trabalho, desvendar tal imanência para que, por meio de seu aprendizado sobre o comportamento, possa favorecer o paciente com mais qualidade de vida.

No primeiro exemplo que segue abaixo, retiramos ênfases prosódicas (intensidades, pausas e sussurros, entre outros), no intuito de investigar a diferença que tais marcas imprimem ao *corpus* de análise. O segundo exemplo pertence ao mesmo excerto, mas sua transcrição foi pautada pelas normas do projeto NURC exatamente como está no *corpus*. O terceiro exemplo trata ainda do mesmo excerto, mas com ênfases desenhadas por nós, de modo que o *corpus* fosse transformado apenas com a mudança de marcas prosódicas em outro tipo de interação:

> Exemplo 2 – diálogo entre a terapeuta e Kaori, sem marcas prosódicas:
> T: Mas ele falou que a senhora veio com ele hoje
> K: É que eu tava com pressa, pressa, muita pressa. Só que eu larguei ele lá na... Onde foi?
> (In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 41 a 43.)

> Exemplo 3 – diálogo entre a terapeuta e Kaori, com marcas prosódicas mantidas como originais da transcrição.
>
> T: mas ele falou que a senhora veio com ele hoje ((sussurro)).
> K: é que eu tava com pressa pressa muita pressa ((sussurro)) só que eu larguei ele lá na::... onde foi?
>
> (IDEM)

> Exemplo 4 – diálogo entre a terapeuta e Kaori, com marcas prosódicas alteradas para simular referencialmente um conflito.
>
> T: mAS ele falou que a seNHO::ra veio com ele HO::je.
> K: é que eu TAVA com pressa pressa mUita pressa só que eu larguei ele lÁ na::... onde foi?
>
> (IDEM, IBID.)

O primeiro exemplo, sem marcas prosódicas e seguindo as normas gramaticais comumente usadas, mostra a terapeuta fazendo uma afirmação, que é iniciada pela conjunção adversativa *mas*. A função dessa conjunção é estabelecer uma relação de contraste entre o sentido de dois discursos. Kaori se justifica dizendo que estava com pressa, do que se deduz a necessidade de rapidez, tanto pela acepção lexical de *pressa*, quanto por sua repetição tripla, enfatizando seu estado. Acrescenta que estava com pressa e que "largou" o filho num lugar de que não se lembrava. De acordo com Houaiss (2007), uma das acepções de largar é "deixar de estar junto de, na companhia de; perder de vista, desviar-se", como também "deixar de segurar, desprender a mão de; soltar", o que consideramos como uma ação que leva menos tempo, portanto, mais abrupta.

No segundo exemplo, as marcas prosódicas idênticas às da transcrição produzem um efeito de diminuição da intensidade do som da voz da terapeuta (sussurro). Sua consequente repetição por Kaori, só na manifestação sonora, indica, prosodicamente, uma suavização de temperamentos de confronto das duas situações adversativas – *fazer-fazer* e *não fazer-fazer*, no nível narrativo, que não estava tão evidente no primeiro exemplo. O prolongamento vocálico em "na" e a subsequente pausa sonora indicam um momento de pausa do pensamento, convergindo

manifestação e conteúdo para o mesmo sentido de relembrança de Kaori, culminando na impossibilidade que a levou a perguntar a Luís onde ela o havia "largado".

No terceiro exemplo, estão marcados outros tipos de manifestação sonora, propositalmente diferentes do original. Se os turnos não fossem "sussurrados", poderiam ser altos, em termos de "intensidade sonora". A intensificação do som reitera, no plano do conteúdo, o confronto explícito entre dois desejos: da terapeuta, que deseja que Luís ande sozinho de metrô, e da mãe, reagindo à agressão da terapeuta, apontando seu próprio desejo de não estar em conjunção com a privação de seu filho. Temos a sonoridade apoiando a informação do plano do conteúdo. Ao enfatizá-la, a função comunicativa se cumpre utilitariamente, e a ênfase deixa de ser relevante para o diálogo, como mecanismo de construção de novas e inéditas significações.

A alteração das marcas da manifestação poderia convergir também para uma emoção bem-humorada, mal-humorada, de ódio ou de raiva, entre tantos outros estados de alma. A transcrição da tonicidade, da duração e das pausas acrescenta ao *corpus* uma pequena parte da produção do plano de expressão, que pode reiterar o conteúdo, aumentando os efeitos de sentido, ou contradizer o sentido veiculado, indo em direção oposta ao conteúdo. Reiterado ou negado o conteúdo, a função do som é a mesma: realizar o ato comunicativo e esvair-se. Corroboramos o pensamento de Fónagy apenas quando ele afirma a existência de efeitos socialmente condicionados: falamos baixo quando estamos numa missa; intensificamos o volume da voz numa cena de raiva; agudizamos a voz quando falamos com uma criança.

Vejamos agora a manifestação como plano de expressão e estilo vocal. O estilo vocal consiste numa série de modulações expressivas geradas pela gramática pela manipulação das sequências de sons, da acentuação, da entonação, da distribuição das pausas, da ordem dos elementos significativos e da transformação do sentido dos signos lexicais e gramaticais e dos signos de pontuação. Nesses casos,

a maneira de falar e de pronunciar remete ao estilo vocal e se configura como uma coerção que dá forma à mensagem linguística propriamente dita. A configuração prosódica (ênfases, pausas, repetições, entre outras) é um dos ramos a partir dos quais a estilística pode desenvolver sua pesquisa. Recuperemos, como exemplo, mais um segmento de (S1), com as respectivas marcas prosódicas.

Exemplo 5 – diálogo entre a terapeuta, Kaori e Luís:

T: então L.... vamos escrever aqui... "tare::fa... tare:::fa...-para...-to::dos...-os...-di:a:s...-que...-você:..-vier...-ao-B-a::com::pa::nha::do pe::la-mãe" então agora você escreve... você vai... olha vou te falar... você tem que lembrAr tua mãe de que você já pOde vir sozinho da M1 e que toda vez você vai vir sozinho... escreve aí agora ((...1 minuto e 43 segundos))
L: pronto.
T: prontinho... então olha dona K. lê pra ver se a senhora concorda.
K: "afirma::r para a mã::e que eu vou do M para o HD::A ((hospital-dia adulto)) sozinho"... o que é HDA?
L: de adulto.
K: ah é?
T: dona K. a senhora vai se comprometer comigo que a senhora vai deixAr ele vir da M1 so/ da M sozinho?
K: ((risos))
T: vai?... vamos...força.
[
K: e o dia que ele não tiver bem? a mãe sabe quando ele não tá bem/
(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 466 a 482.)

Trata-se de uma das maneiras segundo a qual a terapeuta tenta pedir a Kaori que deixe Luís andar sozinho de metrô. Na primeira linha do excerto, a terapeuta está ditando a primeira de uma série de condições, na forma de um pequeno contrato escrito, feito com Luís e Kaori, na sessão. A terapeuta pede a ela que tenha força e aceite os termos. Kaori tenta se esquivar do contrato por meio do

argumento da exceção: diz que, quando o filho não estiver bem, o contrato não valerá.

Buscamos, como dito, uma transcrição que permitisse a representação escrita de certas características da prosódia dos falantes, com a intenção de depreender o estilo por meio da manifestação oral do sujeito. A reprodução gráfica do som da gravação em áudio da sessão indica para o leitor um tipo de som emitido – o som da prosódia (ênfases, pausas, sussurros, risos etc.). Esse tipo de codificação veicula o conteúdo semântico, sintático e sonoro em um efeito de sentido, intermediado pela heurística de um enunciador denominado *autor da transcrição*. O conteúdo verbal sonoro (o áudio gravado) é mais próximo da prática original do que a manifestação transcrita da sessão de psicoterapia; escrever implica escolher. Assim, optamos pelo projeto NURC como fornecedor de normas para a transcrição – ganhamos em termos de alguma sonoridade prosódica, perdemos em termos de subjetividade das notações.

Se optássemos por um programa que analisa a prosódia do ponto de vista melódico, aumentaríamos o rigor científico. Se colocássemos a gravação do áudio num programa de computador[5] que descreve o som da voz por meio de frequência (hertz)[6] e o classifica em termos de aproximação dessa frequência aos tons (dó, ré, mi... e seus semitons), observaríamos como a prosódia se manifesta por diversos aumentos e diminuições de entonação e intensidade sonora, numa variação muito maior do que a descrita por analistas de textos orais. A medida de descrição dos analistas é a sensibilidade sonora de cada ouvinte do áudio, no que se pressupõe um tom médio da fala e, consequentemente, que um aumento de intensidade só será demarcado se for suficientemente destoante desse tom médio. Nesses termos, ponderamos a eventual utilidade do rigor científico na avaliação sonora da prosódia e, mais especificamente, na qualidade dos estudos do plano da expressão para

[5] Apresentação de pesquisa em seminário realizado como parte da avaliação do curso Constituição da Prosódia como Série Temporal na Língua Portuguesa, ministrado pelo Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.
[6] Programa Melodyne de edição de som, citado nas Referências bibliográficas.

depreender um estilo prosódico de cada falante, sobretudo no que concerne à Semiótica das paixões em um gênero como a *psicoterapia*. Concluímos que esse grau de rigor não era necessário. Corroborando a ideia de Valéry (2007), Tatit (2009) afirma que não é viável tentar desvendar uma espécie de gramática do plano de expressão por meio da prosódia presente na transcrição (informação verbal)[7]. Primeiro, pelo fato de o plano de expressão estar sempre vinculado ao plano do conteúdo, quando se trata de linguagem verbal: ao ser transmitido o conteúdo, a sonoridade é descartável, não havendo necessidade de preservá-la, no gênero em pauta. Quando uma sessão de psicoterapia é gravada, cria-se um mecanismo artificial de recuperação da sessão, mas não se altera o objetivo: é uma forma de preservar o conteúdo para que, por um motivo específico, ela seja retomado e adquira um valor próprio. Se pensarmos que o som é apenas um dos meios de composição de uma estratégia enunciativa, "gritar" pode ser eficazmente trocado por uma fala de "intensidade média", pois o que se faz, ao final, é a transmissão de uma ideia. O som é apenas uma das estratégias do sujeito que veicula uma ideia. O fonema é atualizado e realizado com a ajuda dos órgãos da fala. Cada fonema permite certo jogo, assegura uma margem confortável na escolha do som concreto, e essa escolha dá suporte à informação. É sobre essas margens que se pode ver a pintura sonora. O estilo verbal está nessa comunicação secundária. Dois sons podem ser idênticos como fonemas e, ao mesmo tempo, diferentes no gesto vocal. Assim, um mesmo som pode veicular duas mensagens divergentes. Essas mensagens podem acentuar certas emoções em oposição a outras, e, mesmo assim, ainda se configuram escolhas do sujeito da enunciação sobre como enunciar certos conteúdos.

Como fundante do estilo do enunciador, a fala pode ser avaliada em termos da diversidade da modulação prosódica: uma vogal pode ser breve ou longa, uma palavra pode se opor sonoramente a outra, conforme a intensidade da emoção. No excerto abaixo, temos um prolongamento vocálico da terapeuta (é:: o::s do::is), ao

[7] Informação fornecida por Luiz Tatit no exame de qualificação, em 2009.

contradizer a fala de Kaori afirmando que Luís seria o responsável pela própria autonomia. Com o prolongamento, o turno ganhou um novo significado: não só é a negação, por contradição, da fala de Kaori, como é também uma contradição terna, num embate não muito efusivo, uma discordância singela, atenuada:

Exemplo 6 – diálogo entre terapeuta e Kaori:

K: é... só d::esgrudar um pouco da mãe.
T: e a mãe desgrudar um pouco do filho também né? é os dois né?
[
K:é ele ((risos)).
[
T: é:: o::s do::is.
[
K: é ele.

(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 12 a 19.)

A tensão aí se desenrola de modo que Kaori não se torne antissujeito, segundo a perfórmance[8] da terapeuta, que envolve certa manipulação. A terapeuta deve rejeitar a ação de Kaori, mas sem desmascarar violentamente a ação dessa mãe. A estilística da sonoridade facilita o exame da expressão de certas atitudes da oralidade. A diminuição de tensão no discurso pode ocorrer de maneira mais velada, só por meio do efeito sonoro utilizado na expressão do conteúdo. O aumento de intensidade sonora (ênfase) e o prolongamento vocal em (S1, ANEXO B, p.194, fala de Kaori, linha 178: "A:i que bom") tem duas consequências, por assim dizer: a) discursiva, quando Kaori euforiza o ato de Luís ter conseguido o remédio; b) prosódica, quando o aumento súbito de intensidade e a subsequente manutenção interrompe a terapeuta em sua argumentação sobre a competência e a necessidade de Luís andar sozinho de metrô, recriando o direcionamento do significado. Em seguida, Kaori interrompe novamente, fazendo uma pergunta a Luís:

[8] A palavra perfórmance foi utilizada nesse trabalho como propõe Barros (2005), ou seja, com acento e sem itálico.

Exemplo 7 – diálogo entre a terapeuta, Kaori e Luís:

T: mas parece... que dona K. que cê tá vendo que o L. dá para confiar nele.
[
K: --A:i que bom cê conseguiu ((se referindo a uma receita de medicamento que L. mostra)).
T: o remédio?
K: só falta um não tinha a semana passada... a:i que bom quem foi que deu?
L: o doutor P. já tava aqui quando eu cheguei.
K: ah o doutor P... ainda bem que cê alcançou ele né?
L: é.
T: tá vendo o L. parece que tá assumindo uma série de responsabilidades... né? ele tá pegando a receita conseguindo/
[
K: --pode ficar comigo?
L: fica
T: --tá vindo sozinho da M1((estação de metrô, a mesma que M, porém interlocutor fala o nome errado da estação)) né?

(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 176 a 191.)

Às vezes, a intensidade das emoções corresponde à intensidade da atividade muscular. Há, em primeiro lugar, um prolongamento das vogais em emoções ternas, com falas mais pausadas em ritmos menos acelerados e, em segundo lugar, a diminuição da duração das vogais, associada a aumentos súbitos de intensidades que ressaltam as consoantes, em emoções mais agressivas. Temos, por exemplo:

Exemplo 8 – fala da terapeuta:

T: entÃO dona K. ... então você não deixou ele sozinho... você trouxe aqui até a catraca das B ((estação de metrô ao lado da instituição)) e foi para H?

(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 89 e 90.)

Nessa frase, o aumento de uma intensidade vocálica intensificou a velocidade do ritmo da fala, enfatizando os sons da consoante (identificáveis apenas na audição da gravação, pois não há notação para essa condição no projeto NURC). Os prolongamentos vocálicos são mais facilmente observáveis graficamente, como em S1, ANEXO B, p.194, linha 67, frase da terapeuta: "sE:::i pe::rtinho de ca::sa". Uma emoção pode ser intensificada, se alterarmos a ênfase no acento. Cada nível de alongamento corresponde necessariamente a outra nuance semiótica (FÓNAGY, 1991).

Ao comparar o texto sonoro da prosódia da sessão de psicoterapia e a canção, destacamos uma condição comum: quando há mecanismos passionais nas canções, estes são manifestos, por exemplo, com grandes agudos ou graves e oscilações de tessitura, entre outros. A manifestação desses agudos e graves é um indicativo de que o sujeito está longe do objeto, à medida que se deve percorrer a distância entre eles, para buscar alguma realização. Ao mesmo tempo, exige-se um esforço muscular do intérprete, que tem que fazer esse caminho sonoro com as cordas vocais. Nesse ponto, observamos uma semelhança com o *corpus* de análise: há uma compatibilidade entre o desenho melódico da canção e o desenho prosódico da fala dos sujeitos da sessão de psicoterapia, e essa compatibilidade é entendida como uma figurativização enunciativa. Há, portanto, uma correspondência entre a figurativização enunciativa (ou ilocutiva), relacionada ao esforço muscular, e a emoção propriamente dita (TATIT, 2009[9]). Isso reforça a idéia de que, no contexto cotidiano do gênero *conversacional*, o som prosódico não foi desenhado para perdurar (VALÉRY, 2007). No entanto, ao preservá-lo na análise, examinamos a prosódia como figurativização de um modo de ser do sujeito. Talvez possamos conseguir um padrão entoativo, respeitada não uma melodia, mas um esquema de variação de ênfases.

[9] Informação verbal.

Ao tratar da prosódia como elemento estilístico, devemos necessariamente nos valer do conceito de ritmo. Segundo Cagliari (1982), ritmo é como um tipo de simetria, uma harmonia resultante de certas combinações e proporções regulares. O ritmo está intrinsecamente ligado à ideia de tempo e de duração. A definição de ritmo põe em destaque algum aspecto de repetição e de expectativa, tornando-se uma linha de previsibilidade. Ainda segundo o autor, é possível fazer uma oposição categórica entre ritmo silábico e acentual, na medida em que essa oposição altera o fluxo da construção do sentido.

Retomando a teoria Semiótica, temos, nos estudos da tensividade, um instrumental poderoso para compreender como o plano da expressão altera e reitera o plano do conteúdo, construindo paixões, orientando percursos narrativos, apontando modalidades veridictórias diversas e reconstruindo o texto escrito de modo a preenchê-lo com complexidades de significação. Tatit (2008) justifica essa riqueza de significados com o cotejo do plano do conteúdo com o plano de expressão, quando opera na interface da teoria musical com a Semiótica. Tudo se passa como se as interações entre as dimensões temporais reproduzissem tensões e distensões, descontinuidades e continuidades, enfim, as oscilações a serem selecionadas do nível fórico. Se o tempo cronológico representa a sucessão - o antes e o depois - em progressão infinita; o tempo rítmico, que o acompanha, representa a instauração da lei, das identidades, das alternâncias, da continuidade que neutraliza, até certo ponto, as referências do progresso (TATIT, 2008, p.21).

1.3 Análise semiótica da sessão de psicoterapia

Aprofundemos o olhar analítico sobre a sessão de psicoterapia; por ora, a Sessão 1. Tomemos um núcleo temático relacionado à noção de independência. O termo *independência* acaba por ser discutido na sessão de psicoterapia, já que subjaz à realização de diversos atos, pois, na visão da terapeuta, é bom que um paciente seja autônomo para: a) dormir no próprio quarto e acordar sem ajuda (S1, ANEXO B,

p.194, linhas 24 e 25, 27); b) ser responsável por encontrar-se com o médico e pegar a receita farmacológica (S1, ANEXO B, p.194, linha 176, 185 e 186); e c) exercitar andar sozinho de metrô para sentir-se seguro (S1, ANEXO B, p.194, linhas 211 a 219).

"Andar sozinho de metrô", "pegar a própria receita do médico", "entrar sozinho no elevador", "dormir sozinho no quarto", "ser alguém confiável para cumprir com as próprias tarefas" são as figurativizações atinentes ao tema "autonomia". A terapeuta incentiva Luís a fazer por conta própria atividades importantes do dia a dia, desde que se confirmem sua "competência" e sua "segurança física". Se não se cumprem tais requisitos, a terapeuta manipula os destinatários Luís e Kaori para a não execução da ação, como vemos no excerto abaixo:

> Exemplo 9 – fala da terapeuta, dirigida a Luís:
>
> T: então vamos fazer o seguinte... o que que você acha L. uma sugestão... como eu tô treinando andar... a sua vinda pra cá e volta... pra tua casa... vamos começar... a voltar de metrô... pra você:: aprender a usar bem o metrô e tua mãe ficar tranqüila na parte de metrô... quando tua mãe te liberar... você chegAr... na M1 e vir sozinho pra cá ou vir de B de voltar para M1 e encontrar sua mãe lá na M1... quando isso acontecer e cê tiver andando completamente sozinho de metrô... a gente começa a andar de ônibus daí eu te ensino a andar de ônibus.
>
> (In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 443 a 409.)

O tópico "independência" é discutido pelo fato de haver duas posturas conflituosas: a primeira, da destinadora-terapeuta, assegurando que Luís pode fazer certas coisas como "andar sozinho de metrô", com base no treino que a própria terapeuta fez com ele. Para a terapeuta, a competência está diante dos olhos e deve ser posta em ação. Não obstante, a mãe, por mais que deseje a independência do filho, tem medo de ele "se perder no metrô", "ser assaltado", "ser sequestrado", "ser atropelado pelas pessoas no metrô", "perder a memória e sumir no mundo", entre outros problemas:

Exemplo 10 – fala de Kaori:

K: não cê fica lá no me:io lá no corredor... tá assim de gente e você tá lá:: vendo coisas... vendo a carteira... carte:ira é uma coisa que cê tem que ficar... que segurar firme... não pode ficar Olhando no meio dos outros senão alguém passa e tchum é que aqui não tem né? agora lá onde a gente mora tem.
(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 172 a 175.)

Exemplo 11 – diálogo entre a terapeuta e Kaori:

K: ajuda... a não ser que aconteça coisa bem grave que aí esquece ((risos)).
T: mas que pode acontecer pra qualquer pessoa né?
K: apaga a memória aí é fogo ((risos))
(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 241 a 243.)

Luís não expressa claramente seu desejo de ser ou não mais autônomo, mas age de modo a ajudar a terapeuta, colaborando com seus pedidos e eventualmente clareando situações que Kaori tenta distorcer, como quando conta que avisou a mãe de que tinha que ir sozinho no vagão, e ela afirmou que não faria isso, porque tinha médico agendado e estava com pressa (S1, ANEXO B, p.194, linhas 423 a 436), ou quando conta à terapeuta que, na última segunda-feira, antes da sessão, ela o acompanhou até o hospital (S1, ANEXO B, p.194, linha 37).

Dividimos a sessão em duas cenas, baseando-nos na temática "autonomia" e no esquema narrativo canônico e subjacente. A característica da primeira cena é o fato de a destinadora-terapeuta conduzir a sessão pautada no programa narrativo de interpretação. Kaori, também como destinadora-manipuladora, manipulou a destinatária-terapeuta, fazendo-a crer que havia cumprido o percurso de *fazer-fazer* ("deixar o filho andar sozinho de metrô"), recebendo da destinadora-terapeuta uma retribuição por sanção cognitiva positiva (o reconhecimento e o afeto da terapeuta). A segunda cena ocorre a partir da linha 89 (supracitada, no Exemplo 8).

A mentira é desvelada, a manipulação do *fazer crer* da destinadora-Kaori perde a força. No percurso julgador, a destinadora-julgadora-terapeuta sanciona

negativamente Kaori, com a retirada de objeto de valor "afeto", mas logo tenta refazer a manipulação do contrato do *fazer-fazer*: "deixar Luís andar sozinho de metrô". A destinadora-terapeuta, destacamos, modula sanções de modo leve, em termos de impacto. A retirada de graus de afeto não pode servir como rompimento da relação entre os dois sujeitos. Se se rompesse a relação, se quebrariam os laços da terapia, eliminando totalmente a possibilidade de ação da terapeuta. Se o "trabalho" é um valor do destinador-terapeuta e se ele é efetivado na relação entre sujeitos, a terapeuta deve manter tal relação. Caso contrário, terá fracassado em se manter em conjunção com o valor "atendimento". Em outras palavras, o gradiente da ação da terapeuta deve ficar nos limites inferiores de impacto da manipulação. A ação da profissional deve influenciar minimamente, em termos de intensidade, a ação do destinatário-cliente. Quanto ao julgamento, a sanção também não pode ser forte a ponto de interromper a relação.

A sanção-julgadora da destinadora-terapeuta se pautou, em S1, principalmente pelo "afeto". Além do conteúdo veiculado na expressão "a senhora conseguiu", observamos, no excerto abaixo, uma modulação prosódica característica dos afetos "alegres", como o prolongamento vocálico:

> Exemplo 12 – fala da terapeuta:
>
> T: pro::ntinho... ((referindo-se ao gravador estar em funcionamento)) dona K. então L. me contou que ele veio SOzinho então da... M ((estação de metrô em São Paulo)) na quinta-feira? a senhOra conseguI::u.
>
> (In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 01 a 03.)

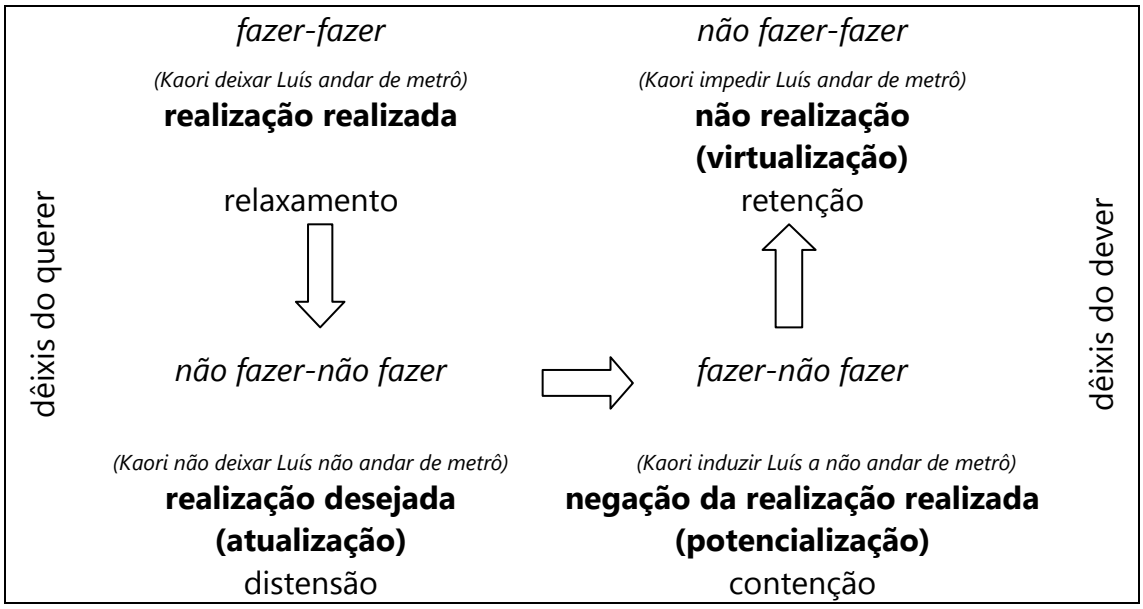
Por acreditar que o contrato, que supõe o *fazer-fazer* de Kaori em relação a "Luís andar sozinho de metrô", se cumprira, a terapeuta traz como tema pequenos acertos ligados à "independência": "dormir sozinho no quarto", "acordar sozinho para um compromisso" e "ir ao hospital desacompanhado da mãe". Em seguida, no *corpus*, há um diálogo sobre a visita de Kaori à irmã (Mi), em que Kaori e a terapeuta

descobrem que é o mesmo bairro em que mora a terapeuta. Assim, há uma conversa sobre o cotidiano, que foge notoriamente ao tema tratado até então, em S1, na primeira cena. Os três conversaram sobre essa coincidência de forma muito afetiva, dando a impressão de um tempo configurado como uma pausa nas cobranças e nas conversas sobre a independência de Luís:

Exemplo 13 – diálogo entre a terapeuta, Kaori e Luís:

K: fui lá em H ((nome de bairro de São Paulo)) hoje.
L: é bem longe daqui a casa dela.
K: longe não é::.. que eu eu faço confusão... porque eu nu:m... é difícil eu ir lá.
T: eu sei eu moro em H é lo::nge:.
K: é num lugar esquisito lá.
L: você mora nesse mesmo lugar em H?
T: moro em H.
L: ah::.
[
K: é uma subi::da lá da V ((nome de rua do bairro H)) aí depois entra na G ((outro nome de rua do bairro)) você conhece?
T: sE:::i pe::rtinho de ca::as.
K: ((risos)) É pertInho?
T: é pertinho da minha casa... dá pra ir a pé.
(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 56 a 69.)

Utilizando as categorias modais *querer vs dever* e fazendo-as coincidir com as categorias tensivas (ZILBERBERG, 2006), temos a seguinte construção, cruzamento da *foria* da destinadora-terapeuta, responsiva ao *fazer-fazer* da destinatária-Kaori:



Quadro 1 – Relação entre as categorias fóricas da destinadora-terapeuta e o fazer da destinatária-Kaori

Por meio da manipulação e da existência de um contrato de fidúcia, a terapeuta, como destinadora-julgadora, crê na realização do fazer da destinatária-Kaori. Ao propor a Kaori a junção com esse *fazer*, ou melhor, com esse deixar fazer (permitir), a destinadora-terapeuta entra no polo do relaxamento, fruto do suposto estado de realização da perfórmance de Kaori. As falas da terapeuta e de Kaori se voltam para um assunto que foge ao tema e que, num primeiro olhar (no modo do parecer), assemelha-se ao gênero *conversacional*, afastado das características do *discurso científico*, coercitivo do gênero *sessão de psicoterapia*. É também o único momento da sessão em que a terapeuta se enuncia como "eu" ("eu sei eu moro em H é lo::nge::"). Sabemos que Luís anda de metrô e que Kaori vai ao médico, mas o que sabemos sobre a terapeuta? Que ela é terapeuta e que mora no mesmo bairro que a irmã de Kaori. A terapeuta sai da posição de destinadora da ação para um lugar outro, quando levamos em consideração que o papel de qualquer terapeuta deve coincidir com a aplicação do discurso científico fundador.

Entretanto, num segundo olhar, retomamos o que foi dito: a destinadora-terapeuta faz sua ação incidir sobre a relação que estabelece com os destinatários-clientes usando o "afeto" como uma das moedas de troca nas relações contratuais do

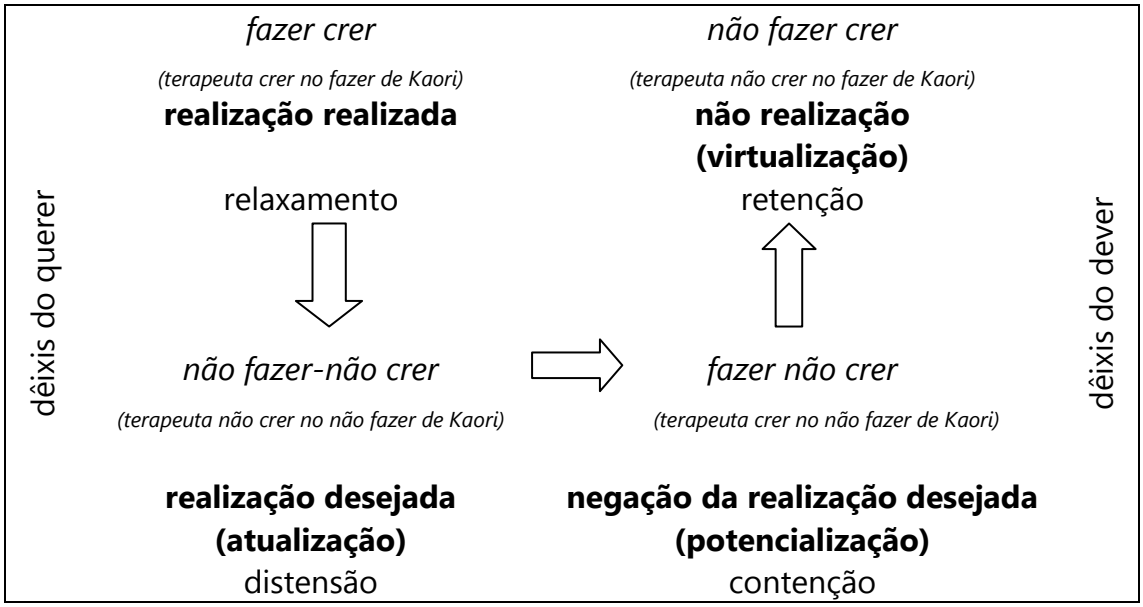
esquema narrativo canônico. Ao estabelecer uma conversa sem cobranças, orientada pela meta de ação de Kaori de "permitir que Luís ande sozinho de metrô", e ao identificar-se como moradora do mesmo bairro que um dos familiares de Kaori, a terapeuta executa o que o discurso do *behaviorismo* radical denomina consequência positiva ao comportamento do organismo (SKINNER, 1998 [1953]). Em breve resumo, para o *behaviorismo* radical, quando a ação do organismo é seguida por uma consequência positiva fornecida pelo meio ambiente/social, há uma probabilidade de fortalecimento ou recorrência da emissão dessa ação, quando efetuada nas mesmas condições. Só é possível saber se a consequência de fato foi positiva se houver, em situações semelhantes futuras, um aumento efetivo da ocorrência da ação do organismo. O que a terapeuta pode ter feito, depois de avaliar que Kaori permitiu a Luís fazer, foi justamente realizar um momento de consequência positiva, na forma de uma conversa mais livre, despojada de análises, em que há risadas, pontos comuns e manifestação de afeto.

Após a conversa sobre um ponto comum entre Kaori, Luís e a terapeuta, esta retoma o tópico "autonomia", descobrindo que o contrato proposto não havia sido cumprido:

> Exemplo 14 – diálogo entre a terapeuta e Kaori:
>
> T: ah:: lega::l.
> K: é eu acertei... é só achar o no:me da rua e já não erra.
> T: mas daí você acompanhou o L. então até a Sé... é isso?
> K: é até o/ não eu deixei ele aqui na:: na catraca.
> T: entÃO dona K. ... então você não deixou ele sozinho... você trouxe aqui até a catraca das B ((estação de metrô ao lado da instituição)) e foi para H?
>
> (In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 85 a 90.)

Nesse trecho da sessão, a terapeuta descobre que Luís não tinha andado de metrô sozinho, que a mãe a ludibriara. As cenas precedentes foram vividas passionalmente pela destinadora-terapeuta, no polo da "alegria", do

“contentamento”, fruto de sua co-participação na conjunção de Kaori com o valor “realização”. Em relação à ação terapêutica, a terapeuta se realiza. Entretanto, em confronto com a perfórmance de Kaori, se desilude. A fidúcia passa do relaxamento/distensão à retenção. O *fazer-crer* transita para o *não fazer-não crer* e, finalmente, para o *não fazer crer*:



Quadro 2 – Relação entre as categorias fóricas da destinatária-Kaori em resposta ao fazer persuasivo da destinadora-terapeuta

No Quadro 2, destacamos as categorias fóricas sob o ponto de vista de Kaori. Quando a terapeuta inicia sua prática acreditando no seu *fazer-fazer*, Kaori não está no polo do relaxamento, pois vive a possibilidade da mudança de estado a qualquer momento – basta que a terapeuta desvele sua mentira. Kaori não crê que sua manipulação tenha sido eficaz, por isso, situa-se foricamente no polo da distensão/contenção para a retenção. O fato de o contrato não ter sido cumprido de fato faz com que Kaori titubeie, vivendo o estado de expectativa do acontecimento ruim, como ocorre na paixão da angústia. Conforme Mello e Athayde (2008, p.258):

> Toda vez que o indivíduo depara com sua impossibilidade constitutiva (não consegue mudar sua condição de sujeito

> virtual) e não consegue lidar com a frustração da espera não atendida, a angústia surge e sua finalidade é afastar e proteger o sujeito desse sentimento de falta. Nesse sentido, a angústia, ao mesmo tempo em que traz sofrimento, também tem como função a preservação do indivíduo.

Relaxamento e distensão se configuram em estados tensivos tornados impossíveis de alcançar, para Kaori. Primeiro, porque não acredita na eficácia de sua persuasão da crença da terapeuta e, segundo, porque há também o desejo de um filho autônomo em relação à vida, embora submerso no medo. Assim que a mentira é desvelada, as falas afetivas da terapeuta se reduzem sensivelmente, mesmo que por um curto período de tempo. Destacamos o indício da redução na variação prosódica e no aumento de frases monossilábicas, apontando a mudança tensiva da terapeuta do polo relaxado ao retensivo:

> Exemplo 15 – diálogo entre a terapeuta e Kaori:
>
> T: não é hoje?
> K: ela faltou... hoje ela ligou falou que não ia me atender.
> [
> T: tá.
> K: amanhã eu tenho/
> [
> T: tá.
> (In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 99 a 105.)

Em seguida à descoberta da mentira, a terapeuta retoma a fala afetiva e tenta refazer o acordo. Isso acontece por meio de diversas manipulações, com o terapeuta sempre apontando os possíveis benefícios que ambos terão, se cumprirem o novo contrato. Em outras palavras, a competência do destinador-terapeuta está em transformar o que foi dito como um *querer* da destinatária-Kaori; não só *querer*, mas *poder querer*: permitir que Luís ande sozinho de metrô:

Exemplo 16 – diálogo entre a terapeuta e Kaori:

K: senão até que eu fico aqui assim... né... de manhã até:: agora... esperando.
T: cÊ vê... né dona K. ... se... se quando o L. conseguir fazer... esse caminho sozi::nho você não vAi precisar esperar tudo.
(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 106 a 108.)

Exemplo 17 – diálogo entre a terapeuta e Kaori:

K: hum...o dia que eu tiver bastante serviço você vai vir sozinho viu? se for pedreiro lá para arrumar o... vazamento lá... cê vai ter que vir sozinho
T: ai que bom dona K. cê vai ter mais te::mpo... para cuidar do pedreiro e das coisas
(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 540 a 542.)

Ir ao tratamento e não passar o dia inteiro no hospital, cuidar do pedreiro, visitar a irmã sem se preocupar com levar e buscar o filho, não gastar tempo na fila da farmácia popular para pegar remédio são objetos de valor desejados por Kaori. A terapeuta colocou a independência de Luís em seus deslocamentos como condição de acesso a tais objetos. Além dos desejos de Kaori, que reputa exequíveis, a terapeuta afirma que o desenvolvimento da autonomia do rapaz é importante para que ele se torne um sujeito completo. É a saúde comportamental do filho que ficará comprometida se Kaori continuar a impedi-lo de ser autônomo. Diante dessa fala, ela se compromete novamente a mudar:

Exemplo 18 – diálogo entre a terapeuta e Kaori:

T: faz parte do tratamento dele é importante que o que você escreva aqui a senhora cumpra... você entende dona K?
K: ((risos))
T: ((23 segundos)) o quê que cê está pensando?
K: acho que é só isso não tem nada ((risos)) mais "daqui-por-diante-eu-ire::i-construi::r" acho que tá errado esse português né?

T: tá certíssimo... não tem nada de errado não... e o que menos importa aqui é o português... tá ótimo, tá ótimo pode continuar escrevendo... ((12 segundos)) é só a volta lembra? não é a/ é daqui pro B é do B/ da tua casa pra cá.
K: então é só isso... por enquanto né? ((risos))
T: vem cumprir o quê? o quê que você vai cumprir ai?
K: o que foi dito aí.
T: o que foi dito? quero escrito aí.
K: você quer que e::u... dê liberdade né L.? ((risos)) "ire::i-cumpri::r"... pegou eu... pegou... agora pegou.

(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 503 a 517.)

Embora participe pouco das cenas, Luís tem um papel especial, ao servir de apoio para a manipulação da terapeuta, que lhe pede provas de sua competência para a ação de andar sozinho de metrô:

Exemplo 19 – turno da terapeuta:

T: peraí fala pra gente então deixa ele falar qual que é o processo que tem que fazer para ir pra tua casa daqui?
L: bom mais fácil é:... vai indo assim...
[
T: peraí... não.... peraí.... começa do zero saindo daqui de B do hospital... pra onde você vai?
L: é:... o ponto de ônibus que passa... praça R Anhangabaú XXX ((número do ônibus)) de ônibus chega até a estação do Anhangabaú... desce... e aí vai indo desce a escada... inteira passa pela catraca... depois tem a::... onde vende sorvete... picolé... vira desce... pega o metrô que vai até o Corinthians-Itaquera... desce na M... aí chega na rua W ((rua onde pega ônibus em M)) depois/

(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 344 a 354.)

A sessão se encerra com a elaboração de um contrato escrito pelos três, em que Kaori se compromete a deixar o filho a ir sozinho do metrô para o hospital, desde que ele esteja bem de saúde, bem orientado, com documentos de identificação e telefones para ligar, se houver alguma emergência.

O nível discursivo presente na superfície do percurso gerativo é o mais complexo e concreto, o mais rico em estruturas discursivas. As estruturas narrativas convertem-se em discursivas quando são assumidas pelo sujeito da enunciação, deixando certas marcas no enunciado (BARROS, 2002). As formas abstratas do nível narrativo são preenchidas nesse nível, "revestidas de termos que lhe dão concretude" (FIORIN, 2009, p.41). Além da definição clássica do nível discursivo e de suas propriedades, autores da área têm enfatizado a importância do discurso como um ponto de vista, como corpo, ou enunciação em ato:

> [...] o discurso é uma enunciação em ato e este ato é, primeiramente, um ato de presença: a instância de discurso não é um autômato que exerce uma capacidade de linguagem, mas uma presença humana, um corpo sensível que se exprime (FONTANILLE, 2007, p.83).

Ao percorrer o discurso com vistas ao exame da sintaxe e da semântica discursivas, buscamos o sentido também por meio desse corpo enunciativo. Começamos a depreensão do nível discursivo do percurso gerativo do sentido como sugere Discini (2004a, p.120), com "observações contextualizantes", na intenção de "'ouvir alguma voz pertencente a este século". A autora afirma que as "observações contextuais dizem respeito à enunciação pressuposta" e que devem ser recuperadas "*no* e *pelo* enunciado", reconstruindo a enunciação por meio da análise interna de um texto (IDEM, p.123). A apreensão da enunciação é parte da possibilidade de cognição da imagem dos sujeitos discursivos, produto das marcas que deixam no enunciado, das quais se depreendem valores expressos.

O gênero *psicoterapia* nasce no final século XIX e se consagra no XX como um gênero *conversacional* que engendra o discurso da saúde e da ciência. Sua historicidade se manifesta também em valores discursivizados como recursos da figuratividade e da tematização. Temos, por exemplo, o *metrô* como figura que contém em si valor histórico, como um meio de transporte contemporâneo. No *corpus*, não há referência a *carruagem* ou a *discos voadores*, que seriam transportes

com outra conotação de tempo e espaço. Assim, o eixo do discurso é a vida dos sujeitos figurativizados como *clientes* que, da mesma forma que os *terapeutas*, são denominados atores da enunciação: uma enunciação de cada interlocutor. De acordo com a definição de Fiorin (2008a, p.141), atores são "o lugar de convergência e de investimento de um componente sintático e de um componente semântico". Em outras palavras, a definição implica a presença de um revestimento temático-figurativo: o sujeito do nível narrativo se reveste dos papéis temáticos e das figuras de *cliente* e de *terapeuta* tendo, no entanto, funções actanciais diferenciadas. Outro exemplo de discurso contextualizado é a incerta autonomia de um jovem de 23 anos, num corpo presencialmente fraco, que ressoa desejos e vontades dos outros actantes da sessão da psicoterapia (S1). A "autonomia incerta" é um valor culturalmente indesejado pela sociedade desta época. O discurso da psicoterapia visa romper, ou pelo menos diminuir, esse modo "autonomia incerta" de estar no mundo. Do ponto de vista do ator *mãe*, no lugar daquela que tem um *filho* com um *diagnóstico psiquiátrico de transtorno grave e prolongado*, o valor *autonomia* surge com uma conotação diferenciada. Segue uma passagem que sugere tais mecanismos:

Exemplo 20 – diálogo entre a terapeuta e Kaori:

T:"e::-se:-a::-mã:e-ti::ve:r::-que::ir:-a:o:-B:B:-co:m-o-L.::-dei:xa::rá:-ele:-sO::zi::nho::na:: ca:tra:ca:-a:nte:s-de::e:ntra::r-no:-me::trô::" tudo bem?
K: olha... L.... tá vendo... quanta coisa... aí cê vai conseguir ir até na Mi lá é difícil lá mas você vai aprender... né?
T: A:: se vai... claro que vai.
K: vai longe... é bom né?
L: é
K: mãe vai torcer por você... cê não é diferente dos outros? ((risos))
T: e eu vou torcer pelos dois.

(In: S1, ANEXO B, p.194, linhas 590 a 598.)

Nessa cena, Kaori afirma que o filho vai aprender, porque ele "não é diferente dos outros", comparando as habilidades do filho às de *outras pessoas*. É o social que se apresenta como uma figura de medida: se os outros conseguem, e o ator *Luís* tem traços de semelhança com esses outros, logo, ele conseguirá também.

No excerto supracitado, há uma interação enunciativa entre atores que se assemelha ao gênero *dialogal*, *conversacional*. Entretanto, diferentemente do diálogo espontâneo, notamos que o ator-terapeuta não se enuncia como "eu sou", enquanto os atores-clientes contam suas histórias e seus atos. Sabemos muito pouco do cotidiano da terapeuta não só na sessão 1, como também nas 2, 3 e 4 deste *corpus* (ANEXOS C,D e E), em contraposição a uma grande amostra das vidas dos clientes. Corpo e contexto são termos a ser cotejados no nível discursivo do percurso gerativo, na medida em que nossa intenção é desvelar o caráter, a voz e o tom dos enunciadores, ou seja, o *éthos* do enunciador. É também esse o principal nível responsável pelo efeito de estilo; ele não é invariante de outro nível variável, o que faz com que seja a manifestação dos conteúdos expressos no texto. Temos em Bally, por exemplo, o estudo da estilística discursiva pautada em valores expressivos do léxico, das classes de palavras e da sintaxe (DISCINI, 2004b). Biderman (2001) estuda as ciências do léxico pautado na observação de como o léxico se relaciona com um processo tanto de nomeação quanto de cognição do universo. E, por mais que Greimas (1974) tenha criticado a postura de Van Dijk em relação à questão da imanência, este se esmerou em estudar a historicidade e o ideário por trás de estruturas lexicais e, portanto, figurativas (cf. VAN DIJK, 2003).

Podemos também entender estilo como uma construção discursiva dada pela recorrência de um modo de dizer, pela maneira pela qual os actantes-sujeitos se ocupam do espaço e do tempo e pelo do exame da utilização de temas, figuras e argumentos (DISCINI 2004b; BARROS, 2002). O que pretendemos entender com a análise da sintaxe e da semântica do discurso da sessão de psicoterapia é como se constrói a maneira particular de dizer, responsável por esse efeito de individuação específico cuja denominação é o sujeito da *psicoterapia*.

Retomando o que foi dito, toda enunciação pressupõe um enunciador, pelas marcas que deixa na produção no enunciado, e é possível recuperá-las por meio da análise interna do texto. O *corpus* de análise ora contemplado (Sessão 1) é um produto relativo a uma prática social, materializado em registro em áudio e numa transcrição. A mudança de linguagens imprimiu ao texto final marcas discursivas próprias das linguagens que o constituíram. Temos a oralidade marcada graficamente pelo código NURC, a informalidade do gênero conversacional e o registro da transcrição com a demarcação dos turnos de fala. Ponderamos que a análise deve colocar em interface os conceitos de enunciação e de gênero, pois cada gênero terá um sujeito da enunciação que o escolheu e um enunciado com dêiticos próprios. No *Dicionário de Semiótica*, gênero é:

> [...] uma classe de discurso, reconhecível graças a critérios de natureza socioletal [...]. O estudo da teoria dos gêneros, característico de uma cultura (ou uma área cultural) dada, não tem interesse senão na medida em que pode evidenciar a axiologia subjacente à classificação: ele pode ser comparado à descrição de outras etno ou sociotaxionomias (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p.202).

A alternância de linguagens gera diferentes configurações de enunciação. Determinado agrupamento de enunciações pode pertencer a uma mesma sociotaxionomia, definindo um conjunto de enunciados, ou pelo menos servindo como uma qualidade fortemente presente na delimitação de um conjunto. Ressaltamos que, para os autores, a importância dessa taxionomia repousa no conceito de estratificação social, ou seja, na imagem de um grupo de sujeitos delimitado por critérios culturais. Um gênero raramente é puro; na grande maioria das vezes, é fruto da intersecção de diversos gêneros (BAKHTIN, 2003). No caso da sessão de psicoterapia presente no *corpus*, denominamos os gêneros como *psicoterapia* e *psicoterapia escrituralizada*, esta última, com marcas de um gênero *conversacional*. Todos os excertos são delimitados de acordo com uma sintaxe

discursiva específica, que, entretanto, é a recorrente: a instauração de interlocutores em diálogo direto é um exemplo.

No texto transcrito (modalidade *transcrição*), observamos uma enunciação implícita: o sujeito é o *autor da transcrição*, é o produtor do ato comunicativo escrito, aquele que assina simbolicamente o texto. Entretanto, esse sujeito dissimula ao máximo sua existência, tornando concretas as presenças de três actantes do enunciado: *Kaori*, *terapeuta* e *Luís*. Nesse tipo de texto, a discursivização ocorre num tempo presentificado da terapeuta, de Kaori e de Luís, que estão em função do agora, do ato de enunciar. Englobando tudo, temos um sistema enunciativo de pessoa, tempo e espaço: eu, aqui, agora. Temos, então, o predomínio do presente, do passado do presente e do futuro do presente. Se surgem recortes enuncivos como o tempo do "então", eles são incorporados em cada turno assumido do presente da fala. Chama-se discursivização o mecanismo que instaura a pessoa, o espaço e o tempo da enunciação e, consequentemente, a representação actancial, espacial e temporal (FIORIN, 2005). O sujeito da enunciação só está sugerido na delegação dos turnos de fala, indicando o produtor do turno da vez (K. para o turno de Kaori, T. para o da terapeuta e L. para o Luís) e também as marcas de oralidade da codificação do NURC. Vejamos:

Exemplo 21 – diálogo entre a terapeuta, Kaori e Luís:

T: mas aquele dia o L. mostrou que ele é mais competente do que aquilo que a gente pensava né? porque ele foi sozinho até B né? ele não precisou nem de companhia.
K: é ele esqueceu de esperar na catrAca e a gente viu e ficou apavorAda... você já tava aquI né?
L: é.
K: aquele dia deu um desespero...((gaguejo)) é você quantos prédios você foi na Vergueiro?
T: na B é a gente deixou ele na Vergueiro para ele ir sozinho.
K: tá bom... né L.
L: é.

(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 280 a 289.)

Desse modo, o sujeito da enunciação produz como efeito de sentido o próprio campo presencial enfraquecido, mostrando-se impalpável. Ao ser manifestado apenas na organização do texto, esse sujeito da enunciação sugere uma debreagem denominada enunciva (FIORIN, 2005). Ele é de tal modo fraco ou esvaziado, que sua presença é secundarizada em grau máximo.

Comparemos esse sujeito com o de qualquer reportagem de jornal. Tomemos o seguinte exemplo: "Comissário da ONU vai à Geórgia negociar; refugiados somam 158 mil" (MORAES, 2009). Temos Márcia Moraes como sujeito da enunciação, numa dissimulação produzida apenas pelo efeito gerado pelo uso da terceira pessoa: um afastamento que ratifica uma "imagem de objetividade e distanciamento do enunciador em relação ao próprio enunciado e em relação ao enunciatário-leitor" (DISCINI, 2005a, p.65). Entretanto, na reportagem, esse sujeito está sugerido como aquele que diria "[Eu digo]: Comissário da ONU vai à Georgia..." (GREIMAS, 1974; FIORIN, 2005). Na transcrição, poderíamos entender esse sujeito como algo do tipo "Eu digo apenas que quem diz é Kaori". Desse modo, podemos concluir que o sujeito da transcrição continua sendo um sujeito caracterizado como o sujeito da enunciação, mas num grau de afastamento maior, se comparado com o sujeito *Márcia Moraes*.

O gênero *psicoterapia* remete a uma prática social. Devido à necessidade de registro, fizemos uma transposição para o texto escrito, criando o chamado efeito de escrituralização, como dissemos antes. De fato, no gênero *psicoterapia* temos o número mínimo de dois enunciadores, ora firmados como interlocutores: o terapeuta e o cliente. Já no gênero *psicoterapia escrituralizada*, o sujeito enunciador primeiro é aquele produzido pelo efeito de ausência, completamente supérfluo e que, exatamente por esse motivo, faz emergir para o centro da cena os enunciadores-interlocutores. Estes, de uma debreagem enunciativa de segundo grau, estão soltos do enunciador-transcritor, que passam a exercer papéis de interlocutores livres do narrador. Assim, temos os atores *terapeuta*, *Kaori* e *Luís*, no caso da S1. Não temos a

sessão de terapia observada em presença "pura" no *corpus*, ou seja, não temos em mãos o gênero *psicoterapia "in natura"*, mas sua variação, fruto da interface com a transcrição, o gênero *psicoterapia escrituralizada*. Consideramos os três sujeitos da enunciação que se alternam nos turnos de fala definidos por uma enunciação de segundo grau, ou seja, a enunciação com voz delegada pelo enunciador/narrador implícito. Por isso, os atores são interlocutores. Temos os sujeitos *Kaori*, *terapeuta* e *Luís* apresentados na função de sujeito da enunciação de primeiro grau, devido ao fato de o narrador estar completamente dissimulado; a tal ponto dissimulado que só valem as enunciações debreadas daqueles três sujeitos referidos. Seguindo fielmente a definição teórica de enunciação proposta por Fiorin (2005), o gênero *psicoterapia escrituralizada* refere-se ao texto da interlocução, o produto da debreagem enunciativa de segundo grau. A interlocução é caracterizada como o terceiro nível da hierarquia enunciativa (debreagem enunciativa de segundo grau). No texto da interlocução (S1), há três interlocutores que alteram entre si os turnos de fala e, por consequência, os lugares ocupados pelo *eu/tu*. Essa troca simultânea de vozes projetada no enunciado é responsável pela produção do discurso direto, que é só um "dos modos diversos pelos quais a instância da enunciação projeta e produz seu texto-enunciado" (BARROS, 2003, p.121). Esse é um efeito presente, especialmente, no gênero *conversacional* e, por isso, penetramos nesse momento na interface entre este e o gênero *psicoterapia escrituralizada*.

Barros (2002) afirma que a ancoragem do texto por delegação de vozes no discurso direto conduz o destinatário à aceitação dos valores veridictórios, no nível narrativo, que o enunciador deseja transmitir. Tanto mais intenso é o valor veridictório quanto mais presentes estiverem as estratégias de referencialidade no ato das trocas enunciativas espontâneas. Há nessa cena enunciativa personagens que firmam a certeza de ser de "carne e osso". Há a descrição de espaços concretos como a "sala que tem janelas de onde vem barulho" (S1, ANEXO B, p.194, linha 33/34); "um gravador" (S1, ANEXO B, p.194, linha 1); "espaços como o metrô" (S1, ANEXO B, p.194, linha 2); "o hospital" (S1, ANEXO B, p.194, linha 35), num tempo que se

transforma, pois há passado, presente e futuro: "hoje" (S1, ANEXO B, p.194, linha 41, 42). Assim, um dos fortes simulacros do gênero *conversacional* é o efeito de referencialidade, de veracidade histórica dos valores e dos atos enunciados: nesse gênero, o discurso direto incide no modo de presença realizada como eu, aqui, agora dos três atores da cena enunciativa selecionada. Eis dois dos segmentos referidos:

> Exemplo 22 – turno da terapeuta:
>
> T: ah::... legal... dona K. ele me falou/ --deixa eu fechar aqui ((se referindo a janela, por conta dos altos ruídos)) -- ele me falou que:::... que:::... de segunda-feira a senhora está acompanhando ele atÉ aqui ((referindo-se à instituição onde eles são atendidos)).
>
> (In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 34 a 36.)

> Exemplo 23 – turno da terapeuta:
>
> T: hoje?... mAs hoje você veio com ele ((conversando com K.)) ou você veio sozinho ((conversando com L.)) então? não entendi.
>
> (In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 48 e 49.)

Os atores são designados por pronomes tanto de tratamento como pessoais, típicos do gênero *conversacional*. Kaori é designada *ela* (S1, ANEXO B, p.194, linha 23, fala de Luís), *a senhora* (S1, ANEXO B, p.194, linha 3, fala da terapeuta), *eu* (S1, ANEXO B, p.194, linha 37, fala de Kaori), *dona* (S1, ANEXO B, p.194, linha 33, fala da terapeuta), *você* (S1, ANEXO B, p.194, linha 58, fala da terapeuta), *a mãe* (S1, ANEXO B, p.194, linha 29, fala de Luís). Luís, por *eu* (S1, ANEXO B, p.194, linha 21, fala de Luís) e, predominantemente, *ele* (S1, ANEXO B, p.194, linha 6, fala de Kaori, linha 31, fala da terapeuta). A terapeuta, por *eu* (S1, ANEXO B, p.194, linha 34, fala da terapeuta) e, duas vezes, por seu nome próprio (S1, ANEXO B, p.194, linha 356, fala de Kaori). Segue um exemplo:

Exemplo 24 – fala de Kaori:

K: : não o que a T. tá perguntando é que como é que cê faz para ir de metrô... daqui... de B.

(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linha 356.)

A intercalação de vozes no decorrer do discurso produz o simulacro de aproximação entre interlocutores também quando projetam dêiticos e marcas de presença. A importância de observar as marcas dêiticas em função dos sujeitos interlocutores advém da possibilidade de depreensão oferecida por esse recurso; quando as marcas descrevem as condições de produção dos enunciados, o fazem a partir da posição do sujeito que enuncia, pois, "como a pessoa enuncia num dado espaço e num determinado tempo, todo espaço e todo tempo organizam-se em torno do 'sujeito'" (FIORIN, 2005, p.42). Lembramos que, no gênero em pauta, os interlocutores são observados como enunciadores, já que a primeira e a segunda instâncias enunciativas (enunciador e narrador) estão "apagadas" na sessão de psicoterapia escrituralizada.

Em S1, o tempo varia em função das ações desses sujeitos: o *amanhã* para o médico de Kaori (S1, ANEXO B, p.194, linha 96/97, fala de Kaori: "só que amanhã tem atendimento com a doutora A ((médica de dona K.)) também e aí eu vou::.../"); o *hoje* para o cancelamento do médico de Kaori (S1, ANEXO B, p.194, linha 100, fala de Kaori "ela faltou... hoje ela ligou falou que não ia me atender."); o *futuro próximo* manifesto pela forma não adequada ao padrão culto ("quando Luís fazer") do futuro do subjuntivo, quando a terapeuta descreve valores com os quais o destinatário Kaori deve entrar em conjunção, se cumprir o contrato proposto no nível narrativo (S1, ANEXO B, p.194, linha 107/108, fala da terapeuta: "cÊ vê... né dona K. ... se... se quando o L. conseguir fazer... esse caminho sozi::nho você não vAi precisar esperar tudo."), também com uma inadequação ao padrão culto (fazer-fizer), entre outras marcas temporais. O tempo aparece como efeito mais de limite do que de limiar,

pois: não se tem "naqueles tempos", mas sim a *segunda-feira* última (Exemplo 22); o *hoje* (Exemplo 2); o *dia da visita* da médica (Exemplo 15) etc.

O espaço varia de acordo com investimento modal dos sujeitos. Para fins de exemplo, o metrô deve ser utilizado por Luís na visão da terapeuta (Exemplo 1: "a senhOra conseguI::u" – deixá-lo andar de metrô) e também para Kaori, embora para ela esse espaço seja disforizado, não seja seguro, inspirando aflição e medo (S1, ANEXO B, p.194, linha 234/235, frase de Kaori: "e a mãe também... a aflição tá passando toda vez que ele sai assim dá um frio::zinho na barriga."); é o lugar onde eventualmente o cliente precisa de ajuda (S1, ANEXO B, p.194, linha 278 e 279, fala de Kaori: "é eu preciso de aju::da e os metroviários lá ajudam."), lugar que faz com que ela oriente Luís em relação a modos de proceder (S1, ANEXO B, p.194, linha 172 a 174, fala de Kaori: "não cê fica lá no me:io lá no corredor... tá assim de gente e você tá lá:: vendo coisas... vendo a carteira... [...] senão alguém passa e tchum é que aqui não tem né?").

Para Kaori, o hospital é o lugar do atendimento, onde ficam os médicos; lugar da segurança (S1, ANEXO B, p.194, linha 202/203, fala de Kaori: "dava a impressão:: que aqui era tão:: assim... ime::nso né? que eu quase me perdia aqui dentro... mas agora é tão pequenininho né?"); do médico de seu filho (S1, ANEXO B, p.194, linha 761, fala de Kaori: "ah:: dia dezesseis qualquer coisa vou:: falar pro médico dele também."). Luís é um sujeito possuidor de menor incidência nos turnos de fala, em relação aos atores terapeuta e Kaori. É a pessoa de quem se fala em grande parte do tempo, é o sujeito cuja posição pode ser eufórica ou disfórica para os corpos enunciativos dos interlocutores *mãe* e *terapeuta*.

O fato de a estratégia do discurso direto aparecer tanto no gênero da *psicoterapia escrituralizada* quanto no gênero *conversacional* os aproxima: ambos tratam da (aparente) livre troca discursiva entre sujeitos interlocutores, enquanto permanece em segredo um sujeito que delega vozes; ou seja, a presença de um narrador é apagada totalmente; a alternância dos turnos de fala acontece de maneira

constante e fluida, principalmente entre os atores *Kaori* e *terapeuta*, pois Luís aparece mais especificamente quando é convocado.

Temos à mão um discurso figurativo por excelência. A figura é uma unidade da semântica discursiva equivalente ao léxico, visto em função de uma enunciação que tematiza e figurativiza o sentido após cotejá-lo em relações mais abstratas como as do nível narrativo. Deduzimos que as escolhas lexicais remetem à imagem do cliente e do terapeuta em sessão de psicoterapia, ambos aqui considerados como *éthos*, visto que foram depreendidos de uma totalidade de enunciados, se pensarmos nas quatro sessões do *corpus*. Segundo Gil (2006), o léxico faz parte do sistema da língua, e cada comunidade linguística tem seu próprio recorte lexical, definindo e revelando valores ideológicos e visões de mundo dos sujeitos enunciadores daquela cultura. Para a autora, pensar a figura como léxico encadeia no pensar a língua como sistema e como história:

> [...] o acervo de lexemas da língua também retrata o conjunto da experiência humana acumulada ao longo da história do homem, suas práticas sociais e culturais, assim como o movimento de expansão e alteração dessas práticas, o surgimento de novas experiências, novas ideias ou novas técnicas (GIL, 2006, p.402).

Desse modo, uma escolha lexical como *desgrudar um pouco da mãe* (S1, ANEXO B, p.194, linha 12, fala de Kaori: "é só d::esgrudar um pouco da mãe"), remete ao léxico "grudar" que tem em si o prefixo de negação *des*-grudar que, por sua vez, traz a negação dos atos, segundo Houaiss (2007). Nega-se grudar, que é "unir uma coisa a outra, através de substância própria", "ter propriedade adesiva, de fazer aderir ou aderir a alguma superfície", "ficar junto, próximo de outrem, não soltar", "de ficar atento, ter a atenção fixa em algo" e "ser aceito, bem acolhido; colar; arranjar-se". Trazendo o léxico para o discurso, observamos que o diálogo entre Kaori, terapeuta e Luís figurativiza o ato de descolamento desejável entre Kaori e Luís por meio da escolha de um léxico de bastante peso conotado, ou seja, descolar o que estava

colado dando a ilusão de um corpo único. A *autonomia* é figurativizada como um ponto de descolamento desejável entre Kaori e o filho:

Exemplo 25 – diálogo entre a terapeuta, Kaori e Luís:

K: é... só d::esgrudar um pouco da mãe
T: e a mãe desgrudar um pouco do filho também né? é os dois né?
[
K:é ele ((risos))
[
T: é:: o::s do::is
[
K: é ele
(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 12 a 19.)

Ainda considerando o léxico no sistema da língua, temos *prontinho* (S1, ANEXO B, p.194, linha 1, fala da terapeuta: "pro::ntinho"), realizado com prolongamento vocálico da vogal *o* – *pro*:: *ntinho* – em que o sufixo -*inho* indica grau diminutivo. Mas, nesse caso, esse sufixo tem conotação de afetividade. Isso se dá como uma relação lexical e semântica estabelecida no idioma. Tratando-se de discurso, temos a figura *prontinho*, que concretiza uma ambiência de não agressividade para compor a Sessão 1. O conceito de afetividade terna como suavização de embates ideológicos, expresso nos prolongamentos vocálicos e no uso de diminutivos, em contraposição à diminuição no prolongamento das vogais e ao aumento da quantidade de entonações, reitera o tom de voz da terapeuta, compreendido como *éthos*. Esse conceito retrata o mundo visto pelo próprio sujeito-terapeuta, euforizando o discurso *da saúde* em conjunção com o polo da afetividade; disforizando, por conseguinte, a agressividade como modo de interação nesse tipo de discurso.

Nas sessões de psicoterapia, porque tratam da vida cotidiana, as figuras se desenvolvem em problemáticas muito diferentes entre si: (Sessão 1) no andar de metrô; na preocupação de uma mãe que deve permitir que o filho, com diagnóstico

psiquiátrico, ande nas ruas sozinho; (Sessão 2) na preocupação com o trabalho e com como desenvolver uma carreira de acordo com o que o mercado pede e com o próprio gosto; (Sessão 3) no medo de lidar com diversas tarefas, mesmo sabendo executá-las bem; a comparação fortuita desse medo com o estilo de educação advinda da mãe; (Sessão 4) no fato de não ir ao banheiro nos momento das necessidades, fazendo-as na cama, na roupa ou onde estiver. Embora sejam discursos do cotidiano, eles se opõem ao discurso conversacional livre devido a certas coerções do gênero, como o fato de o terapeuta não expressar seus problemas. A orientação do interesse vai do terapeuta para o paciente. Seguem dois excertos, respectivamente, da sessão 1 e da sessão 3:

> Exemplo 26 – diálogo entre a terapeuta e Kaori:
>
> T: já dá para fazer isso? dona K. a senhora já sente que dá? para ele vir para M1 e você esperar na catraca?
> K: ((gaguejo)) a ida sim ainda não:: ainda não treinei a volta a volta ainda que tá meio assim... meio confusa que ele: quer voltar prum lado... quer voltar pelo Anhangabaú né?
> (In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 301 a 305.)

> Exemplo 27 – diálogo entre Alice (A) e Tito (T):
>
> A: Então, a tua mãe acha que você pode ter uma tendência a ter a tal da depressão, por causa do seu jeito de ser, pelo seu jeito de ser. E como é o seu jeito de ser? Eu estou te conhecendo hoje, eu não sei como é o seu jeito de ser.
> T: Ah... ela acha que... que eu... por exemplo não tenho muita confiança em mim, alguma coisa no trabalho, alguma coisa que eu até sei fazer, mas quando eu tenho que assumir uma responsabilidade, [...] E já fico tipo meio com medo sabe, acho que vou errar no trabalho...
> (In: Sessão 3, ANEXO D, p. 237, linhas 45 a 53.)

Na Sessão 1, a conjunção do destinador-manipulador terapeuta com o objeto-valor *autonomia*, no nível narrativo do percurso, e a tentativa de partilhamento desse valor com Kaori, são manifestadas por meio da ação desejável

de Kaori, isto é, permitir que o filho vá sozinho de metrô ao hospital. Fiorin (1989, p.41) destaca que uma das descrições presumíveis do nível discursivo é produzir "variações de conteúdos narrativos invariantes". Se, no nível narrativo, a doação do valor modal *competência* advém do destinador-manipulador (terapeuta) para o destinatário (Luís), no nível do discurso, ela aparece na forma do pedido da terapeuta para que Luís relate a sua mãe o percurso do metrô que realizou, como está expresso a seguir:

> Exemplo 28 – turno de Luís:
>
> Linhas 146 a 174 - L: ah foi acho que assim ensinou o desti:no destino que vai até:: a Vila Madale::na até::... deixa ir até o fim que tá escrito já na placa... aí tem aquele mapa... mapa metropolitano que fica na parede assim... e a mostra..
>
> Linhas 368 a 371 - L: a partir das B... pega o destino Ana Rosa... é::... de::sce lá na Paraíso pega o destino... Ana Rosa de B desce na Paraíso ou Ana Rosa mas Paraíso é mais perto... da Paraíso pega destino Tucuruvi... e desce:: na:: Sé da Sé vai direto chega na M pega ônibus e:: vai chegar até em casa.
>
> (In: Sessão 1, ANEXO B, p.194.)

Em S1, com *Kaori*, *Luís* e *terapeuta* como actantes e atores, os temas variam, mas se mantêm em torno da configuração temática da "autonomia" de Luís para usar o metrô, de acordo com o ponto de vista dos três atores. Para Barros (2005, p.68), tematizar um discurso é "formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percursos". Para examinar esses percursos, o analista deve utilizar "os princípios da análise semântica e determinar os semas que se repetem no discurso e que o tornam coerente" (IDEM). Para Discini (2005b, p.264), do ponto de vista da categorização, a temática é, ao mesmo tempo, ponto de agrupamento e de individualização de traços:

> O tema respalda os discursos ao reproduzir a categorização do mundo pelo ideário dos grupos sociais [...] A categorização, ao

> "engavetar" os seres, separa-os em conceitos classificatórios e promove o divórcio entre os nomes e as coisas [...] Ressalta-se que essas categorizações feitas linguageiramente e consideradas representações de grupos sociais constituem os temas.

Reiterando alguns excertos supracitados da Sessão 1, nela a independência é vista sob o ponto de vista de uma mãe que sente aflição, preocupação, mas que aceita esse valor expresso como possibilidade de conjunção para o filho. Na Sessão 2, por exemplo, há dois eixos temáticos principais: a questão profissional, figurativizada na contingência de Carlos fazer ou não faculdade:

> Exemplo 29 – diálogo entre Regina (R) e Carlos (C):
>
> C: É, porque eu tranquei a minha matrícula. Eu tava no quarto ano de Direito, na XXX (universidade), mas isso já faz uns sete anos, mais ou menos.
> R: Hum, hum.
> C: Então agora não tem nenhum jeito...
> R: Não tem como recuperar essa matrícula trancada.
> C: Eu tenho que fazer novo vestibular, e aí trazer o meu curriculum prá onde eu passar, prá ver se eu consigo...
> R (cortando): Aproveitar alguma disciplina.
> C: Aproveitar alguma matéria.
> R: Ah, que interessante.
> C: Então esse ano que não tenho compromisso moral com ninguém, vou ver se eu faço vestibular aí de novo e vai que passa, né?
>
> (In: Sessão 2, ANEXO C, p.214, linhas 02 a 13.)

E a questão parental, que concerne à relação de Carlos com os filhos e com os próprios pais e está assim expressa:

> Exemplo 30 – diálogo entre Regina e Carlos:
>
> R: E acho que você tá meio que reproduzindo aquele jeito de ser pai.
> C: Eu estou exteriorizando, né?

> R: É. Aprendendo a exercer a paternidade pautado no jeitão do seu pai.
> C: Tem a ver, tem a ver, eu me miro muito nele. Eu me...
> R: Foi um modelo prá você?
> C: Foi. Aliás, ele foi muito mais no pouco espaço de tempo, do que eu tenho sido com os meus filhos. Eu não tenho muita paciência com criança, esse negócio de conversar e coisa, que ele tinha de sobra.
> (In: Sessão 2, ANEXO C, p.214, linhas 117 a 124.)

A figurativização é um procedimento de preenchimento semântico dos percursos temáticos pela instalação de figuras no discurso. No exame do processo de tematização, atentamos aos contextos de organização dos percursos temáticos em função também da estruturação narrativa e dos valores narrativos. O modo de funcionamento das figuras está diretamente ligado aos estados juntivos (narrativos) invariantes em relação àquelas.

Se o nível discursivo cuida do discurso, o narrativo é o nível imediatamente inferior e invariante em relação àquele e trata do enunciado. Fiorin (2005, p.32) define narratividade como "simulacro de ações humanas", que cuida da "transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes" (IDEM, 2009, p.37). Barros (2005) enfatiza que a Semiótica parte de uma definição de cena/espetáculo, originária de Propp, propondo o nível narrativo como mudança de estados realizada por um sujeito transformador que age no mundo em busca de valores investidos nos objetos. Desvelar o sentido nesse percurso é uma tarefa que se deve empreender pela descrição e pela explicação da organização estrutural do texto (BARROS, 2002). Assim como Fiorin (2005), a autora incluiu no conceito de narratividade uma:

> [...] sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário, de que decorrem a comunicação e os conflitos entre sujeitos e a circulação de objetos (BARROS, 2005, p.16).

Como vemos em Barros (2005), Fiorin (2009) e Bertrand (2003), a força da teoria narrativa está calcada no conceito de transformação, ou seja, na mudança do sentido de um nível para outro e, tratando-se da narratividade, de um enunciado elementar até o esquema narrativo. A concepção de narrativa como um nível que define a ação do sujeito no mundo (sendo este o objeto) traz operações importantes a ser identificadas no discurso, no momento de compreender as estratégias desses sujeitos para tais transformações. Nesse nível, o percurso é visto da ótica do sujeito que interage com outros e investe valores no objeto. Ao adquirir também o papel actancial de destinador e de destinatário, esse sujeito ampliará, no discurso, seu papel temático, calcado, então, na formulação de programas narrativos. Brevemente, denomina-se: a) enunciado elementar – a mudança que se pauta pela relação dos actantes sujeito e objeto; b) programa narrativo – a situação em que um enunciado de fazer rege o enunciado de estado; c) percurso narrativo – a interação entre dois ou mais programas, constituindo "a trama de um esquema sintagmático de grande generalidade" (GREIMAS; COURTÉS, 1979); d) esquema narrativo – a relação de hierarquia entre os percursos narrativos (BARROS, 2005).

Como explicado antes, dividimos a narrativa subjacente à S1 em duas cenas principais; a primeira, das linhas 01 a 82, em que a terapeuta crê que Luís e Kaori cumpriram o acordo estabelecido previamente, de Luís andar sozinho no metrô, e a segunda, da linha 83 em diante, em que acontece o desvelamento de certa mentira e, em seguida, a tentativa de refacção do acordo.

A primeira cena corresponde aos seguintes fatos:

a) a terapeuta parabeniza Kaori por ter conseguido deixar o filho andar sozinho de metrô no dia relativo ao *hoje* da sessão;

b) Kaori diz que está conseguindo deixar o filho andar sozinho, mas que a responsabilidade do ato é de Luís, não dela;

c) a terapeuta afirma que a responsabilidade é dos dois, pois Luís deve andar sozinho, mas Kaori deve deixá-lo andar;

d) Luís conta que está realizando mais ações de maneira independente, entre elas, dormir sozinho no quarto;

e) a terapeuta pergunta indiretamente para Kaori por que na *segunda-feira* ela veio com Luís, insinuando que ela deveria deixá-lo vir sozinho;

f) Kaori se justifica com pressa que tinha para ir à casa da irmã, tendo deixado o filho "na catraca", como afirmou Luís;

g) o assunto toma outro rumo, Kaori conta como é longe a casa da irmã e como é demorado chegar lá. A irmã de Kaori e a terapeuta moram no mesmo bairro. Essa coincidência faz com que mudassem os rumos da conversa. Luís, Kaori e a terapeuta "batem um papo" sobre a coincidência, dão risada e fogem do tema anterior;

h) a terapeuta retoma o assunto e pergunta diretamente se Kaori havia cumprido verdadeiramente o acordo, e Kaori diz que não.

A terapeuta crê poder instituir Luís como sujeito de determinada perfórmance. Ela crê que *faz-fazer* Luís andar sozinho de metrô. A mãe, Kaori, ocupa o papel actancial de sujeito mediador dessa ação, mas, com sua preocupação, atrapalha o desenvolvimento da perfórmance de Luís. Há uma interdição desse fazer, por parte do sujeito mediador, e é sobre essa interdição que a terapeuta realiza seu próprio fazer, construindo, por meio de um fazer manipulativo, um modo de encerrar tal interdição. Pelo fato de Kaori intermediar a junção do objeto-valor junto à terapeuta, no papel de sujeito-mediador, Luís se torna necessariamente o sujeito da perfórmance. Por exemplo, em (S1, ANEXO B, p.194, linhas 428 a 438, diálogo entre Luís e a terapeuta) Luís conta à terapeuta que já tentou lembrar à mãe, quando estava com ela no metrô, que deveria vir sozinho ao hospital. Mas a mãe lhe disse que iriam juntos, pois ela tinha uma consulta médica. Em seguida, a terapeuta censura a ação da mãe, o que se reitera, no plano de expressão, por um suspiro e também pela repetição do nome da mãe, aumentando o efeito de tom reprobatório [(suspiro) dona K. dona K.]. Nesse excerto, há uma amostra de como funciona a mediação supracitada: Luís, como um sujeito da perfórmance, ao não executar a

ação, faz com que o terapeuta-destinador não se cumpra como sujeito da manipulação em relação a Kaori. Luís não entra em conjunção com o objeto-valor proposto pelo destinador-terapeuta, devido à contra-manipulação exercida por Kaori. Não estar em conjunção com o objeto-valor faz com que a terapeuta, no papel actancial de sancionador, emita uma sanção negativa para Kaori por meio do *suspiro*. O contrário também é verdadeiro, como vemos na primeira linha do *corpus*, quando a terapeuta parabeniza Kaori pelo cumprimento do acordo.

Com a análise da narratividade, procuramos observar como o plano do conteúdo funciona em relação ao plano da expressão. Por exemplo, a sanção positiva aparece não só no plano do conteúdo em "a senhOra conseguI::u" (S1, ANEXO B, p.194,linha 3 fala da terapeuta), mas também no plano de expressão, na variação entonacional e nos prolongamentos vocálicos, típicos da configuração de falas mais afetivas. Frequentemente, prolongamentos vocálicos também se relacionam com um modo de fala afetivo, que também nos faz usar léxicos no diminutivo, não só em "*pro::ntinho*" (IDEM, linha 1), como também em "*pe::rtinho*" (IDEM, IBID., linha 64).

A variação prosódica pode apontar, portanto, o estado fórico dos actantes, confirmando o que se dá no plano do conteúdo. Temos acima o exemplo de variação prosódica indicando um estado de euforia diante do fato de o destinador-terapeuta crer que Luís andou sozinho de metrô. A mesma variação prosódica pode apontar também um estado disfórico, como no momento em que a terapeuta descobre ser mentira a perfórmance de Luís ter andado sozinho (S1, ANEXO B, p.194, linhas 89, fala da terapeuta: "entÃO dona K.).

Esses exemplos mostram como a variação prosódica pode auxiliar na busca dos estados fóricos dos actantes – não só a referida variação, como também a relação convergente ou divergente entre planos de expressão e conteúdo. Retomando a questão dos papéis actanciais, temos nessa primeira cena um crer da terapeuta. Ela acreditava que a ação havia sido cumprida, o que comprova, por um tempo da sessão, a eficácia de Kaori no papel de destinadora do fazer interpretativo da terapeuta. Esta, ao conduzir uma sanção julgadora, descobriu que estava sendo

enganada. Quando o destinatário-Kaori não aceita o contrato com o destinador-terapeuta, é de praxe que essa relação entre dois sujeitos se torne polêmica. O que antes seria contratual transforma-se num embate, e destinatário e destinador se transformariam em sujeito e antissujeito. Na sessão de psicoterapia, o esforço da terapeuta é para que o julgamento emitido não transforme o destinatário em antissujeito, pois, se ela brigar com a mãe, a terapia pode se encerrar, pela desistência dos clientes.

Dá-se, então, na linha 89 (S1, ANEXO B, p.194, fala da terapeuta), o desvelamento da mentira. A segunda cena pode ser resumida assim:

a) A terapeuta descobre que Luís não andou sozinho de metrô;

b) Kaori diz que *amanhã* seu filho irá sozinho ao hospital;

c) Kaori conta que tem um médico agendado, o que eventualmente fá-la esperar;

d) A terapeuta tenta mostrar os benefícios da terapia a cada fala de Kaori: se Luís fosse sozinho ao hospital, ela iria ao médico sem preocupação, cuidaria do pedreiro e de sua casa, visitaria a irmã tranquilamente;

e) Para cada frase de Kaori, há uma contra-argumentação da terapeuta:

→ Quando Kaori afirma que Luís fazia confusão com o mapa do metrô, a terapeuta *prova* que não, perguntando a Luís se ele se confundia, contando como ele fora competente para a ação em outros momentos, dando exemplos de situações.

→ Quando Kaori diz que já explicou várias vezes como andar de metrô e ele não conseguiu, a terapeuta contra-argumenta dizendo que não era o caso de explicar, mas de fazer com que ele fizesse o caminho. Também pediu a Luís que contasse à mãe como fazer para ir do hospital para sua casa de metrô.

→ Quando Kaori diz que ele poderia se perder, a terapeuta afirma ter tomado todas as providências de identificação: que já o havia ensinado a usar o orelhão e a pedir ajuda aos metroviários, entre outras medidas.

f) Os sujeitos terminam a sessão com um novo acordo, escrito em papel, afirmando que Kaori deixaria o filho andar sozinho de metrô. Ela afirma sentir aflição

e medo, mas também que ele é "igual a todo mundo" e, portanto, conseguiria cumprir o combinado.

A terapeuta descobre, então, que Kaori não cumpriu com o acordo. Kaori tenta um fazer persuasivo para iludir o destinatário-terapeuta, ilusão de que ela cumprirá com o contrato:

> Exemplo 31 – turno de Kaori:
>
> K: pode deixar que amanhã ele vem sozinho ((risos e palmas)) né?
>
> (In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linha 94.)

Após tal revelação, a terapeuta passa inicialmente a emitir respostas mais curtas (S1, ANEXO B, p.194, linhas 101 e 105: "tá") e mais diretas do que vinha fazendo até ali, mostrando um afeto irritado, interrompendo as falas de Kaori. Essa parece ter sido a punição imposta pela terapeuta, no papel de destinador-sancionador: a retirada de afeto. Mas, em seguida, ela se recompõe e recupera um percurso de remanipulação de valores. A terapeuta desmascara a cliente, que procurava enganá-la, e responde de duas formas. Ao mesmo tempo, faz uma crítica e desmascara a cliente, que procurava enganá-la, mas com tantos recursos de amenização, pelo uso de delicadezas, que o *Outro*-Kaori não passa a ser antissujeito – neutralizam-se as forças antagonistas. A habilidade de neutralizar do terapeuta é um ponto crucial: a tensividade no modo de sentir os fatos contribui para que não se instaure o antissujeito. Temos uma intensidade amenizada. O julgamento é concretizado, mas não a ponto de transformar o modo de ser do sujeito para o choque, ou de torná-lo um sujeito chocante. As funções são muito bem elaboradas para que se mantenha a continuidade do contrato terapêutico, que é o cerne da questão. Vejamos um exemplo em que, por meio de manipulação, a terapeuta mostra a Kaori os benefícios que ela obterá se cumprir o combinado:

Exemplo 32 – prova da mudança na competência de Luís; antes ele não sabia, hoje ele sabe:

T: É verdade isso nÉ? porque quando ele começou a andar de metrÔ... o L. nem sabia que tinha um desti::no... uma chega::da... que o metrô tinha um caminho ce::rto... né L.?

(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 134 a 136.)

Mais para o final da sessão, Kaori afirma que aprecia o fato de conseguir deixar Luís andar sozinho de metrô, mas ressalta que se sente *apavorada*:

Exemplo 33 – turno de Kaori:

K: mas É:: apavora::do... só que não é só o L. eu também tava apavorada.

(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linha 199.)

A apreciação aparece mais fortemente em dois momentos: quando ela afirma que todos estão admirados com o fato de Luís usar o metrô e quando põe a habilidade do filho em pé de igualdade com a dos "outros":

Exemplo 34 – turno de Kaori:

K: ((risos)) tá todo mundo admirando

K: mãe vai torcer por você... cê não é diferente dos outros? ((risos))

(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linha 597 a 599, espectivamente.)

Abaixo, temos um trecho do *corpus* que mostra a terapeuta realizando a manipulação tanto em relação a Kaori quanto em relação a Luís. O trecho se constrói como uma prova argumentativa para a mãe, como uma comprovação de que Luís tem competência para realizar a ação. Ele constrói também a noção de como a

terapeuta fez com que Luís aprendesse a andar de metrô (por meio de doação de competência):

> Exemplo 35 – diálogo entre Luís e a terapeuta:
>
> T: é que não adianta falar né? o que eu comecei a fazer com ele? eu comecei a Ir atrás dele e ele me guiava então eu ensinei ((gaguejo)) para ele como funcionava lembra/ conta pra tua mãe como é que foi
> L: ah foi acho que assim ensinou o desti:no destino que vai até:: a Vila Madale::na até::...
>
> (S1, ANEXO B, p.194, linhas 139 a 142.)

Na segunda cena, temos para a terapeuta o papel de destinador-manipulador de Luís, quando o *faz-fazer*, e também da mãe de Luís, quando intervém no seu fazer de interdição. A terapeuta sai da sessão com o compromisso de Kaori de, dessa vez, cumprir o acordo. Do ponto de vista da terapeuta, temos um fazer-parecer que a manipulação será bem sucedida. A sessão de terapia se encerra com um compromisso entre os três, que só saberíamos se funcionou se tivéssemos registrado a sessão seguinte. Na segunda cena, Luís continua como apenas um destinatário que não põe valores em questão. Seu único início de ação foi um quase-pedido para andar de ônibus sozinho. Esse pedido foi vetado pela mãe e pela terapeuta, pois, do ponto de vista de ambas, seria arriscado:

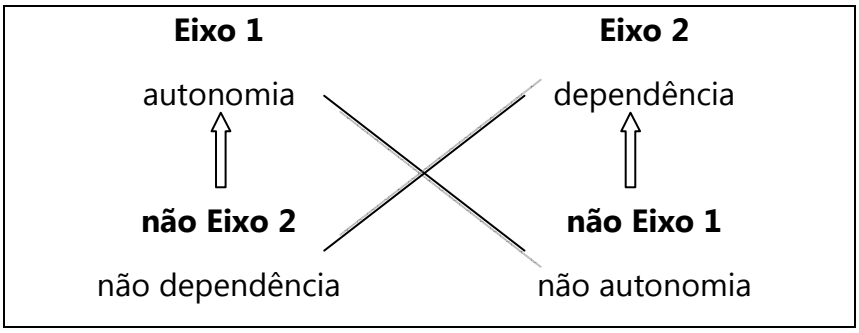
> Exemplo 36 – diálogo entre a terapeuta e Luís:
>
> L: é:: que eu prefiro voltar pelo... pelo ônibus pelo Anhangabaú porque::... não sei porque é::
> [
> T: é mais rápido.
> L: é mais rápido... que pegar na estação B demora muito eu teria que pegar três metrô.
>
> (In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 386 a 391.)

O nível fundamental diz respeito às categorias sintáticas, semânticas e fóricas – é o alicerce da construção de um texto. Tradicionalmente, é ligado a um conteúdo de estrutura elementar mínima de dois termos-objetos cuja forma de interação processa por meio das operações lógicas de contrariedade, contradição e complementaridade (BARROS, 2002). A eficácia heurística do que é denominado quadrado semiótico encontra-se principalmente quando ele é usado como modelo de previsibilidade, que "determina o mínimo de sentido a partir do qual o discurso se constrói" (BARROS, 2005, p.77). A análise da significação dos valores-objetos é beneficiada por uma estrutura em que "a rede de relações se reduz a uma única relação" (IDEM, IBID.). Assim, temos valores eufóricos e disfóricos que serão assumidos pelos sujeitos da narração como virtualizados ou realizados (BARROS, 2002). Sobre a foria, afirma Lucena (2006, p.3):

> [...] a categoria fórica é projetada sobre a semântica, sendo que a euforia caracteriza um valor positivo e a disforia, um valor negativo. Portanto, a projeção das categorias fóricas dá-se segundo o ponto de vista de um sujeito. A escolha da categoria semântica deve ser adequada de modo a permitir uma sistematização dos valores (relação entre dois termos contrários).

No nível fundamental na Sessão 1, temos o alicerce do valor *autonomia* veiculado como objeto em questão. Discini (2005a, p.206) considera objeto de desejo aquele "em função do qual o sujeito foi manipulado e em função do qual o sujeito constrói a própria competência" (IDEM). No nível narrativo, a manipulação é realizada pelos sujeitos terapeuta e Kaori, fundando nessa interação outro valor fórico: o da *dependência*. Assim, os primeiros termos mínimos que emergem são o da *autonomia* em oposição à *dependência*. A escolha do polo, feita pelos sujeitos narrativos, ostentará modos de ser que reproduzem ideais e crenças sociais. O acesso à cultura só é possível porque "essa oposição semântica mínima, dada nas profundezas da imanência textual, articula-se por sua vez com a transcendência histórico-cultural"

(IDEM, IBID.). Temos, a seguir, o quadrado semiótico da Sessão 1, traçado para demonstrar o ponto de partida da geração de sentido:



A terapeuta habita o polo da autonomia como crença, ideal de ser, sustentando temas como o agir autônomo atrelado à figura de Luís, desvelando costumes da sociedade contemporânea. Sugere-se que a desestabilização desse valor *autonomia*, na cultura, é entendida como doença ou comportamento anormal. Luís habita o polo da não autonomia, direcionado segundo a afetividade não mostrada. Não é possível identificar o desejo de Luís quanto à realização de quaisquer caminhos, seja para a dependência, seja para a autonomia. Podemos apenas depreender uma leve inclinação para a autonomia, quando sua fala apoia a argumentação da terapeuta. Kaori é modalizada por dois sentidos: caminha, por relação de contradição, para a autonomia e, por relação de complementaridade, para a dependência, cada polo figurativizado por um tema discursivo. Da contradição, temos a assunção de valores sociais contemporâneos, que ditam o modo de se comportar dos indivíduos – filhos de 23 anos e mães de 50. Da complementaridade, temos a assunção de valores como o cuidado maternal excessivo, fruto da assistência a um filho portador de diagnósticos psiquiátricos.

Para fins analíticos, ressaltamos que o eixo euforizado para o sujeito terapeuta no nível narrativo é o de Eixo 1 - não Eixo 2, e o disforizado, Eixo 2 - não Eixo 1, ou seja, autonomia ou não dependência e dependência ou não autonomia, respectivamente, indicando nesse sentido a orientação tímica. No discurso da sessão de psicoterapia, as categorias semânticas *autonomia* e *dependência* direcionam-se, de

acordo com relações de diferença e de semelhança, como a consolidação de diversas atividades galgadas no ato autônomo ou dependente de realização, cujo traço categórico discutido é o tipo de autogovernabilidade.

CAPÍTULO 2 - DISCURSO FUNDADOR CIENTÍFICO COMO CONSTITUINTE DO ESTILO DA *SESSÃO DE PSICOTERAPIA*

2.1 Semiótica e Análise do Discurso: um olhar para (um) *Outro* Constitutivo

Diante de tantas escolhas visando a depreender as marcas que o discurso fundador "Análise do Comportamento" forja no discurso da "sessão de psicoterapia" do presente *corpus* de análise, passamos a descrever essa tarefa, os recortes dos objetos e as perspectivas por que vemos esses discursos.

A descrição da forma do recorte é necessária tanto para a Semiótica como para a Análise do Discurso (AD) de linha francesa. Para aquela, a depreensão de marcas discursivas é admissível por ser o plano do conteúdo o lugar onde se alojam os discursos, carregando em si todas as possibilidades linguísticas de formação ideológica. Ao recortar um conteúdo por sua intersecção com a materialidade de um suporte (plano de expressão), delineamos vozes que discretizam certos aspectos do conteúdo, tornando-o qualificável segundo certos valores. Ao ganhar forma, o conteúdo passa inevitavelmente de uma massa amorfa de ideias para operar tanto por relações de discretização (negação), quanto de identidade, no que diz respeito ao confronto com o *Outro*. Ao se manifestar pela interação entre plano do conteúdo e plano de expressão, as "formações ideológicas [...] [são definidas como um] conjunto sistemático de ideias e valores [...] corpo lógico e coerente de representações [...] sistema estável de interpretações [...] conjunto organizado de prescrições e normas" (DISCINI, 2005a, p.60), e são mantidas por valores históricos e sociais. Ao tornar a voz presentificada no ato de enunciação, o sujeito elege determinadas formações como dominantes e, automaticamente, assume o conjunto que resta como menos dominante ou como conteúdo negado. Por meio de estratégias, representações e práticas, o sujeito adota um modo próprio de regulamentar a realidade. Assim, "essas representações refletem visões de mundo que, não individuais nem universais, são advindas de classes sociais em confronto" (IDEM, p.61), que conversam entre si,

construindo-se mutuamente. Então, para a AD, o discurso é fundado por uma base dialógica, em que se preveem as:

> [...] relações que todo enunciado mantém com os enunciados produzidos anteriormente, bem como os enunciados futuros que poderão os destinatários produzir (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p.160).

Há na AD conceitos como *intertexto* e *interdiscurso* que respaldam esse pensamento. O primeiro é entendido como "ecos livres de um (ou de vários) texto(s) em outro texto, independentemente de gênero", como um "jogo de retomadas de *textos configurados* e ligeiramente transformados" (IDEM, p.286 – grifos do original). Os "ecos" são formados pelo posicionamento de uma enunciação quando ela acolhe determinada formação ideológica anterior aos gêneros a que são circunscritos. Assim como *Chapeuzinho Vermelho*, de Perrault, pode ser retomado por Alberto Berquó para fazer uma crítica à ditadura brasileira (DISCINI, 2004a), a transcrição de um texto oral denominado "sessão de psicoterapia" pode retomar, de modo "ligeiramente transformado", textos citados por um cientista, guardadas as especificidades da retomada ficcional, que é uma intertextualidade ocorrente no conto maravilhoso. A retomada dos textos científicos aludida é peculiar e diz respeito mais ao interdiscurso, que se concebe como "o conjunto dos gêneros que interagem em uma conjuntura dada", permitindo inferências de vozes discursivas que sempre falam "antes, alhures ou independentemente" (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p.287). O conto maravilhoso e sua retomada crítica (polêmica ficcional) são gêneros que resvalam num ponto comum – o conto *Chapeuzinho Vermelho*. O discurso científico e a sessão de psicoterapia se encontram na questão da independência dos organismos sociais. São dois modos diferentes de trazer à luz o interdiscurso. Vejamos dois excertos dos últimos gêneros citados, respectivamente, o discurso científico e a sessão de psicoterapia:

> O importante num psicótico, entretanto, não é o que ele faz, mas o que ele não faz. O comportamento que apresenta é "anormal" simplesmente porque não é característico da situação. Poderia não ser absolutamente notado, caso o comportamento normal fosse mais forte.
>
> (In: ANEXO A.1, p.182, linhas 05 a 08.)

Exemplo 37 – diálogo entre Luis e a terapeuta.

L: é eu desgrudei um pouquinho... é que... agora eu tô dormindo no meu quarto... antes eu dormia com ela.
[
T: tÁ dormindo no teu quArto mesmo de nOvo?
L: é lá em cima.
T: e como É que tem feito pra acordar?
L: é não sei a mãe foi me chamar duas vezes... aí teve que levantar... levantei.

(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 21 a 29.)

Dada a abordagem cultural brasileira sobre a expressão do afeto, é usualmente aceitável um jovem de 23 anos ser despertado pela mãe e também que durmam no mesmo quarto, se não houver outro cômodo na casa onde moram. Se não conhecêssemos o contexto, poderíamos supor que se trata de simulacros de sujeitos pertencentes a uma faixa populacional de baixa renda que, por falta de recursos financeiros, não pode prover um cômodo a cada membro da família (considerando "ter um cômodo próprio" um valor social positivo: *dever querer privacidade*). Contudo, o contexto "sessão de psicoterapia", "hospital psiquiátrico", "psicologia" tem como formações discursivas o indivíduo que se encontra obstaculizado. Skinner descreve esse obstáculo quando se refere ao terapeuta como aquele que deve incidir cientificamente sobre o "não fazer", pois é a não ação que faz do cliente um sujeito obstaculizado. Como o excerto supracitado do autor afirma: "poderia não ser absolutamente notado [o comportamento denominado psicótico], caso o comportamento normal fosse mais forte." Essa frase põe em ato um embate entre formações discursivas no qual psicoterapeuta e cientista são atravessados por

valores de "independência", ou seja, o sujeito *deve fazer* um cotidiano por si só – eis a utopia da psicoterapia. Por pressuposição, assumem, o terapeuta e o enunciador-Skinner, como valor contraditório, isto é, negado, a dependência que um filho mantém em relação à mãe e *vice-versa*, pois todas as vozes são atravessadas pelas múltiplas vozes enunciadas antes, mesmo que não se tenham rastros ou memórias dessa enunciação. Skinner funda o ideal de autonomia do sujeito para a psicoterapia, que o acolhe como discurso fundador. Esse é o caso desta pesquisa, no que diz respeito à fundação teórica eleita pelo terapeuta envolvido no *corpus* selecionado. Ele dialoga com Skinner pensando em dialogismo bakhtiniano.

Bakhtin (2004) reputava inconcebível a existência de um homem biologicamente abstrato, fora de sua sociedade e, consequentemente, de suas condições socioeconômicas. Dizia que, "para entrar na história, é pouco nascer fisicamente" (IDEM, p. 11), aludindo à ideia de que o homem nasce num dado local e tempo que determinam que conteúdos de sua vida e cultura devem ser aceitos e que outros devem ser rechaçados. Para o autor, o sujeito é constituído de pelo menos três partes: o *eu-para-mim*, o *eu-para-o-outro* e o *o-outro-para-mim* (IDEM, 2003, p.388). Portanto, o conceito de *dialogismo* é "a condição do sentido do discurso" bakhtiniano (BARROS, 2005, p.2) e a base da consciência dos sujeitos que, por sua vez, tem necessariamente uma natureza social. Assim tripartido – e justamente por isso –, o sujeito não pode jamais ser original, o que inclui ter sido criado *na* e *pela* linguagem, condição que forja o pensamento como um lugar previamente atravessado por uma infinidade de formações discursivas históricas da comunidade discursiva. A condição de atravessamento é intrínseca ao sujeito "de carne e osso" e, consequentemente, a seu produto linguístico, o discurso. Discini (2004a, p.10) descreve o impacto do paradigma do dialogismo bakhtiniano sobre a concepção tradicional de abordagem do texto:

> Teria de parar de pensar numa língua única, num único sujeito de um discurso, e isso não somente em relação ao *corpus* proposto para análise, mas em relação a qualquer texto. Teria

> de entender que há sempre a palavra do outro, ou seja, a verdade de que o outro permeia todo o fio do meu discurso, permeia as variantes intertextuais, permeia o texto-base. Com esse outro inevitável, eu compactuo, eu entro em conflito, eu brinco; posso até transfigurá-lo esteticamente. Isso, quando tenho consciência dele e represento-o no meu discurso como sujeito-parceiro da construção da minha enunciação. Isso é *intertextualidade* (grifos do original).

A partir desse excerto, ponderamos sobre as vozes que seriam elucidadas nesta análise. Já que o discurso é dialogicamente constitutivo, nunca haverá um estudo que discrimine as formações ideológicas à exaustão, restando apenas a possibilidade de detalharmos aquelas com que escolhemos trabalhar. Somos analistas com textos à mão, um conjunto de "discursos científicos" e um conjunto de "sessões de psicoterapia" transcritas do áudio gravado. Por ora, optamos por uma direção de análise: investigar como o discurso "científico" aparece no da "sessão de psicoterapia". Definimos como texto-base o "discurso científico" na medida em que ele é tido como discurso fundador. A "sessão de psicoterapia" será observada como o texto que contém as variantes discursivas que assimilam o texto-base. Essa orientação de análise é justificada pelo tema da dissertação: produzir uma possibilidade de depreensão do estilo da "sessão de psicoterapia". É apenas e exatamente uma possibilidade entre outras. Em consequência, o modo de recortar o objeto é, por si, também definidor de um discurso, de um estilo próprio, de uma voz: a análise não existe sem o analista que imprime sua marca e escolhe um caminho que se torna singular, pois coerente com o quadro teórico adotado – no nosso caso, a AD e a Semiótica, ambas de origem essencialmente francesa. Mas pensamos que o estilo observado do ponto de vista do analista que disseca seu *corpus* será mais inteligível no capítulo específico sobre *estilo*. Por ora, a interface que consideramos central está no "discurso fundador" como texto-base e na "sessão de psicoterapia" como texto que incorpora as variantes discursivas daquele. Destacamos que variantes intertextuais dizem respeito à imitação de um texto-base. Lê-se uma paródia de

Chapeuzinho Vermelho – como, por exemplo, *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque (2005) –, pensando no texto-base. Não é o caso da sessão de psicoterapia cotejada com o discurso fundador. Aqui, propomos falar de variantes discursivas, já que a sessão de psicoterapia selecionada como *corpus* retoma ideias, crenças e aspirações – a formação discursiva, enfim – do discurso fundador, o discurso de Skinner. *Skinner* é o outro constituinte do sujeito-terapeuta.

Dois outros pensadores são de grande importância para a presente pesquisa, por ratificar o pensamento dialógico bakhtiniano por meio da construção de paradigmas que pensam a linguagem como lugar do *Outro* constitutivo; são eles Authier-Revuz, com o paradigma da heterogeneidade constitutiva, e Maingueneau, com o primado do interdiscurso. Entre semelhanças e diferenças, ambos ressaltam que a relação interdiscursiva se pauta por formações ideológicas existentes como fundação de vozes sociais prévias. Ou seja, textos são constituídos de estratégias e negociações das vozes para corroborar um modo de ser, produzindo o que se chama efeito de sentido. Essas vozes podem ou não aparecer no discurso, pois podem ser mascaradas num gradiente pelas estratégias discursivas escolhidas, produzindo efeito predominante de maior (difusão) ou menor (triagem) polifonia (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001). Contudo, *essencialmente*, são efeito, são estratégia, pois constitutivamente o discurso é atravessado pelo *Outro*. Triagem e difusão são simulacros, e simulacro é o parecer do ser do sentido. O discurso científico é mais asséptico, colocado em terceira pessoa, com efeito de objetividade, neutralidade, distância e o consequente efeito de silenciamento das vozes. Na sessão de psicoterapia, o discurso é mais pessoal, aparecem as pessoas do discurso em embate corpo-a-corpo, relatando suas paixões, produzindo efeito de subjetividade.

Authier-Revuz (2004, p.173) descreve o *Outro constitutivo* por meio de duas dimensões de heterogeneidade: a primeira, dos *fatos de heterogeneidade*, são as "realizações linguísticas"; a segunda, uma *heterogeneidade teórica*, que concebe o próprio campo de enunciação intrinsecamente ligado às diversas vozes desse *Outro constitutivo*. As vozes desenham o contorno do discurso pelo modo de presença

categorial, o que remete ao gênero. Falamos então em "sessão de psicoterapia" ao invés de "sessão política" ou "sessão de tratamento alopático". Não obstante, falamos também sobre o fato de o discurso ter marcas da "Análise do Comportamento", e não da "psicodinâmica junguiana". Ainda, descrevemos um tipo de tratamento "familiar", e não "de casal", "individual", "institucional" ou "infantil". Sendo polêmicos em alguns conteúdos, esses universos discursivos de alguma maneira definem o objeto por exclusão de sentidos (negação) em relação a outro. Os discursos análogos, semelhantes ou convergentes, também definem o objeto, mas por traços de identidade/igualdade. As duas dimensões de heterogeneidade de Authier-Revuz (2004) são explicadas por Maingueneau (2005, p.33) pela ideia de primado do interdiscurso:

> Quando os linguistas precisam encarar a heterogeneidade enunciativa, são levados a distinguir duas formas de presença do "Outro" no discurso: a heterogeneidade "mostrada" e a heterogeneidade "constitutiva". Só a primeira é acessível aos aparelhos linguísticos, na medida em que permite apreender sequências delimitadas que mostram claramente sua alteridade (discurso citado, autocorreções, palavras entre aspas etc.). A segunda, ao contrário, não deixa marcas visíveis: as palavras, os enunciados de outrem estão tão intimamente ligados ao texto que não podem ser apreendidos por uma abordagem linguística *stricto sensu*. Nossa hipótese do primado do interdiscurso inscreve-se nessa perspectiva de uma heterogeneidade constitutiva, que amarra, em relação inextricável, o *Mesmo* do discurso e seu *Outro*.

A relação entre a sessão de psicoterapia e o discurso skinneriano é tributária da noção de *primado do interdiscurso*, segundo denominação de Maingueneau (2005, p.35) que parte da mesma perspectiva que a heterogeneidade constitutiva, de Authier-Revuz, mas com um "quadro restrito", nas palavras do próprio autor, com vistas a aumentar a precisão metodológica:

> Reconhecer esse tipo de primado do interdiscurso é incitar a construir *um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com o seu Outro* (IDEM, p.38 – grifos do original).

Esse *Outro* não aparece obrigatoriamente numa forma visível, numa existência clara, como quando nos referimos aos fatos da heterogeneidade mostrada, entre os quais se inclui a intertextualidade. O *Outro constitutivo* está na própria composição de quaisquer formações discursivas. É pela rede semântica, como afirma Maingueneau (2005), que se pode observar o *Outro*. Toda enunciação é a ocupação de um ponto da rede do interdiscurso, é a tomada de um lugar no universo discursivo de modo que o discurso ganha um corpo, uma voz e um tom, assumindo o chamado intradiscurso. Assim, quando o sujeito realiza o ato enunciativo, ele se *inscreve* num determinado *posicionamento*, ou seja, segue "os traços de um Outro invisível, que associa os enunciadores modelos de seu posicionamento" (IDEM, p.43). O sujeito-terapeuta se associa ao *saber* e ao *crer* skinnerianos. Tem um posicionamento afim com o de Skinner – eis uma de nossas hipóteses –, o que funda o estilo da sessão de psicoterapia posta em pauta. Falamos a partir do gênero discursivo.

É dito "gênero discursivo" o conjunto de textos cuja característica reitera certas formas composicionais e conteúdos suficientemente constantes para permitir certa previsibilidade da prática linguageira que o produziu. Como um meio relativamente estável e previsível de comunicação, manifesta certas regras de estilo que também se repetem. Por conta do constante embate de vozes produzido pela existência sócio-histórica de formações ideológicas diversas, os gêneros se combinam, interagem, demarcam-se e produzem novos gêneros. É assim que observamos o discurso da psicoterapia: como um gênero científico que se associou ao discurso da saúde social. Dessa combinação, criou-se o gênero *sessão de*

psicoterapia, que tem marcas de ambos, a ciência, no caso de Skinner, e a atenção à saúde humana.

Discini (2004b, p.28) diz que "cumpre ao analista de estilo (re)construir o ator da enunciação de uma totalidade de discursos", observando recorrências, aspectos e modos de um ser e de um fazer. Afirma a autora que se deve buscar aquilo que erige a construção do simulacro do ator, e que esse simulacro é "hétero-construído", porque supõe "a visão que tenho do *outro*, bem como a visão que penso que o *outro* tem de mim" (IDEM, p.29). Assim, duas ações estão implicadas na postura do analista do estilo; a primeira é a busca de recorrências que dirão de um modo de previsibilidade, a qual, por sua vez, nos conduzirá à detecção de uma forma de identidade do discurso, ou seja, o *éthos*, o estilo. No caso das "sessões", esse estilo foi partilhado por dois discursos: o científico e o da prática da saúde. Segue-se o exercício de articular o discurso "científico" na "sessão de psicoterapia", já que esperamos que marcas discursivas estejam constitutivamente presentes, portanto não silenciadas. Nossa busca foi orientada pela eleição de redes semânticas que versassem sobre a mesma formação discursiva.

2.2 O discurso fundador *científico* como (um) *Outro* constitutivo do gênero *sessão de psicoterapia*

Em quadro teórico próprio, Orlandi (2003, p.24) define "discurso fundador" como a referência básica do imaginário constitutivo de um grupo. O discurso fundador é aquele eleito por uma comunidade discursiva para ocupar o posto de autoridade e competência. Por esse motivo, funda muitos outros discursos e se instaura com efeito de verdade absoluta. Contudo, o argumento da autora faz uma ressalva importante:

> [...] não se trata, pois, quando falamos de discurso fundador, de pensar em fundação de sentidos como se eles pudessem ter uma origem punctual [...], já que se trata de um princípio de análise de discurso – sentido e sujeito se constituem ao mesmo

> tempo e não têm uma origem circunscrita referível. O que estamos dizendo do discurso fundador contempla a instância da produção dos sentidos (IDEM, IBID.).

Para a autora, o discurso fundador é aquele que se apresenta como um discurso que funda sentidos, que funda uma tradição sem que se creia em originalidade. A AD afirma a impossibilidade da originalidade na gênese de um texto, primeiramente pelo fato de toda enunciação ser atravessada por formações discursivas enunciadas "antes e alhures" (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p.287). O fato de parecer "original" é apenas uma estratégia discursiva. Original é o texto que surpreende pela diferença de identidade e que mantém, mesmo com a novidade do arranjo da cenografia enunciativa, as coerções que o estabilizam dentro de um determinado gênero. Se pensarmos (a) na colocação da AD de que a enunciação transforma em ato um ponto do interdiscurso e (b) que a "identidade de um discurso é indissociável de sua emergência e [de] sua manutenção através do interdiscurso" (IDEM), concluiremos que os conceitos "originalidade" e "gênese" são apenas efeitos de sentido, ou estratégias discursivas – ou, semioticamente, simulacros.

Temos, portanto, algumas implicações a partir dos pontos colocados acerca do discurso fundador: primeiramente, esse discurso remete a um simulacro criado por uma combinação de coerções temáticas que fundam uma semântica global e recebem uma denominação ("religioso", "científico", "político", tc.). Ao assumir esse conjunto de coerções – e não outro qualquer –, o enunciador do discurso fundador cria uma imagem específica de si próprio. Mas essa afirmação não traz novidades teóricas. O único motivo para esta discussão é procurar apreender determinadas coerções dessa combinação discursiva fundadora (que aqui denominamos "discurso científico da Análise do Comportamento") que aparecem na prática da sessão de psicoterapia do *corpus* de análise.

Como segunda implicação, é parte constituinte do discurso fundador aquele enunciatário que retoma a voz do enunciador no momento em que o

enunciatário, ele próprio, assume o papel de enunciador (autor) de discursos de retomada, seja o de divulgação científica, seja o da prática terapêutica. Se o discurso fundador não é retomado por outros, acaba sendo esquecido, não lido, não divulgado, definhando socialmente, perdendo sua qualidade de "fundador". Como consequência, enunciatário e enunciador, autor e leitor, ambos se sustentam por meio de uma relação de autoridade e se mantêm unidos ao longo de um período de divulgação ou de prática analítica. Segundo Ramos-Silva (2007, p.296), o discurso fundador abre portas para uma nova tradição de discursos, que sempre retomam suas bases/origens:

> O discurso fundador pode ser considerado um discurso primeiro sobre o qual outros textos falam. Esse discurso viabiliza a abertura de espaços discursivos, determinados por relações interdiscursivas contratuais ou polêmicas.

O discurso fundador necessariamente tem uma comunidade de enunciatários/enunciadores (leitores que se tornam enunciadores) que o divulgam e o mantêm em evidência. Ao ser recriado por outros discursos, passa a ser afirmado como instaurador de verdades. Voltando a Bakhtin e trazendo seus divulgadores, vemos que Grillo (2006, p.145), ao refletir sobre o conceito bakhtiniano de "discurso alheio" no contexto de divulgação científica, descreve:

> A palavra alheia desempenha um papel fundamental na formação ideológica do homem e se apresenta como palavra autoritária e como palavra interiormente persuasiva. A palavra autoritária exige reconhecimento e assimilação, uma vez que está associada às posições de poder – pai, professor, adulto, cientista, padre etc. – das diversas esferas ideológicas – família, escola, ciência, religião etc.

O discurso fundador goza de certa autoridade. Ainda que não de modo evidente, a relação de persuasão de uma autoridade científica aparece no discurso da "sessão de psicoterapia". Como muda o gênero (de ensaio científico para um gênero

relativo à prática social), as marcas dos fatos de heterogeneidade do discurso científico são apagadas textualmente quando se transpõe o texto científico para o outro, de outro campo discursivo – a sessão. Assim, começamos a análise do *corpus* entendendo que uma comunidade discursiva elegeu como autor da voz do discurso científico Análise do Comportamento o enunciador descrito como B. F. Skinner, que instaurou um efeito de verdade de um *ser* e de um *fazer* no mundo. Tal verdade só pôde ser instaurada por meio da retomada constante do discurso de Skinner em outros discursos, constituindo o próprio ato de retomar uma validação dentro daquela comunidade. Ao se compor como enunciadores skinnerianos (psicoterapeutas skinnerianos), os enunciatários (leitores) que se ocupam do discurso fundador recebem, neste caso, a denominação não só de "divulgadores", mas também de "partilhadores", de participantes legítimos do pensamento de Skinner. São eles "pesquisadores", "filósofos", "docentes", "alunos", "terapeutas comportamentais", "agentes educacionais" e "mídias", entre outros. Se estivéssemos tratando do discurso religioso como fundador, teríamos igualmente uma retomada do discurso, mas os enunciatários/enunciadores receberiam o papel actancial e a denominação figurativa de "padres", "coroinhas", "cristãos", por exemplo. Faça-se a ressalva de que a validação não vem exclusivamente de uma relação textual concordante; a polêmica também mantém o discurso fundador validado, pois o reatualiza na rede discursiva. Assim, segundo Charaudeau e Maingueneau (2008, p.382), "o caráter "reciclável" das polêmicas faz com que se constitua uma *memória polêmica* das lutas anteriores" (grifos do original).

No que se refere à sessão de psicoterapia, há uma linha que une a dimensão fundadora científica e aquela relativa à prática, e outra linha que une várias sessões de psicoterapia para formar a imagem de um gênero: estrutura composicional, temática e estilo. Descrever essas linhas é descrever também o estilo de determinada prática: aqui, a "sessão" de orientação skinneriana. Quando observamos a unidade presente em todas as sessões – a interpelação do comportamento humano e sua conexão com as representações imaginárias,

entendida pela Semiótica como linguageira e que culmina na formulação do gênero "psicoterapia", objeto desta análise –, confirmamos que as vozes não se manifestam aleatoriamente. Cena fundadora e prática de análise terapêutica se constituem em diálogo contínuo.

2.2.1 Termos técnicos do discurso fundador "Análise do Comportamento"

Escolhido B. F. Skinner como o enunciador do discurso fundador "Análise do Comportamento", procedemos ao recorte seguinte – a seleção de textos produzidos em cerca de 60 anos de publicações. Ponderamos os princípios do texto fundador com textos da "sessão" cuja modalização do destinatário no nível narrativo do percurso gerativo oscilasse entre exposição de interdições (*dever não fazer*) e prescrições (*dever fazer*) para a interação com o objeto, figurativizado, no nível discursivo, como "psicoterapia". Em outras palavras, buscamos examinar termos de modalidades deônticas, que constituem o sujeito tematizado como Skinner, por meio de valores que devem ser assumidos pelo terapeuta na prática denominada "psicoterapia". Temos o diálogo entre Skinner e o psicoterapeuta.

A busca do material produzido por Skinner que indicasse prescrições e interdições se apoiou no texto de divulgação científica *O que é terapia comportamental segundo B. F. Skinner*, a dissertação de Viva (2006). A pesquisadora afirma que pelo menos 15 conceitos devem ser investigados/abordados para se alcançar uma acepção da prática da terapia – reforço, controle, regras, punição, terapeuta, contingência, ambiente, consequência, história pessoal, clínica, topografia, probabilidade, padrão de comportamento, estímulos e solução de problemas –, e desenvolve apenas três – ambiente, controle e terapia –, escolhendo trechos de textos científicos de Skinner sobre eles para o que denominou "prescrições sobre a atuação em terapia comportamental". Destacamos que a definição de prescrição para um pesquisador comportamental não é a mesma que para um semioticista, de modo

que havia na seleção excertos de Skinner com prescrições e interdições, e foi com base nela que fizemos a nossa.

Assim como os discursos científicos no geral, a Análise do Comportamento tem um conjunto de léxicos com a função de chave de leitura para a apreensão cognitiva do texto. Não sendo identificado, o conjunto se torna um obstáculo para o enunciatário/leitor. Para que se o ultrapasse, é necessário aprender o conteúdo semântico a ser utilizado na leitura do referido termo lexical. Se isso não acontecer, preveem-se ao menos dois efeitos: a dificuldade ou mesmo a impossibilidade do acesso do leitor ao texto e a pressuposição de um conteúdo semântico conhecido previamente pelo leitor, ao invés daquele dado pelo autor. Se não estiver em posse desse "glossário", a polissemia lexical levará o leitor a caminhar por um tipo de interpretação que já conhece, podendo perder a isotopia de leitura do referido discurso científico. As expressões técnicas têm um especial complicador quando o tratam de situações vivida cotidianamente pelo leitor – como o "comportamento", por exemplo. Na criação de um conjunto de regras sobre o comportamento humano mais ou menos sistematizado, os pesquisadores da Análise do Comportamento empregaram léxicos muito difundidos entre a população. Palavras comuns ou cotidianamente usadas têm a desvantagem de fazer com que, por sinonímia, o leitor prejulgue o texto de forma não coincidente com a do enunciador. Essa questão é recorrente na obra de Skinner; citamos o subitem "O comportamento como uma disciplina científica", de seu livro *Ciência e comportamento humano*:

> O comportamento não é um desses assuntos que se tornam acessíveis somente com a invenção de um instrumento tal como o telescópio ou o microscópio. Todos nós conhecemos milhares de fatos sobre o comportamento. Realmente, não há assunto com o qual pudéssemos estar mais bem relacionados, pois estamos sempre na presença de pelo menos um organismo que se comporta. Mas essa familiaridade é quase uma desvantagem, pois significa que provavelmente temo-nos precipitado em conclusões que não serão comprovadas pelos métodos cautelosos da ciência. Mesmo que tenhamos

> observado o comportamento por muitos anos, não somos necessariamente capazes, sem ajuda, de exprimir uniformidades adequadas ou relações ordenadas. É possível que sejamos capazes de exibir considerável habilidade em formular conjecturas plausíveis sobre o que fariam nossos amigos e conhecidos em várias circunstâncias [...]. Mas poucas dessas generalizações sobreviverão a uma análise cuidadosa. Há em geral muito o que desaprender em nossos primeiros contatos com a ciência [SKINNER, 1998 (1953), p. 15].

O enunciador recomenda uma conduta adequada ao trabalho científico com o objeto "comportamento". Ao apresentar um modo deôntico para orientar a ação terapêutica, cria uma imagem de si como sujeito de competência inquestionável – é a autoridade do enunciador cientista. No excerto, Skinner traça um *dever fazer* (pressupor relações comportamentais com a cautela ditada pelas normas da ciência) articulado a um *dever não fazer* (*fazer* não pressupor que o saber ordinário é suficiente para formular regras comportamentais, pois "poucas dessas generalizações sobreviverão a uma análise cuidadosa"). A "análise cuidadosa" pertence àqueles que fazem uso dos "métodos cautelosos da ciência", em contraposição à análise ordinária, que é feita com base no comportamento de "amigos e conhecidos" e não garante a qualidade da elaboração de uma teoria. É o próprio enunciador teórico colocando a ciência como um saber privilegiado, ou a ser desejado, e a si próprio como enunciador desse discurso, como um *éthos* convincente e persuasivo que dita a forma valorizada ou dominante de se obter conhecimento. Em outras palavras, o excerto tem um posicionamento ideológico e, assim, instaura uma identidade discursiva, um modo de pensar uma verdade. Tematizado e figurativizado como Skinner, o enunciador afirma que, por ser muito presente no cotidiano e durativo na extensidade da percepção, o objeto "comportamento" se torna mais difícil de conhecer, pela interveniência de inúmeras crenças, e difícil também de discretizar, sendo função da ciência averiguar se as verdades populares estabelecidas podem ser consideradas verdades científicas.

A fim de dissipar alguma eventual redução teórica que se possa depreender da nossa menção a Skinner, ressalvamos que esses termos técnicos podem ser mais bem compreendidos nas obras do próprio autor e dos divulgadores do *behaviorismo* radical; são vozes presentes, ainda que não mostradas. Por exemplo, o léxico *controlar* não tem relação com o ato de "submeter a exame e vigilância estritos" (HOUAISS, 2007), mas diz respeito à possibilidade de uma variável qualquer afetar um comportamento ou ambiente, resultando em alguma alteração, em um e/ou outro e na própria variável [SKINNER, 1998 (1953), p.342]. Em outras palavras, um *behaviorista* radical afirma que a relação entre duas unidades quaisquer só é possível por meio do *controle* que exercem mutuamente.

2.3 Análise das variantes discursivas dos textos selecionados de Skinner (ANEXOS A.1 e A.2) e da *sessão de psicoterapia* (Sessão 1, ANEXO B)

Seguimos com a descrição do recorte realizado para a presente pesquisa. Depois de atentar para o enunciador do discurso fundador e para o tema de sua obra e de fazer ressalvas sobre as chaves de leitura encontradas, pensamos que o texto selecionado de Skinner deveria nos dizer não só de sua visão sobre uma psicoterapia fundamentada nos princípios do *behaviorismo* radical – o que nos conduziria a uma prescrição/interdição da atividade do terapeuta –, como também, se possível, informar-nos sobre sua perspectiva acerca do tratamento da "esquizofrenia", diagnóstico psiquiátrico de Luís, ator da "sessão" considerada: ator-cliente. Assim, um dos textos escolhidos foi Skinner [1984(1969)], (ANEXO A.1, p.182), do qual retiramos um excerto do Capítulo 1, título "O papel do meio ambiente", com o subtítulo "A manipulação do comportamento", item "Psicoterapia". Esse capítulo dá o posicionamento do autor sobre a mudança do conceito de "ambiente" nas teorias que buscavam explicar o comportamento humano, com as quais Skinner dialoga. Esse é um dos conceitos pilares do *behaviorismo* radical. Antes, afirma o autor, o conceito "ambiente" significava um "simples lugar onde animais e homens viviam e

se comportavam" (IDEM, p.179); entendendo-se por "simples" a denotação de ausência de significações secundárias. A linha de pensamento que trata "ambiente" como menos participante no desempenho humano é denominada, nas ciências psicológicas, "mentalista", e se opõe ao discurso skinneriano, dito "ambientalista", fruto de uma tradição experimental. "Mentalismo" e "ambientalismo" são considerados discursos científicos contrários, e Skinner defende como valor a ser desejado o modo de ser "ambientalista".

Skinner arquiteta sua hipótese (de o ambiente ser peça fundamental na explicação do comportamento, e não adendo de menor importância) por meio de diversos recursos. Por exemplo, retoma discursos de cientistas contemporâneos e de outras épocas que apoiam sua asserção: refere-se a uma experiência realizada por "Odgen R. Lindsley" e a "Descartes". É frequente o recurso de a ciência retomar discursos de outros cientistas – palavras alheias (GRILLO, 2006) – que embasam suas proposições. Quando se autorrefere, o gênero *ciência*, mantém o próprio simulacro de autoridade.

No item "Psicoterapia" do excerto colocado no *corpus* (ANEXO A.1, p.182), Skinner faz ver como o modo de ser "ambientalista" pode ser eficaz por meio do uso de seu "novo" significado, no "contexto hospitalar". Consequentemente, de "simples lugar", "ambiente" passa a ser um conceito imprescindível como categoria de análise. A própria noção de "comportamento" do *behaviorismo* radical é definida como a "atividade dos organismos que mantêm intercâmbio com o ambiente" (DE ROSE, 1997, p.79), mostrando a adesão a esse discurso. O excerto de Skinner constrói como argumento uma ciência que, ao pensar a resposta do organismo em função do meio ambiente, pode facilitar o atendimento para os cuidadores e, ao mesmo tempo, torná-lo mais eficaz para os clientes.

O segundo texto (ANEXO A.2, p.185) está no último livro do autor, escrito em 1987, para "psicólogos e analistas do comportamento" [SKINNER, 1995(1987), p.9], três anos antes de seu falecimento. "Questões recentes na análise comportamental" é a quinta coletânea de artigos e se concentra na descrição de

“práticas e implicações da análise comportamental” (IDEM). Dada a extensão do texto, foram selecionados excertos do Capítulo 7, “O lado operante da terapia comportamental”, que versa sobre como e por que a terapia deve ser construída a partir do conceito de “comportamento operante” e mostra que, justamente por meio dessa nova construção, a terapia se tornou uma prática muito mais efetiva. Assim, mantém-se o tema do mundo cotejado pelo sujeito afetado pelo objeto com que interage. O autor tende a defender que o paradigma mentalista pode (e deve) ser entendido como comportamento, invertendo certas operações acerca de como funcionam sentimentos, pensamentos e cognições humanos. Como o texto inclui diversos argumentos a favor de uma psicoterapia comportamental operante e ambientalista, reproduzimos apenas parágrafos que favorecessem uma leitura dos acontecimentos da “sessão de psicoterapia” do *corpus* de análise. Dito de outra forma, apenas os excertos que dessem pontos de recuperação interdiscursiva específica para a leitura do *corpus*. Por último, notam-se dois temas centrais que se repetem em ambos os excertos de Skinner: a) a inversão, na psicologia comportamental, do funcionamento humano, ou seja, para entender o que o ser humano sente, precisamos saber o que o impactou, e é alterando o ambiente que se altera o que o organismo sente. Por isso, chamamos o discurso de ambientalista, por oposição à psicologia de discurso “mentalista”, que inicia a análise com a introspecção, examinando o que o organismo sente e o que esse sentimento significa para a psique; b) o fato de essa inversão tornar a terapia mais eficaz:

> Por milhares de anos, os filósofos têm falado sobre o comportamento de pessoas com as quais não têm contato e sobre sentimentos e estados da mente sobre os quais não podem perguntar. Em lugar disso, eles têm descorporificado os eventos mentais e os têm discutido totalmente à parte das pessoas em que ocorrem. Disseram que a frustração engendra a agressão, que a avidez sobrepuja a cautela, que o ciúme destroi o afeto. Afirmações desse tipo são extremamente comuns em discussões usuais do governo, da religião, da economia e das outras assim chamadas (se bem que, nesse caso, mal-

> chamadas) ciências comportamentais. Ao rejeitar os sentimentos e estados da mente como causas iniciadoras do comportamento e ao se voltar alternativamente para as condições ambientais responsáveis pelo que as pessoas sentem enquanto fazem algo, os analistas do comportamento e junto com eles os terapeutas comportamentais puderam focalizar os problemas mais amplos do comportamento humano de uma forma muito mais efetiva.
>
> (In: ANEXO A.2, p.185, linhas 249 a 257.)

Desse exemplo, destacamos a forma de argumentação: a inserção da polêmica numa linha de produções filosóficas, a indesejada consequência de seguir esse tipo de raciocínio e a eficácia de se inverter a causalidade do comportamento humano. Não só procuramos relações de interdiscursividade em termos de variantes interdiscursivas e discursivas de conteúdo, como observamos se esses conteúdos convergiam ou divergiam – de um lado, ambos os textos de Skinner e, de outro, a "sessão de psicoterapia" (S1) do *corpus*. Discini (2004b, p.327) afirma que a intertextualidade é um dos veículos da Semiótica responsáveis por apontar como "estratégias e artifícios", em discursos diversos, estabelecem relações entre si, transformando-se reciprocamente, consolidando uma zona de mobilidade interdiscursiva. A autora se refere à intertextualidade na medida em que um texto imita outro já na própria materialidade textual. Falamos aqui em movimento afim, mas absolutamente não idêntico: falamos na concretização da interdiscursividade entre os enunciados da prática terapêutica e o discurso fundador. A "sessão de psicoterapia" é uma prática discursiva que, como qualquer outra, tem coerções delimitadoras da comunicação. No nível narrativo, temos na sessão um jogo entre destinador e destinatário – terapeuta e clientes –, atores que trocam de posição a cada cena enunciativa. O terapeuta é destinador quando, ao assumir variantes do texto fundador científico, manipula destinatários a executarem determinada ação. Kaori, cliente-adjuvante (mãe), torna-se destinadora quando manipula a terapeuta para agir de acordo com sua condição de *querer fazer*:

Exemplo 38 – diálogo entre Kaori e a terapeuta:

T: e então olha a senhora agora já conseguiu então fazer com que ele viesse sozInho da catraca da M não é?
K: hum
T: o próximo passo então:...
K: ((risos))
T: não eu tô brincando primeiro a gente consolida esse né? a gente vai fazer esse certinho
K: senão a gente faz aquela confusão né? então tem que se::r explicadinho

(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 118 a 127.)

A terapeuta manifesta um querer – que Luís (cliente) ande sozinho de metrô. Sua via de fazer o cliente atingir a conjunção com o objeto-valor – a própria autonomia – foi, em primeiro lugar, transmitir a competência por doação do valor "informação"; a terapeuta fez Luís fazer o trajeto. Obstáculo vencido, coube, à mãe permitir a execução da ação. Kaori se tornou o sujeito mediador da ação de Luís em relação à terapeuta. Como destinadora, a terapeuta tem seu querer mediado por Kaori, que, por sua vez, pode ou não executar tal ação. Conjecturamos que a dúvida – deixar ou não deixar o filho andar de metrô – pode surgir por conta da dupla sujeição de Kaori a dois destinadores: à terapeuta, representante de valores ideológicos que deseja a independência de seu filho, e aos acontecimentos da vida, que, numa fatalidade, podem levar seu filho embora, caso não seja protegido por ela. Pela "fragilidade" psiquiátrica de Luís, Kaori o resguarda do que ele não consegue fazer por si, mas, de acordo com os valores da terapeuta, em dose possivelmente maior do que a necessária. No exemplo 38, a terapeuta cria um tipo de condição facilitadora para que Kaori aceite o contrato. Ela divide o fazer em "pequenos fazeres", reduzindo a tarefa a doses palatáveis e, assim, o sofrimento a que Kaori terá de se expor. O passo seguinte era deixar o filho numa catraca de metrô para que fosse sozinho até o hospital. Em seguida, supõe-se que a terapeuta deve ter exigido uma ação num nível imediatamente superior de dificuldade. Kaori se assustou quando achou o passo

grande demais, o que fez a destinadora-terapeuta – agora destinatária de Kaori – retroceder no pedido ("não eu tô brincando primeiro a gente consolida esse né? a gente vai fazer esse certinho"). Nesse recuo, a terapeuta volta a tornar o contrato antigo mais aceitável para Kaori, mesmo que antes ela não o tenha cumprido. A aceitação se revela com a frase de Kaori: "senão a gente faz aquela confusão né? então tem que se::r explicadinho".

Temos aí um modo da terapeuta se relacionar com o discurso fundador. Para o estudo da intertextualidade, Discini (2004b, p.327) sugere quatro modos da inter-relação das vozes do discursos: a paródia, a polêmica, a estilização e a paráfrase:

> [...] lembramos que tal prática [a intertextualidade estilística] (inter)discursiva privilegia ora a dissensão de vozes, no caso da polêmica e da paródia, que se constroem respectivamente sobre a contraditoriedade e sobre a contrariedade de relação do sentido, ora privilegiam a convergência de vozes ou complementaridade nas relações de sentido, como ocorre com a paráfrase e a estilização. Por tais movimentos intertextuais, em que fica provado que o conflito do *eu* com o *outro* se inscreve nas próprias condições de produção do discurso, delineiam-se a paráfrase de estilo, como o abafamento da polêmica constitutiva do discurso; a paródia de estilo, como a brincadeira com tal polêmica; a polêmica do estilo, como a reprodução de tal polêmica e a estilização do estilo, como o silenciamento, senão o esquecimento de toda e qualquer polêmica (grifos do original).

A autora descreve a polêmica e a paródia como modos de negação das vozes ideológicas do discurso e a estilização e a paráfrase como sua aceitação. Realçamos que, ao cotejar o discurso fundador com os enunciados da prática terapêutica, não trazemos à luz um caso de intertextualidade, embora as observações da semioticista nos tenham amparado para pensar no diálogo peculiar entre o discurso científico e os enunciados que ele suscita. Como a "sessão de psicoterapia" é um texto produzido na oralidade, numa prática de tratamento, pertence a um gênero que se afasta muito da operação da paródia (a produção de enunciados que

absorvem variantes de um texto-base de modo a retomá-lo por meio de um caráter lúdico e/ou subversivo), bem como da estilização (produção de enunciados cujas variantes são retomadas pela aceitação da voz do texto-base imitando o discurso de maneira lúdica) (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008; DISCINI, 2004b). No entanto, há variáveis no texto-base (o discurso científico) que são assimiladas no *corpus* por aceitação, com o uso de técnicas consoantes ao afirmado no texto-base, ou negação, por contrariedade e contradição do afirmado.

A princípio, ambos os textos de Skinner delimitam uma totalidade discursiva que apoia o discurso ambientalista e nega o mentalista. A negação ocorre pela construção de hipóteses cujos efeitos são o de "provar", "fazer constatar", com a apresentação de fatos, a inacuracidade do discurso mentalista. Temos a polêmica manifestada linguageiramente por meio do embate de fatos, como nos excertos a seguir:

> Nós não choramos *porque* estamos tristes ou sentimos tristeza *porque* choramos, nós choramos e sentimos tristeza porque aconteceu alguma coisa. Talvez tenha morrido um amigo. Precisamos saber algo sobre o evento precedente para poder explicar tanto o choro como o estado sentido.
>
> (In: ANEXO A.2, p.185, linhas 19 a 23.)

> Quanto mais variáveis das quais o comportamento é função são identificadas e seu papel analisado, menos coisas restam para ser explicadas de maneiras mentalistas. Existem ganhos proporcionais na aplicação da análise. Sempre foi difícil realizar muitas coisas com os sentimentos e os estados da mente, por causa de sua inacessibilidade. As variáveis ambientais estão sempre ao alcance da mão.
>
> (In: ANEXO A.2, p.185, linhas 04 a 08.)

Esses exemplos deflagram a polêmica interdiscursiva, e não intertextual. Há aí um movimento de diferenciação – "mentalismo" e "ambientalismo" –, pensando na categoria "modo de identificação dos sentimentos do organismo". Ao sair de um

mesmo patamar de totalidades identitárias, ambos os discursos criaram uma discretização de modo a se transformar em discursos contrários (DISCINI, 2004b). No entanto, para fins da pesquisa, interessa-nos como o enunciador Skinner se inscreve como não pertencente ao conjunto de discursos que se apropriam da qualidade "mentalista" e a forma como, na "sessão de psicoterapia", o terapeuta assume esse conteúdo. Skinner propõe que essa busca aconteça pelos dados ambientais, em eventos que precedem os sentimentos, num mundo observável ou, pelo menos, "acessível": "nós não choramos *porque* estamos tristes ou sentimos tristeza *porque* choramos, nós choramos e sentimos tristeza porque aconteceu alguma coisa. Talvez tenha morrido um amigo." É no impacto da perda do amigo que se delimita a busca da tristeza. Comparando a imprensa dita séria e a sensacionalista, Discini (2004b, p.118) afirma:

> [...] um sujeito leva outro a querer e dever entrar em conjunção com um objeto de valor, o valor de uma totalidade, aqui sobremodalizado por *saber informações de uma dada realidade* (grifos do original).

Essa citação ajuda-nos a descrever também o contexto dessa ação terapêutica: o terapeuta é aquele que deve buscar informações, no discurso da Análise do Comportamento, sobre o comportamento humano, tornando-se assim competente para alterá-lo. A busca é concretizada com a leitura e o consequente conhecimento da obra de Skinner. Nessa obra, no papel tematizado e figurativizado como "psicólogo e analista do comportamento", o terapeuta adquire uma competência, um *saber*, por meio de um processo de sedução: aquele terapeuta que quiser se inscrever no discurso *behaviorista* deve se utilizar do ambiente do cliente, se desejar a alteração afetiva – e não supersticiosa – do comportamento em prol de uma saúde do organismo. Dessa forma, o diálogo abaixo é convergente com as exigências de tal ciência:

Exemplo 39 – diálogo entre Kaori e a terapeuta.

> K: tem que ser assim... não é? só falta... mais ser mais seguro... é só falta ter mais segurança.
> T: mas segurança é uma coisa que a gente tem que deixar ele ter sozinho... né? porque se a gente não deixa ele andar de metrô sozinho como é que ele tem segurança? como é que ele vai ter segurança se toda vez que toda a vez que ele for andar de elevador tiver alguém do lado dele? como é que ele vai ter segurança se toda a vez que ele for andar de metrô tiver alguém do lado dele segurando a mão e vigiando? né? para ele ter segurança... ele tem que passar pela situação::... treina::r... e ver que deu certo... né? e chegou da M1 até aqui sOzinho... conseguiu foi uma vitória pra gente... né L.?
> (In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 210 a 219.)

Pelo nível narrativo do percurso gerativo, temos a destinatária da ação reconhecendo que o sujeito-Luís precisa estar em conjunção com o objeto-valor "segurança" antes de deixá-lo *fazer* "andar sozinho de metrô". No entanto, ela afirma precisar sentir o *ser* de seu filho alterado, ele precisaria passar a *ser* seguro. Como destinadora da ação, a terapeuta mostra como se faz para entrar em conjunção com o objeto-valor "sentimento de segurança": deve-se passar por um percurso de *fazer*, de acordo com a especificação "realizar percurso sem a presença da destinatária 'mãe'". A ação só pode ser desenvolvida no ambiente externo, e não na cognição; não é o sentimento que muda, mas o modo de executar a ação no ambiente.

Estão configurados dois ambientes na terapia: o primeiro, o ambiente da reflexão, onde o passado é posto em pauta e de onde se projetam ações e acordos verbais para o futuro. Descrito abaixo por Skinner no subitem a "Clínica", o ambiente é o lugar em que o terapeuta "dá conselhos", podendo se utilizar de dois instrumentos – o "reforço do comportamento social" e, principalmente, o "reforço do comportamento verbal":

> Apenas uma pequena parte da vida do cliente se passa na presença do terapeuta. Apenas alguns poucos reforçadores podem ser usados, e na maioria das vezes para reforçar o

> comportamento social, principalmente verbal. Ocorre uma grande quantidade de modelagem mútua em confrontos face a face. Entretanto, aquilo que o cliente faz na clínica não é a preocupação básica. O que lá acontece é uma preparação para um mundo que não está sob o controle do terapeuta. Em vez de arranjar contingências correntes de reforçamento, como acontece no lar, na escola, no local de trabalho ou no hospital, os terapeutas dão conselhos.
>
> (In: ANEXO A.2, p.185, linhas 139 a 147.)

Por esse enunciado, pressupõe-se a sugestão de uma perfórmance do terapeuta no consultório (lugar também denominado "clínica"), onde tem um material de trabalho limitado, mas, mesmo assim, ainda efetivo. Esse material (reforço do comportamento social e verbal) deve proporcionar ao cliente uma melhora de atuação "no mundo", ou seja, fora da clínica, pois "aquilo que o cliente faz na clínica não é a preocupação básica". O desempenho do terapeuta deve se dar em função de "arranjar contingências correntes de reforçamento, como acontece no lar, na escola, no local de trabalho ou no hospital". Portanto, o único material de trabalho do terapeuta é aquilo que o cliente fala na sessão. Como a linguagem não é ligada ao comportamento executado (falar não é a mesma coisa que fazer, é possível produzir um *falar* não associado ao *fazer*), criam-se certas incongruências. Para tentar contornar a questão, o terapeuta comportamental está autorizado a ocupar outros espaços que não só o clínico e a chamar pessoas que convivem com o cliente (em seu "ambiente natural"):

> Exemplo 40 – diálogo entre Kaori, Luís e a terapeuta:
>
> K: tô cansada de falar olha a seta... olha lá o que tá escrito.
>
> [
>
> T: é que não adianta falar né? o que eu comecei a fazer com ele? eu comecei a Ir atrás dele... e ele me guiava... então eu ensinei ((gaguejo)) para ele como funcionava lembra/... conta pra tua mãe como é que foi.
>
> L: ah foi acho que assim... ensinou o desti:no... [...]

> K: que você tem que encostar ali... que sempre tá que fica aquela aglomeração... ((risos)) de gente que ele fica lá no meio ((risos)) lá vendo o mapa ((risos)) ( ).
> [
> T: mAs tu::do be::m é o jEIto né? é um jeito legAl ele tá sUper orientado... ele NUnca se perdeu... desde que a gente se ensinou não é L.?
> L: é.
>
> (In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 141 a 156.)

Temos o simulacro do enunciador-terapeuta manipulando verbalmente os enunciatários por meio de "conselhos" para a ação de andar sozinho de metrô. É "na atribuição mútua dos papéis entre os sujeitos que interagem nesse ato de construção do sentido, por meio das relações intertextuais", que se encontra o simulacro (DISCINI 2004a, p.205). Trazendo essas reflexões, a partir da intertextualidade específica, para a interdiscursividade considerada, vemos que a ação do enunciador-terapeuta foi entendida previamente "ao metrô": "é que não adianta falar né? o que eu comecei a fazer com ele? eu comecei a Ir atrás dele e ele me guiava então eu ensinei ((gaguejo)) para ele como funcionava lembra". Há uma assimilação de saber por parte de Luís, fruto da assimilação de uma variante interdiscursiva da terapeuta, da leitura de Skinner:

> Comportamentos perturbados são causados por contingências de reforçamento perturbadoras, não por sentimentos ou estados da mente perturbadores, e nós podemos corrigir a perturbação corrigindo as contingências.
>
> (In: ANEXO A.2, p.185, linhas 09 a 11.)

Ao "corrigir" uma "contingência perturbadora", a terapeuta altera a causa direta do "sentimento perturbador". Desenvolve-se uma extensão dos preceitos skinnerianos, em que a voz do terapeuta converge com a voz do texto-base, confirmando-o e reiterando sua posição "fundadora". Há também uma minúcia na fala do terapeuta, uma explicação do tipo passo a passo, a colocação das regras que funcionam (falar não funciona, fazer, sim) para fazer com que Luís aprenda a usar o

metrô: não se deve “falar o que fazer”, deve-se “orientá-lo a usar o mapa do metrô”, “fazê-lo fazer o trajeto” sem ajuda do comportamento verbal, e, se ele tiver “aprendido” tal comportamento, não nos importaremos se ele “fica ou não na aglomeração”. A terapeuta expande a regra descrita no texto-base e introduz, no nível narrativo, um *saber fazer* mais especificamente ligado ao objeto obstaculizador, temática e figurativamente descrito como “esquizofrenia”. O destinador-terapeuta tem competência para doar o valor que fará o destinatário (cliente) sair da conjunção com o objeto “total dependência” para atingir a própria autonomia, no seguinte caminho do quadrado semiótico:

negar dependência	afirmar não dependência	corroborar autonomia
negar não dependência	afirmar não autonomia	corroborar subserviência

É sabido que um diagnóstico de esquizofrenia segue pela vida e que são raros os casos em que se cria uma condição de independência total. Essa condição faz imaginarmos que o sujeito, tematizado e figurativizado como cliente, sempre convergirá para uma timia disfórica, em maior ou menor grau. O cliente é aquele que busca, no discurso da psicoterapia, a saúde, entendida como um sentir-se bem em qualquer situação, no máximo potencial de seu organismo biológico.

Há outros textos do enunciador do discurso fundador [SKINNER (1953/1998), (1968/1972), (1974/1999)] que discursivizam sobre como promover o aprendizado comportamental em que se observa um conteúdo consoante à atitude da terapeuta, ou seja, o ensino de pequenos movimentos de independência (andar de metrô, acordar sozinho, dormir sozinho). A soma desses movimentos constrói o sujeito autônomo. Entretanto, a delimitação do *corpus* nos força a ficar dentro de recortes dos discursos científicos citados. Em suma, temos no texto da “sessão de psicoterapia” uma expansão do discurso ambientalista: deve-se romper o obstáculo que impede Luís de se tornar independente, não importa em que estrutura de vida se localize tal obstáculo, e a condução desse agir se dá no exercício de interação com objetos do contexto. No lugar da paráfrase intertextual, temos, no quadro

contemplado, referido ao "primado do interdiscurso", a prática da independência como extensão que reatualiza o discurso fundador e o insere em outro contexto.

Assim, depreendemos a construção de um espaço físico obstaculizado no que diz respeito à experiência vivida pelo cliente. Ou seja, os sujeitos Kaori e Luís transformaram o metrô em um dos obstáculos. A própria mãe do cliente é entendida como obstáculo não só porque é sujeito mediador da perfórmance do filho como por se configurar como um de seus espaços existenciais. A terapeuta pede a Kaori que participe da sessão de atendimento porque, em caso contrário, não haveria desenvolvimento do repertório de Luís, e trabalhar com o ambiente do cliente é uma tarefa do "bom" behaviorista, que altera as contingências não importando onde elas estejam:

> Nem sempre a sensibilidade do psicótico às contingências é que se revela deficiente, mas as próprias contingências.
> (In: ANEXO A.1, p.182, linhas 26 e 27.)

De fato, antes da sessão do *corpus*, o atendimento acontecia entre a terapeuta e Luís. Ao ensiná-lo uma série de competências, é necessário que ele as execute. Dessa forma, se pensarmos que a terapeuta é aquela a quem se atribuiu a tarefa de alterar contingências, sua próxima atuação é desenvolver um repertório de aceitação da mãe. Por isso, evoca a competência de Luís, pela fala do procedimento necessário à utilização do metrô na presença de Kaori (no exemplo supracitado: "conta pra tua mãe como é que foi."), visando trazer a memória verbal como "prova" do aprendizado.

Na medida em que esse espaço físico está obstaculizado, temos um espaço que reflete outro – o íntimo e emocional –, também obstaculizado. Ao assumir o obstáculo à independência emocional, figurativizada como "metrô", "dormir sozinho", "acordar sozinho", a terapeuta trata o discurso do texto-base como verdade, transformando-o por meio do efeito de subjetividade, produto do diálogo.

Por conta de todas as direções sugeridas pelo texto-base, assimiladas pelo texto das variantes interdiscursivas, podemos conjecturar que há um valor social no discurso do sujeito que deve se responsabilizar por seus atos, para que ninguém tenha que fazer coisa alguma por ele. É curioso notar que a dependência do cliente ocorre nos dois sentidos: de mãe para filho e de filho para a mãe. Kaori também é dependente do cuidar de seu filho. Por mais que tenham sido realizados acordos de independência, quem os descumpriu foi a mãe:

Exemplo 41 – diálogo entre a terapeuta, Kaori e Luís:

T: [...] por isso tem que lembrar a sua mãe de não te acompanhar de M até aqui... você tem que falar "mãe fica na catraca lembra... que eu combinei com a T" né?
L: toda a vez que eu chego na M eu falo pra ela... que eu vou sozinho
K: ( )/
  [
T: o que você fala?
L: é eu acho que eu falo assim "daqui eu vou... sozinho eu volto a pé daqui eu vou sozinho" e ela...
                [
K: hoje né?/
                [
T: você perguntava?
L: é.
T: e ela o que ela fala?
K: ((risos))
L: vai junto por que... vai vai vai é:: vai ter A (("A" se referindo ao nome da médica))
K: não tem bastante coisa... sempre tem alguma coisa né? doutora A
T: ((suspiro)) dona K.... dona K.

(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 419 a 438.)

Há nesse excerto um confronto entre a terapeuta e Kaori, que aparece reforçado pelas interrupções de turnos (Luís é interrompido por Kaori, Kaori é interrompida pela terapeuta). Marcas prosódias do plano de expressão tais como o

riso, o suspiro e o gaguejo ("vai") reiteram humores como "vergonha/timidez" de Kaori, "desagrado/desaprovação" da terapeuta, "medo de contrariar" de Luís. Desenha-se aquilo que Skinner descreveu como uma "contingência aversiva":

> Consequências aversivas são responsáveis por vários tipos de problema. Como reforçadores negativos, elas podem ter as mesmas falhas já verificadas em relação ao reforçadores positivos. Como punição, seus efeitos colaterais podem ser mais severos. Aprendemos a nadar, andar, correr e a andar de bicicleta não só porque o deslocamento pelo mundo reforçou nosso comportamento apropriado a essa finalidade, mas também porque nos ferimos quando cometemos erros. Esse tipo de punição é imediatamente contingente ao comportamento e pode reduzir sua probabilidade de ocorrência. [...] uma pessoa punida permanece tão fortemente inclinada como sempre esteve a se comportar da maneira pela qual foi punida, mas se esquiva à ameaça de punição fazendo alguma coisa alternativa. [...] Os estados corporais resultantes da ameaça de punição são nomeados de acordo com sua fonte. Quando a punição advém de um igual fala-se em *vergonha*; quando advém do governo, em *culpa*; e quando provém de uma instituição religiosa, fala-se em *senso de pecado*. Um modo de esquivar-se é confessar e assumir a punição, mas, quando o comportamento sobre o qual uma punição atrasada foi contingente não é bem claro, a esquiva pode ser difícil.
>
> (In: ANEXO A.2, p.185, linhas 71 a 86.)

Nesse excerto, Skinner afirma que o reforçamento positivo e negativo têm falhas. No entanto, "uma consequência negativa" seguida à resposta do organismo pode trazer mais alguns efeitos colaterais, entre eles, "reduzir a probabilidade de ocorrência do comportamento" (mesmo o filho alertando a mãe sobre a tarefa, ela o acompanha); "esquiva à ameaça de punição fazendo algo alternativo" (mentindo à destinadora e inventando desculpas sobre sua ida à médica), "os estados corporais resultantes da ameaça de punição são nomeados de acordo com sua fonte" (geram sentimentos de ordem tímica negativa, não importa o nome". Ao alterar o tom de voz

(suspirar), a terapeuta mantém o caminho tímico em que conduzia a sessão até então, realizando o que Skinner denominou "consequência negativa". Encontramos um ponto polêmico entre "sessão de psicoterapia" e discurso científico. O sujeito-terapeuta não executou a perfórmance que, segundo o texto-base, deveria ter sido concretizada: se consequências negativas trazem sequelas às contingências, ao se utilizar de "suspiros" e dizer apenas o nome da cliente, reitera a desaprovação, como acima dito. Ao ver que o acordo mais uma vez fora quebrado apesar de Luís tentar cumpri-lo, a terapeuta age de acordo com o impacto desse acontecimento, deslocando-se do papel previsto para um papel mais pessoal, num gênero cotidiano em que a quebra de contrato tem como modalização a paixão da tristeza. Em outras palavras, surgiu um outro papel temático para a terapeuta: a de pessoa do cotidiano, hiperbólica porque afetada timicamente pelo contexto. Em seguida, quase no fim da sessão, ela retoma o contrato, de maneira mais severa, pedindo que Luís desconsidere Kaori como sujeito mediador e que tome ele a decisão de andar sozinho, estabelecendo um objeto do acordo, o "contrato escrito":

Exemplo 42 – diálogo entre a terapeuta, Kaori e Luís:

T: não não você não vai mais perguntar para a sua mãe "mãe então daqui eu vou sozinho?" você vai afirmar "mãe... daqui... eu... vou... sozinho..." porque se você perguntar.
[
K: ( )/
[
T: para ela ela vai dizer "não não vou por que eu tenho A porque eu tenho não sei o quê,eu tenho não sei o que lá"... então agora::
[
K: ( ) até M para te esperar
L: tá
T: então L.... vamos escrever aqui... "tare::fa... tare:::fa...-para...-to::dos...-os...-di:a:s...-que...-você:..-vier...-ao-B-a::com::pa::nha::do pe::la-mãe" então agora você escreve... você vai... olha vou te falar... você tem que lembrAr tua mãe de que

> você já pOde vir sozinho da M1 e que toda vez você vai vir sozinho... escreve aí agora ((...1 minuto e 43 segundos))
> (In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 455 a 470.)

O "contrato escrito" aparece como uma tentativa de selar o acordo verbal por uma imposição de ideias. A intenção do sujeito-terapeuta continua consoante ao discurso científico, a uma saúde comportamental, haja vista o conceito de saúde descrito por Skinner:

> Diz-se que a psicoterapia promove saúde mental, no sentido de que ajuda as pessoas a "se sentirem bem" e a "pensar claramente". A terapia comportamental promove a saúde comportamental no sentido que ajuda as pessoas a se comportarem bem, não no sentido de ter boas maneiras, mas de ser bem sucedidas.
> (In: ANEXO A.1, p.182, linhas 180 a 183.)

Não deixar o filho andar sozinho, acordar sozinho, dormir sozinho causa mal-estar emocional. É fruto do medo e da preocupação com o dolo que pode ser promovido por um sujeito considerado incapaz de lidar com o mundo. Nesse sentido, saúde comportamental é caminhar para o aprendizado do que é ser independente. No entanto, em alguns momentos, a forma como a sessão foi conduzida estabelece uma relação de negação do discurso científico: através de "contingências aversivas" e "consequências negativas". Assim, encontramos uma terapeuta cuja prática não se atém cegamente ao discurso científico, embora ele apareça fortemente em suas ações. Se o terapeuta deve, ao mesmo tempo, ser sensível à teoria e ao cliente, é possível que em determinados momentos se crie uma encruzilhada: será, por exemplo, que, se a terapeuta não fosse mais severa/rigorosa nessa questão do contrato, a independência de Kaori e Luís seria conquistada? Por mais que a terapeuta se utilize de "consequências aversivas", Kaori e Luís discursivizam com a ela. Temos que não há, de certa forma, um conflito de valores, no sentido de que Kaori e Luís não negam que eles sejam positivamente desejados.

Kaori mente e disfarça para não mostrar a quebra da persuasão, mas não nega o contrato proposto pela terapeuta. Portanto, a crença de Kaori, de Luís e da terapeuta está atravessada por uma mesma ideologia, se pensarmos as enunciações como a transformação em corpo, voz e tom de voz de uma rede discursiva que exalta certos temas e nega outros. Uma parte da obra de Skinner constitui um dos atravessamentos que se presentificam na rede discursiva, no primado do interdiscurso.

CAPÍTULO 3 - DEPREENSÃO DA IMAGEM DO SUJEITO DISCURSIVO *TERAPEUTA* E DO GÊNERO *SESSÃO DE PSICOTERAPIA*

3.1. Sessão de psicoterapia observada como temática, composição e estilo: uma interação entre a teoria semiótica e a de Bakhtin

Para buscar a imagem do sujeito discursivo da *sessão de psicoterapia*, fizemos uma conexão entre as abordagens teórico-metodológicas adotadas. Para isso, usamos a filosofia da linguagem de Bakhtin, especialmente o conceito de gênero discursivo e suas implicações operacionais. Neste capítulo, incorporamos Bakhtin à Semiótica de tradição greimasiana, respeitados os desdobramentos tensivos, e incorporamos à Semiótica a AD de linha francesa. A Semiótica forneceu um rico instrumental para a depreensão dos mecanismos de construção do sentido do *corpus* de sessão de psicoterapia familiar (a Sessão 1). Confirma-se também a Semiótica como a teoria responsável pela releitura do conceito de *éthos*, associando-o a estilo. Neste capítulo, atentaremos para questões do estilo.

Ao desbastar os efeitos de sentido no texto, buscamos abranger traços de semelhanças e diferenças do sujeito depreensíveis dos enunciados de *sessões de psicoterapia* (S1, S2, S3 e S4), para compreender quais deles são relevantes para a composição do estilo do gênero. Retomamos a introdução para das continuação à análise do estilo: considera-se que as sessões de 1 a 4 (ANEXOS B, C, D, E) pertencem a um mesmo gênero discursivo, pois são sessões de psicoterapia com terapeutas comportamentais e seus clientes. Destaque-se a escolha definida para esta conjuntura de pesquisa, para esclarecer que se trata de uma materialização peculiar do gênero. Delimitamos um grupo de *corpora* pautado por duas características: ser "psicoterapia" e os terapeutas se filiarem à abordagem da Análise do Comportamento. Por mais que o *corpus* se constitua de uma sessão familiar, uma infantil e duas de adulto, não buscamos as diferenças provocadas por essas variáveis.

Como explica Discini (2009), o encontro entre a teoria de Bakhtin e Semiótica greimasiana é possível a partir da teia de conceitos constitutivos desses discursos teóricos, aproximados da forma como a autora descreve: primeiro, pela possibilidade de conexão entre a concepção de signo pela Semiótica e pela filosofia da linguagem de Bakhtin. Para a Semiótica, segundo a tradição saussuriana, signo é entendido como a relação entre significante e significado – significante como imagem acústica, e significado como porção conceitual. Por sua vez, *som* como memória psíquica e *conceito* como interpretação do mundo pressupõem um organismo subjetal que viabiliza o sentido segundo uma aparência e uma imanência. Esse sujeito, dono desse organismo, está presente no mundo natural e o depreende de acordo com as qualidades sensíveis que capta, organizadas conforme a estrutura da forma linguística e conforme sistemas axiológicos dos valores. Assim, não é possível existir um homem ausente de seu mundo linguageiro, que não componha o mundo através da relação sígnica, ao que se remete a um mundo culturalizado. Para Bakhtin, como explicam estudiosos, numa convergência indireta com as bases saussurianas do pensamento sobre a linguagem, o domínio da ideologia coincide com o domínio dos signos. Clark e Holquist (1984) explicitam que, para a teoria bakhtiniana, tudo o que é ideológico tem valor semiótico. O raciocínio desses autores se sedimenta nos pressupostos bakhitianos de que toda construção humana se dá pelo pensamento, é dele que precisamos para executar ordens e gerar tarefas. O pensamento empreende a compreensão pela aproximação de signos com outros já conhecidos e pela diferenciação em relação a outros não semelhantes; em outras palavras, pela aproximação/afastamento de certas categorias/estruturas. Essa ação sígnica de aproximação e afastamento aponta para a natureza responsiva e dialógica do signo, com base na noção de dialogismo proposta por Bakhtin, correlata à de Saussurre, quando ele afirma que na língua há somente diferenças. Hjelmslev descreve o sentido através da estrutura elementar de forma do conteúdo e da expressão, cotejados ambos segundo a forma que precede a substância (HJELMSLEV, 1975) e pela relação inevitável entre um e outro. Se, para Saussure, o valor é

entendido como a relação que funda a delimitação conceitual entre os signos de uma mesma língua, o signo não é considerado fechado em si, mas com porosidades relativas ao seu exterior. Assim se pode assimilar o ponto de vista bakhtiniano, já que o filósofo russo propõe o signo dialógico, relacional por excelência. A teoria dos signos em Bakhtin se torna plenamente viável para a leitura que faz a Semiótica, desde Saussure, Hjelmslev até Greimas, pois tais frentes teóricas, Bakhtin de um lado, Greimas de outro, cuidam da construção do sentido cotejado estruturalmente.

Discini (2009) ressalta ainda que a Semiótica é uma teoria de natureza interdisciplinar, podendo abarcar conceitos e instrumentos operacionais que lhe são compatíveis como, por exemplo, a AD e o uso que esta faz do conceito de *éthos*. Pensamos as sessões de terapia como enunciados aos quais se pressupõem enunciações. Para a filosofia bakhtiniana, observar o conjunto de sessões como um enunciado discursivo supõe necessariamente depreender o gênero. Assim como examinar o estilo, conforme afirma a autora, supõe a depreensão da imagem de um sujeito relativa a uma totalidade discursiva – a princípio, é aqui que nos concentramos. Para a Semiótica, estilo; para a AD, *éthos*; para a Semiótica, um estilo que é *éthos*:

> Para quem analisa o discurso sob a perspectiva da Semiótica, são permitidos tais alargamentos, tributários da natureza interdisciplinar da teoria, esta que respalda estudos voltados para uma estilística discursiva e que se constitui como lugar de acolhimento da noção de estilo como um corpo, uma voz, um tom de voz, um caráter, um *éthos*, enfim (DISCINI, 2009, s/p).

O *corpus* selecionado diz respeito, como temos dito, ao discurso relativo à prática da psicologia comportamental na clínica, aqui denominada apenas *psicoterapia*. Reiteramos que temos o olhar voltado para os mecanismos de construção do sentido em sessões de psicoterapia, com atores envolvidos no processo de interlocução de uma comunicação peculiar. Partir do discurso da psicoterapia faz intrinsecamente com que partamos também do discurso científico

que o embasa. Essa premissa parte do conceito de esfera de comunicação proposto por Bakhtin (2003). Sob tal perspectiva, o gênero *sessão de psicoterapia* prevê discursos fundadores, relativos à pesquisa teórica e experimental em psicologia, entre os quais lembramos as obras filosóficas de pensadores como Thordinike, Watson e Skinner, entre outros.

Segundo Bakhtin (2003), o gênero se apresenta sobre três pilares: a temática, a composição e o estilo. A temática concerne ao assunto tratado; a composição, à estrutura, tal como um tipo textual ("injuntivo" para uma bula de remédio, "expositivo" para uma palestra, "dialogal" para uma sessão de psicoterapia). O estilo de um gênero diz respeito ao tom da voz, que se depreende da enunciação da totalidade genérica. Fiorin (2008b, p.62) descreve os três componentes dos gêneros: a temática como conteúdo temático, que em Bakhtin se apresenta como "um domínio de sentido de que se ocupa o gênero". Dentro do conteúdo temático, pode haver diversos assuntos. Por exemplo, temos como temática da "sessão de psicologia" da Sessão 1 (S1) a dificuldade de agir do humano obstaculizado, apresentada pela figura de um destinatário que está, em parte, persuadido a realizar um *fazer* que intermedeia a perfórmance de outro destinatário ("mãe deixar filho adulto andar sozinho de metrô, sendo este dotado de competência, de *poder saber fazer*"). A construção composicional é apresentada por Fiorin (IDEM) como o "modo de organizar o texto, de estruturá-lo" a fim de ancorá-lo "num tempo, num espaço e numa relação de interlocução". Quanto à noção de estilo, o autor a define como "ato estilístico [e] uma seleção de meios linguísticos":

> [...] uma seleção de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como ele presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado (FIORIN, 2008b, p.62).

Ao falar em estilo, tomamos essa noção segundo uma estilística discursiva, o que tem as seguintes implicações:

> Pensamos no estilo como o modo próprio de dizer de uma enunciação única, depreensível de uma totalidade enunciada. Essa perspectiva faz com que as relações de sentido convirjam recorrentemente para um centro que, longe de mostrar um sujeito empírico, cria o próprio sujeito. Por isso afirmamos que o ato singular de dizer emerge do dito, também em se tratando de totalidade. O centro, o referencial interno, remete, porém, à exterioridade do próprio estilo, pois só por oposição ao externo o interno significa. O que é, por sinal, a exterioridade do estilo, senão o *outro*, pelo qual se constitui o *um*? Esse *outro*, além do *tu* instituído intersubjetivamente, o que é senão a própria situação de comunicação? (DISCINI, 2004b, p.17-18).

Falando em estilo do gênero, lembramos que, segundo Discini (2009), o tom da voz de uma bula de remédio tende a ser asséptico de subjetividade, ou seja, temos numa bula um enunciador tão afastado do enunciado que quase se dilui. O mesmo acontece com uma lista telefônica. Essas duas totalidades de gênero se assemelham, no que concerne à estratégia de efeito de monofonia dos enunciados. Trata-se de cenas enunciativas tão padronizadas que remetem a uma cristalização da própria enunciação, ao apresentar alto grau de previsibilidade: ninguém espera variação de uma lista telefônica de um ano para outro. A cristalização da enunciação (do gênero) cria o efeito de uma "realidade [que] existe *tal qual é*, uma realidade, portanto, sem contradições e mantida afastada da relação entre o *ser e parecer*" (DISCINI, 2005, p.284 – grifos do original). A *sessão de psicoterapia*, por sua vez, ocorre de acordo com certos graus de previsibilidade na estrutura: o efeito dialógico, produto das trocas do turno de fala; a oralidade (demarcada no modo de escrita, na Sessão 1); um terapeuta-enunciador que orienta no modo de ser e agir; enunciatários-clientes que se enunciam na primeira pessoa relatando fatos de sua vida. No entanto, a tematização e figurativização, qualidades que também definem o estilo, são, em parte, imprevisíveis. Mas, para o estilo, vale o modo peculiar de tratar os temas. Longe de um tom asséptico, a sessão de psicoterapia é carregada de efeito de subjetividade. Para pensar a imagem do sujeito, cliente e terapeuta, pensamos em

estilo do gênero e em estilo das sessões examinadas. Não tomamos, portanto, a concepção de estilo do gênero tão somente como formal e informal. São a voz e o tom de voz ou o *éthos* como estilo que nos interessam.

Como dissemos, essa composição da *sessão de psicoterapia* diz respeito à construção de um gênero *dialogal* (conversa). Se tivéssemos à mão uma peça dramática, também teríamos um gênero *dialogal,* na medida em que, no palco, os atores se interpelam mutuamente no jogo dramático. Poderíamos então ter (a) a possibilidade de um monólogo como variação de um diálogo e (b) a existência da voz do narrador, seja dominando uma cena e falando sobre a história de outrem (ele/ela), seja narrando trechos e depois delegando a voz aos atores.

O gênero *dialogal* da sessão de psicoterapia tem um direcionamento específico. Em princípio, a sessão réune, no mínimo, dois atores: o *psicólogo* e o *cliente*, postos em relação de comunicação sem *script*. A ausência de *script* funda a mobilidade das vozes num gênero discursivo que permite que o narrado seja concomitante ao ato de enunciar do terapeuta e do cliente. Temos uma cena que se constrói na imprevisibilidade das trocas enunciativas entre cliente e psicoterapeuta e, ao mesmo tempo, a previsibilidade de ações dada pelo lugar social previsto para cada um dos atores. Assim, destaca-se para o gênero *dialogal* próprio da sessão de psicoterapia a assimetria dos papéis enunciativos. De um lado, há o cliente, com o objetivo de tratamento de suas relações sociais/ambientais, fundadas na própria percepção e no afeto. De outro, o terapeuta, com a autoridade acumulada, prevista pelo gênero, que questiona essa percepção e esse afeto.

Logo, a composição do gênero *sessão de psicoterapia* apresenta certos pilares de fixidez. Esse tipo de sessão prevê certos atores sociais envolvidos (um "psicólogo", um "cliente") num espaço físico (o "consultório", o "hospital"). Esses são os dados referenciais de pessoa e espaço que, segundo o olhar semiótico, não serão considerados *a priori*, ou seja, antes de a sessão de psicoterapia acontecer como discurso. Eles existem em qualquer sessão, mas compete ao estudioso da Semiótica observar: (1) o *terapeuta* como sujeito produzido no ato de organizar, de viabilizar a

terapia; (2) o *cliente* como sujeito que emerge no texto terapêutico; (3) o *consultório*/espaço físico como espaço que emerge do diálogo, pois, ainda que não se fale sobre ele, está lá, presente; (4) o *tempo* da sessão como linear – tem início, meio e fim – e delimitador de temas (ao término da sessão, há "despedidas", e não o aprofundamento de um tema "complexo", por exemplo). Esse espaço físico e temporal simbólicos favorecem a formação de parâmetros para o comportamento do terapeuta, tanto que se admite que o terapeuta tenha certas ações, em detrimento de outras. É inconcebível, por exemplo, um terapeuta conversar ao telefone durante a sessão. O espaço do consultório apresenta coerções que ritualizam a própria sessão da terapia, assim como o faz o tempo de uma hora da sessão. Espaço, atores e tempo são efeitos de sentido, produzidos por estratégias discursivas que geram simulacros. Uma *sessão* é, portanto, uma sessão ritualizada. Para Charaudeau e Maingueneau (2008, p.437), representantes da AD de linha francesa, o ritual é visto como rito de interação e se apresenta na forma de polidez ou de rotinas, como:

> [...] "expressões pré-fabricadas" que aparecem em situações "padronizadas", mostrando sua importância para o bom funcionamento da interação, e propondo certo número de critérios que permitem a identificação dessas sequências.

Os autores descrevem o ritual como uma prática regrada, ou seja, por meio de códigos e fórmulas. Reproduzem-se modos de conduta em situações que participam do mesmo gênero discursivo. Diferenciam-se, no entanto, quanto ao grau de fixação de tais movimentos, num "*continuum* que liga a estereotipia radical e a criatividade pura" (IDEM, p.438). O grau de fixidez conduz a uma fórmula pronta, tornando o papel do terapeuta, na sessão de psicoterapia, previsível, "estabilizador" e "pacificador" (IDEM, IBID., p.439). Afirmam os autores, no entanto, que as fórmulas permitem um número ilimitado de variações e que, por mais que os rituais empobreçam o conteúdo informacional, enriquecem a significação relacional. Assim podemos descrever as sessões encontradas no *corpus* de análise da presente

pesquisa: fórmulas semelhantes, variações figurativas de grande porte. Para a compreensão desse simulacro ritualístico, os termos *fiador* e *cenografia* contribuem como noções resultantes do investimento da dêixis discursiva e fundadora do papel do ator social:

> Resultando dessa conjugação, a cenografia "é, ao mesmo tempo, a fonte do discurso e aquilo que ele engendra" e abriga um "tom" que lhe dá autoridade. Uma "maneira de dizer" evoca uma "maneira de ser", noutros termos: os "conteúdos" enunciados não são independentes da cena de enunciação que os sustenta. Quem avaliza essa cena é o fiador, a voz que assume um tom e assim constrói o mundo do qual participa. Esse fiador diz do mundo o que esse mesmo mundo lhe permite e lhe propõe dizer [...] é por meio do seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua "maneira de dizer", incorporando um *éthos* (SALGADO, 2008, p.86).

A separação que as ciências fazem de sujeito e mundo como simulacro metodológico nos faz firmar, no excerto de Salgado (2008), a complexidade que gira em torno de tal feito. Cenografia e fiador – mundo e sujeito – um constrói o outro, que constrói, por sua vez, o um. O porta-voz edifica o mundo com tal singularidade que impõe novidades, ao mesmo tempo em que traz um arcabouço de atravessamentos históricos e sociais que existiam muito antes e alhures. Na entrada lexical de *fiador*, Charaudeau e Maingueneau (2008) remetem o leitor a quatro outros léxicos, dentre eles, a *incorporação*. Esta noção relaciona o fiador e sua interface ao conceito de *éthos*: ao assumir um corpo, o fiador assume também uma relação dinâmica específica desse corpo, um modo singular de habitar um corpo no mundo, possibilitando uma "incorporação imaginária do destinatário à comunidade dos que aderem a esse discurso, que com ele fazem um corpo" (IDEM, p.272). Discini (2004b, p.58) refere-se à noção de *incorporação* como produtora de três efeitos: (a) a enunciação confere ao fiador um corpo; (b) o co-enunciador assimila esse corpo e, concomitantemente, temos os esquemas de interação desse corpo com o mundo; (c) as duas vivências anteriores de corpo criam um imaginário social desse corpo,

representativo de um modo de ser. Segundo a mesma autora, tudo isso funda a noção de *éthos* como sujeito do estilo.

Charaudeau e Maingueneau (2008) definem *éthos* por meio da autolegitimação que o enunciador deve produzir, ou seja, seu corpo e tom de voz produzem um saber que se estabelece por meio da posição que assumem no mundo. Os autores relacionam o conceito de gênero e *éthos* da seguinte maneira:

> Cada gênero de discurso comporta uma distribuição preestabelecida de papéis que determina em parte a imagem de si do locutor. Esse pode, entretanto, escolher mais ou menos livremente sua "cenografia" ou cenário familiar que lhe dita sua postura. [...] A imagem discursiva de si é, assim, ancorada em estereótipos, um arsenal de representações coletivas que determinam parcialmente a apresentação de si e sua eficácia em uma determinada cultura (IDEM, IBID., p. 221)

Um corpo, uma voz, um conjunto de vozes que criam a representação de um discurso: é assim que dissecamos o *corpus* das sessões de psicoterapia, ou seja, como um cliente, como cinco clientes, como um terapeuta, como quatro terapeutas, ao interagir no contexto ritualizado, confirmam um gênero discursivo. Dito de outra forma, a estrutura da sessão do gênero *psicoterapia* engendra um modo próprio de encadeamento do discurso e supõe uma interlocução, em graus diferentes de tensão e impacto, que serão realizados em cada cena enunciativa, enquanto ela acontece. Em cada enunciado de sessão, podemos depreender uma cena enunciativa.

A estrutura da terapia remete ao uso do discurso direto. Na transcrição da gravação em áudio, a terapia remete a um efeito de sentido de ausência de narrador explícito, como vimos. Parece-nos que, em algum momento, existe no texto transcrito da psicoterapia uma voz que delega voz aos atores do enunciado e afirma: "nesse momento, quem vai falar é o cliente", ou "o terapeuta, erguendo a voz, exclamou:". Mas essa voz está maximamente diluída. Uma vez que remetemos à transcrição do enunciado como suporte, o gênero *sessão de psicoterapia* deixa patente a inexistência do narrador explícito que tece, que costura as falas. É desse lugar que vêm todos os

efeitos de sentido pelo discurso provocado: o efeito de realidade, de objetividade, o efeito de verdade. Temos o que Discini (2005a, p.94-96) apresenta como efeito de "investimento emocional preservado no confronto entre interlocutores"; efeito de "vivificação da própria fala" (IDEM, p.113); efeito de manutenção de duas ou mais enunciações separadas (IDEM, IBID., p. 112) como corpo, tom de voz e voz, numa debreagem enunciativa de 2º grau, sem o centro delegador de vozes. O simulacro de texto *ao vivo* retrata uma estrutura de dinâmica acelerada, numa primeira justificativa, devido à troca de turnos de fala.

A base comparativa oferecida pela Linguística nos ajuda a entender a sessão de psicoterapia em sua especificidade de gênero e em sua identidade genérica: comparamos a sessão de psicoterapia com a sessão espírita; relacionamos os pontos comuns e subsumimos das diferenças que sessão de terapia não é sessão espírita e vice-versa. Cotejamos, por conseguinte, a *sessão de psicoterapia* a temas de sessões de outros gêneros discursivos: a sessão de *psicoterapia* não terá a mesma temática de uma sessão *espírita*, não apresentará também uma temática de sessão *política*, ou de uma sessão para a definição de rumos do *anúncio publicitário* etc. Entendemos por sessão o conceito de reunião, de espaço e de tempo em que se desenvolve determinada atividade conjunta, ou parte dela, entre sujeitos. O gênero *sessão de psicoterapia* está ancorado na esfera de comunicação do discurso da saúde das relações humanas. A prática social alicerça o comportamento dos indivíduos qualificada como a "busca da saúde". O discurso da saúde, por sua vez, compreende temas que, quando realizados, se apoiam em representações de problemas interacionais e da consequente necessidade de ajuda profissional para solucioná-los.

No caso de dificuldades comportamentais, uma possibilidade temática, ancorada na saúde, é a existência de um tipo de interação que ocorre por meio da fala/escuta de terapeutas e clientes. Essa interação começa com a busca de ajuda da parte do cliente para sofrimentos causados por esse tipo de problema. O sofrimento gerado pela dificuldade de interação faz o cliente, que padece, procurar a prática da psicoterapia, tornando-se um participante dessa esfera de comunicação ou discurso.

Ao invés de acolher o discurso *espírita*, por exemplo, que viabiliza soluções e alívios na ordem do transcendental, temos o sujeito posto na própria linguagem. Se observarmos a sessão *espírita*, que é constituída por uma reunião em torno de interesses comuns, há também a temática do sofrimento, do problema, do mal-estar no mundo, mas a tentativa de solução advém de outra ordem de materialidade. A temática pode ser idêntica entre as sessões de *psicoterapia* e *espírita*, mas, por se tratar de gêneros diferentes, de discursos diferentes e de diferentes esferas de comunicação, cada qual recebe um tratamento diferente.

Na sessão de *psicoterapia*, a escuta daquele que sofre e procura ajuda é observada em relação ao discurso da saúde na esfera de comunicação científica. A outra sessão remete ao discurso espírita na esfera de comunicação religiosa. Destarte, a temática é observada como uma rede de conexões, de temas, de tratamento ético, de modo a fazer emergir restrições semânticas, valorativas e perceptuais. Por conseguinte, não é concebível, dentro da sessão de *psicoterapia*, encontrar como temática a possibilidade de intervenção de um espírito que venha comunicar-se com aquele que está posto como cliente, mesmo que lhe seja comum o tema da viabilização de amparo àquele que sofre. Assim, em certos aspectos, a temática pode se configurar como a mesma nas duas sessões, mas há restrições semânticas na execução do discurso de psicoterapia que remetem a um ideal de presença completamente diferente daquele da sessão *espírita*.

Comparando uma sessão de *psicoterapia* e uma sessão *espírita* quanto à temática, depreendemos a identidade de cada uma. Daí decorre a possibilidade de depreensão do *éthos*. Tratando-se do estilo da sessão de psicoterapia, ou seja, do gênero *psicoterapia*, ao manter a postura comparativa, depreendemos do cotejo entre estilo do gênero da sessão de *psicoterapia* e *espírita* o *éthos* do gênero, o estilo do gênero: aquele que projeta a sessão de psicoterapia e que não necessariamente é dado num único *corpus*.

Remetemos, então, a uma totalidade de enunciados do gênero *sessão de psicoterapia* e *espírita*. Dessa totalidade, se depreenderá a diferença entre o *éthos* da

sessão de *psicoterapia* e o da sessão *espírita*. Nesta, há uma orientação definida para a facilitação do entendimento e dos meios de superação do sofrimento e da dor. O *éthos* da facilitação certamente se encontra naquela cena genérica que viabiliza uma solução imediata dada por um sujeito onisciente, onipotente e onipresente e, paradoxalmente, ausente da cena como corpo e como existência.

Falamos em sessão *espírita*: esse é o *éthos* da facilitação imediatista; nela, todos problemas serão canalizados para obter a solução de uma mediação por meio da expulsão de um espírito maligno, do mal, ou para a conjunção do sujeito com um bem mais desejável, ou ainda a interlocução com o espírito de alguém querido e já falecido. Numa tal cena, o cliente se vê posto numa situação monolítica, numa visão monocular; está num mundo centrado e, por isso, facilitado.

Ao *éthos* da sessão de psicoterapia resta a vulnerabilidade, pois, longe de se apoiar numa visão cartesiana de certo e errado, procura, de modo homeopático, suave e lento, viabilizar ajuda para aquele que sofre. Esse é um discurso absolutamente não autocentrado, da ordem do acontecimento. A imagem do sujeito participante da sessão de psicoterapia concerne ao estilo da movimentação, do pensamento que se constrói no ato de pensar. Por conseguinte, o terapeuta se constitui como o ator que tem o papel de fornecer a orientação, aquele que vê o comportamento humano acontecendo e que pode dar diretrizes ao modo de agir dos clientes. Ao mesmo tempo, o *éthos* da sessão de psicoterapia se afasta da cena genérica de voz autoritária, diferentemente da *sessão espírita*, que viabiliza a expulsão de um corpo ausente e presente ao mesmo tempo.

3.2 Análise do estilo do gênero das sessões de psicoterapia comportamental

Em seu artigo intitulado "A psicoterapia é uma pesquisa", pautado numa visão etnológica do discurso, Klein (1996) contextualiza a psicoterapia como uma prática social consolidada por quatro critérios. Como primeiro critério, sugeriu que a psicoterapia deve se pautar na busca de uma definição clara da problemática

apresentada na sessão. Cabe ao terapeuta ter a descrição minuciosa do funcionamento do comportamento humano; formular hipóteses sobre o problema; aplicar técnicas que solucionem esse problema; observar os resultados. A descrição minuciosa advém da base fornecida pelo modelo do discurso científico de origem da psicoterapia. Seguem alguns exemplos de investigação de problemáticas feita por Alice sobre o comportamento de Tito (S3, ANEXO D, p. 237). Ele procurou a terapia porque se sentiu diante da possibilidade de desenvolver depressão, além da insegurança que o atrapalhava no desenvolvimento de seu trabalho, que denominou "medo de errar":

> Exemplo 42 – fala de Alice:
>
> Linha 70: A: E o que você fica pensando?
> Linhas 73 e 74: A: E se errar, o que aconteceria? O que você pensa, você leva bronca..., atrapalha o serviço do outro o que mais?
> Linha86: A: Então neste período de antes aí..., é como se sofresse por antecipação...?
>
> (In: Sessão 3, ANEXO D, p. 237.)

Na linha 70, Alice pede a Tito que descreva seu pensamento sobre uma determinada situação, sugerindo uma fala mais livre, numa investigação mais aberta, sem muitos direcionamentos. Nas linhas 73 e 74, ela investigou qual era a regra que controlava o comportamento de Tito quando ele interagia com o "erro" em seu trabalho, tornando a busca um pouco mais específica. Por último, na linha 86, ela retoma a fala de Tito sobre "sofrer por antecipação". Alice usou uma semântica mais afeta ao universo da Psicologia, perguntando se ele se identificava com tal valor, explorando uma conclusão de sua investigação prévia e testando sua hipótese, a ver se Tito corroborava essa ideia. Na forma de Alice conduzir a sessão, destacamos dois movimentos: o primeiro, a fala aberta sobre um tema qualquer, como um movimento de expansão em que o cliente lança dados de certos discursos que o afligem. O segundo movimento é de fechamento, no qual Alice conclui que um dos problemas é

o “sofrimento por antecipação”, mas é preciso que ela teste sua hipótese com o cliente.

Retomando o texto de Klein (1996), seu segundo critério recomenda que se evitem tautologias: o resultado de uma busca não deve justificar a formulação de hipóteses. Encontramos essa asserção no exemplo citado no capítulo anterior sobre o discurso científico de Skinner [1995(1989)], no ANEXO, A.2, p.185, linhas 18 e 19: “nós não choramos *porque* estamos tristes ou sentimos tristeza *porque* choramos, nós choramos e sentimos tristeza porque aconteceu alguma coisa.” O choro não pode justificar a tristeza e a tristeza não pode justificar o choro – esse tipo de argumentação impede o desenvolvimento de investigação. Na medida em que se chega à resposta “ele está triste”, cancela-se automaticamente o processo de busca. Na S1, ANEXO B, p.194, linhas 210, há a fala de Kaori: “tem que ser assim não é? só falta mais ser mais seguro é só falta ter mais segurança.” Essa fala é questionada pela terapeuta-Thaís, que corta o argumento de Kaori “para Luís ser mais seguro, ele precisa ter segurança”.

Para fins didáticos, inverteremos a sequência de critérios de Klein, pois o terceiro gerou uma série de desenvolvimentos que se encadearam à definição de gênero. Como quarto critério, Klein (1996) afirmou que o terapeuta deve ter uma abertura para pesquisas anteriores e para aquelas que derivaram da que está sendo realizada, tanto a pesquisas acadêmicas (estudo) quanto àquelas acerca da vida do cliente. O terapeuta deve se constituir como sujeito da busca, como aquele que nunca entra em conjunção com o objeto “resposta-final”; só assim o processo de investigação se torna infindável. Quando cessa o interesse pelo comportamento humano e por seu desenvolvimento, o terapeuta perde seu instrumento de trabalho. Uma sessão que não busca a resolução de um problema ou uma sessão em que não há um protocolo de pesquisa pode pertencer a um gênero *conversacional* qualquer.

No terceiro critério de Klein (1996), o terapeuta deve ter claros certos procedimentos (ou protocolos), ou seja, deve saber quais são as condições necessárias não só para o desenvolvimento da investigação de problemas, assim

como da constituição dos rituais da sessão de psicoterapia (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008). Nesse momento, tratamos da interface do discurso científico com a sessão de psicoterapia: é só por meio do conhecimento do discurso científico que o terapeuta se torna competente para delinear um procedimento. Na S3, ANEXO D, p. 237, por exemplo, temos como influência do procedimento o suporte material "consultório estabelecido na clínica de Psicologia da USP", com a variável "tese de doutoramento" atravessando o discurso da sessão considerada. O encontro entre as estruturas "cliente", "terapeuta" e "pesquisa" torna mais presentes as marcas do discurso científico, pois cria maior interface com pesquisas acadêmicas do que uma terapia de "hospital", como é o caso da Sessão 1. Assim, a parte clínica da Sessão 3 começa, de fato, na linha 33. Até então, há um grande turno da fala de Alice em que ela descreve o contrato de relação. O contrato, protocolo de procedimento para a psicologia, tem o objetivo de estabelecer os parâmetros que guiam uma parte da relação entre terapeuta e cliente. No consultório, ele tende a ser apenas verbal. Por exemplo, estabelece-se por meio do contrato como funcionam o pagamento, as faltas, o número de sessões por semana e as férias de ambos (terapeuta e cliente), entre outros detalhes. Na pesquisa acadêmica, acrescenta-se ainda o contrato escrito, pautado pelas normas do MEC (Ministério da Educação e Cultura) e da instituição de ensino, esclarecendo as condições da pesquisa. Destaca-se ainda que a Sessão 2, ocorrida entre Regina, terapeuta, e Carlos, cliente, não há esse início contratual. É o quarto encontro entre eles, e só há, a princípio, a necessidade de haver uma única discussão sobre contrato, realizada no primeiro encontro. No entanto, a primeira sessão de Regina e Carlos não foi a escolhida para o *corpus* de análise. Seguem as primeiras linhas da transcrição da Sessão 2 e da Sessão 3, para compararmos a forma de iniciar a sessão:

Exemplo 44 – diálogo entre Regina e Carlos:

R: Então quer dizer que ia fazer vestibular?!

C: É, porque eu tranquei a minha matrícula. Eu tava no quarto ano de Direito, na XXX (universidade), mas isso já faz uns sete anos, mais ou menos.
R: Hum, hum.
C: Então agora não tem nenhum jeito...
(In: Sessão 2, ANEXO C, p.214, linhas 1 a 5.)

Exemplo 45 – diálogo entre Alice e Tito:

A: Então, como eu te falei a gente vai gravar e filmar. Mas estes dados, as informações são sigilosas, você não precisa se preocupar porque o seu anonimato vai ser sempre preservado.
T: Certo.
A: Como eu falei, estou fazendo uma pesquisa, é o meu trabalho aqui na USP, e estamos, os membros desta equipe interessados na total objetividade e sinceridade das pessoas, eu espero até que você se esqueça do gravador. Quero que você fique bem à vontade. Preciso que você me assine um termo de consentimento, que você está me autorizando a gravar e utilizar as informações para pesquisa.
(In: Sessão 3, ANEXO D, p. 237, linhas 1 a 10.)

Exemplo 45 – diálogo entre Alice e Tito:

T: Certo. Eu aceito porque sei que aqui na USP o trabalho é sério. Onde eu assino?
A: Ótimo. Então resolvidas as formalidades vamos ao mais importante: me conta como foi a ideia de estar fazendo uma terapia.
(In: Sessão 3, ANEXO D, p. 237, linhas 30 a 32.)

A Sessão 2 começa com uma pergunta específica da terapeuta para o cliente. Essa forma direta, sem rodeios, cria o efeito de intimidade, de algo já conhecido, já investigado. Indica também um direcionamento da terapeuta, que deseja desenvolver, por algum motivo, a figura "vestibular". O cliente aceita o contrato "temático" fiduciário pautado por um direcionamento, quando continua falando sobre o mesmo tema. Dito de outra forma, cria-se um efeito de concordância, de clareza acerca da definição do problema para ambos, cliente e

terapeuta. Diferentemente da Sessão 2, a Sessão 3 começa com a feitura do contrato, e o tema principal se manifesta na figura do "sigilo".

Essa é uma condição igualmente fundante da sessão de psicoterapia, na qual o destinatário-cliente tem um *poder fazer* (falar sobre qualquer coisa que queira) moderado pela condição necessária de que ninguém mais saberá sobre aquele conteúdo ou o identificará como dono daquela história. Pressupõe-se, assim, que o destinatário-cliente tem um objeto secreto a que só pode ter acesso quem tem permissão, caso contrário, torna-se uma "exposição".

As bases da relação são criadas naquele instante em que se alternam os turnos de fala. Por outro lado, o destinador-terapeuta é aquele que precisa do acesso a esse objeto íntimo para poder doar o valor de competência relativo ao "autocuidado". Mas o terapeuta usa "gravação" e "filmagens" para registrar a sessão. Forma-se um contrassenso da intimidade, sanado pelo atravessamento da instituição: por ser na "USP", o cliente abre mão do sigilo estrito, pois crê que as informações continuarão sigilosas, porquanto não identificadas com ele. Serão histórias anônimas.

Maingueneau (2008) denomina *éthos* prévio esse corpo precedente que atravessa a história e se antecipa ao fato de que, quando colocado no discurso, o objeto tratado tem uma carga valorativa que viabiliza um tom específico. Nesse exemplo, trata-se da aceitação das condições para a sessão, apoiadas na história prévia que a instituição "USP" criou como *éthos*. A significação de um texto não se dá *a priori*, mas só quando é contextualizada no ato enunciativo – só podemos compreender um conjunto de valores no exato momento em que eles se posicionam no contexto, apoiando certos conjuntos de discursos e negando outros (KLEIN, 1996).

A figura do sigilo também aparece na Sessão 1, quando, no início, a terapeuta fala sobre o gravador, e, no final, no excerto abaixo. O "gravador de áudio" é uma figura que pode compor a cenografia da sessão de psicoterapia, mas causa estranhamento, e daí vem a necessidade de se explicar o porquê de sua presença:

Exemplo 47 – diálogo entre a terapeuta e Kaori:

K: ( ) falar pra esse coisinho aí ((risos)) ((referindo-se ao gravador))
T: por quê?
K: tá gravando.
T: ah::... tem problema não... só eu vou saber que são vocês
(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 685 a 687.)

No entanto, a figura do "sigilo" não aparece na Sessão 4, primeiro encontro entre Giovana e Erik. A sessão não tem começa com questões contratuais sobre o modo de funcionamento da terapia, mas tem características de primeiro encontro:

Exemplo 48 – diálogo entre Giovana e Erik:

G: E aí, você já tinha vindo aqui antes?
E: Não...
G: Não?
E: Aqui já só uma vez.
G: Já, você já conhecia aqui?
E: (...) (aponta para um brinquedo)
G: Você quer brincar daquilo lá?
E: Quero.
G: Você sabe como eu me chamo?
E: Não...
G: Eu sei o seu nome!
E: É Erik!
G: Isso, Erik!!!...
...E o meu?
E:.... não sei.
G: Não sabe? Quer adivinhar?
E: Vou pensar...
G: Tem que olhar para mim, eu tenho cara do quê? (digo isso porque Erik olhava para baixo)
E: Peraí, né...
G: Não, mas olha pra mim!
(ele olha um pouco)
G: Que nome você conhece?
E: Giovana!!!

G: Giovana, isso mesmo!!! Você tem uma boa memória, sabia? Você lembrou direitinho, ... sua mãe falou pra você?
E: É porque tem uma Giovana na minha sala... (está observando os brinquedos)
G: Na sua sala... humm...
...E agora hein, tem bastante brinquedo aqui... fica difícil de escolher?
E: Hum-hum.... Quero brincar com a casinha.
G: Dá uma olhada nela então!
E: (dirige-se até a casinha de bonecas)
(In: Sessão 4, ANEXO E, p.248, linhas 1 a 33.)

Estabelecer parâmetros do funcionamento da terapia através de contrato verbal pertence à cenografia de uma sessão de adultos. Numa sessão de criança, estabelecem-se parâmetros com seus responsáveis legais. Com a criança, há outra espécie de contrato: passa-se pelo reconhecimento do espaço ("E aí, você já tinha vindo aqui antes?", "Quero brincar com a casinha."), dos atores ("Você sabe como eu me chamo?", "Eu sei o seu nome"), do que pode ou não ser feito nesse espaço ("E agora hein, tem bastante brinquedo aqui... fica difícil de escolher?"). Há, por conseguinte, uma grande variação figurativa de contratos terapêuticos, entre uma cenografia "adulta" e "infantil". Todavia, é importante que os contratos sejam elaborados de algum modo.

Em seguida aos acordos da Sessão 3 (S3), a fala clínica se inicia com Tito, que começa a falar sobre a mãe. Alice se apropria da fala de Tito, indicando o fim da conversa sobre contratos, e a explora seguindo um dos protocolos básicos de pesquisa, a investigação, efeito criado pela retomada do que ele afirma em forma de frase interrogativa:

Exemplo 49 – diálogo entre Alice e Tito:

T: Eu comecei fazendo mais por causa da minha mãe também, né porque ela começou a fazer este tipo de tratamento, lá no hospital das clínicas.
A: Tua mãe tá lá no H.C.? Por que?

> T: É, eu to procurando me conhecer já, e ela achava que eu devia também fazer tratamento né, que eu tenho alguns problemas, algumas coisas que ela achava, que era bom pra eu fazer, pra depois no futuro não dar um problema, um negócio mais sério, tomar remédio.
> A: O que a tua mãe teve?
> T: Teve depressão né, ela teve depressão e como os médicos explicaram que pode ser uma coisa hereditária né, então, como ela acha que eu posso ter uma tendência pra isso. Por uns tempos, ela conversou comigo, porque eu tenho esse jeito de ser se eu iria fazer, e que ela achava que era bom fazer terapia pra não ficar como ela.
> A: Então, a tua mãe acha que você pode ter uma tendência a ter a tal da depressão, por causa do seu jeito de ser, pelo seu jeito de ser. E como é o seu jeito de ser? Eu estou te conhecendo hoje, eu não sei como é o seu jeito de ser.
> (In: Sessão 3, ANEXO D, p. 237, linhas 33 a 47.)

Tito diz que a busca da terapia como forma de ajuda vem da sugestão e da imitação do comportamento da mãe, a qual se encontra em um hospital e faz terapia. A terapeuta se interessa pelo motivo de internação da mãe de Tito. Ele não lhe responde e volta a falar de si. A terapeuta só obtém a resposta na segunda vez que pergunta.

Klein (1996, p. 153) afirma:

> A terapia não consiste numa resposta do cuidador aos problemas da pessoa cuidada, mas na proposta de condições pelas quais uma resposta possa emergir (tradução nossa).

Temos no excerto de exemplo da Sessão 3, há duas situações concomitantes: de um lado, Alice investiga o motivo de Tito para buscar terapia e quer saber qual é a ligação da mãe do cliente com o hospital. De outro, a ação de Tito o configura como aquele que deseja falar de si, e o desejo é tamanho, que não responde à pergunta de Alice, mas àquilo que anteriormente deseja falar. A pergunta se torna um dos componentes do gênero *psicoterapia*: mais do que uma resposta

pronta e a correspondente perfórmance do cliente relativa à solução, cabe ao terapeuta "fazer a resposta emergir" – tanto a resposta verbal (por exemplo, o motivo pelo qual a mãe de Tito está no hospital) como a resposta comportamental (Tito está mais sob o controle de sua condição de privação do desejo de falar de si do que sob o controle de Alice, que trouxe uma pergunta). Lembramos uma das condições do terceiro critério de Klein (1996, p.153), o protocolo de pesquisa: para que o terapeuta possa fazer emergir uma resposta, é preciso que se criem condições de:

> [...] espaço, tempo, periodicidade, atores presentes (em particular os profissionais especializados), um suporte proposto (linguagem verbal, musical, imagens etc.), as regras do jogo, o estatuto de interpretação [...], os limites de encontro quanto às intervenções da realidade da pessoa cuidada etc.

Os motivos que Tito considera necessários para procurar a terapia foram o autoconhecimento e a eliminação de "pequenos problemas" que ameaçam ser "grandes no futuro", o que se resume no que está figurativizado como "depressão". Para encontrar respostas, ele precisará de diversos encontros com Alice. Assim também acontece em relação à interlocução de Regina com Carlos, de Thaís com Kaori e Luís e de Giovana com Erik. O protocolo inclui uma série de obstáculos dos quais os terapeutas devem ter conhecimento, no que diz respeito à viabilidade de tratamento para minimizá-los. Do contrário, a terapia não é eficaz. Não funciona, por exemplo, o terapeuta cuidar de alguém cuja fragilidade é puramente física, como uma dor na coluna. Como exemplos de protocolo, sugerimos os excertos abaixo:

> Exemplo 50 – diálogo entre Tito e Alice:
>
> T: Teve depressão né, ela teve depressão e como os médicos explicaram que pode ser uma coisa hereditária né, então, como ela acha que eu posso ter uma tendência pra isso. Por uns tempos, ela conversou comigo, porque eu tenho esse jeito de ser se eu iria fazer, e que ela achava que era bom fazer terapia pra não ficar como ela.

A: Então, a tua mãe acha que você pode ter uma tendência a ter a tal da depressão, por causa do seu jeito de ser, pelo seu jeito de ser. E como é o seu jeito de ser? Eu estou te conhecendo hoje, eu não sei como é o seu jeito de ser.

(In: Sessão 3, ANEXO D, p. 237, linhas 41 a 47.)

Exemplo 51 – diálogo entre Tito e Alice:

T: Um exemplo?
A: Qualquer um...
T: Por exemplo, eu trabalhei com computação gráfica, fazia projetos, estas coisas né, eu mexia em casa assim, mexia no escritório... que eu trabalhava, onde eu comecei a aprender, trabalhei lá como office-boy lá, e a moça dava estes cursos e ela deixa eu ficar no computador, então eu ficava mexendo, mexendo e aprendi né a fazer. Aí eu sabia fazer as coisas, então eu tinha um tio meu que trabalha, que era engenheiro eletrônico, que eles estavam fazendo um projeto de instalação de... alarme de incêndio, e precisava de um projetinho tal, um prédio e daí ele me chamou pra fazer. Daí eu já fiquei com medo, eu achava que não iria conseguir fazer.
A: E o que você fica pensando?
T: Eu fico com medo de errar... alguma coisa..., de fazer, de atrapalhar o serviço dos outros.
A: E se errar, o que aconteceria? O que você pensa, você leva bronca..., atrapalha o serviço do outro o que mais?

(In: Sessão 3, ANEXO D, p. 237, linhas 59 a 74.)

Tito descreve como dificuldade a "falta de confiança em si próprio", a "dificuldade de assumir uma responsabilidade séria", o "medo de errar". Desde o início da sessão, temos como dado que os obstáculos encontrados por Tito serão observados por Alice com base no discurso científico da Análise do Comportamento. Esse discurso afirma que "emoções" e "sensações" não ajudam terapeutas e clientes a criar um protocolo de pesquisa fidedigno (recuperamos o exemplo de Skinner [1995(1989)] "nós não choramos *porque* estamos tristes ou sentimos tristeza *porque* choramos, nós choramos e sentimos tristeza porque aconteceu alguma coisa") (In: ANEXO, A.2, p.185, linhas 18 e 19). Ao conduzir a investigação sobre a dificuldade do cliente, a terapeuta não aceita apenas a colocação do sentimento como problema. Ela

busca as situações em que o cliente percebe que essas emoções acontecem, ligando o sentimento ao contexto: e os sentimentos se manifestam no "trabalho", ao lado do "tio", quando foi solicitado a fazer algo cuja "habilidade lhe faltava". No excerto abaixo, encontramos a condição dita por meio do discurso científico de Skinner [1995(1989)]:

> Quanto mais variáveis das quais o comportamento é função são identificadas, e seu papel analisado, menos coisas restam para ser explicadas de maneiras mentalistas. Existem ganhos proporcionais na aplicação da análise. Sempre foi difícil realizar muitas coisas com os sentimentos e os estados da mente, por causa de sua inacessibilidade. As variáveis ambientais estão sempre ao alcance da mão.
>
> (In: ANEXO A.2, p.185, linhas 4 a 8.)

Se o discurso da Análise do Comportamento afirma que é no ambiente que estão as variáveis que explicam o comportamento humano, Alice age em consonância com esse discurso quando pede um exemplo sobre o momento em que Tito sente todas essas fragilidades, gerando o efeito de interdiscursividade com o texto teórico de base, assim como fez Thaís no excerto abaixo, só que em momento de discórdia de Kaori.

> Exemplo 52 – diálogo entre a terapeuta Thaís, Luís e Kaori:
>
> K: tem que ser assim... não é? só falta... mais ser mais seguro... é só falta ter mais segurança.
> T: mas segurança é uma coisa que a gente tem que deixar ele ter sozinho... né? porque se a gente não deixa ele andar de metrô sozinho como é que ele tem segurança? como é que ele vai ter segurança se toda vez que toda a vez que ele for andar de elevador tiver alguém do lado dele? como é que ele vai ter segurança se toda a vez que ele for andar de metrô tiver alguém do lado dele segurando a mão e vigiando? né? para ele ter segurança... ele tem que passar pela situação::... treina::r... e ver que deu certo... né? e chegou da M1 até aqui sOzinho... conseguiu foi uma vitória pra gente... né L.?
>
> (In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 210 a 219.)

Kaori afirma que Luís precisa de segurança. A terapeuta afirma que segurança não é algo que se obtenha de qualquer modo, mas sim desenvolvendo-a no próprio no ambiente. Thaís também confirma a teoria skinneriana por meio de um protocolo de ação (KLEIN, 1996). A existência de um protocolo para o terapeuta faz com que a psicoterapia tenha um direcionamento. Para o cliente que procura terapia, ou cuja terapia é procurada para ele (no caso das Sessões 1 e 4), prevê-se uma direção de diálogo no foco de interesse, do *terapeuta* ao *cliente*. O material da terapia é produzido a partir da vida do cliente, tornando necessário que o terapeuta seja aquele que perscrute esse material, em busca de informações relevantes. As informações tidas como relevantes são aquelas que ajudam o terapeuta a enriquecer uma espécie de "banco de dados" do comportamento humano e que se formulam como os primeiros tijolos de reconstrução de uma identidade que não descarta a própria fragilidade. A estrutura desse banco de dados é criada pela interação do terapeuta com o discurso científico. Só assim o terapeuta se habilita a aplicar técnicas que alteram o comportamento do cliente, com vistas a atingir a meta final, ou seja, a melhora da qualidade de vida. Tomando essa direção, as sessões começam, se desenvolvem e terminam sempre em função do interesse do cliente. É ele que, ao se conduzir pela fala do terapeuta, altera o próprio mundo e a própria percepção e pode (ou não) ter sua busca de cuidado atendida.

A descrição de dados contextuais é uma das formas pelas quais se elabora o estilo. O que vemos são alguns parâmetros discursivos relativos à teoria de base, que atravessam os textos e os incorporam, produzindo também certo efeito de sentido, certo estilo. Há nessa formação o encontro de dois discursos: a sessão de psicoterapia e o estudo sobre a sessão de psicoterapia, já que ela é retirada de uma tese, no caso das sessões 3 e 4. Mas há atravessamento do texto teórico de base (a teoria skinneriana) na perfórmance de todas as terapeutas - Thaís, Regina, Alice e Giovana. Temos, então, de um lado, o gênero *dialogal* da psicoterapia, nascido da

interface com o discurso científico, e, de outro, o próprio discurso científico, de onde o texto foi retirado.

Essas informações nos são úteis para a formulação do estilo da sessão de psicoterapia. Desbastando o que se dá na superfície do texto, buscamos abranger semelhanças e diferenças entre os interlocutores de uma sessão de psicoterapia. A noção discursiva de estilo é o conceito responsável pela depreensão da imagem de um sujeito discursivo relativo a uma totalidade discursiva. O estilo que buscamos aqui está no nível da interlocução. São os interlocutores descritos nas figuras de terapeuta e de cliente.

Nas quatro sessões, os sujeitos-terapeutas são aqueles que introduzem, no nível narrativo, um *saber fazer* mais especificamente ligado ao objeto, que é figurativamente descrito como "esquizofrenia" (Sessão 1), "síndrome do pânico" (Sessão 2), "depressão" (Sessão 3) e "enurese noturna" (Sessão 4). Em todas as sessões, o destinador-terapeuta tem competência para doar a modalidade que fará com que o destinatário-cliente, ao assumir tal competência, saia da conjunção com o objeto-valor anterior que o fazia habitar uma timia disfórica.

O cliente é aquele que busca no discurso da psicoterapia a "saúde", entendida como um sentir-se bem em qualquer situação, ou, melhor dito, um não sentir-se mal em lugares como metrô, banheiros fechados, elevadores e camas, entre outros. Destinadores-terapeutas procuram construir essa competência por meio de múltiplos jogos de linguagem: argumentação, embates e perguntas, entre outros. Esses jogos visam tornar o objeto "conhecimento" mais assimilável, dada a semelhança com fatos vividos cotidianamente. A linguagem funciona como um transporte do discurso científico: é ele quem dita ao terapeutas as regras sobre o que é saúde, o que é interação e como agir em relação ao comportamento humano. Apoiado no discurso científico, o destinador-terapeuta é capaz de persuadir seu cliente, por meio de estratégias linguageiras. Todo ambiente está marcado por esse discurso científico, para que a sanção do cliente se baseie no alívio, produto da aquisição da competência viabilizada pelo destinador-terapeuta.

O *éthos* do terapeuta se configura como um corpo sólido, que constrói um tom assertivo de autoridade, advinda daquele que sabe o que faz e o que diz. A estratégia que funda o *éthos* é mostrar, por meio de metáforas, como se comportar diante das fragilidades ambientais. O destinatário-cliente recebe esse valor "conhecimento" e com ele interage, persuadido pela autoridade da terapeuta. Com tom assertivo, corpo firme, descrevendo regras de conduta, o terapeuta constrói efeito de identidade de um discurso verdadeiro, persuadindo o cliente a aceitar o que discursiviza através de metáforas, histórias e conclusões lógicas:

> Exemplo 52 – diálogo entre Regina e Carlos, sobre o medo de Carlos de ficar preso dentro do metrô:
>
> C: Não é prá ninguém não, é só prá mim. Não é prá ninguém. Então, quer dizer, a minha preocupação é essa: a possível parada do trem no túnel. Essa é a minha expectativa, porque até ele fechar a porta, começar a andar, aí começa o negócio
> R: Hum, hum.
> C: Até eu ouvir a campainha anunciando estação fulano de tal. Aí eu me solto, eu relaxo. Daí ele fecha a porta, aí começa a dar de novo.
> R: Agora, é o que eu falei: se você virasse um sem-teto e morasse no trem do metrô...
> (risos de R e C)
>
> (In: Sessão 2, ANEXO C, p.214, linhas 773 a 781.)

> Exemplo 54 – diálogo entre Alice e Tito sobre a diferença entre o que ele pensa e faz (o pensar desabona sua ação):
>
> T: E depois quando eu começo que eu vejo, que dá certo, faço... posso errar uma coisinha, mas é uma coisa normal.
> A: Não é uma tragédia.
>
> (In: Sessão 3, ANEXO D, p. 237, linhas 80 a 82.)

Por isso afirmamos que o estilo da sessão de psicoterapia se apoia no julgamento epistêmico que o paciente faz das afirmações do terapeuta. O cliente se realiza como sujeito do *fazer-crer* no terapeuta, pois só assim o gênero se mantém. É

por meio de um julgamento epistêmico que o cliente se mantém em terapia: ao julgar que a competência do destinador serviu para o alívio de suas dificuldades, aumenta o grau de fidúcia e a relação se fortalece.

3.3 Análise do estilo do psicoterapeuta da Sessão 1

Como a Sessão 1 foi a mais trabalhada e aquela à qual aplicamos analiticamente o instrumento do percurso gerativo do sentido e também por ter sido a única transcrita com marcas prosódicas, tomamo-la como base para a análise do estilo da terapeuta. Entretanto, pensamos um pouco mais no estilo do gênero, que precisa de uma totalidade, isto é, de parâmetros de comparação de mais de um texto. Quando pensamos em estilo de um gênero, não é propriamente o estilo autoral que interessa. O estilo autoral remete ao estilo de um sujeito específico – no caso, a terapeuta Thaís.

Para a depreensão do estilo da terapeuta, bastam-nos, no momento, as recorrências que se manifestam em um único *corpus*, a Sessão 1, recortada em várias partes, como temos feito. Aqui, o conjunto (mais de um excerto) é considerado uma totalidade fundante de um estilo. Temos a totalidade numérica (mais de dois excertos), da qual se depreende o efeito de identidade: a Thaís-terapeuta. Para iniciar a análise do estilo do sujeito "terapeuta-Thaís", trazemos um excerto de Discini (2004b, p.38), que resume o que é análise de estilo à luz do percurso gerativo do sentido:

> Estilo supõe efeito de sujeito. Sujeito remete a actante, unidade sintática que enfeixa, no nível narrativo, os movimentos do sentido, ainda generalizados no nível fundamental. No nível narrativo, o sujeito constitui-se pela relação com um objeto, numa relação de pressuposição recíproca. Abstrai-se também assim a narratividade de qualquer enunciado. Abstrai-se também assim a narratividade da enunciação, a instância do *eu*, *aqui*, *agora*, sempre pressuposta ao que é dito. Temos, então, um actante-sujeito da enunciação, sempre implícito no

> enunciado. Esse actante, individualizado no nível discursivo, é o ator da enunciação, em se tratando de totalidade de discursos (grifos do original).

Segundo a autora, quando combinadas, unidades sintáticas e semânticas produzem o "simulacro do *eu* que fala" (IDEM, p.39). Ao recortar cada excerto do *corpus* (S1), consideramos a possibilidade de depreensão de uma individualidade como efeito de sentido. Cotejando S1, S2, S3 e S4, temos o efeito de individualidade de cada terapeuta e de cada cliente. Esse efeito é produzido no exame de recorrências de um modo de ser no mundo. Um "terapeuta" e um "cliente" são corpos que percebem o mundo a partir de uma configuração específica, criando, pelas recorrências de figuras e temas de uma única sessão, uma voz e um tom únicos. Dito de outra maneira, o corpo perceptivo é aquele que recebe o mundo natural e que o transforma em sentido (DORRA, 1998, p.253). Entendido como "receptáculo das figuras as quais as diferentes Semióticas encontram sua origem" (IDEM), esse corpo produz uma homogeneização entre o exteroceptivo e o interoceptivo, de modo que o corpo tenta equivaler "os estados das coisas" e os "estados de ânimo" sentidos pelo sujeito.

Retomando a teoria de Bakhtin, o corpo é histórico e preenche temas e figuras com valores axiologizados, revestindo-os de julgamento social, influenciando a percepção numa direção tímica dos atores do enunciado (DISCINI, 2004b). Em cada excerto de cada *corpus* é recriado um terapeuta que tem em comum com os colegas um posicionamento firme, logo, não identificado como efeito de corpo fragilizado. Assim se estabelece um dos componentes de fixação do gênero por meio do qual só o cliente habitará tal posicionamento. Os sofrimentos, as angústias e as fragilidades do terapeuta não aparecem no contexto clínico.

Estamos tratando de efeito de sentido, de como o terapeuta se impõe como voz de autoridade (não autoritária), por meio de um corpo firme, dinâmico e conhecedor das agruras humanas. O terapeuta aconselha, elogia o bom comportamento, ensina melhores formas de conduta, questiona percepções que, em

sua opinião, não condizem com a sua sobre o que acontece nas relações, faz fluir a fala do cliente em direção à própria fragilidade e à construção visada, como a de corpo mais firme. No entanto, cada terapeuta se valerá mais de uma forma do que de outra. O cliente é aquele que tem o tom de voz mais variado: sofre, ri, brinca, pensa, mente, entre outros *fazeres*. A ele é permitida uma maior variabilidade tímica. É um corpo mais presente, mais subjetivo, mais "de carne e osso", mais vulnerável que o do terapeuta, ainda que fale pouco. Ao erigir um corpo que não sofre, o terapeuta produz um efeito de afastamento, de quem está numa outra condição, mais privilegiada, porque parece não se afetar mais do que a empatia permite. É afetado apenas porque é empático à dor alheia, mas num certo limite, que não lhe tira a razão, o raciocínio. Lembramos que esse é o efeito de sentido criado por um modo de ser que procura afastar os obstáculos humanos como vivência naquele contexto enunciativo. Ao se enunciar com voz de afastamento, tal como discursivizada na terceira pessoa do singular, a ciência se constrói como efeito de verdade "objetiva". Quando só fala sobre o cliente, o terapeuta produz um corpo com efeito semelhante, ele é aquele que representa a verdade.

3.2.1 O estilo de Thaís

O estilo do sujeito-terapeuta Thaís foi depreendido por meio do exame das recorrências semânticas e sintáticas. Há também recorrências sonoras, demarcadas por ênfases prosódicas, no plano de expressão, que recriam ou reafirmam determinados sentidos. Tratando-se do sujeito Thaís, então, há prolongamentos vocálicos e aumento de ênfases em conteúdos diversos. O tom variado de ritmos expressos pela prosódia recria, no plano do conteúdo, um modo afetivo, mais hiperbólico que o da cliente-Kaori. Essa hipérbole, por sua vez, constrói o simulacro de um sujeito que se contamina pelo acontecimento tímico provocado pelo encontro da sessão. Temos referenciado um mundo no qual o sujeito-terapeuta se contamina timicamente pelo cliente, ou seja, não se constrói como aquele que

apenas executa um raciocínio clínico de análise. Na prática, se Kaori ou Luís não se tornarem independentes, os únicos prejudicados serão eles próprios, se nos pautarmos por uma cultura que almeja o valor *autonomia*. No entanto, a expressão afetiva da terapeuta aponta para um *querer-fazer* a mudança de *status* da autonomia, mais do que simplesmente querer *fazer-fazer* (realizar a análise). Assim, há um simulacro de afetividade, quando se festeja o cumprimento de um acordo:

> Exemplo 55 – fala da terapeuta:
>
> T: pr**o::**ntinho ((referindo-se ao gravador estar em funcionamento)) dona K. então L. me contou que ele veio **SO**zinho então da M ((estação de metrô em São Paulo)) na quinta-feira? a senh**O**ra consegu**I::u**
>
> (In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 1 a 5.)

A terapeuta também relembra histórias e se coloca como aquela que, assim como a mãe, sofreu com os acontecimentos. Thaís, durante a sessão, mostra uma considerável quantidade de afeto próprio, sobretudo em relação às outras sessões do *corpus* de análise. Mas, à época da sessão, Thaís já atendia a família havia três anos, e as outras terapeutas faziam o primeiro (Alice e Giovana) ou o quarto (Regina) encontro. Abaixo, outros exemplos sobre o modo afetivo hiperbólico expresso por Thaís, o primeiro, no seu estado diante de uma confusão (um combinado que deu errado):

> Exemplo 56 – fala da terapeuta:
>
> T: lembra aquele dia que nervoso que cê me fez passar dona K. ((risos))
>
> (In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linha 265.)

Temos também a surpresa de uma notícia cujo valor é axiologizado como positivo, desejado:

> Exemplo 57 – diálogo entre a terapeuta e Luís:

T: t**Á** dormindo no teu qu**A**rto mesmo de n**O**vo?
L: é lá em cima

(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 25 e 26.)

Nesses excertos, a manifestação de exaltação prosódica, no plano de expressão, acontece num âmbito timicamente positivo (no primeiro, a empatia de uma difícil vivência comum; no segundo, a surpresa de uma novidade boa). No entanto, essa manifestação também ocorre quando o tema da sessão se encaminha para a conversa cotidiana, para a ênfase na colocação de limites, para a demonstração de raiva, remetendo a um corpo que é também afetado pela contrariedade. Temos um gradiente de manifestação tímica que caminha do positivo, passando pelo neutro, até o polo negativo. O polo tímico negativo traz para a psicoterapia uma questão complexa. Por um lado, acordos foram quebrados, ações não foram executadas, contaram-se mentiras à terapeuta. Por outro lado, afirma Skinner [1995(1989)]:

> Os terapeutas preocupam-se tanto com o que as pessoas fazem quanto com o que elas sentem. [...] Existe, por exemplo, um lado operante na emoção. O medo não é só uma resposta das glândulas e dos músculos lisos, mas também uma possibilidade reduzida de movimento em direção ao objeto temido e uma alta probabilidade de afastamento dele. O lado operante da raiva é uma grande probabilidade de causar dano a alguém e uma menor probabilidade de ser agradável.
>
> (In: ANEXO A.2, p.185, linhas 31 a 37.)

O medo que Kaori "sentia" era concomitante à baixa probabilidade de se mover "em direção ao objeto temido e uma alta probabilidade de afastamento dele". Ao viabilizar os turnos de fala em tom de repreensão, nos excertos abaixo, mesmo que de maneira mais sutil do que agressiva, Thaís mostra que foi atingida diretamente pela contingência, manifestando uma "menor probabilidade de ser agradável":

Exemplo 58 – diálogo entre a terapeuta e Kaori:

K: é melhor você fazer pelo metrô que não erra cê desce na/
[
T: **dona K. eu perguntei pra ele eu quero saber dEle ouh**
(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 381 a 385)

Exemplo 59 - diálogo entre a terapeuta, Kaori e Luís:

T: ent**ÃO** dona K. então você não deixou ele sozinho você trouxe aqui até a catraca das B ((estação de metrô ao lado da instituição)) e foi para H?
K: foi por que:: ( )
[
T: então porque você não deixou ele vir sozinho?
K: pode deixar que amanhã ele vem sozinho ((risos e palmas)) né?
(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 89 a 92.)

A estratégia de Thaís se concretiza numa voz, nesses momentos de "raiva" na sessão, dissonante do discurso científico. Ao haver uma transformação narrativa que afasta o destinador-terapeuta de seu objeto-valor "autonomia de Luís", o tom da terapeuta se encorpa pela irritação. No entanto, Skinner [1995(1989) afirma que, ao se colocar uma consequência aversiva a um comportamento, não se ensina um novo repertório para lidar com o mundo, apenas se criam condições para que o organismo fuja da punição "fazendo alguma coisa alternativa". No caso de Kaori, a situação alternativa criada foi a mentira para a terapeuta. A "punição", de acordo com Skinner [1995(1989)], supõe o confronto de dois sujeitos perceptivos diferentes, no qual um impõe a outro a obrigação de um certo agir no mundo, contrário ao desejado pelo outro. Mas a terapeuta também se estabelece como ator que se constitui pelo não enfrentamento, pela amenização dos confrontos. Nos excertos abaixo, há diversas formas de amenização:

1) Para devolver a responsabilidade da ação a Kaori, a terapeuta afirma jocosamente o contrário do que foi dito por ela, convertendo o embate em forma lúdica:

Exemplo 60 – diálogo entre a terapeuta e Kaori:

K: é só d::esgrudar um pouco da mãe
T: e a mãe desgrudar um pouco do filho também né? é os dois né?
(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 12 e 13.)

2) Para afirmar que o contrato deve ser seguido sem exceções, a terapeuta se manifesta indiretamente, descrevendo uma fala de autoria de Luís (ele contou que na segunda-feira o contrato não tinha sido cumprido). Kaori reconheceu imediatamente o que foi dado no modo indireto e respondeu duramente. Essa ação de Kaori materializa a afirmação de Skinner [1995(1989)] de que, em condição de punição, o organismo se mantém igualmente inclinado a se comportar da mesma forma, mas arranja um mecanismo para burlar a punição – nesse caso, advinda da terapeuta:

Exemplo 61 – diálogo entre a terapeuta e Kaori:

T: T: ah::... legal... dona K. ele me falou/ --deixa eu fechar aqui ((se referindo a janela, por conta dos altos ruídos)) -- ele me falou que:::... que:::... de segunda-feira a senhora está acompanhando ele atÉ aqui ((referindo-se à instituição onde eles são atendidos)).
K: segunda toda eu tenho acompanhamento (aqui).
T: então... mas não daria também na segunda-feira a senhora pegar um vagão depois?
K: dÁ dá... eu tô tentando fazer isso sim.
(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 32 a 40.)

3) Também ao colocar a tarefa, ao perceber que provocou um espanto, a terapeuta diminuiu o impacto e afirmou que primeiro trabalhariam naquilo que era possível, viável e aceitável:

Exemplo 62 – diálogo entre a terapeuta e Kaori:

T: e então olha a senhora agora já conseguiu então fazer com que ele viesse sozInho da catraca da M... não é?
K: hum
T: o próximo passo então:...
K: ((risos)).
T: não eu tô brincando primeiro a gente consolida esse né? a gente vai fazer esse certinho.
(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 121 a 127.)

4) A terapeuta se utiliza da amenização como recurso para si e também a aplica no embate entre mãe e filho, de modo a suavizá-lo e dissipá-lo:

Exemplo 63 – diálogo entre a terapeuta, Kaori e Luís:

T: e como É que tem feito pra acordar?
L: é não sei a mãe foi me chamar duas vezes... aí teve que levantar... levantei.
K: duas nada foi mais de quatro vezes que eu chamei... foi bastante.
T: ele ouviu/ das quatro ele ouviu duas é isso? ((risos)).
(In: Sessão 1, ANEXO B, p.194, linhas 28 a 31.)

Amenização e afetividade se constroem como figuras de uma técnica terapêutica: são dois recursos utilizados por Thaís para se ater ao alvo da sessão – a "autonomia" de Luís e de Kaori. Thaís se erige como corpo advindo de uma recorrência temática, levando Kaori a entrar em contato com o valor proposto e tematizado, desejando-o ou não. O tema da independência na forma de utilização do metrô foi cortado pelo tema de Kaori ir visitar a irmã. Como destinadora, a terapeuta retoma bruscamente o assunto:

Exemplo 64 – diálogo entre a terapeuta e Kaori:

T: é é o ponto que eu desço... quando venho para cá.
[
K: mas aí... eu acertei ((risos)).
T: ah:: lega::l.
K: é eu acertei... é só achar o no:me da rua e já não erra.
(In: S1, ANEXO B, p.194, linhas 83 a 86.)

A ilusão discursiva é interrompida, os corpos perceptivos se tornam tensos, pelo início do embate. No entanto, como afirmamos no Capítulo 2, a tensão entre os corpos não pode gerar o rompimento da relação. Esse tom é dado tanto pela terapeuta como por Kaori, as quais retomam o reconhecimento do contrato. Temos a terapeuta numa outra forma de atuação: a persuasão do contrato por sedução, quando afirma que, se permitir que Luís ande sozinho de metrô, Kaori ganhará o valor "tempo livre" para fazer aquilo que quer e atualmente não consegue.

Por meio da argumentação pautada em provas "concretas" de aprendizagem ou, no nível narrativo, em provas de competência, do *saber* e *poder fazer*, temos o *éthos* de Thaís. As provas concernem aos três tempos. O *passado*, como aquele tempo em que não existia o *saber fazer*, constituído também como o tempo da aprendizagem. O *presente*, como o tempo da competência construída, Luís sabe e pode realizar o fazer, mas a perfórmance só pode ser executada se Kaori permitir. O *futuro*, tempo a ser factível no final do tratamento, em que há uma possibilidade de Luís andar de metrô sozinho, além de outras formas de autonomia imprescindíveis. A necessidade advém de um conjunto de valores sociais e historicizados, em que a autonomia é considerada um dos ideais de vida:

1) Tempo passado (antes da terapia) – da falta de habilidade: "porque quando ele começou a andar de metrÔ... o L. nem sabia que tinha um desti::no... uma chega::da... que o metrô tinha um caminho" (S1, ANEXO B, p.194,linhas 134 e 135, fala da terapeuta).

2) Tempo passado (em terapia) – de aprendizagem: "desde que eu ensinei para ele e falei olha... a gente tem que prestar atenção... nisso prestar atenção nisso... naquele outro das placas... e fiquei atrás dele quie::ta ele nUnca mAis errou." (S1, ANEXO B, p.194, linhas 158 a 160, fala da terapeuta).

3) Tempo futuro – da autonomia: "olha... L.... tá vendo... quanta coisa... aí cê vai conseguir ir até na Mi lá é difícil lá mas você vai aprender... né?" (S1, ANEXO B, p.194, linhas 592 a 593, fala de Kaori).

Para a terapeuta, a condição de autonomia é necessariamente conjunta à noção de segurança, o que verificamos nas expressões: "na pior das hipóteses que aconteça que apague a memória ele tá com carteira de identida::de telefones de contato" (S1, ANEXO B, p.194, linhas 244); "é isso que é legal porque a gente alia daí o cuidado [...] para ele não se perder então tem todo esse documento telefone tem RG tem tudo né? tem mapinha do metrô" (S1, ANEXO B, p.194, linhas 260); "a gente tá treinando andar de oni/ de metrô... a gente não tá treinando andar de ônibus... não é melhor a gente fazer essa volta de metrô até por que é o que a gente tá acostumado" (S1, ANEXO B, p.194, linhas 380). Assim, a terapeuta tenta estabelecer seu tom de segurança sobre o dos clientes. Kaori tende à superproteção, que impede a autonomia de Luís. O excesso de cuidado aparece em declarações de Kaori como: Luís não pode ficar sozinho, pois algo ruim pode acontecer com ele: "apagar a memória" (S1, ANEXO B, p.194, linha 244, frase de Kaori); ser roubado ("vendo coisas... vendo a carteira [...] não pode ficar Olhando no meio dos outros senão alguém passa e tchum") (S1, ANEXO B, p.194, linha 172); ser atropelado pela multidão do metrô ("ele tava lá no meio do corredor ((risos)) e a tu::rma... ia passar por cima dele a qualquer hora se ele for baixinho") (S1, ANEXO B, p.194, linha 165).

Tanto para Kaori quanto para a terapeuta, lançar-se à autonomia está vinculado a figuras de proteção, mas com intensidade diferente para cada uma. Para a terapeuta, a segurança está em equipar Luís com dados de identificação (registro geral, ou RG, telefones de pessoas conhecidas na carteira, mapa do metrô para sua

localização) e com habilidades de uso do metrô. Para Kaori, a segurança está na vinculação de sua presença à dele. Delineando o tema da segurança, temos as figuras "carteira de identidade", "diversos telefones de contato", "mapa do metrô", "treinamento acompanhado" e "presença da mãe".

Como afirma Cruz Júnior (2006, p.3): "o *éthos* é a imagem que o enunciador constrói de si no discurso para impressionar o enunciatário e, assim, ganhar sua confiança". A fidúcia é a fonte da manutenção da terapia, já que a psicoterapia acontece em sessões. Se Kaori aceita discutir o tema da superproteção, é porque de alguma forma a terapeuta criou uma imagem de confiança. Se Thaís atende a família por três anos, foram criadas fórmulas cujo embate, amenização e afetividade tornaram-se de certa forma cristalizadas, pois certos trejeitos da terapeuta, que em sua opinião funcionaram, devem ter sido mantidos. Guiado pelo simulacro-Thaís, o discurso da sessão de psicoterapia foi efetivo na produção de efeito de verdade, pois suas orientações mantiveram a persuasão relativa aos clientes Kaori e Luís. "Thaís" reúne em si estratégias que a identificam como um ator do enunciado (lembrando que o ator da enunciação é identificado como autor da transcrição), mas também de uma enunciação fortalecida pelo gênero, já que o narrador se apaga, e prevalece a interlocução. Na dinamicidade das trocas de turno, no caráter despojado da oralidade, o sujeito "Thaís" ora é concordante (quando desenvolve o tema *autonomia*), ora é discordante do discurso científico (quando apoia Kaori a rezar, ou quando fica brava com a mãe). Construída pelo efeito de subjetividade, "Thaís" se insere como efeito de verdade, mas não como verdade única ou última, como o faz o discurso científico. Temos um *éthos* de uma verdade falível, plena de efeito de subjetividade: a emoção, quando expressa, constrói um sujeito-humanizado, posto que falível em certos aspectos. Assim, "Thaís" só pode ser criada como efeito de sentido de seu próprio contexto, o discurso da sessão de psicoterapia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, buscamos primordialmente analisar a imagem do sujeito discursivo do gênero *sessão de psicoterapia* e do sujeito *terapeuta-Thaís*. O recorte propiciou um olhar metonímico, se pensarmos na relação parte-todo. A psicoterapia acontece na extensão do tempo cronológico, posto que há uma sequência de sessões, mas o estudo semiótico de uma sequência completa de sessões de psicoterapia é inviável. Um terapeuta atende diversos clientes, em diversas modalidades, durante muito tempo (atendimento adulto, individual, infantil, familiar, grupal...). Assim, recortamos uma sessão e acreditamos ter dela depreendido a relação *unus-totus* e ter legitimamente recorrido ao conceito de *nemo/totus/unus* de Brøndal (DISCINI, 2004b, p.31), de onde deriva a possibilidade de estudar um actante coletivo por meio de microuniversos semânticos, confirmando a pressuposição do todo pela parte:

> Ao falar em estilo, falamos em unidade e em totalidade; unidade, porque há um sentido único, ou um efeito de individuação; totalidade, porque há um conjunto de discursos, pressuposto à unidade. Unidade e totalidade são universais quantitativos.

Em outras palavras, depreender o estilo do terapeuta da sessão ou do gênero da psicoterapia comportamental é assumir que perdemos em número de sessões, mas que, com a sessão metodologicamente compartimentada como foi, sugere-se um conjunto que remete às recorrências, e ganhamos em medida: o *éthos* pode ser dado pelo modo da concentração ou difusão e da aceleração ou desaceleração. Das intervenções de Thaís, infere-se que ela remete a um *éthos* desacelerado. O sujeito-cliente, por sua vez, está "esquizofrênico" ou com "síndrome

do pânico", portanto, emocionalmente frágil, e tende não reagir a seu drama, como Luís, ou a ocultá-lo, como Kaori, dentre ilimitadas possibilidades de reação. O cliente é mais acelerado do que a terapeuta.

Uma característica comum do *terapeuta* é a busca constante do objeto-que-falta aos *clientes*. A *autonomia*, a *Luís*, a *calma*, a *Carlos*, a *confiança*, a *Tito*, e o *controle urinário*, a *Erik*, objetos-valor a ser, mais do que buscados, criados como simulacros de competência de cada um dos sujeitos. A busca do sujeito-terapeuta está no preenchimento da falta do sujeito-cliente.

A partir de sua relação com o sujeito-cliente, cada sujeito-terapeuta cria um tipo diferente de programa narrativo a ser cumprido, para que este possa adquirir *competência*. Não pode o terapeuta doar diretamente o objeto-valor ao cliente, não se fornece pronta a "autonomia"; consegue-se, no entanto, criá-la ou construí-la a partir de um percurso em que se alteram as competências do destinatário. *Dever*, *querer*, *saber* e *poder fazer* são modalidades, assentadas num contrato de fidúcia peculiar ao gênero. A confiança entre os atores sociais envolvidos numa sessão de psicoterapia supõe um acordo próprio do gênero.

A finalidade do programa narrativo deveria ser a mesma para todos os sujeitos-clientes, ou seja, o êxito na obtenção do objeto-que-falta. O tipo de manipulação do percurso, entretanto, varia nas sessões, pois não temos uma perfórmance rígida, predeterminada – ela é inventada de acordo com cada encontro. O destinador-terapeuta interage com o comportamento do cliente no ato da sessão, pois depende exclusivamente da perfórmance geral que lá se desenvolve, é o que denominamos como diálogo sem *scrtipt*. Só pela aceitação de um sistema de valores partilhado é que a psicoterapia pode funcionar como manipulação, pois, como afirma Barros (2005, p.33): "a manipulação só será bem-sucedida quando o sistema de valores em que ela está assentada for compartilhado pelo manipulador e pelo manipulado, quando houver uma certa cumplicidade entre eles."

Thaís insiste na execução de uma ação específica para um cliente hebefrênico. Regina e Alice determinam menos uma ação específica; antes

investigam, perguntam e conversam sobre os problemas descritos pelos clientes Carlos e Tito, respectivamente, nomeando certas situações pelo discurso científico. Regina se assemelha mais a Thaís quando descreve e ensina modos de controlar a crise de ansiedade por meio de um tom mais assertivo e incisivo. Giovana brinca com Erik e estabelece valores que são desejados ("desenhar", "brincar") e negados ("não roubar no jogo", "não urinar na roupa"). Por mais que a função do objeto-valor seja necessariamente a falta, ele varia do ponto de vista figurativo, assim como também variam os percursos de competência para adquiri-lo. Essa variação está relacionada principalmente ao grau de obstaculização do destinatário-cliente e ao grau de competência do destinador-terapeuta.

Cliente e *terapeuta* se constituem como sujeitos da falta, mas em lugares sociais diferentes. O terapeuta tem de se estabelecer como destinador: só por meio da imagem de fiador, de autoridade e de competência é que pode fazer o cliente aceitar o que ele diz como verdade a ser comprovada. Essa aceitação é o primeiro passo para que o cliente consinta num percurso longo, cuja finalidade é interagir com o conhecimento do terapeuta e confrontar a realidade vivida até então.

A terapia comportamental se define como uma prática de aprendizagem na qual o cliente, ao interagir com o terapeuta, pode aprender uma nova saída – resposta às suas dificuldades, controlando melhor o ambiente em que vive (já que o ambiente é o responsável direto por aquilo que sentimos). Assim como a fragilidade dos atores-clientes envolvidos, o aprender também é extensivo no tempo.

Procurando compreender o conceito de imanência aplicado à atividade do analista do texto, depreendemos a sessão de psicoterapia como uma cena discurso. Ao pensar no *corpus* de sessões de psicoterapia, com diferentes terapeutas e clientes *ao vivo*, encontramos o *éthos* do enunciador, o terapeuta, como um ator, enunciador que se realiza de modo peculiar, considerando o texto transcrito. Encontramos, assim, o *éthos* de cada um dos diferentes interlocutores e interlocutários, sujeitos de cada turno de voz. Lembramos que os atores da interlocução estão investidos de um papel social, discursivizados como "psicoterapeuta" e "cliente", na medida em que fazem

com que as recorrências encontradas não explicitem apenas um determinado estilo de interlocutor, mas um estilo de papel social. O lugar social dos sujeitos é dado por uma série de estratégias, tanto no texto transcrito como na sessão *ao vivo*. Podemos afirmar que o sujeito da psicoterapia se mostra na sessão da mesma forma que no texto transcrito: como simulacro, como parecer do ser, forjado pelo gênero e por um conjunto de expectativas às quais não pode fugir, caso contrário, esse gênero seria outro. Mas também falamos na imanência discursiva relacionada ao contexto em que acontece o discurso da sessão de psicoterapia. Os papéis sociais remetem a crenças históricas. É imanente a análise da sessão de psicoterapia, mas ela não descuida do mundo onde tudo acontece. A maternagem ou a superproteção maternal de Kaori é marcadamente cultural e histórica. Portanto, a análise semiótica é imanente, mas desvela conflitos sociais. O estilo da terapeuta Thaís também reflete aspirações culturalmente marcadas.

Quanto à *imanência* em oposição à *manifestação*, temos que o estilo se consolida por determinados traços de conteúdo, mas também por traços de expressão. A análise semiótica permite que o façamos isoladamente (plano de expressão e plano do conteúdo) ou em conjunto, desde que tenhamos como ponto pacífico que um plano não existe separado do outro. Por mais que o conteúdo seja o que fundamentalmente interessa para a depreensão do simulacro do terapeuta, estar atento à expressão facilita a depreensão de contrariedades e consonâncias entre terapeuta e cliente e permite entender as paixões mobilizadas na sessão de psicoterapia – impaciência, afetividade, conflito de interesses etc. Concluímos que a prosódia não é extensiva no tempo, como num texto poético, mas sua função de expressão do conteúdo é fundamental.

O estudo da prosódia impôs a necessidade de uma maior aproximação com a Semiótica Tensiva como apoio, sobretudo para as questões do plano da expressão. Fica como meta aberta assimilar os parâmetros dos estudos tensivos para melhor compreender os efeitos da prosódia na sessão de psicoterapia, determinando o *éthos* do terapeuta. O andamento, o ritmo, as marcas como *suspiros*, *pausas* e

entonações podem enriquecer a análise e delinear um estilo pessoal hiperbólico, no caso da terapeuta, ou mais monocórdio, no caso de Kaori,um mãe do paciente.

No nível narrativo, as paixões são tomadas também como produto dos contratos estabelecidos entre destinador e destinatário. Como exemplo, observamos algumas estratégias de manipulação da terapeuta, principalmente por tentação, ao argumentar com a proposição de objetos-valor incompatíveis com o ato figurativizado como *superproteção materna*, por exemplo. Proteger excessivamente o filho faz com que Kaori perca tempo, deixe de fazer coisas que deseja, a ponto de muitas vezes configurá-la como antissujeito da ação terapêutica. Fazer o que Regina aponta como controle da ansiedade pode levar Carlos a voltar ao metrô ou a ambientes fechados e trancados sem passar mal fisicamente, gerando confiança e intimidade com a psicoterapeuta. As paixões na psicoterapia são orientadas pelo modo da atuação do terapeuta frente ao comportamento do cliente: instigá-lo a se expor pode causar medo e aflição num primeiro momento, mas alívio e tranquilidade a médio e longo prazo. Por curiosidade, conjecturamos que, por esse motivo, o amor do cliente pelo terapeuta só pode ser considerado transferencial, na medida em que, na sessão, o cliente só tem a chance de gostar de como ele próprio se sente ali: ele não conhece o terapeuta se não como aquele sujeito cuja manipulação o alivia de seus sofrimentos. Para o cliente, gostar da terapia é gostar do efeito que ela provoca em si e em seu ambiente.

Para Fiorin (2008), estilo é, ao mesmo tempo, *recorrência de traços*, não importando em que estrutura composicional do discurso se mostre essa recorrência, e *efeito de sentido de identidade*, que distingue essas recorrências de outras, comparando discursos de uma mesma esfera. Afirma o autor (IDEM, p.143) que se encontram as recorrências dentro de uma "materialidade discursiva da totalidade" e sugere que elas sejam observadas na "escolha do assunto, na construção das personagens, nos gêneros escolhidos, no nível de linguagem usado, no ritmo, na figurativização, na escolha dos temas, nas isotopias, etc.".

As recorrências qualificam a imagem do enunciador – denominada *éthos*. *Éthos* é o ator, é um lugar de investimento semântico e sintático por meio do qual se define o enunciador, o ator da enunciação. O *éthos* do terapeuta tem a autoridade da representação do discurso científico no momento de instauração e confirmação de papéis sociais. Realçamos um paradoxo do hábito contemporâneo: uma mulher de 50 anos conversa com outra, com a metade de sua idade, mas terapeuta, fazendo combinações fiduciárias de acordo com o objeto-valor desejado por essa outra. Esse tom de autoridade profissional aparece no discurso em diversos momentos, mas os mais contundentes são as manipulações da mãe para que a terapeuta não descubra o não cumprimento do contrato, numa manifestação da paixão do medo. A previsibilidade do *éthos* de uma terapeuta inclui um tom de autoridade, necessário ao papel. O *éthos* da cliente-Kaori, por sua vez, consistiu em fazer uma espécie de contracontrole, fugindo da resposta no momento da sanção.

Durante a pesquisa, nos orientamos pela dúvida sobre até que ponto se encontrariam pistas do discurso teórico fundador ("Análise do Comportamento") no decorrer dos turnos de fala dos terapeutas e, como desdobramento, no discurso dos clientes. A ciência "pura" tem outros recursos que a viabilizam: publicação, pesquisa e divulgação, entre outros gêneros voltados para ela. O *éthos* do terapeuta e do cliente viabilizam o discurso científico fundador como sombra, como pano de fundo da psicoterapia. É o momento em que a autoridade da ciência apoia a atividade do terapeuta e lhe outorga parte de sua estratégia, assim como um motor, que, mesmo escondido dentro da máquina, é a peça fundamental que a faz mover. É desejável, portanto, que se miscigenem o discurso científico e o gênero conversa, para que a terapia seja acessível ao cliente.

Por fim, nota-se que a psicoterapia se configura ainda como um gênero voltado para uma certa "justa medida" dos valores sociais. Depreende-se do discurso terapêutico analisado que a obediência cega aos valores sociais é tão prejudicial quanto sua destruição, mas, se a voz do terapeuta se constrói como aquela que dosa a "justa medida", ela também se confirma como a que provoca a voz do cliente à

instabilidade de pensamento. A psicoterapia quer que os limites sejam transpostos – sejam eles andar sozinho de metrô ou no mundo. Só o pensamento que se desestabiliza pode ser crítico ao valores sociais, como bens a ser consumidos ou descartados – eis a instabilidade necessária à autonomia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORA, Antônio S. **Introdução à teoria da literatura**. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **O freudismo**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BARROS, Diana L.P. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. Negociação de temas e figuras na conversação. In: PRETI, Dino. **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, p. 119-138, 2003.

_____. **Teoria do discurso**: fundamentos semióticos. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 2002.

BEIVIDAS, Waldir. **Semióticas sincréticas (o cinema). Posições**. Edição *on-line*. ISBN: 85-905252-1-X, 2006. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/ dl/semiotica/>. Acesso em: 04 jun 2009.

_____. Corpo, semiose, paixão e pulsão. **Semiótica e metapsicologia. Perfiles Semióticos**. Mérida, Venezuela, v. 1, nº 1, p. 43-61, 2003. Disponível em:

<http://www.nucleosephora.com/biblioteca/corpo1/publicacoes/corposemioses. pdf>. Acesso em: 04 abr. 2009.

_____. Reflexões sobre o conceito de imanência em semiótica. Por uma epistemologia discursiva. **Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)**, v.6, p.1-13, 2008. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/seer/index.php?journal= casa&page= article&op=viewFile&path[]=1198&path[]=987>. Acesso em: 01 jan 2008.

BERTRAND, Denis. Narratividade e discursividade: pontos de referência e problemáticas. **Significação – Revista Brasileira de Semiótica**, São Paulo, n.19, p. 9-50, jul. 2003.

BIDERMAN, Maria Tereza C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria P.P.; ISQUERDO, Aparecida N. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

BUARQUE, Francisco. **Chapeuzinho amarelo**. Rio de Janeiro: José Olympo, 2005.

CAGLIARI, Luiz, C. **Elementos de fonética do português brasileiro.** Tese (Livre-docência em Fonética Descritiva) – Instituto de Linguística, Letras e Artes. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1982.

CARMO JÚNIOR, José R. **Da voz aos instrumentos musicais**: um estudo semiótico. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005.

_____. **Melodia e prosódia**: um modelo para a interface música-fala com base no estudo comparado do aparelho fonador e dos instrumentos musicais reais e virtuais. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística e Semiótica) –

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CID-10. CÓDIGO INTERNACIONAL DE DOENÇAS. **Transtornos mentais**. Organização Mundial de Saúde. São Paulo: Artmed, 1993.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. 2. ed. Dicionário de Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2008.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO. Código vigente a partir de 27 de agosto de 2005 para a regulamentação da atividade dos profissionais de psicologia. São Paulo, Brasil. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/crp/orientacao/legislacao/codigo_etica/fr_codigo_etica_indice_new.aspx>. Acesso em: 20 ago. 2005.

CRUZ JÚNIOR, Dilson F. **O éthos do enunciador dos romances de Machado de Assis**: uma abordagem semiótica. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística e Semiótica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

DELITTI, Alice M.C. **Avaliando a sessão de terapia**: questionário e entrevista. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

DE ROSE, Júlio C. O relato verbal segundo a perspectiva da análise do comportamento: contribuições conceituais e experimentais. Bases filosóficas

do behaviorismo radical. In: BANACO, Roberto. **Sobre comportamento e cognição**: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista. Santo André: ARBytes, 1997.

DISCINI, Norma de C. Semiótica: da imanência à transcendência (questões sobre o estilo). **Revista Alpha**, Patos de Minas, v.10, 2009. No prelo.

_____. **A comunicação nos textos**. São Paulo: Contexto, 2005a.

_____. HQ e charges. In: LOPES, Ivã C; HERNANDES, Nilton F. **Semiótica: objetos e práticas**. São Paulo: Contexto, p.261-284, 2005b.

_____. **Intertextualidade e conto maravilhoso**. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004a.

_____. **O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura**. São Paulo: Contexto, 2004b.

DORNA, Alejandro; MÉNDEZ, Hernam. **Ideologia y conductismo**. Barcelona: Editorial Fontanella, 1979.

DORRA, Raúl. Entre El sentir y El percibir. In: LANDOWSKI, Eric; DORRA, Raúl; OLIVEIRA, Ana C. **Semiótica, estesis, estética**. São Paulo: EDUC/ Puebla:UAP, 1998.

FIORIN, José L. **Em busca do sentido**: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008a

_____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008b.

_____. Paixões, afetos, emoções e sentimentos. **Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)**. Araraquara, v. 5, n.2, p.1-15, Dez. 2007. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/grupos/casa/CASA-home.html>. Acesso em: 10 dez. 2008.

_____. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1989.

FONÁGY, Ivan. **La vive voix**: essais de psycho-phonétique. Paris: Bibliothèque Scientifique Payot - Editions Payot, Saint-German, Paris VI, 1991.

FONTANILLE, Jacques. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: DINIZ, Maria Lúcia V.P. e PORTELA, Jean C. **Semiótica e mídia**: textos, práticas e estratégias. Bauru: UNESP/FAAC, 2008.

_____. **Semiótica do discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto. 2007.

_____. ZILBERBERG, Claude. **Tensão e significação**. São Paulo: Discurso Editorial/ Humanitas/FFLCH-USP, 2001.

GIL, Beatriz, D. O amor no léxico de canções populares brasileiras. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. XXXV, p.402-411, 2006.

GREIMAS, Algirdas J. L´Enonciation: une posture épistémologique. **Significação – Revista Brasileira de Semiótica**, n.1. Centro de Estudos Semióticos A.J Greimas. Tradução Maria Lucia V.P. Diniz, Jean C. Portela: Ribeirão Preto, 1974.

Disponível em: <http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/ges_old/download/textos/enunciacao.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2009.

_____; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

GRILLO, Sheila V.C. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: outros conceitos-chave**, p. 133-160. São Paulo: Contexto, 2006.

HJELMSLEV, Louis T. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2007.

KLEIN, Jean-Pierre. La psychothérapie est une recherche. In: **Sémiotique, phenomenology, discours**: ducorps present au sujet énonçant. Paris: L´Haemattan, 1996.

LUCENA JÚNIOR, J.F. Análise semiótica do poema Vulgívaga de Manuel Bandeira. **Estudos Semióticos**, São Paulo, n.2, 2006. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSSe2/2006-eSSe2-J.F.LUCENAJUNIOR.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Gênese do discurso**. Curitiba: Criar, 2005.

_____. **O contexto da obra literária.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MATOS, Maria A. Com o quê o behaviorismo radical trabalha? In: BANACO, Roberto. **Sobre comportamento e cognição**: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista. Santo André: ARBytes, 1997.

MATTE, Ana Cristina F. A enunciação da *história sem fim*. In: LOPES, Ivã C.; HERNANDES, Nilton. **Semiótica**: objetos e práticas. São Paulo: Contexto, 2005.

MELLO, Luiz C.M.F.; ATHAYDE, Ana Carolina. *Angústia, a impossibilidade do ser*. In: **Estudos linguísticos**. São Paulo, 37 (3), p.253-262, set/dez., 2008.

MELODYNE. **Vocal and monophonic instruments audio editor**. 3rd Version. Melodyne Studio 3.2.1.5. Celemony Software, 2008.

MICHELETTO, Nilza. Bases filosóficas do behaviorismo radical. In: BANACO, Roberto. **Sobre comportamento e cognição**: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista. Santo André: ARBytes, 1997.

MONTEIRO, Ricardo M.C. **Análise do discurso musical**: uma abordagem semiótica. Dissertação (Mestrado em Linguística e Semiótica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MORAES, Márcia S. Comissário da ONU vai à Geórgia negociar. **Folha *Online***, São Paulo, 18 ago. 2008. Caderno Mundo. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u435355.shtml>. Acesso em: 05 dez. 2009.

ORLANDI, Eni P. **O discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 2003.

PRETI, Dino. **Norma urbana culta**: fala e escrita em questão. São Paulo: Ed. Humanitas/FFLCH/USP, 2000. (Projetos Paralelos. NURC/SP)

PRETTE, Giovana Del. **Terapia analítico-comportamental infantil**: relações entre o brincar e comportamentos da terapeuta e da criança. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

RAMOS-SILVA, Sueli M. **O discurso de divulgação religiosa materializado por meio de diferentes gêneros**: dois *ethé*, duas construções de Céu e da Terra. Dissertação (Mestrado em Linguística e Semiótica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SALGADO, Luciana. Um éthos para Hércules: produção dos sentidos e tratamento editorial dos textos. In: _____; MOTTA, Ana R. **Éthos Discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney E. **História da psicologia moderna**. Tradução Adail U. Sobral; Maria Estela Gonçalves. São Paulo: Cultrix, 1981.

SILVA, Odair J.M. **A manifestação de Cronos em 35 mm**: tempo no cinema. Dissertação (Mestrado em Linguística e Semiótica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SOBRAL, A relação entre enunciador e enunciatário num discurso de Plínio Salgado. In: LOPES, Ivã C.; HERNANDES, Nilton. **Semiótica**: objetos e práticas. São Paulo: Contexto, 2005.

SKINNER, Burrhus F. (1989) **Questões recentes na análise comportamental**. 2. ed. Tradução Anita Liberalesso Neri. São Paulo: Papirus, 1995. cap. 7, p.101-116.

_____ (1974). **Sobre o behaviorismo**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____ (1969). Contingências do reforço: uma análise teórica. 2. ed. In: **Os pensadores**: Pavlov e Skinner. Tradução Rachel Moreno. São Paulo: Abril, 1984. cap. 1, p.188-189.

_____ (1968). **Tecnologia de ensino**. 4. ed. São Paulo: EPU, 1972.

_____ (1953). **Ciência e comportamento humano**. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TATIT, Luiz Augusto de M. **A canção**: eficácia e encanto. 2. ed. São Paulo: Atual, 1987.

_____. **Análise semiótica através das letras.** 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

_____. **Musicando a semiótica**: ensaios. 2. ed. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2008.

_____. **O cancionista**: composição de canções no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1996.

VALÉRY, Paul. Poesia e pensamento abstrato. In: BARBOSA, João A. **Variedades**. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2007.

VAN DIJK, Teun A. **Ideología y discurso**: uma introdución multidisciplinaria. Barcelona: Ariel, 2003.

VIVA, Hercia I. **O que é terapia comportamenta, segundo B.F. Skinner**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católisa de São Paulo, São Paulo, 2006.

WIELENSKA, Regina C. **Adesão e mudança de comportamento**: efeitos das interações verbais terapeuta-cliente nas primeiras sessões. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ZILBERBERG, Claude. **Razão e poética do sentido**. São Paulo: EDUSP, 2006.

APÊNDICE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

[10]HOSPITAL DAS CLÍNICAS

DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO CAIXA POSTAL, 8091

- SÃO PAULO- BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL

1. NOME DO PACIENTE:
DOCUMENTO DE IDENTIDADE N°
SEXO: M ☐ F ☐
DATA NASCIMENTO:
ENDEREÇO:
Nº: APTO:
BAIRRO: CIDADE:
CEP: TELEFONE: DDD ( )

2. RESPONSÁVEL LEGAL:

NATUREZA (grau de parentesco, tutor, curador, etc.):
DOCUMENTO DE IDENTIDADE: SEXO: M ☐ F ☐
DATA NASCIMENTO:
ENDEREÇO:
Nº: APTO:
BAIRRO: CIDADE:
CEP: TELEFONE: DDD ( )

II – DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: Psicoterapia: possibilidades de depreensão da imagem do sujeito discursivo.

---

[10] O TCLE foi copiado tal como o original entregue ao terapeuta e aos clientes.

2. PESQUISADOR: Luciana Soman Moraes
CARGO/FUNÇÃO: Psicóloga .
INSCRIÇÃO CONSELHO REGIONAL N°: CRP 06/69335
UNIDADE DO HCFMUSP: Instituto de Psiquiatria.

3.AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA:

(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

SEM RISCO	■	**RISCO MÍNIMO**	☐	**RISCO MÉDIO**	☐
RISCO BAIXO	☐	**RISCO MAIOR**	☐		

4. DURAÇÃO DA PESQUISA: uma sessão de uma hora.

III - REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PACIENTE OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA CONSIGNANDO:

1. Justificativa e os objetivos desta pesquisa: essa pesquisa visará à análise do discurso através da teoria semiótica criada a partir da interação paciente - terapeuta em sessão de psicoterapia. Essa pesquisa encontra-se em construção e, portanto, o material a ser coletado visa fornecer os primeiros passos da futura base de investigação.

2. Procedimentos que serão utilizados e propósitos, incluindo a identificação dos procedimentos que são experimentais: os procedimentos utilizados serão a gravação, em fita de áudio, de uma sessão de psicoterapia. Após a gravação, este material será transcrito pela pesquisadora, certificando-se da presença de cuidados para que haja alteração de informações que possam servir para revelação da identidade dos pacientes. O propósito deste material será o de fornecer um *corpus* de análise para a elaboração de pesquisa de Mestrado.

3. Desconfortos e riscos esperados: a pesquisa não prevê nenhum risco e desconforto.

4. Benefícios que poderão ser obtidos: através da pesquisa, toda equipe do Centro de Reabilitação e Hospital-Dia poderá usufruir dos resultados obtidos para fazer uma reavaliação do trabalho realizado com o Acompanhamento Terapêutico. Será, desta forma, construído um corpo de conhecimento capaz de auxiliar e ampliar o escopo de análise da equipe como um todo.

5. Procedimentos alternativos que possam ser vantajosos para o indivíduo: com a transcrição dos dados, tem-se uma fonte de análise mais fidedigna das técnicas de psicoterapia, permitindo uma análise mais acurada dos contextos manifestos durante o atendimento. Este corpus de análise permitirá uma reflexão maior sobre a sessão, auxiliando a psicóloga a melhorar as condições de tratamento do paciente.

IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA CONSIGNANDO:

1. Acesso, a qualquer tempo, às informações sobre-procedimentos, riscos e beneficios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas.
2. Liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da assistência.
3. Salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.
4. Disponibilidade de assistência no HCFMUSP, por eventuais danos à saúde, decorrentes da pesquisa.
5. Viabilidade de indenização por eventuais danos à saúde decorrentes da pesquisa.

V - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa

São Paulo, 10 de outubro de 2005

_____
Assinatura do sujeito da pesquisa ou responsável legal

_____
Assinatura do sujeito da pesquisa ou responsável legal

_____
Assinatura do sujeito da pesquisa ou responsável legal

_____
Assinatura do pesquisador

(carimbo ou nome Legível)

ANEXOS

ANEXO A.1 – Excertos da obra de B.F.Skinner [1984(1969)] sobre a noção de ambiente em contexto hospitalar.

Psicoterapia: O comportamento freqüentemente bizarro do psicótico naturalmente chama a atenção. Quer seja considerado como distúrbio a ser tratado ou como sintoma de uma perturbação subjacente de outro tipo, buscam-se nele "significados". Perscruta-se o significado na gesticulação do psicótico ou no comportamento autodestrutivo da criança autista. O importante num psicótico, entretanto, não é o que ele faz, mas o que ele não faz. O comportamento que apresenta é "anormal" simplesmente porque não é característico da situação. Poderia não ser absolutamente notado, caso o comportamento normal fosse mais forte. O problema não consiste em achar na estrutura do comportamento observado algum indício de como fazê-lo desaparecer, mas, antes, em exigir o comportamento que está faltando.

As medidas tradicionais têm sido talvez até mais aversivas do que as utilizadas na educação. Algumas das formas mais extremas partiram de teorias de possessão demoníaca; outras eram simplesmente versões intensificadas das práticas cotidianas de supressão do comportamento indesejado. Os efeitos colaterais do controle aversivo têm causado problemas, tendo sido pressupostas muitas reformas. A permissividade simples é raramente possível, e reforços personalizados, tais como afeição genuína ou sintética, são dificilmente tornados contingentes ao comportamento desejado.

Quando o psicótico mostra uma insensibilidade às contingências normais de reforço, deve-se construir um ambiente no qual ele seja passível de resposta. Odgen R. Lindsley chamou tal ambiente de "prostético". [11]

Na "economia de cartões" utilizada na administração da enfermaria, por exemplo, os reforçadores especiais são contingências conspícuas condicionadas. Um cartão tem uma posição física bem definida, tornando-se um reforço condicionado

[11] O.R.Lindsley, "Direct measurement and a prosthesis of retard behavior", *J. of Educational*, 147, 1964, pp. 62-81.

poderoso, quando trocado por outros reforços, e pode ser contado como contingente ao comportamento desejado.

Nem sempre a sensibilidade do psicótico às contingências é que se revela deficiente, mas as próprias contingências. Um experimento bem conhecido na administração de enfermaria, de Ayllon e Haughton[12] mostra de que modo tais contingências podem ser melhoradas. Necessitava-se de muitos atendentes para levar trinta mulheres esquizofrênicas ao refeitório na hora das refeições, o que levava trinta minutos para ser feito. Mudaram-se as contingências. Os atendentes não deveriam fazer mais nenhum esforço para mover as pacientes. Qualquer paciente que entrasse no refeitório durante a meia hora conseqüente ao toque do sino podia comer, mas as demais continuavam sem comida, e não havia outro alimento disponível. Na primeira refeição, apenas poucas pacientes alcançaram a sala de jantar, mas eventualmente acabaram todas por fazê-lo. O tempo permitido foi então progressivamente encurtado, de meia hora a cinco minutos. Ao fim do experimento, todas as pacientes iam à sala de jantar em cinco minutos, sem o auxílio dos atendentes.

O experimento ilustra muitos pontos importantes na interpretação e manipulação de contingências de reforço. Numa enfermaria desse tipo, a atenção pessoal de um atendente é geralmente um reforço a parte, mas é freqüentemente contingente apenas a uma confusão mediana (lida-se com a bagunça séria de outras maneiras). Durante a maior parte do sai, o atendente pode evitar reforçar os pacientes, quando estes fazem bagunça, ignorando-os, mas isso é impossível quando ele é responsável por levá-los à sala de jantar. De fato, o sino do jantar dava aos pacientes um poder especial; eles podiam agora evocar reações nos atendentes, recusando-se mover, movendo-se em direção errada, etc. Quando as contingências foram mudadas, estes comportamentos não eram mais reforçados, e um novo reforço pôde então entrar em cena. A comida institucional não é sempre reforçadora,

[12] T. Ayllon e E. Haughton, "Controlo of the behavior of schizophrenic patients by food", *J. Exp. Anal. Behav.*, 5, 1962, pp. 343-352.

mas torna-se reforçadora quando o paciente está faminto. Os pacientes começaram a se dirigir à sala de jantar, não para evitar ou escapar da ação medianamente aversiva dos atendentes, mas porque eram positivamente reforçados pela comida. Uma vez
55 estabelecido, o comportamento não necessitou de um nível especial de privação. Tenderia mais a ser classificado como comportamento aceitável na cultura. O experimento não é, obviamente, uma solução a todos os problemas de administração de enfermaria, mas mostra de que modo uma mudança de contingências de reforço pode resolver alguns problemas e mesmo a levar a um tipo de terapia.

ANEXO A.2 – Excertos da obra de B.F.Skinner [1995(1989)] sobre a noção de comportamento operante para a psicoterapia comportamental.

O lado operante da terapia comportamental[13]

Quanto mais variáveis das quais o comportamento é função são identificadas, e seu papel analisado, menos coisas restam para ser explicadas de maneiras mentalistas. Existem ganhos proporcionais na aplicação da análise. Sempre foi difícil realizar muitas coisas com os sentimentos e os estados da mente, por causa de sua inacessibilidade. As variáveis ambientais estão sempre ao alcance da mão.

Comportamentos perturbados são causados por contingências de reforçamento perturbadoras, não por sentimentos ou estados da mente perturbadores, e nós podemos corrigir a perturbação corrigindo as contingências.

Terapia comportamental respondente

A psicoterapia em geral se preocupa com sentimentos, ansiedade, medo, raiva e assemelhados. Um passo inicial em direção à terapia comportamental consistiu na noção de que o que foi sentido não foi um "sentimento" mas um estado do corpo.

Nós não choramos *porque* estamos tristes ou sentimos tristeza *porque* choramos, nós choramos e sentimos tristeza porque aconteceu alguma coisa. Talvez tenha morrido um amigo. Precisamos saber algo sobre o evento precedente para podermos explicar tanto o choro como o estado sentido. Eis a posição comportamentalista: volta aos eventos ambientais antecedentes para explicar o que alguém faz e, ao mesmo tempo, o que essa pessoa sente enquanto faz alguma coisa. Para cada estado sentido é designado o nome de um sentimento, presumivelmente

[13] O texto não se apresenta na íntegra. Houve a retirada de excertos por conta de não abarcarem diretamente o tema da pesquisa.

existe um evento ambiental anterior do qual esse estado é produto. A terapia comportamental se interessa mais pelo evento antecedente do que pelo sentimento.

Terapia comportamental operante

Os terapeutas preocupam-se tanto com o que as pessoas fazem quanto com o que elas sentem. Existe, por exemplo, um lado operante na emoção. O medo não é só uma resposta das glândulas e dos músculos lisos, mas também uma possibilidade reduzida de movimento em direção ao objeto temido e uma alta probabilidade de afastamento dele. O lado operante da raiva é uma grande probabilidade de causar dano a alguém e uma menor probabilidade de ser agradável.

Entretanto, importantes questões são obscurecidas quando o comportamento é atribuído a estados da mente. Por exemplo, um operante é fortalecido quando uma resposta tem conseqüências reforçadoras, mas respostas subseqüentes ocorrem por causa do que aconteceu, e não do que vai acontecer. Quando dizemos que fazemos alguma coisa "com a intenção de produzir um dado efeito", estamos atribuindo nosso comportamento, e o estado introspectivamente observado na ocasião, ao que aconteceu no passado.

Expectativa confunde os fatos da mesma maneira. Dando um exemplo operante, quando uma conseqüência reforçadora seguiu-se a algo que fizemos, dizemos que esperamos que ela aconteça novamente, depois que fizermos essa coisa outra vez.

Termos para designar estados da mente nunca foram consistentemente utilizados. Em qualquer caso, explicações dessa natureza [mentalista] devem, elas próprias, ser esclarecidas. Não progredimos explicando um estado da mente como o efeito de outro; precisamos nos voltar para algo que possa ser diretamente observado e, se possível, posto para funcionar.

Alguns exemplos

O comportamento positivamente reforçado é em geral acompanhado por um estado que relatamos dizendo que estamos fazendo "o que queremos fazer", "gostamos de fazer" ou "amamos fazer". Existe uma razão especial pela qual tal comportamento é freqüentemente perturbador. O efeito reforçador de uma conseqüência particular pode ter se desenvolvido sob condições que já não vigoram.

Conseqüências acidentais conduzem ao comportamento que chamamos superstição. Quando adoecemos, tomamos uma pílula ou realizamos um ritual e nos sentimos bem; dessa forma, tornamo-nos mais predispostos a tomar uma pílula ou a realizar um ritual quando ficamos doentes novamente, independentemente de esses eventos terem qualquer efeito real. As superstições encontram-se em vias de obter melhores medidas. A terapia é freqüentemente um modo de destruir os efeitos reforçadores de conseqüências acidentais.

Conseqüências aversivas são responsáveis por vários tipos de problema. Como reforçadores negativos, elas podem ter as mesmas falhas já verificadas em relação ao reforçadores positivos. Como punição, seus efeitos colaterais podem ser mais severos. Aprendemos a nadar, andar, correr e a andar de bicicleta, não só porque o deslocamento pelo mundo reforçou nosso comportamento apropriado a essa finalidade, mas também porque nos ferimos quando cometemos erros. Esse tipo de punição é imediatamente contingente ao comportamento e pode reduzir sua probabilidade de ocorrência. Uma pessoa punida permanece tão fortemente inclinada como sempre esteve a se comportar da maneira pela qual foi punida, mas se esquiva à ameaça de punição fazendo alguma coisa alternativa.

Os estados corporais resultantes da ameaça de punição são nomeados de acordo com sua fonte. Quando a punição advém de um igual fala-se de *vergonha* ; quando advém do governo, em *culpa*; e quando provém de uma instituição religiosa fala-se em *senso de pecado*. Um modo de esquivar-se é confessar e assumir a

punição, mas, quando o comportamento sobre o qual uma punição atrasada foi contingente não é bem claro, a esquiva pode ser difícil.

Aqui estão, portanto, alguns exemplos de contingências perturbadoras do reforçamento operante, juntamente com alguns "estados da mente" aos quais o comportamento é freqüentemente atribuído. Isso não significa, porém, que os terapeutas comportamentais nunca devam perguntar a seus clientes o que eles estão sentindo ou pensando. A partir das respostas dos clientes é possível inferir alguma coisa sobre suas histórias, genética e pessoal. De fato, fazer tais perguntas é freqüentemente a única forma de que os terapeutas dispõem para aprender sobre uma dada história pessoal. Faltam-lhes as facilidades necessárias para investigações diretas, e investigar sem permissão é anti-ético. No entanto, perguntar sobre sentimentos e pensamentos é apenas uma conveniência – a verdadeira conveniência, de fato, que explica por que as pessoas têm perguntado sobre e por tantos séculos - e devemo-nos voltar para variáveis mais acessíveis se quisermos promover uma análise científica ou então usá-la para fazer alguma coisa em relação a problemas pessoais.

O argumento para a terapia comportamental é essencialmente este: o que é sentido como sentimento ou introspectivamente observado como estado da mente são estados do corpo que são produtos de certas contingências de reforçamento. As contingências podem ser muito mais facilmente identificadas e analisadas do que sentimentos e estados da mente e, ao voltar-se para elas como coisas a ser mudadas, a terapia comportamental aufere uma vantagem especial. Entretanto, uma importante questão permanece para ser respondida. Como as contingências são mudadas?

Mudando as contingências

As condições das quais o comportamento é função são às vezes controladas nos lares, por exemplo, nas escolas, nos locais de trabalho, hospitais e

prisões. Os terapeutas podem alterar essas condições para atender a seus objetivos, quando fazem parte da família, ou quando ensinam, empregam trabalhadores ou administram hospitais ou prisões. Profissionalmente, eles aconselham os que fazem essas coisas. Ajudam pais a lidar com seus filhos ou cônjuges a lidar com o parceiro; aconselham professores; recomendam novas práticas em hospitais e prisões. Eles podem fazê-lo porque algumas das condições sob as quais as pessoas vivem podem ser controladas.

A palavra *controle* suscita uma questão familiar. Que direito tem o terapeuta de manipular as condições das quais o comportamento de alguém é função? A questão é mais freqüente quando se trata de conseqüências punitivas utilizadas pelos governos ou de reforçadores positivos utilizados pelo comércio e pela indústria. Se a questão não é endereçada com tanta freqüência aos psicoterapeutas, é porque estes não demonstram nenhum poder ameaçador ou porque, como Carl Rogers, insistem em que não estão exercendo absolutamente nenhum controle. A questão é mais dirigida aos terapeutas comportamentais porque eles são mais efetivos. Por exemplo, questiona-se a economia de vales em hospitais ou prisões, precisamente porque funciona. Comida mesmo institucional, é um reforçador e em geral pode ser tornada contingente ao comportamento. Ela pode ser manipulada para vantagem dos que são reforçados, mas talvez seja comum fazê-lo para resolver problemas de administração. A questão ética seria *cui bono*, ou seja, a quem esse sistema beneficia? O controle é ético se exercido para o bem do controlado.

A Clínica

Apenas uma pequena parte da vida do cliente se passa na presença do terapeuta. Apenas alguns poucos reforçadores podem ser usados, e na maioria das vezes para reforçar o comportamento social, principalmente verbal. Ocorre uma grande quantidade de modelagem mútua em confrontos face a face.

Entretanto, aquilo que o cliente faz na clínica não é a preocupação básica. O que lá acontece é uma preparação para um mundo que não está sob o controle do terapeuta. Em vez de arranjar contingências correntes de reforçamento, como acontece no lar, na escola, no local de trabalho ou no hospital, os terapeutas dão conselhos. O comportamento-modelo a ser copiado é uma espécie de conselho, mas o conselho verbal tem um escopo mais amplo. Ele pode assumir a forma de uma ordem ("Faça isto, pare de fazer aquilo") ou pode descrever contingências de reforçamento ("Fazer isto provavelmente acarreta um efeito reforçador", "Se fizer aquilo as conseqüências podem ser punitivas").

Tradicionalmente o conselho tem sido considerado como comunicação. Diz-se que algo chamado conhecimento do mundo é passado do falante para o ouvinte. Porém existe uma distinção útil entre conhecer por compreensão e conhecer por descrição. Conhecer porque alguma coisa que você fez teve conseqüências reforçadoras é muito diferente de conhecer porque você foi ensinado a fazer; é a diferença entre comportamento modelado por contingências e comportamento governado por regras.

Mas porque o conselho é seguido? As crianças freqüentemente fazem o que lhes é dito para fazer porque foram punidas quando não o fizeram; e algo desse tipo é sugerido na terapia, quando se diz que o terapeuta pode tornar-se uma figura de autoridade, talvez como o pai ou a mãe. Mas as crianças fazem o que é dito para fazer porque, quando o fizeram no passado, seguiram-se conseqüências reforçadoras. Pais que planejam conseqüências positivas dizem "recompensar" seus filhos por fazerem o que mandam. Professores planejam conseqüências similares, tais como elogios ou boas notas, para induzir seus alunos a estudar. Não existe conexão natural entre o comportamento e suas conseqüências, mas a prática é justificada com base nas conseqüências genuínas que vigorarão no mundo em geral. Nenhuma contingência dessa natureza é apropriada para a terapia. As conseqüências reforçadoras disponíveis para induzir os clientes a seguir conselhos devem ser descobertas fora da clínica.

O conselho face a face pode, outrossim, assumir o formato de regra orientadora de ação efetiva. Os provérbios e máximas das culturas são regras desse tipo. Eles são especialmente úteis porque os terapeutas podem não estar disponíveis para ajudar quando aparecem novos problemas. Entretanto, todo problema pode ser resolvido mediante a aplicação de uma regra, e os terapeutas precisam ir um passo à frente e ensinar seus clientes a construir suas próprias regras. Isso significa ensinar-lhes algo sobre a análise do comportamento – uma tarefa usualmente mais fácil do que ensiná-los a alterar seus sentimentos ou estados da mente.

Saúde

Diz-se que a psicoterapia promove saúde mental, no sentido de que ajuda as pessoas a "se sentirem bem" e a "pensar claramente". A terapia comportamental promove a saúde comportamental no sentido que ajuda as pessoas a se comportarem bem, não no sentido de ter boas maneiras mas de ser bem sucedidas.

Sentir-se bem e estar bem consigo mesmo

As pessoas usualmente procuram a terapêutica médica ou comportamental em função daquilo que estão sentindo. O médico muda o que sentimos de maneiras médicas; os terapeutas comportamentais alteram as contingências das quais os sentimentos são função. A distância entre a terapêutica médica e a comportamental é parecida com a distinção entre sentir-se bem e estar bem. Uma pessoa sente-se bem quando sente seu corpo saudável, livre de dores ou doenças. Uma pessoa está bem consigo mesma quando sente um corpo positivamente reforçado. Os reforçadores positivos dão prazer. Dão prazer mesmo quando acidentais. (*Feliz* antigamente siginificava "sortudo".)

O estado referido com estar bem consigo mesmo é aparentemente uma forte probabilidade de ação e de estar livre de estímulos aversivos. Ficamos

"impacientes" para fazer coisas que tiveram conseqüências reforçadoras e "nos sentimos melhor" num mundo em que não "temos" de fazer coisas desagradáveis. [...]
200 A terapia bem sucedida constrói comportamentos fortes, removendo reforçadores desnecessariamente negativos e multiplicando os positivos. Independentemente de as pessoas que tiveram comportamentos fortalecidos dessa maneira viverem ou não mais do que os outros, ao menos pode-se dizer que vivem bem.

Por milhares de anos os filósofos têm falado sobre o comportamento de
205 pessoas com as quais não têm contato e sobre sentimentos e estados da mente sobre os quais não podem perguntar. Em lugar disso, eles têm descorporificado os eventos mentais e os têm discutido totalmente à parte das pessoas em que ocorrem. Disseram que a frustração engendra a agressão, que a avidez sobrepuja a cautela, que os ciúmes destroem o afeto. Afirmações desse tipo são extremamente comuns
210 em discussões usuais do governo, da religião, da economia e das outras assim chamadas (se bem que neste caso mal- chamadas) ciências comportamentais. Ao rejeitar os sentimentos e estados da mente como causas iniciadoras do comportamento e ao se voltarem alternativamente para as condições ambientais responsáveis pelo que as pessoas sentem enquanto fazem algo, os analistas do
215 comportamento, e junto com eles, os terapeutas comportamentais, puderam focalizar os problemas mais amplos do comportamento humano, de uma forma muito mais efetiva.

Um problema de muito maior importância permanece sem solução. Antes de construir um mundo em que todos possamos viver bem, precisamos parar de
220 construir um no qual será totalmente impossível viver. Essa questão é integralmente um problema de comportamento humano. Como induzir as pessoas a não consumir mais do que necessitam, como impedi-las de poluir desnecessariamente o ambiente, como fazer com que tenham apenas filhos suficientes para substituí-las e como resolver problemas internacionais sem o risco de uma guerra nuclear? As
225 contingências sob as quais as pessoas vivem são mantidas pelos governos, religiões e empreendimentos econômicos, mas tais instituições, por sua vez, são controladas por

conseqüências excessivamente imediatas, as quais são cada vez mais incompatíveis com o futuro do mundo. Necessitamos construir conseqüências relativamente imediatas para o comportamento humano, as quais devem atuar como atuariam
230 conseqüências mais remotas se estivessem disponíveis aqui, hoje. Isso não será fácil, mas ao menos poderemos dizer que dispomos de uma ciência e de uma tecnologia que atendem aos nossos problemas básicos.

ANEXO B - Transcrição da Sessão 1 do *corpus* de análise com aplicação da codificação de marcas da oralidade desenvolvida pelo Projeto NURC.

ocorrência	sinal	exemplos
incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda ( ) nível de renda nominal
hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo de tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
entonação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	::podendo aumentar para :::: ou mais	ao emprestarem... éh::: ...dinheiro
silabação	-	Por motivo de tran-sa-ção
interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma retenção...
comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
comentários que rompem a sequência temática da exposição: desvio temático	- - - -	... a demanda de moeda - -vamos dar essa notação - - demanda de moeda por motivo
superposição, simultaneidade de vozes	ligando [as linhas	A. na casa da sua irmã [B. sexta-feira? fizeram LÁ... [A. cozinharam lá?
indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto; não no seu início, por exemplo	(...)	(...) nós vimos que existem...
citações literais ou leitura de texto durante a gravação	" "	Pedro Lima...ah escreve na ocasião "o cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós"...
		Continua

Continuação

Observações:

- iniciais maiúsculas só para nome próprio ou sigla
- fáticos: ah, éh, ahn, uhn, tá.
- nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros em itálico
- números: por extenso
- não se indica ponto de exclamação
- não se anota o cadenciamento da frase
- podem-se combinar sinais; por exemplo: oh:::::....
- não se usam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois-pontos, vírgula; qualquer tipo de pausa é marcado por reticências

Quadro 1 – Codificação de marcas da oralidade desenvolvida pelo Projeto NURC (PRETI, 2000, p. 15-16).

Abreviações utilizadas:

T: Thaís (terapeuta) K: Kaori (mãe do cliente) L: Luís (cliente)

T: pro::ntinho... ((referindo-se ao gravador estar em funcionamento)) dona K. então L. me contou que ele veio SOzinho então da... M ((estação de metrô em São Paulo)) na quinta-feira? a senhOra conseguI::u.
K: consegui.
T: como É que fo::i?
K: foi bo::m... ele veio sozinho... tá::.
T: como é que a senhora ficou?
K: é:: eu fico assim... preocupada mas eu logo ligo pra cá ((risos)).
T: e deu... certo cê viu?
K: deu... tô conseguindo né?
L: tá conseguindo.
K: é... só d::esgrudar um pouco da mãe.
T: e a mãe desgrudar um pouco do filho também né? é os dois né?
[
K: é ele ((risos)).
[
T: é:: o::s do::is.
[
K: é ele.
[
L: é eu desgrudei um pouquinho... é que... agora eu tô dormindo no meu quarto... antes eu dormia com ela.
[
T: tÁ dormindo no teu quArto mesmo de nOvo?
L: é lá em cima.
T: e como É que tem feito pra acordar?
L: é não sei a mãe foi me chamar duas vezes... aí teve que levantar... levantei.
K: duas nada foi mais de quatro vezes que eu chamei... foi bastante.
T: ele ouviu/ das quatro ele ouviu duas é isso? ((risos)).
L: é.
T: ah::... legal... dona K. ele me falou/ --deixa eu fechar aqui ((se referindo a janela, por conta dos altos ruídos)) -- ele me falou que:::... que:::... de segunda-feira a senhora está acompanhando ele atÉ aqui ((referindo-se à instituição onde eles são atendidos)).
K: segunda toda eu tenho acompanhamento (aqui).
T: então... mas não daria também na segunda-feira a senhora pegar um vagão depois?
K: dÁ dá... eu tô tentando fazer isso sim.
T: mas ele falou que a senhora veio com ele hoje ((sussurro)).
K: é que eu tava com pressa pressa muita pressa ((sussurro)) só que eu larguei ele lá na::... onde foi?

L: na catraca?
K: ãh eu fui para a casa da minha irmã.
T: quando isso?
K: hoje.
T: hoje?... mAs hoje você veio com ele ((conversando com K.)) ou você veio sozinho ((conversando com L.)) então? não entendi.
[
L: qual irmã mãe?
[
K: qual é/ eu fui na casa da Su ((nome da irmã de K.)).
L: ah::.
K: fui lá em H ((nome de bairro de São Paulo)) hoje.
L: é bem longe daqui a casa dela.
K: longe não é::.. que eu eu faço confusão... porque eu nu:m... é difícil eu ir lá.
T: eu sei eu moro em H é lo::nge:.
K: é num lugar esquisito lá.
L: você mora nesse mesmo lugar em H?
T: moro em H.
L: ah::.
[
K: é uma subi::da lá da V ((nome de rua do bairro H)) aí depois entra na G ((outro nome de rua do bairro)) você conhece?
T: sE:::i pe::rtinho de ca::as.
K: ((risos)) É pertInho?
T: é pertinho da minha casa... dá pra ir a pé.
K: perto daquele fórum... é fórum né... que tem?
T: não sei se tem um fórum lá.
[
K: tem um fórum lá... perto da casa dela... não sei se tem um fórum...
[
T: na G... eu sei qual que é.
K: ela mora lá.
T: eu moro na P ((nome de rua do bairro))... que é uma rua de/umas duas ou três ruas depois.
K: eu sei que descendo/ desci... numa rua antes... nu::m ponto... acho que o terceiro ponto é fiz um pouquinho de confusão porque eu nunca fui lá.
T: é o ponto que eu desço... quando venho para cá.
[
K: mas aí... eu acertei ((risos)).
T: ah:: lega::l.
K: é eu acertei... é só achar o no:me da rua e já não erra.

T: mas daí você acompanhou o L. então até a Sé... é isso?
K: é até o/ não eu deixei ele aqui na:: na catraca.
T: entÃO dona K. ... então você não deixou ele sozinho... você trouxe aqui até a catraca das B ((estação de metrô ao lado da instituição)) e foi para H?
K: foi por que:: ( )
[
T: então porque você não deixou ele vir sozinho?
K: pode deixar que amanhã ele vem sozinho ((risos e palmas)) né?
L: é.
K: só que amanhã tem atendimento com a doutora A ((médica de dona K.)) também e aí eu vou::.../
[
T: não é hoje?
K: ela faltou... hoje ela ligou falou que não ia me atender.
[
T: tá.
K: amanhã eu tenho/
[
T: tá.
K: senão até que eu fico aqui assim... né... de manhã até:: agora... esperando.
T: cÊ vê... né dona K. ... se... se quando o L. conseguir fazer... esse caminho sozi::nho você não vAi precisar esperar tudo.
K: é dá pra mim fazer alguma coisa né L.?
L: é.
[
T: daí dá para você ir para o seu tratamento tranqüi:La... ir para a sua irmã tranqüi:La... você não vai precisar ficar cuidando dele né?
K: que amanhã vai ser.... o dia inteiro que... eu vou passar que eu vou passar com a doutora A e depois eu vou lá pro no gineco... aí do gineco não sAbe a hora que atende de manhã de meio dia atÉ... cinco horas né?
T: nossa que saco né?
K: um saco você precisa ter... sorte de ser atendida antes... quando é assim L. você fica es/... você sabe né? é:: ((gaguejo)) acho que é quatro horas cinco horas lá... que termina você fica você fica assistindo televisão.
T: e então olha a senhora agora já conseguiu então fazer com que ele viesse sozInho da catraca da M... não é?
K: hum
T: o próximo passo então:...
K: ((risos)).
T: não eu tô brincando primeiro a gente consolida esse né? a gente vai fazer esse certinho.
[
K: senão a gente faz aquela confusão né? então tem que se::r... explicadinho.

T: fAz confusão L.?
L: não não com o mapa do lado é:: eu fico sossegado.
K: ah:: então tem que soltar para ele ( ) cabeça ((risos)).
L: é.
T: É verdade isso nÉ? porque quando ele começou a andar de metrÔ... o L. nem sabia que tinha um desti::no... uma chega::da... que o metrô tinha um caminho ce::rto... né L.?
L: é não sabia.
T: não sabia nada disso ele não sabia que... tipo por exemplo aquelas placas lá em cima... vila madalena... ele não sabia que aquilo lá indicava o fi::m... que tinha/ que as estações são certinhas fixa::das... não sabia nAda disso.
K: tô cansada de falar olha a seta... olha lá o que tá escrito.
[
T: é que não adianta falar né? o que eu comecei a fazer com ele? eu comecei a Ir atrás dele... e ele me guiava... então eu ensinei ((gaguejo)) para ele como funcionava lembra/... conta pra tua mãe como é que foi..
L: ah foi acho que assim... ensinou o desti:no... destino que vai até::... a vila madale::na... até::... deixa ir até o fim... que tá escrito já na placa... aí tem aquele mapa... mapa metropolitano que fica na parede... assim... e a mostra..
K: que você tem que encostar ali... que sempre tá que fica aquela aglomeração... ((risos)) de gente que ele fica lá no meio ((risos)) lá vendo o mapa ((risos)) ( ).
[
T: mAs tu::do be::m é o jEIto né? é um jeito legAl ele tá sUper orientado... ele NUnca se perdeu... desde que a gente se ensinou não é L.?
L: é.
T: nUnca... eu ia atrás dele quietinha assim se ele errasse tudo bem a gente se havia com o erro... nUnca... ele nUnca errou... desde que eu ensinei para ele e falei olha... a gente tem que prestar atenção... nisso prestar atenção nisso... naquele outro das placas... e fiquei atrás dele quie::ta ele nUnca mAis errou.
K: --hoje a:: receita médica que ele ((risos)) tava olhando ( ).
[
L: ah:.. é ... tá aqui oh.
K: você conseguiu?... ele tava lá no meio do corredor ((risos)) e a tu::rma... ia passar por cima dele a qualquer hora se ele for baixinho ( ) tudo passa em cima dele.
T: passa L.?
L: como?
T: ( )
[
K: se você passar pelo meio da.
L: meio da onde?

K: não cê fica lá no me:io lá no corredor... tá assim de gente e você tá lá:: vendo coisas... vendo a carteira... carte:ira é uma coisa que cê tem que ficar... que segurar firme... não pode ficar Olhando no meio dos outros senão alguém passa e tchum é
175 que aqui não tem né? agora lá onde a gente mora tem.
T: mas parece... que dona K. que cê tá vendo que o L. dá para confiar nele.
[
K: --A:i que bom cê conseguiu ((se referindo a uma receita de medicamento que L. mostra)).
180 T: o remédio?
K: só falta um não tinha a semana passada... a:i que bom quem foi que deu?
L: o doutor P. já tava aqui quando eu cheguei.
K: ah o doutor P... ainda bem que cê alcançou ele né?
L: é.
185 T: tá vendo o L. parece que tá assumindo uma série de responsabilidades... né? ele tá pegando a receita conseguindo/
[
K: --pode ficar comigo?
L: fica
190 T: --tá vindo sozinho da M1((estação de metrô, a mesma que M, porém interlocutor fala o nome errado da estação)) né?
[
K: já sabe pegar indicação antes ele não sabia nem pegar o elevador aqui.
195 T: tá vendo?
L: não na infantil... eu não sabia nem pegar elevador eu tinha que ter a mãe do lado... pra ir no elevador/
[
K: mas É:: apavora::do... só que não é só o L. eu também tava apavorada.
200 T: então parece que os dois tavam apavorados e que agora os dois tão ficando mais calmos... É isso?
K: dava a impressão:: que aqui era tão:: assim... ime::nso né? que eu quase me perdia aqui dentro... mas agora é tão pequenininho né? ((risos))
T: será que não É essa a mesma impressão do metrô... que cê tem dona K. que o
205 metrô é muito grande? que tem um monte de gente mas que nÃo é na verdade ele é delimitA:do... e que essa impressão que tem que o L. vai se perder ele nUnca se perdeu.
K: é tá::? ele tá melhor que a mãe né?
L: é
210 K: tem que ser assim... não é? só falta... mais ser mais seguro... é só falta ter mais segurança.
T: mas segurança é uma coisa que a gente tem que deixar ele ter sozinho... né? porque se a gente não deixa ele andar de metrô sozinho como é que ele tem segurança? como é que ele vai ter segurança se toda vez que toda a vez que ele for

andar de elevador tiver alguém do lado dele? como é que ele vai ter segurança se toda a vez que ele for andar de metrô tiver alguém do lado dele segurando a mão e vigiando? né? para ele ter segurança... ele tem que passar pela situação::... treina::r... e ver que deu certo... né? e chegou da M1 até aqui sOzinho... conseguiu foi uma vitória pra gente... né L.?

L: é

K: é ((risos)) é di/... ((risos))

[

T: oi?

K: ((risos)) tá todo mundo admirando

T: não é? admirando vocês dois dona K. o ganho é seu também... pra você conseguir deixar ele lá::... sozinho::... ficar afli::ta eu acho que a senhora deve ter ficado bem nervosa... não?

K: nervosa foi ((risos)) você nÃo sabe a AfliçÃo que eu SInto ((risos)).

T: imagino... deve ser bem grande.

[

K: mas o doutor P tá contente... ele falou assim "mãe ele finalmente tá conseguindo"... e a mãe também... né?

T: e a mãe também... é um ganho dos do::is

K: e a mãe também... a aflição tá passando toda vez que ele sai assim dá um frio::zinho na barriga.

T: ((risos)) então na verdade é uma segurança que os dois têm que ganhar não é só ele... é você também?

K: sabe o que que eu... fico fazendo quando é assim? eu fico rezando ((risos)) fico rezando pra ficar tranqüila.

T: e ajuda não ajuda?

K: ajuda... a não ser que aconteça coisa bem grave que aí esquece ((risos)).

T: mas que pode acontecer pra qualquer pessoa né?

K: apaga a memória aí é fogo ((risos))

T: mas olha... vamos supor... né? que na pior das hipóteses que aconteça... que apague a memória ele tá com carteira de identida::de telefones de contato... tem o telefone do BB ((nome do hospital)) o seu e o meu... né? qualquer coisa que ele ficar perdido... e alguém abrir a carteira dele... vê né? ele sabe sair de uma catraca e telefona::r... não sabe L.?

L: sei.

T: a gente treinou procurar orelhão não treinou?

[

K: é um cartão de telefone pra você ligar ou pro BB ou pra tia a Mi pro ( ) ou então ... senão eu certo?... tem que sempre andar com... tem aquela folha que eu escrevi tudo os telefones.

L: é

T: mas tá vendo dona K. ... nem se ele quisesse se perder muito ele não iria consegui::r ((risos)) com tudo isso de identificação né? e daí é... é isso que é legal...

porque a gente alia daí o cuidado... que tem com o L. né? de tá cuidando do L. para ele não se perder então tem todo esse documento telefone tem RG tem tudo né? tem mapinha do metrô e tal... e a rEza pra ajudar a gente né?

K: e tem aquele:: aquele rapaz lá que cê... o rapaz que trabalha no metroviário aqueles velhinhos que fica na catraca... que guarda ( ) ((risos)) a mãe ((risos)) a mãe sempre fica ( ) ((risos)) né?

[

T: lembra aquele dia que nervoso que cê me fez passar dona K. ((risos)) ((se referindo a um atendimento onde o L. andou sozinho de metrô e combinou de se encontrar com a mãe e a terapeuta na catraca do metrô B, porém se esqueceu do ponto de encontro e voltou para o hospital. A terapeuta e a mãe ficaram aflitas e com medo de L.. ter se perdido. No mesmo momento em que T. saiu para telefonar para o hospital com o intuito de verificar se L.. estava lá, dona K.. solicitou aos funcionários do metrô que iniciassem uma busca de seu filho))

K: é ((risos))

T: dona K...vou soca::r você dona K.:: ((risos))

K: não mais eu sou rápida ((risos)) né? eu não fico esperando ((risos)) eu vou logo pedindo ajuda ((risos))

T: e ele tava no no BB ((nome do hospital))... né? Ele/

[

K: é eu preciso de aju::da e os metroviários lá ajudam.

T: mas aquele dia o L. mostrou que ele é mais competente do que aquilo que a gente pensava né? porque ele foi sozinho até B né? ele não precisou nem de companhia.

K: é ele esqueceu de esperar na catrAca e a gente viu e ficou apavorAda... você já tava aquI né?

L: é.

K: aquele dia deu um desespero...((gaguejo)) é você quantos prédios você foi na Vergueiro?

T: na B é a gente deixou ele na Vergueiro para ele ir sozinho.

K: tá bom... né L.

L: é.

T: então agora a senhora vai conseguir deixar ele sempre na:: M1?... sozinho?... vai?...

K: bom deixo ele lá... com o tempo eu deixo espero ele no ponto do ônibus... lá... né. L.?

L: é

T: é mas calma... vamos primeiro ver direiti::nho -- que que foi isso? ((se referindo a um barulho))

K: dor no pé ((risos)).

T: é mas agora a gente vai com calma né? primeiro a gente tem que ir devagarzinho... né? primeiro na:: ... deixar ele na M1:: depois ele voltAr sozinho você esperá-lo nA M1 pra ele voltar sozinho.

K: fica esperando na catraca né?

T: já dá para fazer isso? dona K. a senhora já sente que dá? para ele vir para M1 e você esperar na catraca?
K: ((gaguejo)) a ida sim ainda não:: ainda não treinei a volta a volta ainda que tá meio assim... meio confusa que ele: quer voltar prum lado... quer voltar pelo Anhangabaú
305 né? que ele:: acha que a Sé tem muita gente... e a gente te::m a gente volta uma estação pra trás... a gente pega a Barra Funda e desce na:: no Anhangabaú... e volta direto... pro M.
T: hum?
K: aí ele faz aquela confusão... fica assim "cê vai pegar Corinthians-Itaquera?" ((fala
310 com tom grave de voz, imitando voz masculina)) e eu falo assim "não por que tá sempre assim não dá nem para entrar" à tarde né? cheinha... aí ele prefere voltar uma estação pra trás.
T: como é que a gente faz então L. ... pra tua mãe começar a te deixar sozinho? como é que:: como é que/
315 [
K: ou você/
[
T: acaba com confusão?
[
320 K: ou você pega ônibus ali... né na S ((avenida ao lado do hospital BB)) e desce no Anhangabaú.
L: é no Anhangabaú daí tem o metrô... desce/
K: o metrô Anhangabaú.
T: vira destino... Corinthians-Itaquera.
325 K: é só nu::m... acho que não erra não né?
L: não
K: é só... não passar ônibus pra lá da::... República e ficar dando volta né? acho que passar não passa que ele faz assim ele faz assim... sai daqui com ( ) vinte e três ele passa na frente do Anhangabaú... que você tem que descer lá no Anhangabaú... e ele
330 volta... ele passa lá na... na... na... no metrô é... República tem uma saída lá pra República... mas pode entrar pra pegar... só que aí desce várias escadas... não sei se três quatro né? rolante aí ele faz confusão ((risos)) tem que ser num lugar mais/... que cê tá mais acostumado no Anhangabaú cê desce umas três/
L: é que eu não sei pegar... aquele que tem que pegar tem três.... três metrôs naquela
335 estação entrando na estação B é que aqui... meio complicado.
K: qual? que que cê falou? onde que tem?
L:então não tem a estação B... não entra assim... pega um dois três metrô? na M?
K: ah você falou assim do Sé? você tá fazendo isso da Sé desce na Paraíso da Paraíso você desce e vêm para cá? não é assim?
340 L: não voltando pra casa.
K: não voltando pra casa faz o mEsmo processo... você desce daqui você pega B desce na Paraíso/
[

T: peraí fala pra gente então deixa ele falar qual que é o processo que tem que fazer para ir pra tua casa daqui?
L: bom mais fácil é:... vai indo assim...
[
T: peraí... não.... peraí.... começa do zero saindo daqui de B do hospital... pra onde você vai?
L: é:... o ponto de ônibus que passa... praça R Anhangabaú XXX ((número do ônibus)) de ônibus chega até a estação do Anhangabaú... desce... e aí vai indo desce a escada... inteira passa pela catraca... depois tem a::... onde vende sorvete... picolé... vira desce... pega o metrô que vai até o Corinthians-Itaquera... desce na M... aí chega na rua W ((rua onde pega ônibus em M)) depois/
[
K: não o que a T. tá perguntando é que como é que cê faz para ir de metrô... daqui... de B.
L: metrô é::... da estação B... entra.... é...
K: ( )
T: não... num... sOpra... não sOpra!
L: é::...
T: se tiver o mapinha aí e quiser olhar vai fundo.
L: é o mapinha.
K: ele faz confusão aí/
[
T: não faz confusão não ele tem mapa ah:: que faz confusão o que -- nossa deixa eu abrir a janela que tá abafado.
L: a partir das B... pega o destino Ana Rosa... é::... de::sce... lá na Paraíso... pega o destino... Ana Rosa de B desce na Paraíso ou Ana Rosa mas Paraíso é mais perto... da Paraíso pega destino Tucuruvi... e desce:: na:: Sé... da Sé vai direto chega na M pega ônibus e::... vai chegar até em casa.
T: a::i que orgulho... A:i que orgulho.
K: ((risos)) ai ai tá conseguindo.
L: é.
K: só que não sei que embanana que ele não gosta de voltar ((risos))... de metrô da volta né? /
[
T: o que você acha... você quer tentar... porque... a gente tá treinando andar de oni/ de metrô... a gente não tá treinando andar de ônibus... não é melhor a gente fazer essa volta de metrô até por que é o que a gente tá acostumado... cê que sabe assim... ou cê quer tentar voltar de ônibus sozinho pelo Anhangabaú?
K: é melhor você fazer pelo metrô que não erra cê desce na/
[
T: dona K. eu perguntei pra ele eu quero saber dEle ouh

L: é:: que eu prefiro voltar pelo... pelo ônibus pelo Anhangabaú porque::... não sei porque é::
[
T: é mais rápido.
L: é mais rápido... que pegar na estação B demora muito eu teria que pegar três metrô.
T: mas daí como é que a gente faz L. ... pra você voltar sozinho?
L: sozinho pra casa?
T: pra M1 para se encontrar com sua mãe?
L: aí... vai por esses dois caminhos... tanto pro:: pegar os três metrôs... como o ônibus e o metrô...
K: é só cê não erra na Sé e volta pro Corinthians-Itaquera... é só não errAr.
L: é que quem mora muito longe prefere pegar o mais... rápido quem mora muito longe.
K: eu acho que cê é preguiçoso... que gosta de sentar no ônibus se você ficar sentado sossegado você vai pra longe hein? tô falando
L: eu não vou não.
T: então vamos fazer o seguinte... o que que você acha L. uma sugestão... como eu tô treinando andar... a sua vinda pra cá e volta... pra tua casa... vamos começar... a voltar de metrô... pra você:: aprender a usar bem o metrô e tua mãe ficar tranqüila na parte de metrô... quando tua mãe te liberar... você chegAr... na M1 e vir sozinho pra cá ou vir de B de voltar para M1 e encontrar sua mãe lá na M1... quando isso acontecer e cê tiver andando completamente sozinho de metrô... a gente começa a andar de ônibus daí eu te ensino a andar de ônibus.
L: tá.
T: daí a gente vai conversa e treina e daí:... a tua mãe pode ficar mais tranqüila pra você pegar ônibus.
L: tá.
T: o que você acha?
L: tá bom.
T: porque tem que ser um acordo de nós três aqui né? não adianta a gente falar... lembra que quando a gente tava conversando sobre andar de metrô... que não adianta te ensinar a andar sozinho de ônibus se você não consegue andar sozinho de metrô porque sua mãe não deixa que ela fica preocupada e você fica inseguro? então a gente tem que/ os dois têm que se dar segurança agora... né? por isso tem que lembrar a sua mãe de não te acompanhar de M até aqui... você tem que falar "mãe fica na catraca lembra... que eu combinei com a T" né?
L: toda a vez que eu chego na M eu falo pra ela... que eu vou sozinho.
K: ( )/
[
T: o que você fala?
L: é eu acho que eu falo assim "daqui eu vou... sozinho eu volto a pé daqui eu vou sozinho" e ela...

[
K: hoje né?/
[
T: você perguntava?
L: é.
T: e ela o que ela fala?
K: ((risos))
L: vai junto por que... vai vai vai é:: vai ter A (("A" se referindo ao nome da médica))
K: não tem bastante coisa... sempre tem alguma coisa né? doutora A
T: ((suspiro)) dona K.... dona K.
K: ((risos)) não pode deixar você vai ver você vai vir no vagão ((risos)) da frente ((risos)).
[
T: vamos fazer o seguinte/
[
K: ( )/
[
T: vamos fazer o seguinte... vou escrever pra você.
[
K: ele já veio três vezes sozinho prá cá/
T: você não vai mais perguntAr... para a sua mãe.
[
K: você tem que ir lá pra casa e falar "mãe eu tô indo".
[
T: não não você não vai mais perguntar para a sua mãe "mãe então daqui eu vou sozinho?" você vai afirmar "mãe... daqui... eu... vou... sozinho..." porque se você perguntar.
[
K: ( )/
[
T: para ela ela vai dizer "não não vou por que eu tenho A porque eu tenho não sei o quê,eu tenho não sei o que lá"... então agora::
[
K: ( ) até M para te esperar.
L: tá.
T: então L.... vamos escrever aqui... "tare::fa... tare:::fa...-para...-to::dos...-os...-di:a:s...-que...-você:..-vier...-ao-B- a::com::pa::nha::do pe::la-mãe" então agora você escreve... você vai... olha vou te falar... você tem que lembrAr tua mãe de que você já pOde vir sozinho da M1 e que toda vez você vai vir sozinho... escreve aí agora ((...1 minuto e 43 segundos))
L: pronto.

T: prontinho... então olha dona K. lê pra ver se a senhora concorda.
K: "afirma::r para a mã::e que eu vou do M para o HD::A ((hospital-dia adulto)) sozinho"... o que é HDA?
L: de adulto.
K: ah é?
T: dona K. a senhora vai se comprometer comigo que a senhora vai deixAr ele vir da M1 so/ da M sozinho?
K: ((risos))
T: vai?... vamos...força.
[
K: e o dia que ele não tiver bem? a mãe sabe quando ele não tá bem/
[
T: o dia que ele não estiver bem você me liga... e a gente conversa... você tem os telefones.
K: ((8 segundos)) tá bom.
T: tÁ bo::m? Ai... que bom então escreve aqui... compromisso comigo.
K: compromi:sso: ó... L. ((11 segundos))
T: o que tá escrito aqui?
L: "daqui por diante".
T: ah tá?
K: será que eu vou deixar?
T: não ó... vamos fazer o seguinte escreve o seguinte se o L. estiver mal você vai conversar comigo... você vai me ligar...tá... não escreve aqui o que a senhora não puder cumprir comigo.
K: hum ((7 segundos)) daqui por diante... então... né?
L: é.
K: mas eu sei quando ele não tá bem ( )/
[
T: mas eu quero falar com você só você... só... me liga e daí a gente conversa...
K: hum.
T: faz parte do tratamento dele é importante que o que você escreva aqui a senhora cumpra... você entende dona K?
K: ((risos))
T: ((23 segundos)) o quê que cê está pensando?
K: acho que é só isso não tem nada ((risos)) mais "daqui-por-diante-eu-ire::i-construi::r" acho que tá errado esse português né?
T: tá certíssimo... não tem nada de errado não... e o que menos importa aqui é o português... tá ótimo, tá ótimo pode continuar escrevendo... ((12 segundos)) é só a volta lembra? não é a/ é daqui pro B é do B/ da tua casa pra cá.
K: então é só isso... por enquanto né? ((risos))
T: vem cumprir o quê? o quê que você vai cumprir ai?
K: o que foi dito aí.

T: o que foi dito? quero escrito aí.
K: você quer que e::u... dê liberdade né L.? ((risos)) "ire::i-cumpri::r"... pegou eu... pegou... agora pegou.
T: quer ajuda?... dita pra mim... quer ajuda?
K: e se eu escrever... ((risos))
L: "que vou deixa::r".
K: ãh "L. vir sozinho" né?
L: é... é...
K: "daqui-por-diante-irei".
L: "cumprir".
[
K: "cumprir".
[
L: "de-deixa::r-o-L.-na-M" .
[
K: "irei-cumprir-que::".
L: "daqui-por-diante-irei-cumprir-que-vou-deixa::r"... "O-L...." "o L....vir-sozinho" ... "da-M-até-o-HDA"
T: certinho.
K: ((15 segundos)) por enquanto fica assim né?
T: poder vir sozinho da M1... do... do... metrô M... aí é M não é M1 eu sempre falo M1 ((confundindo o nome da estação de metrô por um semelhante))
K: ( ) ó:: L.
L: ó.
T: então dona K. a senhora está se comprometendo comigo também hein?
K: hum...o dia que eu tiver bastante serviço você vai vir sozinho viu? se for pedreiro lá para arrumar o... vazamento lá... cê vai ter que vir sozinho.
T: ai que bom dona K. cê vai ter mais te::mpo... para cuidar do pedreiro e das coisas.
K: --porque aquele pedreiro co::me ele passa fo::me tem que dar comi::da pra ele... e é conhecido então tem que fazer almoço pra ele.
T: tá vendo que bom daí você pode deixar ele no metrô e voltar pra tua casa.
K: bom nada tem que combinar isso direitinho o que eu faço com a doutora A também.
T: não mas quando a senhora for com a doutora A... a senhora deixa ele na catraca... espera não ver mais ele deixa ele ir embora... e daí a senhora vai.
K: é:: eu ia perguntar um negócio para você... vai ter férias em dezembro?
T: vai.
K: quantos dias?
T: não sei ainda.
K: que daí eu combinava com o pedreiro/
[
L: não falou assim que vai ter uns dias que:: que vai vai tá aberto o o hospital-dia só que: que não vai ter atividades... assim.

T: tá.
K: (então cê pede).
[
L: só vai te::r... mú::sica.
[
K: pede pro doutor P lá te dar umas férias daí a gente outro dia foi uma correria.
[
L: vai te::r... lazer só isso que vai ter esses dias assim... mas não é obrigado a vir.
T: eu vou entrar de férias quer ver... deixa eu ver aqui... é:.... eu vou entrar... o último dia que a gente se atende/ que eu atendo vocês é dia doze de dezembro.
K: doze de dezembro.
T: depois entro em férias e volto só dia... dezesseis de janeiro.
K: doze de dezembro... então tá perto né T.?
T: per::tinho.
K: --eu vou tenho que falar lá com pedreiro lá.
[
T: mas dona K. vamos falar disso... então... a senhora vai cumprir isso comigo então é?... é.
K: cumprirei ((risos)) cumprirei.
T: e olha eu coloco aqui também vou ajudar "se::-o::-L.::-estive::r-ma::l-a::-mã::e-po::de li::ga::r" pode não, deve "de::ve:-li:ga::r-pa:ra-mi::m, T.:: e::-co::nve:r::sar:-so::bre:-o-ma::l-do::-L.::". "me:us-telefo::nes XXXX-XXXX XXXX-XXXX" tá bom?
[
K: deve ligar pra T.
L: dois telefones.
T: dois telefones... esse é do consultório.
K: se não achar num acha no outro ((risos)) celular acha né?
T: celular acha... consultório... e::...
L: celular?
T:é.
K: celular cê consegue achar.
T:"e::-se:-a::-mã:e-ti::ve:r::-que::ir:-a:o:-B:B:-co:m-o-L.::-dei:xa::rá:-ele:-sO::zi::nho::na:: ca:tra:ca:-a:nte:s-de::e:ntra::r-no:-me::trô::" tudo bem?
K: olha... L.... tá vendo... quanta coisa... aí cê vai conseguir ir até na Mi lá é difícil lá mas você vai aprender... né?
T: A:: se vai... claro que vai.
K: vai longe... é bom né?
L: é
K: mãe vai torcer por você... cê não é diferente dos outros? ((risos))
T: e eu vou torcer pelos dois.
K: né?
L: é.

K: aí ( ) é que eu tenho tanta coisa pra fazer também tem que:: ...fazer tratamento no posto de saúde.
T: então... quando ele começar a vir sozinho você vai ter tempo para tudo isso... dona K.
K: tem que fazer o dele do... do pai da da filha tem que levar os documentos todos pra... pegar uma fila, tá assim de gente ( )... pegando a medicação ( )... em casa é complicado tem gente... de pressão alta coração e o L. aqui ((risos)) no BB de cabeça né? ((suspiro)) e eu tenho gineco à tarde amanhã... eu vou ficar o dia inteiro.
T: mas olha... então você vai ficar o dia inteiro... o L. vem para cá amanhã?
K: o L. vem daí eu passo com a doutora A... dez e meia... ele vem primeiro depois eu...
T: então mas daí o que que vai acontecer?
K: soltar ele lá na M... vem sozinho... você vê aquele tumulto de gente... não fica apavorado que agora eles colocaram ferrinho lá no::... no Sé pras pessoas não se atrapalhar tanto você viu né?
L: eu vi.
K: aquilo é pra seguir direitinho para não dar aqueles... aquele tropeção... lá melhorou lá tem com os ferrinhos cada porta tem... fizeram uma voltinha com ferrinhos de alumínio umas umas barras... né?
L: é
K: barras de segurança... na frente ( )
T: é::... L... vamos pra/ para deixar sua mãe segura... mais ainda... vamos ver o seguinte... vamos escrever aqui/... o quê que vai/... as medidas que você vai ter que tomar... caso você se perca... entendeu? para deixar na tua carteira... vamos fazer um guia de passos... aqui ...“passo um” o quê que você vai fazer... “passo dois” então? entendeu? então vai... escreve aí “em caso de perder”/“em caso de eu me perder” ((17 segundos)) então vai “passo um” ((8segundos)) qual que é?
L: olhar no mapa.
T: mu::ito bem.
K: ai que beleza ((risos)) ( ) ((13 segundos)) o chiclete aqui tá amassado ((K. dá um pacote de goma de mascar à T.)).
T: ((risos)) aih:: dona K. obrigada... quer um chiclete dona K.?
K: não obriga::da eu tenho aqui um.
T: quer um L.?
L: não obrigado.
[
K: |o L. também tem dois.
L: não eu já tenho o meu aqui.
T: obrigada... passo dois ((10 segundos)).
K: a mãe ó/ a mãe... ligando pra minha irmã ((risos)) mas como é que eu faço pra chegar aí? ((risos))
T: ah:: mas você tem um mapa também... não tem não é?
K: ãh?
T: você anotou um telefone... para caso você se perdesse... você ligar?

K: ãh?
T: você... anotar o telefone para caso a senhora se perdesse... você ligaria pra sua irmã para pedir ajuda.
K: então eu peguei o telefone da minha irmã e/
[
L: tá certo o número da tua casa?
K: hum? esse tá.
L: tá certo.
K: cheguei no metrô foi bom pra ( ) ((risos)) a senhora vai andando mas eu não quero andar eu tô ((risos)) no metrô e não sei chegar lá... subir tudo... aí peguei ônibus... aí tem tanto ônibus lá e a confusão que a gente faz uns fala que um ônibus vai pra lá::... aí eu ligo pra minha irmã, pega::... agora fugiu o nome... que eu ia te falar nossa tem que ligar pra ela de novo ali no/
[
T: XXXX-XXXX ((dita o número do telefone celular)) ou
L: ou?
T: XXXX ((dita o número do telefone do consultório)).
L: XXXX.
K: tá aqui ó... L.
T: XX ((dita o número do telefone do consultório)).
L: XXXX.
K: muito bem ((11segundos)) passo quatro.
K: ((risos)) pode puxa assunto.
T: você pode também... pedir ajuda pros... pros caras do metrô... que se vestem de azul.
L: "aju::da::".
K: e:: eu peguei lotação lá em Santana lá nossa andei tanto pra chegar a estação do metrô que eu falei "nossa, que que tá" ((risos)) a gente tá acostumada com um... lugar e vai pra um lugar diferente de trem né?
T: é.
K: que lotação ele desce no Outro lado... antes pára lá depois do terminal/
L: vestido de azul?
T: é ele tá de azul e cinza você le:mbra? qual que era a cor da roupa dele? azul e cinza não era?
L: é.
K: a mãe faz confusão vai saber se L. faz confusão? ((risos)).
T: é mas você viu que ele escreveu tudo isso sozinho você não precisou ditar nada pra ele.
K: ( ) falar pra esse coisinho aí ((risos)) ((referindo-se ao gravador)).
T: por quê?
K: tá gravando.
T: ah... tem problema não... só eu vou saber que são vocês.
K: ah já pode voltar a estudar né? tá escrevendo bem ((risos)).

L: é.
T: demorou.
K: fazer matrícula lá lá lá no L ((nome de supletivo público)) lá ((28 segundos)).
T: a senhora está mais tranqüila agora que ele sabe todos os passos que tem que fazer caso ele se perca?
K: tá Ótimo hein L.? olha.
L: é.
T: e ó L. não esquece... é passo u:m se o passo um não der certo... cê pula pro pa::sso quatro então olha se você olhar o mapa do metrô e ficou perdido ainda... pedir ajuda para "os-caras-do-metrô-vestidos-de-azul-e-ci::nza-no-ca::so-não-tive:r-o-mapa-metropolitano-pedir-para-e::les?" pedir para eles o mapa... isso... certinho... entendeu? então primeiro passo u:m... depois o passo qua::tro... e cAso ainda não der certo que vai ser um milagre não dar... enfim passo dois e passo três.
L: tá bom.
T: tá bom?
L: tá bom.
K: pede ajuda senão liga... né? pode ligar pro pai também que o pa::i trabalha pela cidade e ele te procura... se ele não falar pra você "se vire sozinho" ((risos)) é:: tá bom né?
T: tá vendo né? agora então guarda na sua carteira só pra tua mãe ficar tranqüila.
L: tá bom.
K: e esse é pra mim guardar?
T: ah a senhora pode guardar esse... aliás L. você quer que fique com você ou com a tua mãe.
L: fica com ela esse.
T: é.
L: pra ela não esquecer.
T: mas você não quer deixar na carteira pra você lembrá-la... toda vez que pegar metrô? ah:: L. confio mais em você do que na rua mãe ((risos)).
K: tem muita coisa na tua carteira você não vai ter onde colocar.
T: não tô brincando dona K. mas é que daí ele tem autonomia para cuidar das coisas dele.
K: comprar... uma bolsa pra ele carregar tudo... tá cada vez mais che::io o bolsinho dele.
L: tá cheio... de coisa.
K: só tá com falta de dinheiro né? dinheiro ((risos)) ci::nco... olha pra isso... acho que tinha dez aí e ele acabou gastando.
T: legal legal você pôr dez para ele aí.
L: é.
K: (o que tiver bilhete).
T: dá o bilhete na mão dele.
K: tem que tomar cuidado para não por nada que... per::de aí... o bilhete do metrô de ônibus... ((10 segundos)) peraí tem dinheiro aqui peraí... cadê?

L: não tem.
K: você jogou fora? perdeu? tem sim eu vi uma coisa aqui... ache:::i.
L: dinheiro falso.
K: que falso? não é falso não.
L: não é falso?
T: um dÓ:lar.
K: ((risos)) vale três/ não vale dois... dois... dois reais.
T: dois e vinte.
K: dois e vinte tá muito pouquinho né? chegou uma época que:: que valia valia três um negócio desse.
L: ainda vale esse dinheiro?
K: va::le é só trocar.
T: só não pode usar aqui no Brasil mas vale.
K: dá pra trocar na agência e eles troca.
L: ah::
K: esse daqui... a tia Mi falou que põe aqui pra dar sorte ((risos)) ... quando ela vai lá e coloca a gente "põe uma de cem" aí quando a gente tiver ((risos)) ou de quinhentos no:ssa.
T: o::pa ó, nunca à vista... então... pela última vez quando sua mãe for... com você da sua casa até o metrô... você lembra ela e se ela esquecer você mostra o papel pra ela... você a partir de hoje tem que vir sempre so-zi-nho de M pra cá tá bom?
L: tá bom.
T: certinho?
K: certinho.
T: então por hoje é só gente... semana que vêm segunda-feira a uma hora de novo aqui.
K: semana que vêm já:: cai... que dia... que você falou? ho-hoje é dia vinte e um... vinte e dois amanhã ah::... ainda tem um dia... né?
T: certinho?
K: só dia doze né... que você vai entrar em férias né?
T: só dia doze/dia dezesseis.
K: ah:: dia dezesseis qualquer coisa vou:: falar pro médico dele também.
T: [aliás não dia doze é o último atendimento nosso... tá?
K: antes antes que dá aquela ventania... arrumar aquelas telhas lá
T: faz mU:ito bem.

ANEXO C – Transcrição da Sessão 2: a quarta sessão de psicoterapia individual entre a terapeuta Regina e o cliente Carlos[14]

Abreviações

R: Regina

C: Carlos

R: Então quer dizer que ia fazer vestibular?!
C: É, porque eu tranquei a minha matrícula. Eu tava no quarto ano de Direito, na XXX (universidade), mas isso já faz uns sete anos, mais ou menos.
R: Hum, hum.
C: Então agora não tem nenhum jeito...
R: Não tem como recuperar essa matrícula trancada.
C: Eu tenho que fazer novo vestibular, e aí trazer o meu curriculum pra onde eu passar, pra ver se eu consigo...
R (cortando): Aproveitar alguma disciplina.
C: Aproveitar alguma matéria.
R: Ah, que interessante.
C: Então esse ano que não tenho compromisso moral com ninguém, vou ver se eu faço vestibular aí de novo e vai que passa, né?
R: Você manteve segredo da família quanto a isso?
C: Não, tá todo mundo sabendo. Eu parei de estudar justamente porque vim morar aqui, a minha esposa já estava grávida da ...
R: A vida foi apertando?
C: Foi, não teve jeito.
R: E é Direito a sua paixão?
C: Olha, eu não sei se ela é de direito, mas é de fato! (risos de R e C)
C: Eu gosto muito de Direito. Eu acho que Direito não é uma matéria que você...Eu acho que devia ser disciplina pra todo mundo.
R: Sei.
C: Eu acho que a gente fica tão... Você vê as pessoas discutindo as coisas...
R(cortando): Que passam pelo Direito...
C: Que não sabem se é de direito, se não é de direito... E as dificuldades de se entrar com uma ação, alguma coisa daquilo que cê tem realmente de direito, né? Então, quer dizer, por exemplo, o cara bate o carro ou não está de acordo com alguma conta, ou alguma coisa que não acha que é devida...

[14] As transcrições foram mantidas tais como se apresentam no original. Apenas as indicações de turnos de fala mudaram (R para *Regina*, C para *Carlos*, A para *Alice*, T para *Tito*, G para *Giovana* e E para *Érik*), com vistas à facilitação do acesso às sessões na presente pesquisa.

R: Que é justa, né?
C: Pois é, a pessoa que não tem noção disso daí, acha que é o fim do mundo você entrar na justiça. Não sabe que tem advogado de graça, não sabe que tem um monte de coisa. E poderia ser até disciplina. Não que você vai aprender alguma coisa, mas...
R: Os direitos básicos do indivíduo.
C:O que cê vai fazer, entendeu? Isso aí eu acho que deveria fazer parte do curriculum de toda e qualquer faculdade, entendeu?
R: Interessante, essa perspectiva.
C: É muito, e eu gosto muito...
R: Hum, hum...
C: Eu gosto desse trabalho, eu acho que é por isso que eu me dou bem em venda.
R: Você acha que vender uma idéia é também mostrar as vantagens que o Fulano vai ter... Mas, até aí você podia pensar em fazer marketing, por exemplo.
C: É uma idéia, também.
R: Ah, é? Faz parte?
C: É uma idéia, também. Seria mais ligado, até, àquilo que eu faço, né? Fazer Marketing, fazer Administração de Empresas, esse tipo de coisa.
R: Hum, hum.
C: Mas, eu penso um pouquinho assim mais prá frente, entendeu? Eu acho que o que eu sei hoje em dia eu ainda me viro em alguma coisa, né?
R: E a matemática pré-vestibular, você está em dia? Você fez um pouco de engenharia.
C: Ah, muito mal. (risos de R e C)
R: Ah, é?
C: Sei nada de Matemática, quer dizer, eu me viro. Dizer que eu vou tirar zero, eu não tiro. Mas estão tão mudadas as coisas... Inclusive, eu andei ouvindo que vai acabar o vestibular.
R: Mas, por enquanto...
C: Agora eu não sei se faço o curriculum, não sei quais as faculdades que irão aceitar ou não.
R: Mas será no ensino particular, né?
C: Não sei, eu ouvi um zum zum zum, assim, deste negócio. Achei até, de certa forma, interessante... Só que aqueles que podem pagar caro, por uma escola cara, né?
R: É.
C: Caro, que eu digo, é...
R(cortando): Financeiramente.
C: Com muito mais recursos, né? Escolas com muito mais recursos, é quem vai continuar estudando nas melhores faculdades.
R: De qualquer maneira, vá. Daqui a pouco, as inscrições... Vai fundo, faça, né?
C: Não tenha dúvida, (inaudível).
R: E me diz uma coisa: te estressa pensar em vestibular, ou não, é uma coisa tranqüila?

C: Não, não tem. Veja bem, eu acho que tudo tem a sua hora. Eu acho que estes seis, sete anos, que eu larguei a faculdade foi num momento...
R: Correto.
C: Relativamente estressante, mesmo, né. Quer dizer, eu estava assumindo o posto de pai, né, mesmo, ativo. Eu já tinha um filho...
R (cortando): Mas que você não convivia...
C: Só que com a separação, praticamente eu não convivi, né?
R: Hum, hum.
C: E eu estava vindo prá São Paulo, prá tentar uma carreira nova, numa cidade que eu não sabia nem virar a esquina, eu nem sabia onde eu estava, né? Então, quer dizer, foi uma mudança também meio que radical de tudo que eu fazia na vida.
R: Imagino.
C: Mas, a faculdade, foi mais financeiro do que qualquer coisa, né? Então, eu vim primeiro, prá gente fincar o pé, construir ali uma...
R: Uma estabilidade.
C: Estabilidade, né, e, aí sim, eu voltaria a fazer as coisas. Mas daí esse voltaria foi passando, passando, passando, mas quando eu olho prá trás passou (inaudível)
R: Mas está chegando o momento, parece.
C: É, eu acho que, por enquanto, você ainda tem um pouco de paciência, sabe? Os filhos ainda são pequenos, as preocupações são diferenciadas. Puxa! Faz dois anos de faculdade e você tem um curso de graduação aí, maior.
R: Hum, hum.
C: E, de repente, com uma profissão prá você, quando estiver cansado de tudo isso aí:"Eu vou voltar prá minha terra..."
R: Hum, hum.
C: Abro um escritório de advocacia.
R: Hum, hum.
C: Advogado não é o melhor negócio do mundo hoje, mas você não passa fome.
R: Tá.
C: E eu gosto.
R: Esse é um critério importante. O seu pai foi advogado, é isso?
C: Meu pai foi advogado, eu tenho o escritório dele lá em XXX (cidade onde C nasceu), até hoje. Fechado até hoje, a minha mãe não aluga e tudo mais. Está lá, do jeito que ele deixou.
R: Intacto.
C: Então, de repente, é uma possibilidade.
R: Tem um sonho aí, né, guardadinho, na gaveta...
C: Tem. Eu gostaria de dar este diploma pro meu pai, esteja ele onde estiver, né?
R: Eu acho que tem um pai, o outro pai eu não sei, mas tem um pai aí, tá, de certa maneira, que você aprendeu a entender que pai é de tal jeito. É de um jeito...
C: Exatamente.
R: Bem peculiar prá você, né?

C: É.
R: E acho que você tá meio que reproduzindo aquele jeito de ser pai.
C: Eu estou exteriorizando, né?
R: É. Aprendendo a exercer a paternidade pautado no jeitão do seu pai.
C: Tem a ver, tem a ver, eu me miro muito nele. Eu me...
R: Foi um modelo prá você?
C: Foi. Aliás, ele foi muito mais no pouco espaço de tempo, do que eu tenho sido com os meus filhos. Eu não tenho muita paciência com criança, esse negócio de conversar e coisa, que ele tinha de sobra.
R: Hum, hum.
C: Apesar da nossa amizade ter sido muito mais no final da vida dele, que ele sempre foi pai (inaudível), mas eu não posso reclamar não. Do meu pai eu guardo grandes recordações. Aproveitando já esse assunto do meu pai, eu tenho mais duas psicólogas que tratam de mim também, além da senhora
R: Como?
C: A minha senhora...
R: O que tem a tua mulher nesta história?
C: E uma amiga que também faz terapia com outro profissional.
R: Hum.
C: E a gente conversa muito, como foi... E ela também tá interessada em saber... E eu acho, eu não sei se é legal ou não é, mas pelo menos eu estou abrindo a discussão na minha casa, também...
R: Mas isso... Você tem se sentindo à vontade?
C: Tenho.
R: Porque, algumas pessoas... Deixa eu explicar. O critério prá mim é assim: o cliente pode ou não falar o que acontece na terapia. E eu dou sugestão dele fazer como melhor quiser, faz não sei o quê. Mas o importante é que, se o cliente resolver fechar o bico, ou se ele resolver falar, contar, que seja assim... leve, prá ele.
C: Certo.
R: Mais ajude do que atrapalhe, prá ele e pras outras pessoas.
C: Olha, eu até acho legal, porque eu sinto a preocupação deles também em acompanhar, em saber como é que tá.
R: Perfeito. Uma espécie de carinho, né?
C: É, levo vou por este lado, né, e são coisas que, de repente, estão vindo de você e que eu também posso passar. E também ajudá-los. De alguma forma.
R: Entendi. Tem um efeito propagador.
C: É, eu acho que é um negócio meio que por aí.
R: E aí?
C: E, a gente conversando, né, tava eu e a minha mulher e essa....
R: Essa amiga do casal.
C: Essa amiga da gente, sentando e conversando. Eu acho que foi quinta-feira passada, uma coisa assim, eu acho que eu tinha chegado de XXX (cidade mineira onde tem obra) e, daí, conversando sobre a gente não ter paciência com os filhos, e eu falei, comentei

até que isso podia ter alguma ligação com estar com medo, tal e coisa assim, que tudo era um stress, (inaudível) e que a gente está tentando tratar, e eu, de alguma forma, estou tentando melhorar o meu diálogo com as crianças.

R: Diminuir as fontes de atrito.

C: É, já fiz as pazes com o cachorro... (risos de R e C) Vou lá, trato dele... Prá ver se isso aí diminui aquela ansiedade, as coisas.

R: Claro!

C: Então a gente tem que ajudar de alguma forma. Daí ela falou que ela teve problema com a mãe, ela cuidou, a mãe já morreu de câncer. Mas ela nunca teve afinidade com a mãe dela, e a mãe dela faz uma falta pra ela muito grande. E muitas coisas que a mãe dela fez, também ela não aprovava. Mas, de qualquer forma, a mãe era um ídolo. Aquela coisa da imagem que a gente sempre quer ter, e ela andou muito tempo disfarçando essa imagem da mãe. Ela... como fala? Ela não achava legal as atitudes da mãe... Então, algumas coisas ela escondia dela mesmo, né, e isso foi formando uma outra ideia, de uma outra mãe, que ela não teve. E daí ela falou prá mim ...

R (cortando): Tinha a mãe real e a mãe imaginária.

C: E a mãe imaginária, então ela queria ser como a mãe imaginária porque a mãe imaginária era a mãe verdadeira dela. E, como eu, muito jovem, também a mãe dela... (inaudível) um grau de amizade muito pequeno. E comentando sobre esse negócio de mãe... "Como é a sua mãe?" Aí falei também da minha. Eu adoro a minha mãe, eu passei muitas necessidades. Nós somos muito parecidos fisicamente, e internamente também. E a gente... Minha mãe também foi muito assim... trabalhou, sempre trabalhou, numa época em que mulher trabalhar deve ter dado mais trabalho que...

R (cortando): Bem mais raro, né?

C: Então nós fomos criados meio de longe. Tínhamos uma empregada que tomava conta da gente. Numa cidade do interior, as preocupações eram completarnente diferentes das preocupações de hoje. A gente vivia mais na rua do que dentro de casa. Mas a minha mãe era muito severa. Ela era...

R (cortando): Jogo duro?

C: Ô, jogo duro. Chegava em casa, as crianças de banho tomado, e não admitia assim... Erro, era uma margem muito pequena de erro que ela admitia, né?

R: Era duro prá você ou você tirava de letra, você sofria?

C: Não. Nós sofremos um pouquinho, nós sofremos porque nós fomos crianças educadas numa época em que você não tinha muita informação de nada, né? A televisão que eu assistia era preto e branco, e quando não queimava a válvula.

R: Hum, hum.

C: Então, quer dizer, as informações de hoje são completarnente mais diferentes.

T: São maciças...

C: Uma criança de dez anos conversa como um adulto, e nós não. Então, a minha mãe, justamente por estar longe, ela já supria essa falta dela, né, com exigências maiores, para que a gente fosse sempre melhor.

R: Exigências tipo o que? Empenho?
C: Porque o meu pai...
R (cortando): Tipo assim: de ser comportadinho em casa, de fazer tudo com perfeição?
C: Veja bem, nós tínhamos uma agravante no negócio, que nós éramos filhos de uma professora primária e de um secretário do estado, na mesma escola.
R: Hum!
C: Então, veja bem, prá que a gente... prá ela era muito interessante que nós fossemos...
R: Bem.
C: Um exemplo: dentro da escola nós éramos filhos da professora e...
R: Claro, do secretário.
C: Então, o que acontecia? Muitas vezes nós fomos, dentro da escola mesmo, repreendidos, aí não pela professora, e sim pela mãe, de uma informação mal dada, de uma pergunta errada, de um (inaudível) e todo mundo riu, e ela...
R: Ela não deixou passar batido.
C: Ela foi muito enérgica, nesse sentido e eu nunca fui muito estudioso prá estas coisas. Mas eu lembrei assim... de uma passagem. Quer dizer, ela sempre foi assim. Hoje até a gente brinca com ela porque eu nunca bati, não tive necessidade de dar uns tapas nos meus filhos com muito mais energia...
R: Hum, hum.
C: E, quando eu falo alto, eles me obedecem. Mas, no que eu falo alto, ela já me vê repreende, a minha mãe.
R: Ela adoçou com o passar dos anos?
C: É, entendeu? "Nunca vou ficar com os meus netos...", não sei mais o que. E eu chamo a atenção de um filho meu perto dela: "Você quase não tem paciência, você..." Eu falo: "Mãe, se enxerga, deixa prá lá (inaudível) (risos de R e C)
C: Eu acho que (inaudível) e nós temos nossas características, né? A minha família não é uma família de temperamento muito brando, né? Então a gente... Mas eu tento melhorar, né, me vigiar prá que não aconteçam as mesmas coisas que aconteceram com ela.
R: Todo mundo erra, mas ao menos os erros são novos, né?
C: Sem dúvida, não tenha dúvidas. E daí, o que aconteceu... Conversando com ela eu lembrei de uma passagem, que ela me obrigou a contar prá você...(risos de R)
R: A sua mãe obrigou a contar?
C: Não, essa minha amiga.
R: Ah, sua amiga "psicóloga".
C: "Cê vai contar prá Regina, lá, isso" e foi uma passagem assim: eu estava no 3° ano primário, né, e a gente tinha aquela coisa da gente fazer a lição e a mãe dar o ciente. Mas como a minha mãe trabalhava fora, no período da tarde, eu chegava da escola, ela ia trabalhar, eu almoçava, fazia a lição e deixava lá o caderno. E depois ela via o caderno e dava o ciente. Naquele dia, não sei porque cargas d'água, eu não mostrei o caderno.

R: E até fez a lição.
C: Fiz a lição. No outro dia fui prá escola e nem me passou na cabeça...
R (cortando): Que ela não teria dado o ciente.
C: Que ela não deu ciente. E aí o que aconteceu? Estava eu estudando de manhã e ela dava aula à tarde. Entrei na sala de aula e coisa e tal, a professora: "Vamos abrir os cadernos, que eu quero ver as lições", não sei o que.
R: A rotina.
C: Isso, e aí entrou a diretora do primário naquele dia. Coincidências da vida, né,"E aí? Todo mundo fez a lição? (inaudível) e quem não tiver o ciente do pai ou do responsável vai prá diretoria."
R: Bem naquele dia?
C: Bem naquele dia. Eu sou um predestinado.(risos de R e C)
C: Bom, fiquei apavorado, né?
R: Qual criança não ficaria, né?
C: É. Até porque, veja bem, eu vejo a minha esposa com os meus filhos. A minha filha é apavorada de fazer prova e de ir mal, e o meu filho encara (inaudível) eu não vou bem...
R: É quase uma coisa ao contrário, a relação.
C: É, completamente até, o contrário. Você não foi bem? Vamos estudar juntas depois, fazemos uma outra prova...
R: Vamos dar um jeito...
C: Coisa e tal... Esquece. O nervoso é que pode atrapalhar. Se contenha, você estudou... Bom. E a gente não. Apesar de estar estudando, saber, e ela sempre se prontificou, minha mãe, a me ajudar, a estudar junto, porque ela...
R: E você tinha, de fato, feito a lição. O que faltava era uma coisa burocrática.
C: Pois é. Mas, veja bem, prá mim, o fato de não ter pego o ciente... Vamos supor que até a minha professora entendesse....
R (cortando): Nem aí, né?
C: E não me mandasse prá diretoria. Mas a primeira coisa que veio é "E se ela me mandar prá diretoria?" Daí que eu comecei as minhas... (risos de C)
R: A ficar apavorado.
C: "Se ela me mandar prá diretoria, a minha mãe ia saber à tarde" e eu, putz, aí eu ia...
T: Você se sentiu num beco sem saída, né?
C: É. Me senti num buraco. Bom, o que fiz eu? Bom, como todo pessoal acuado, dei um jeito: catei a caneta...
R: Hum!
C: E colei a outra assinatura da minha mãe e...
R: Crau!
C: Crau! Beleza. Eu sabia que não era o melhor que podia fazer, mas tudo bem. A professora passou... a minha professora, inclusive, foi a primeira pessoa por quem eu fiquei apaixonado na minha vida.
(risos de R e C)

C: A professora era linda. E ela veio, abriu o meu caderno e conferiu a lição. Aí ela olhou prá minha cara e falou: "Eu acho que essa assinatura não é da sua mãe, é?" E eu, mal... nem raciocinei que ela, com certeza, conhecia a assinatura da minha mãe, porque via todo dia, no ponto...

R: Claro.

C: "É claro que é, professora", e ela falou: "Ah, tudo bem." E deixou passar e eu me senti aliviado, né...

88T: Preciso interromper um pouquinho: você está me contando que você fez uma transgressão temendo a punição. E uma punição que seria super arbitrária, né?

C: Sem dúvida.

R: Porque, teoricamente, o visto, é prá obrigar a criança a fazer a lição. Mas você havia feito a lição, portanto o visto é um frou frou. Mas o fato deles darem aquela importância ao visto, além da própria lição, fez com que você transgredisse...

C: Tomasse aquela atitude...

R: E se metesse num enrosco federal.

C: Federal.

R: Porque aí não é a criança que esqueceu o visto, é a criança que falsificou a assinatura da mãe.

C: É, eu fui levado...

R: Tá. Ao crime!(risos de R e C)

C: A tomar uma atitude que eu sabia que era errado, né, mas tentando livrar a pele...

R: De outra coisa.

C: O que aconteceu? Passou... Assisti a aula... Ela corrigiu a lição... Tudo correu normalmente. Cheguei em casa. "Tem lição?" "Tem." E nem pensei que no outro dia ela iria dar o visto e poderia ver aquele lá...

R: Claro.

C: Nem me lembrei...

R: Você tinha uma ingenuidade, né?

C: Aquilo lá apagou da minha memória, de tal forma que passou, legal, me safei, tá tudo certo.

R: Hum, hum.

C: Tá tudo certo, né, e estava lá eu em casa assistindo Zás Traz com a tia Márcia e o tio Molina, não sei se era do seu tempo. (risos de R e C)

C: E, tomando um Toddyzinho... Eram quase três horas, que era a hora do intervalo da tarde, veio a minha mãe, né, da escola.

R: No Intervalo?

C: Chega em casa... É. Porque a gente morava a dois, três quarteirões, né?

R: Tomar satisfação.

C: Eu ouvia: "Dona Maria, cadê o C? Cadê o C ?" Eu, na cama, escutei a voz dela e pensei: "O que será que a minha mãe quer a essa hora?" E eu continuei a escutar a minha mãe. Ela veio e pá! Fechou a porta e olhou na minha cara: "C, o que aconteceu hoje na escola?'

R: Nada.

C: Eu: "Nada, ué." Não tinha acontecido absolutamente nada, a não ser aquele ato impensado, né?
R: Hum, hum
C: E ela: "Eu vou te perguntar mais uma vez: o que que aconteceu na escola hoje de manhã?" Falei: "Nada." Porque, do jeito que ela estava, eu achava que eu fui expulso...
R: Claro.
C: Fui prá diretoria... Justamente o que eu fiz foi prá não fazer... não ir prá diretoria. Bom, ela passou a mão na cinta, minha amiga...
R: Você apanhou um monte...
C: Caí fora do quarto, ela fechou a porta, tudo fechado... Apanhei que nem gente grande.
R:Hummm.
C: Contestei a minha surra depois. Eu falei prá minha mãe que eu não merecia. Porque ela explicou o que que era.
R: Ah, porque você falou!
C: "Porque eu fiz a lição, não sei o que... e a diretora falou que ia prá diretoria... Eu sei que a Senhora não quer que ninguém vá prá diretoria, então eu fiz isso." "Não, mas você devia ter me contado, ter me falado ou não devia ter assinado e que fosse prá diretoria." Eu disse: "Mãe, diretoria sem motivo..." Bom, explicou toda a situação... Mas eu já tinha apanhado, eu já estava doendo tudo, né? Então até hoje a gente se recorda destas coisas todas...
R: É, mas a alma deve ter ficado muito ferida, né?
C: Ficou. Tanto que eu me lembro dessa história, tem certas passagens... Eu sou muito assim: eu não tenho memória muito boa prás coisas... Principalmente pras coisas que não foram muito bem.
R: Sim, mas estas coisas são... elas têm uma carga afetiva.
C: Têm, elas, elas... A minha mãe era a última que eu contaria alguma coisa, e, ainda assim, foi a primeira que soube da gravidez da menina que eu tinha engravidado naquela época. E ainda assim a gente tinha essa...
R: Talvez porque você era mais velho, né...
C: A gente vai ponderando...
R (cortando): Mas esse episódio que você me conta, você devia ter uns oito ou nove anos de idade.
C: Eu tinha por aí, oito, nove anos, terceira série. Então, quer dizer, é um troço que me marcou muito, né?
R: E você apanhando e não tendo como escapar.
C: Não tive como escapar. Então, aí, é essa história que eu tinha que te contar, que eu prometi lá, pró menina, (inaudível) você procurou aí uma saída, já passou...
R: E, você percebe? Essa é uma hipótese, né? O que a gente sabe é que essa é uma hipótese, entre outras. Mas, claramente, você... Eu nem vou pensar no episódio isolado, eu vou pensar no todo.
C: Certo.

R: Você cresceu como uma criança não querendo atiçar o dragão. Imagine que tem uma caverna do dragão, tá, uma fantasia, assim, infantil. Que tem um monstro, um bicho papão, qualquer coisa assim. E que, na verdade, você vê, hoje em dia, que o bicho papão não é o bicho papão. Dá prá falar: "Mãe, vai cuidar das suas coisas. Que é isto? Pára de se meter."

C: Perfeito.

R: Eu mesmo, quando você foi ser pai pela primeira vez, ainda que inadvertidamente, ela meio que administrou a situação contigo... Então, se parar prá pensar, tudo mudou depois. Mas, durante alguns anos na infância, você deve ter vivido sob pressão, né? A pressão de não desagradar o bicho lá, que mora naquela caverna, né? E tinha um lado da mãe que era legal, mas tinha um lado que era complicado, que você seria condenado, que você seria humilhado, que você não podia dar vexame... Então, você tinha não a vigilância sob o seu desempenho escolar, mas a vigilância de maneira que ele, o seu desempenho, não desagradasse a outros, né? Então, você não tinha um pai ou uma mãe comuns, eram uma mãe e pai que queriam que os filhos fossem exemplos além da média.

C: Sem dúvida.

R: Então, eu imagino que se você tirasse oitenta, noventa, ou oito ou nove, como é hoje em dia, talvez fosse motivo de briga e não de elogio. E muitos estariam de joelhos, agradecendo a Deus, se os filhos tirassem oito: "Ah, tá ótimo, filho!"

C: Sem dúvida. É o que acontece hoje, né? Na realidade, a gente quer que eles entendam a lição, independente da nota. E tirem o suficiente prá não repetirem de ano.

R: Mas também não precisa ficar...

C: Ninguém vai morrer por causa disso.

R: É, então o que provavelmente foi acontecendo, é que você cresceu com um tanto de pressão, né? Mas, até aí, todo mundo cresce. Só que isso foi se somando a outras pressões. A pressão de mudança de cidade, a pressão da paternidade precoce, a pressão da insatisfação com a engenharia, foi somando...

C: (inaudível).

R: E, achando bárbaro aquele mundo de farras e um pouquinho longe dos pais... Mas daí tendo que driblar, prá não dar encrenca... Então, quando foi somando tudo isso...

C (cortando): Talvez seja por isso que eu gosto de Direito, né? (risos de R e C)

C: Está sempre entre a cruz e caldeirinha.

R: É, é de certo modo pode ser... Então, numa dessas, eu tenho impressão que aquele episódio não pode ser entendido como a causa única de um fenômeno grandão, mas ele representa, talvez...

C: Soma.

R: Uma categoria, que, de fato, teve muitos membros prá essa categoria, né? Pra esse...

C: É mais uma célula.

R: É, exatamente. Foi uma situação de confinamento...

C: É que foi muita coincidência a gente conversar sobre essas coisas.

R:Claro.

C: Tanto que a situação, era uma situação... Mas, pôxa, eu até comentei com ela que um dos motivos, por exemplo... A minha mãe chegava nervosa, e se tinha alguma coisa anormal acontecendo e a gente sabia que vinha repreensão, a primeira coisa que a gente fazia era se trancar no banheiro. "Vou tomar banho, estou tomando banho...", prá ela acalmar.

R: Quer dizer, pensa bem: no fundo, o banheiro não virava uma coisa gostosa.

C: Sim, era um refúgio.

R: Isso, aquele banho era de quem tava trancado esperando o dragão parar de soltar fogo pelas ventas.

C: Isso, era bem isso mesmo, era bem isso mesmo...

R: Usando aquele exemplo lá da fantasia, né, então eu tenho impressão que ter se trancado no quarto, ter se trancado no banheiro... Há crianças que chegam a fugir de casa, temendo pressões da parte dos pais e eu estou achando que foi isso que aconteceu com você também. Você, de alguma maneira, não conseguiu curtir aquele banho em paz.

C: Sem dúvida.

R: Era só um jeito de esperar ela acalmar.

C: Sem dúvida.

R: E, possivelmente, quando você saía daquele lugar, ela ainda estava....

C: Ela já tinha quebrado aquele impacto, da hora da chegada. E isso não era só comigo, as minhas irmãs, claro, também passaram por isso.

R:Hum, hum.

C: Então a gente notava que quando era você, não era eu quem tava no banheiro, via a reação dela...

R (cortando): Com outras pessoas você ia pegando uma manha de como a coisa funcionava.

C: Isso. Era tudo igual. Se ela chegar meio nervosa, não sei o que, dependendo do nome que ela falar lá na porta, já corre, que o banheiro está livre.

R: Ah, porque ela já procurava.

C:É, "Cadê fulano?", né, já chegava sabendo de alguma coisa. Isso... A gente tinha uma empregada... Que também... Nós também, claro, éramos moleques...

R (cortando): Sim, ninguém era santo.

C: Nós fazíamos travessuras. Tinha coisas que até merecia. Por exemplo, com doze anos de idade eu saí com o carro da minha mãe...

R: Ai meu Deus!

C: Com doze anos de idade. Naquele dia ela nem foi perguntando, mandou o meu pai (inaudível)...

R(cortando): Te trucidar.

C: Botava no paredão, sem direito a charuto, né? Quer dizer, nós também não fomos muito fáceis, né, nós fomos umas crianças... Claro, naquela época, cê tava na rua...

R (cortando): É que o jeito dela de administrar...

C: Eu morava numa descida, andava de bicicleta o dia inteiro, entrava no portão lá, que era só estar fechado prá você quebrar, né... Então, a coitada da

empregada é que vivia sob pressão rnesmo, porque ela sabia da autoridade da minha mãe, conhecia a gente e ela não gostava e ela achava até que a minha mãe era de uma energia até muito maior de que as outras que ela conhecia.
R:Hum, hum.
C: Então ela até tentava muito fazer o nosso meio de campo também, mas tinha coisa que...
R (cortando): Que não dava era (inaudível).
C: É, então ela, às vezes, ela comentava com a maior parcimônia do mundo, mas ela já sabia que quando ela recebia a notícia com essa parcimônia era porque a coisa tinha sido grave. Então ela vinha toda... soltando fogo pelas ventas.
R: A sua mãe tinha uma expectativa quase que irrealista...
C: Ah, tinha.
R: Em relação aos próprios filhos, né?
C: Ela sabia que, que ninguém ali era muito...
R: Vocês não podiam ser crianças.
C: É, eu acho que... aquela coisa dos limites, né? Que nem hoje, você vê a educação, por exemplo. Ontem tive uma festa de aniversário de criança e eu não me sinto bem, eu vejo criança fazendo...
R (cortando): Tem muita criança sem limites.
C: É, eu acho que quando você da parâmetros prá criança...
R: Sim, é verdade..
C: Prás crianças é uma das coisas mais difíceis do mundo.
R: Acertar a medida.
C: Sim, se tá bem apertado ou se não, tem que soltar um pouquinho mais.. Prá você ver, eu acho até que, nos dias de hoje, eu sou uma pessoa... que sou muito enérgico com os meus filhos. Eu vejo eles sentados, quietos, limpos e quando é prá brincar eles brincam, e quando não é, não brincam, entendeu?
R: Seu filho...
C (cortando): Eu fico na vigia.
R: Eu estive com amigos numa viagem, fomos a um congresso fora do país. E nós brincamos um pouco, nós brincamos dizendo que na Espanha, ao menos na amostragem que nós tivemos, o leite Ninho devia se vendido como um leite Ninho L e leite Ninho não sei que outra letra que era. Porque o L era o que tinha Lexotan!
(risos de R e C)
R: Porque parecia que as criancinhas nem choravam, não tinham birra, pareciam tudo assim uns zumbizinhos comportados. Então assim, um exemplo, era o de uma mãe, numa lanchonete, com cinco crianças, que não parecia que tinha uma lá. Não eram só filhos dela, parecia que tinha filhos de outras que ela tava levando à creche, digamos. Mas todos tomando o seu café da manhã na lanchonete, eu pensei: "Não, gente, não é criança !" Então em alguns países, em alguns contextos, né, as crianças parecem ser estimuladas a ter um outro comportamento social. Isso tem a ver muito com... é o que eu falei, com influências culturais, com as práticas de criação a cada geração. E, de fato, é difícil acertar a medida, a forma que melhor

se encaixa. Mas você está me contando que durante alguns anos você viveu com uma forma um pouquinho apertada.
C: É.
R: E que isso pode ter contribuído. Mas agora, o que eu acho é que nós vamos ter que pensar, é que mesmo na sua vida contemporânea, atual, presente, devem existir fatores análogos ao comportamento da sua mãe. Ou seja, coisas que você teme, coisas que te pressionam e que são causadoras de estresse hoje em dia, né? Então você localizou muito bem assim, e falou: "É, eu estou tentando fazer de um jeito diferente com os meus filhos... o cachorro... Eu estou tentando criar uma relação confortável para ambos porque assim eu também diminuo o problema prá mim." E, de fato, a preocupação com a qualidade de vida, ela ajuda a diminuir bastante o risco de recaídas ansiosas. Dependendo da ansiedade e daquele jeito que a gente conversou a outra semana.
(fim do lado A da fita)
R(continuando): ...boa, que está submetida a preocupações de ordens financeiras, preocupações de ordem de estilo de vida. Não deve ser fácil pegar estrada, por exemplo.
C: Não tem dúvida.
R: Horários infames... Às vezes, horas de sono não sei se na medida do que você precisa...
C: É, às vezes dá, às vezes não dá.
R: É, eu estou tentando levantar genericamente aspectos. Então, como parte da terapia, é importante você verificar, primeiro, quais são os seus desejos, as suas necessidades, e de que maneira essas coisas estão sendo, dentro do que é possível, supridas, levadas em consideração. Tipo assim, quando você põe a cabeça no travesseiro, você falar: "Eu to saciado, eu estou em paz." É importante, porque se o corpo está gritando, se está vindo um ataque de pânico, se vem medo, uma fobia que te impossibilita, a gente tem que respeitar essa informação. A gente vai até lutar contra, mas lembrar que possivelmente o seu sistema de alarme tá avisando que o ladrão tá tentando entrar. E o ladrão, eu estou entendendo como tipos de estressores, né, de elementos de pressão. Que você aprendeu a impor sobre si próprio ou que vem de fora.
C: Mas você não acha, por exemplo, que todos, ou a maioria dos seres humanos, brasileiros de preferência...
R: Estão sujeitos a estresse?
C: É, eu acho que a maioria deles.
R: Com certeza. Eu acho que o que muda é o grau do...
C (cortando): Do tipo de aviso.
R: Do tipo de aviso. E tem uma segunda coisa: a maneira como a gente lida. Uma cliente minha, uma pessoa muito ansiosa... Estou pegando um exemplo assim, de uma pessoa anónima, mas que dá prá entender. Ela tava saindo do trabalho e não conseguia pegar ônibus, ou metro. Não sei. Enfim, tava lá com problema. Não dava, não dava, não dava, precisava ir ao meu consultório e

estava ficando desesperada com isso. E aquilo começou a causar um mal estar nela, uma aflição, um desconforto de tal grau, que estava induzindo a uma piora de humor, né, naquela unidade de tempo. E daí caiu a ficha: "Gente, eu estou sofrendo porque eu estou me obrigando a chegar na hora. Já sei! Deu, deu, não deu, eu não vou. Quer saber? Eu vou andar um pouco a pé.", e ela foi indo, e quando ela viu, deu tempo de chegar. Inclusive. Porque aí ela lembrou que podia pegar o metro ou tomar o ônibus e daí ela identificou a outra solução e chegou absolutamente em tempo de ser atendida. Ou seja, ela estava se impondo antecipadamente uma pressão de chegar logo. Veja, meio de transporte não é fácil mesmo.

C: Não tem dúvida.

R: Mas a maneira dela, o jeito como ela aprendeu a reagir àquilo, não estava ajudando. Então, o que eu acho que pode variar nas pessoas é o tipo de imunização, o quanto elas são vacinadas, e as habilidades que as pessoas têm frente aos estressores, né? Algumas pessoas, vamos falar assim, estão num avião e estão com medo, até há um problema de pane, uma vai gritar, se descontrolar, vai... A outra vai falar assim: "Estou morrendo de vontade de gritar e de ter um troço. Mas não adianta. Então eu vou rezar." Independente da existência ou não de Deus, que não é isso que eu estou discutindo aqui, Mas, prá ela, aquele comportamento ajuda a aguentar a coisa. Então, esse tipo de habilidade de manejo de estressores não é simplesmente você aprender a aguentar. É aprender a lidar dentro de você e a virar a mesa, quando possível. Isso é muito útil, deu prá entender o raciocínio?

C: Sim.

R: Porque você tem razão: de fato, o estressor tem em todo lugar. Mesmo o lavrador, na Idade Média, lá num vilarejo isolado não sei onde na Europa, também tinha estressores. Sei lá, pragas que tomaram conta da lavoura, sementes que não vingaram, o rei que queria tomar as terras...

C: Jinha que ter um resultado...

R: É. Estressores tem mesmo, mas o jeitão que a gente tem de mudar é que é muito diferente.

C: Ê, não tem dúvida.

R: Deu prá entender o raciocínio?

C: Eu acho que tomei uma decisão dessas justamente aqui, entendeu? Aquele negócio, eu estava chegando atrasado... Agora, eu não venho se eu não estiver em São Paulo. Porque se estiver... Eu cheguei aqui quarenta minutos antes.

R: Aí já chega antes..

C: Bem antes. Naquela situação os caras me biparam, eu liguei prá firma e falei (inaudível) Estou no meu horário de almoço (inaudível)

R: Entendi.

C: Eu já pus prá mim que...

R: Veja, é um jeito.

C: Porque não adianta eu vir prá cá e chegar aqui afobado de estar preso no trânsito, prá atender todo mundo, porque eu não vou conseguir.
R: Esse é o critério, entendeu? Isso vale prá outras coisas. Às vezes, você tá tão cansado, e
590 você quer correr contra o relógio, parecendo o coelho da Alice no país das maravilhas... Lembra? O coelho tava sempre atrasado, mas ele não sabia prá que. Então chega uma hora que você fala: "Espera um pouco, eu estou correndo atrás do que? Qual é o prêmio?" Essa é uma coisa importante, ou até mesmo, quando você está confinado a um local, você pode falar o seguinte: "Olha, o pior que pode acontecer é eu morrer e
595 puxar o pé de todo mundo que me fez ficar nessa situação. Mas do chão não passa." Na hora em que você começa a evitar... Esse é um exemplo mais extremo, mas na hora que você fala assim: "Eu não vou lutar contra a sensação de medo, pode vir. Pode vir, se é prá vir, vem. Tá bom. Seja bem vindo. Não te gosto, porém se não tem jeito...
C: Relaxa.
600 R: ... eu vou relaxar, o que que eu vou fazer?" É engraçado, quanto mais você convida o medo a vir...
C (cortando): Mais amigo você vai ficando dele.
R: Mais amigo cê vai ficando até ele falar: "Nem adianta, né?" Essa é a relação que a gente tem com os estressores, ou com algumas situações estressantes, digamos
605 assim. Eu tenho medo, as eu vou ficar até passar, não tem jeito. É mudando um pouco a relação sua. Como estão os medos todos?
C: Olha, eu to... Bom, como a gente começou na última sessão, eu estou tomando banho com a porta do banheiro trancada.
R: Ah, é?
610 C: Estou.
R:Eaí?
C: É, veja bem: é aquilo que cê falou de acostumar, né, com a situação.
R:Hum.
C: No primeiro dia, eu tomei banho sem a porta do box fechada. A porta tava...
615 R: Deixa eu entender a porta do box aberta e a do banheiro fechada?
C: Isso.
R: Ah.
C: Porque eu não fechava a do banheiro, eu só encostava ela, né, e daí eu fiquei de olho nela, porque é uma porta que costuma dar problemas.
620 R: Ela podia sair correndo. (risos de R e C)
C: É, eu olhava prá ela e ela prá mim, né...
R:Hum.
C: Então, eu fiquei com a porta do box assim. Já no outro dia, eu tomei banho e já não fui me lembrando muito da porta.
625 R: Lembrou menos vezes?
C: Lembrei menos vezes, e sempre ia naquela ânsia de me enxugar, coisa e tal... Aí eu falei: "Agora eu vou abrir a porta", porque era ali que tava o pepino.
R:Hum, hum.

C: E vinha aquela perna mole, aquele negócio ali, mas eu ia devagar na chave e abria a porta. Eu vi que ela não ia me matar, que ela não ia me morder. (risos de R e C)
R: Hum, hum.
C: Então acostumei.
R: Você (inaudível).
C: É, to tomando banho. Hoje de manhã, eu entrei, tomei banho, fechei a porta. Até porque o banheiro fica mais gostoso, mais quentinho. E não tenho lembrado da porta, (inaudível)
R: Veja: cê vai me jurar que ela pode não pifar?
C: O que? A porta?
R: É. Ela pode dilatar com o calor...
C: É, ela é uma porta já antiga, cuja maquinaria, de tranca, também pode acontecer dela falhar.
R: Também.
C: Pode vir, mas eu não estou lembrando disso.
R: É, a ideia é essa. É tipo assim, duas coisas, primeiro: não precisar ficar lembrando de um fato que é real, mas que tem uma probabilidade, de pequena a moderada, né, probabilidade grande não é. Tipo entre zero e...
C: Três.
R: É, 3% de chance, três tá bom. E, por outro lado, nós temos que considerar que se este 3% acontecer... Um dia, se no centésimo banho, acontecer de você ficar preso, você vai ter uma oportunidade interessante de tentar morrer e não conseguir.
C: A perna vai sumindo...
R: Isso. A perna vai ficando bamba, a perna vai ficando bamba e ela não tem mais como ficar mais bamba do que aquilo.
C: Tá.
R: Porque é aquilo que eu falei, a adrenalina, ela existe em tanto miligramas. Mais que aquilo não tem, certo? Por mais que você passe mal, você não consegue morrer, a não ser que fosse a tua hora. (risos de R e C)
R: Espero que não seja!
C: Olha, eu morro por causa daquela hora, e venho puxar o seu pé, dizendo que você se enganou!
R: Tá bom. Eu acho justo.Mas é muito interessante verificar que a pessoa passa a ganhar uma liberdade com aquilo, né? Você conseguiu, por ventura, andar na parte de trás de carro?
C: Bem, tinha o meu, mas eu vendi o meu carro...
R: Ah, tá.
C: Mas eu cheguei a andar nos últimos dois dias. Eu vendi coisa de dois dias depois da nossa última sessão. Eu tinha uma viagem para visitar a obra em Minas. Não era nada assim marcado. Se tivesse algum problema na obra, eu pedi que me ligassem. Me ligaram no domingo. Aí atribuladamente saí de casa na segunda-feira, fui prá XXX (cidade sede da empresa para a qual trabalha) resolver uns problemas e, de lá, fui prá...

R: Minas.

C: E nestes dois dias eu fui à casa de amigos no banco de trás. Mas eu não sei também te explicar, não me deu absolutamente nada, nada, entendeu? Nada assim, mas nem de susto, porque a minha mulher tava sabendo porque eu tava ali atrás, entendeu? Eu não sei se isso...

R: E se você chegasse prá ela...

C: Eu acho que o melhor é eu não falar.

R: Não, é melhor fazer até diferente. Você fala prá tua mulher:" XXX (nome da mulher), se eu te pedir prá sair você poderia tentar..." Não na força, porque não adianta. Com o teu tamanho, não há quem te segure. Mas que ela te pedisse "Você tenta ficar até isso passar?"

C: Me enrolar.

R: Ficar, como parte de um enfrentamento. "Me peça assim: Fica mais três minutos, agora experimenta mais três, agora experimenta mais três. Não adianta, logicamente, você usar de recursos físicos, mas tente, de fato, me impedir de cair fora." Isso ajudaria, você acha, ou não?

C: Eu não sei, viu, Regina?

R: Ou você mesmo...

C: É, mas o problema é que eu vou ter dois enfrentamentos, eu tenho que não me enganar, eu tenho que ser honesto comigo mesmo, a ponto de fazer a coisa. Mas eu sabendo disso...

R: Nós vamos fazer o seguinte: a cada três minutos, você reavalia se vai fazer mais três ou não. Tipo assim: chegou uma hora e te deu vontade de sair... Seu compromisso é só com você mesmo, não é com a XXX (nome da mulher). Digamos, tá com vontade de sair? É eu estou, mas vou ver se eu agüento ficar mais três minutos ou não. Quando chegar os três minutos: eu aguento mais três? Eu aguento mais três, eu aguento mais três? Chega uma hora que você não precisa mais agüentar, você simplesmente está. E a ansiedade passou, tá?

C: Certo.

R: O que eu estou tentando fazer com você é, se vier a ansiedade, que talvez não venha mais, é uma coisa que você resolve à medida que cê vai permanecendo na situação.

C: Mas eu estou vislumbrando aqui uma possibilidade de... Até, talvez uma coisa mais drástica no negócio.

R: Não vamos ser xiitas. Qual seria?

C: Não, eu não vou entrar no elevador logo de cara.

R: Hum...

C: Mas alguma coisa assim que eu não tenha muito controle...

R: Hum...

C: Por exemplo, esse trem novo aí...

R: Do Rio de Janeiro?

C: Não, esse trem espanhol que o governador Covas, são aqueles antigos trens que iam lá prá Itapecerica....

R: Sei. Trem de periferia..

C: Isso. Não sei se você soube, mas o trem mudou. Os vagões são outros, com ar-condicionado funcionando em pleno inverno, inclusive.

R: Nossa!

C: Agora é tudo blindado.

R: Ah!

C: As turbinas blindadas e coisa e tal. Como ele é de superfície, né, como aquele negócio do metro que você citou uma outra paciente, eu também não gosto.

R: Hum, num.

C: Eu e o metrô, também, a gente não se identifica muito.

R: Hum, hum.

C: Ando. Mas quando dá uns cinco minutos, eu saio, desço na estação e cato um ônibus ou um carro e vou embora. Eu estou pensando em pegar uma destas duas alternativas.

R: Ou o metrô mesmo...

C: É.

R: Só que aí, o metrô, é assim: sentou no metrô e faz o trecho da superfície, e vai e vem, e vai e vem...

C: Não, mesmo a parte de baixo da terra eu não tenho assim... Se falar: 'Temos que ir até o Tietê", eu entro e vou.

R: De zero a dez, é quanto de ansiedade?

C:É cínco.

R: Cinco. Não é muito grave.

C: É, ai que entra aquele ... No verão, eu evito.

R: Que o calor é maior, né?

C: No calor eu evito porque eu sou muito calorento, entendeu?

R: Sei.

C: Então, no verão, aquela possibilidade do ar-condicionado estar ou não estar funcionando, e começar a me subir um calor assim meio... Aí é complicado. Mas agora, no inverno, eu me controlo um pouquinho mais. Eu já notei que no inverno, tanto que...

R (cortando): Eu não sei quanto tempo leva prá ir da Cruzeiro do Sul, lá da última estação da zona norte, até o terminal Jabaquara.

C: Uns quarenta minutos.

R: Se você fizer uma ida e uma volta, completas, é um belo exercício prá você repetir algumas vezes.

C: Ah, é.

R: Porque tem trecho subterrâneo e tem trecho de superfície.

C: É um exercição!

R: Qual seria um nível menor? Por exemplo, seria da Sé até a Cruzeiro do Sul? Da Cruzeiro do Sul à Sé? É mais tolerável? Porque, se não me engano, o trecho da Sé em diante é mais subterrâneo.

C: É, aí é tudo subterrâneo.

R: É. A Sé já é subterrânea...
C: É, da Sé até a parte da frente eu acho que não me causaria muito transtorno.
R: Talvez você pudesse da Sé até... Quando você fala parte da frente é até Santana?
C: É tipo assim: pegar São Judas aqui e vir até a Sé e voltar, mesmo por baixo da terra, mesmo. E voltar.
R: Hum.
C:Mesmo porque o meu problema, veja bem, o que o que dá a ansiedade da coisa não é...
R (cortando): É a impossibilidade de sair.
C: Não tem a possibilidade de sair, só que eu sei da existência do túnel e sei que este túnel tem... Você pode caminhar por ele, porque ele está projetado prá algum dano acontecer, eles abrem as portas e vão direcionar os passageiros prá ir...
R: Mas não é uma experiência agradável.
C: Não é prá ninguém não, é só prá mim. Não é prá ninguém. Então, quer dizer, a minha preocupação é essa: a possível parada do trem no túnel. Essa é a minha expectativa, porque até ele fechar a porta, começar a andar, aí começa o negócio
R: Hum, hum.
C: Até eu ouvir a campainha anunciando estação fulano de tal. Aí eu me solto, eu relaxo. Daí ele fecha a porta, aí começa a dar de novo.
R: Agora, é o que eu falei: se você virasse um sem-teto e morasse no trem do metro...
(risos de R e C)
R: Uma fantasia louca, né?
C: Seria a minha casa, né?
R: Isso. O que ia acontecer? Você ia, voltava, ia e voltava, ia, voltava... Você ia adquirir aquela imunização frente a isso. E você, quanto mais você anda, mais a chance de, um dia, acontecer mesmo....
C: Certo.
T: De faltar energia e ele dar uma parada no meio do túnel, do caminho. E, mas isso iria acontecendo muitas vezes, né, porque, probabilisticamente, você vai estar se expondo mais, até que acostuma. Talvez você possa escolher um trecho de metro que tenha um pouco de superfície e um pouco de subterrâneo, e fazê-lo por um tempo longo, com alguma frequência. Cê sabe aquele critério que eu falei, uma frequência alta. E vai e volta, e vai e volta, e vai e volta, né? E você brinca com você e fala: "Eu só vou sair daqui quando o medo, de cinco, cair, no máximo, prá dois e meio. O medão tá cinco. Cada vez que a porta fecha, meu medão vai prá cinco", a hora que o seu medão for prá dois e meio, você para naquele dia.
C: Em dois, três dias, mais ou menos.
R: Volta, não pense que vai voltar prá dois e meio. Vai prá quatro, cinco, às vezes quatro. Não faz mal, deixa descer prá metade do quanto quer que seja.
C: Certo.

R: Até você não ter mais, ficar meio que zero, ou muito próximo de zero. Tipo zero, um, zero...
C: Eu vejo que com pessoas, acompanhado de alguém, eu fico numa boa.
R: Então tem que ser uma aventura a la Indiana Jones, meio sozinho, entendeu? Não adianta levar a tua turma.
C: É aquela coisa, a ansiedade que dá... Se para alguma coisa, cê tá sozinho. Se tá com outros, tá conversando, e coisa e tal, não sei o que.
R: É, uma cliente minha, ela fazia palavra cruzada no ônibus...
C: Eu, sempre, eu abro a porta, entendeu? É diferente o elevador, por exemplo. Eu estou dentro do elevador, eu sei que eu abro também. Mas abrir com pessoas dentro do elevador vai causar um pânico geral em todo mundo. Então eu estou ciente disso. Abrir a porta do metro já é uma coisa que todo mundo vai olhar e perguntar "Aonde você vai?" Então, quer dizer, o trem não vai nem parar mais, nem menos e nem vai cair, prá lugar nenhum, se abrir a porta, né?
R:Hum, hum.
C: Agora, como cê falou, muita gente não gosta de elevador... Quer dizer, eu já fico meio assim... Se me der um troço e eu cismar de abrir a porta aonde eu estiver, eu posso vir a ocasionar um pânico dentro do...
R: É, mas na verdade tem uma coisa assim: você se imagina tendo um grau de perda de controle e de invasão tal, em relação ao que você já foi no passado. O que tá acontecendo agora é que cê tá descobrindo uma ferramenta que não é simplesmente arrebentar a porta, é aprender a conversar com você e falar: "Olha, eu vou viver essa situação. Eu estou me dispondo, prá poder me libertar daquela escravidão, eu estou me dispondo a viver o medo. Pode vir, medo. Eu to com medo porque se essa droga de metro parar agora, eu vou xingar a terapia 500 mil vezes, a terapeuta junto e a mim mesmo também. Mas eu to topando enfrentar esse medo." E fica lá, e fica, e fica. "Antigamente, o que eu faria era arrebentar a porta. Tá o metro parado, tá com um probleminha na linha. Que droga! O meu método antigo era aquele, mas, em compensação, não tinha saída. Agora eu estou tentando aprender dois métodos: o número um eu já conheço, que é arrebentar a porta, e o outro é eu me acalmar. Eu to dando tempo prá eu me acalmar. Arrebentar a porta é mais imediato, só que é meio troglodita, então eu estou..."
C: Não é em todo lugar que dá...
R: É. "Então, eu to tentando fazer uma outra coisa que é aprender a lidar com as sensações subjetivas de medo nessa situação, Eu to adquirindo uma segunda habilidade", né? E eu acho que é um pouco por aí.
C: É, se eu conseguir conversar... Eu acho que o segredo tá nisso.
R:É.
C: Eu conseguir parar e conversar comigo.
R: Por isso é que eu não posso te trancar, tipo assim, na situação máxima de medo. A gente sempre parte de um medo moderado, como foi o banho. E agora o banho já está praticamente comum, você continua fazendo o banho fechado. Até neutralizar.

Se, um dia, der uma zebra de fechar a porta, você vai ter que falar o seguinte: "Bom, aconteceu o que eu não gosto. Já que tá fechado, eu só vou arrebentar essa porta daqui uma hora. (risos de T e C)

R: Daqui uma hora eu posso arrebentar essa porta, eu não posso arrebentar já. Mas eu vou esperar uma hora antes de arrebentar, eu quero primeiro experimentar essa experiência, de estar neste banheiro cuja a porta eu não posso abrir.

C: É, eu acho que o segredo está nisso.

R: Você entendeu? Nesse diálogo...

C: Até eu conseguir esquecer aquele troço todo que...

R: Não tente esquecer.

C: Ahn?

R: Não tente esquecer, pelo contrário, lembre o tempo inteiro...

C: Conviva com ele.

R: É, "eu estou com taquicardia, estou com sudorese, eu estou com a boca do estômago assim... Mas isso faz parte. É meu corpo regindo. Pode vir. Coração, dispara a vontade! É todo seu. Vamos lá, músculo!" A hora que você se permite o medo e não tenta controlar isso, diminui o estresse, né? Nós vamos ter que parar por hoje, mas uma coisa que eu queria ter feito, e não pude fazer, é te ensinar uma respiração melhor. Então, eu só vou te ensinar um pedacinho hoje.

C: Certo.

R: Prá gente concluir. E depois eu ensino relaxamento muscular, outros aspectos do relaxamento.

C: Que podem ajudar.

R: Isso. Resumidamente, é o seguinte, né, que é uma coisa de pronto socorro: as pessoas ansiosas... elas costumam respirar muito curtinho ou assim, meio que superficial. Às vezes, elas inspiram demais, põem muito ar prá dentro. Algumas pessoas chegam a dizer que elas têm arrotos, que elas ficam empachadas de ar. Outras não necessariamente ficam com essa sensação de empachamento. Mas elas têm uma sensação de peito travado, como se faltasse o ar, né?

C: Certo.

R: Aqui tem oxigênio prá muito tempo, mas a pessoa tem a sensação de que, se não abrir a janela, vai acabar... E ela começa a sentir falta de ar. Então, prás pessoas ansiosas, a gente tenta reeducar a respiração e, ao contrário do que elas pensam... Elas pensam assim: "Ah, eu vou respirar bem fundo." E elas ficam puxando o ar. Não sei se você faz alguma coisa por aí de (som de inspiração intensa).

C: É, se eu estiver muito tenso, eu dou uma...

R: Parece o lobo mau...

C: Uma puxada, prá dar tempo de desanuviar...

R: Então, nós vamos desanuviar ao contrário, bufe para fora.

C: Tira todo ar.

R: (som de expiração lenta)... Prá você sentir que o peito foi murchando, o ombro tá caindo, entende?

C: Puxar?

R: Não, ao contrário. Essa é uma coisa prá fazer quando está tenso, durante um enfrentamento, lá no metro. Se preocupe em soltar o ar. Tem uma imagem de que a sua caixa torácica é como uma balão de ar, uma bexiga, que você vai soltar o ar devagarzinho... Sabe, é um exercício que dá prá fazer assim...

C: Eu inspiro normal?

R: E solta devagar... Na piscina é isso, a pessoa dá uma pegadinha de ar, não pode ficar lá três horas pegando o ar, né?

C: Certo.

R: Então ela pega o ar que dá. Mas o que ela faz prá prender o ar?

C: Prende.

R: Mais do que prende, ela vai soltando devagarzinho, soltando bolhinhas, né? Então, um bom nadador aguenta trinta, quarenta segundos. Aquele ar que ele pegou rendeu, ele foi soltando devagar.

C: Certo.

R: Então, o que eu quero treinar com você é de você soltar o ar devagarzinho, como parte do relaxamento, né? Tem algumas técnicas que ajudam. Por exemplo, estou pegando aqui um lenço de papel. Prá eu estar falando, eu preciso de ar, e prá eu soprar o ar, veja só como eu posso tentar fazer render. Eu vou usar a dica visual, da posição do lenço, prá você ver. Peguei o ar, né? Claro que você não vai ficar fazendo como relaxamento ficar soprando um Kleenex, pró resto dos seus dias. (risos de R e C)

R: Soprando lencinho, né, porque tá cheio de maluco por aí e você não vai ser mais um. Mas, se você aprender e treinar em casa, a soltar o ar devagar...

C: Isso no dia a dia?

R: No dia a dia, com uma espécie de ritmo mais suave, o ar vem automaticamente, você solta devagar. Isso ajuda. Entendeu?

C: Agora, eu tenho que fazer o contrário, porque eu sempre achei que prá você ficar mais zen você teria que puxar o ar, mas puxar muito, assim...

R: Cê que sabe qual o problema? Tem umas pesquisas mostrando que pessoas muito ansiosas, elas puxam tanto o ar, mas tanto o ar, que elas começam a ter sintomas físicos de mal estar. Elas começam a ter formigamento e tontura, por conta de uma alteração bioquímica. Porque é assim, né, entra oxigênio e sai gás carbônico.

C: Certo.

R: Essa é a troca normal. Quando não dá prá soltar tanto gás carbónico quanto oxigénio que entrou, o sangue fica tão saturado de oxigénio, e aí dá toda uma sensação de mal físico. Então, eu não tenho nada contra uma respirada profunda, de vez em quando. Inspira profundamente e relaxa. Tudo bem, tudo lindo. Mas prá um ansioso, como prática regular, não. Entendeu? Então quando a gente faz um exercício de alongamento, o professor fala: "Enche o peito, enche, enche, enche, alonga, não sei o que tal. Agora solta." Tudo bem. Mas se você é uma pessoa que tá passando mal, porque já tem esse padrão inadequado sempre, eu tenho que reeducar. Então, quando você estiver no seu cotidiano, cê tá lá no banheiro fazendo a barba, cê tá no escritório escrevendo o relatório, tenta soltar o ar... Mas não precisa fazer biquinho! (risos de R e C)

R: Tenta experimentar a sensação de soltar o ar devagar. Não é prá esgotar o ar que tem no peito. Não precisa ficar com dor no músculo, tá?

C: Ê você soltar no nível da respiração

R: Isso. E devagar. Não gasta todo ar, solta ele de pouquinho, vai sentindo o tórax relaxar, o ombro descer... Sabe? Tudo amolece... Soltou o ar, encheu de novo... Então é um ritmo em que o encher é mais ou menos rápido e o soltar eu faço devagar.

C: Dá sono.

R: É, dá sono. Exatamente. Porque... (fim da fita, T explica as razões da sonolência após relaxamento respiratório e se despede de C)

ANEXO D – Transcrição da Sessão 3: a primeira sessão de psicoterapia individual entre a terapeuta Alice e o cliente Tito

Abreviações

A: Alice

T: Tito

A: Bom dia... Tudo bem?
T: Bom dia, tudo bem .
A: Então, como eu te falei a gente vai gravar e filmar. Mas estes dados, as informações são sigilosas, você não precisa se preocupar porque o seu anonimato vai ser sempre preservado.
T: Certo.
A: Como eu falei, estou fazendo uma pesquisa, é o meu trabalho aqui na USP, e estamos, os membros desta equipe interessados na total objetividade e sinceridade das pessoas, eu espero até que você se esqueça do gravador. Quero que você fique bem à vontade. Preciso que você me assine um termo de consentimento, que você está me autorizando a gravar e utilizar as informações para pesquisa.
T: Certo.
A: Outra coisa que quero deixar bem claro é o meu compromisso com a sua terapia. Significa que mesmo quando eu terminar minha pesquisa eu vou continuar te atendendo até quando for necessário. Também quero voltar a enfatizar o aspecto do sigilo, da confiabilidade, nada será discutido exceto pela equipe e quando for publicado o trabalho o seu anonimato estará garantido.
T: Tá. Ok, tudo bem para mim.
A: Se for preciso vou estar interrompendo você e fazendo algumas perguntas para eu entender melhor. Fique a vontade e use a linguagem que você quiser e se eu falar alguma coisa que você não entenda você me pergunta, Ok? Outra coisa que eu preciso lhe falar é que após algumas das nossas sessões, uma outra psicóloga fará uma entrevista com algumas perguntas para você e uma terceira fará perguntas para mim. Não tem certo ou errado, apenas serão questões sobre o trabalho e faz parte da pesquisa. Eu não sei quando ocorrerão as entrevistas porque será decidido por sorteio. Além disso, quando acontecerem as entrevistas nós, eu e você, também responderemos a um questionário sobre a sessão de terapia. De novo não há resposta certa ou errada apenas é parte do meu trabalho, você nunca estará sendo avaliado ou julgado, por isso pode ser verdadeiro.
T: Certo. Eu aceito porque sei que aqui na USP o trabalho é sério. Onde eu assino?
A: Ótimo. Então resolvidas as formalidades vamos ao mais importante: me conta como foi a ideia de estar fazendo uma terapia.

T: Eu comecei fazendo mais por causa da minha mãe também, né porque ela começou a fazer este tipo de tratamento, lá no hospital das clínicas.
A: Tua mãe tá lá no H.C.? Por que?
T: É, eu to procurando me conhecer já, e ela achava que eu devia também fazer tratamento né, que eu tenho alguns problemas, algumas coisas que ela achava ,que era bom pra eu fazer, pra depois no futuro não dar um problema, um negócio mais sério, tomar remédio.
A: O que a tua mãe teve?
T: Teve depressão né, ela teve depressão e como os médicos explicaram que pode ser uma coisa hereditária né, então, como ela acha que eu posso ter uma tendência pra isso. Por uns tempos, ela conversou comigo, porque eu tenho esse jeito de ser se eu iria fazer, e que ela achava que era bom fazer terapia pra não ficar como ela.
A: Então, a tua mãe acha que você pode ter uma tendência a ter a tal da depressão, por causa do seu jeito de ser, pelo seu jeito de ser. E como é o seu jeito de ser? Eu estou te conhecendo hoje, eu não sei como é o seu jeito de ser.
T: Ah... ela acha que.... que eu... por exemplo não tenho muita confiança em mim, alguma coisa no trabalho, alguma coisa que eu até sei fazer, mas quando eu tenho que assumir uma responsabilidade, uma coisa mais séria assim, uma coisa que eu não sou acostumado a fazer todo dia..., só que fazer isso pros outros, uma coisa mais profissional assim.... E já fico tipo meio com medo sabe, acho que vou errar no trabalho...
A: Você tá me dizendo que você dúvida da sua capacidade de fazer alguma coisa? É isso?
T: Isso, geralmente a minha mãe fala isso.
A: A sua mãe fala isso. E você o que fala?
T: É, mais ou menos isso. Eu acho que é isso.
A: Você pode me dar um exemplo?
T: Um exemplo?
A: Qualquer um...
T: Por exemplo, eu trabalhei com computação gráfica, fazia projetos, estas coisas né, eu mexia em casa assim, mexia no escritório... que eu trabalhava, onde eu comecei a aprender, trabalhei lá como office-boy lá, e a moça dava estes cursos e ela deixa eu ficar no computador, então eu ficava mexendo, mexendo e aprendi né? A fazer. Aí eu sabia fazer as coisas, então eu tinha um tio meu que trabalha, que era engenheiro eletrônico, que eles estavam fazendo um projeto de instalação de... alarme de incêndio, e precisava de um projetinho tal, um prédio e daí ele me chamou pra fazer. Daí eu já fiquei com medo, eu achava que não iria conseguir fazer.
A: E o que você fica pensando?
T: Eu fico com medo de errar... alguma coisa... de fazer, de atrapalhar o serviço dos outros
A: E se errar, o que aconteceria? O que você pensa, você leva bronca..., atrapalha o serviço do outro o que mais?
T: Eu não..., eu não sentia nenhum nó assim, é mais insegurança de errar...

A: E daí você acaba fazendo ou acaba não fazendo?
T: Acabei fazendo, é sempre assim... , e depois que eu vou..., depois de um tempo assim eu me habituo, e eu acho que era besteira do que eu tava com medo...
A: Então, quer dizer antes, o período do antes que é o difícil?
T: E depois quando eu começo que eu vejo, que dá certo, faço... posso errar uma coisinha, mas é uma coisa normal.
A: Não é uma tragédia.
T: É, e antes eu já imagino muito pior e é sempre assim..., e não adianta que eu... faço isso, aprendo e se amanhã eu tiver que fazer outra coisa, eu vou ficar nervoso de novo.
A: Então neste período de antes ai..., é como se sofresse por antecipação...?
T: Isso.é isso mesmo que acontece.
A: Tá, e você sofre o que, e você fica nervoso... e o que mais você sente? Neste antes ai...? Que você tá pensando e o que faz?
T: Eu fico nervoso, impaciente, assim... acho que vai dar errado, acho que nunca vai dar certo.., fico sempre pensando o pior... de qualquer coisa que eu vou fazer.
A: Hum...hum...
T: De qualquer coisa que eu vou fazer.
A:De qualquer coisa ?
T: É quase sempre, quando é alguma coisa decisivo assim, a gente pensa, com tudo eu acho, com o esporte que eu também faço...
A: O que você faz?
T: Eu faço Jiu-jitsu
A: Ah... por isso que você é assim forte...
T: E às vezes eu faço alguma coisa, que eu acho que eu não vou conseguir ganhar...
A: E daí vai e ganha?
T: As vezes sim..., às vezes não...
A: Sim, mas nunca é péssimo, né...
T: Não, não eu sempre penso nisso, penso que eu não estou aprendendo direito, que os outros conseguem melhor do que eu... com quase tudo eu penso o lado pior... quando vou fazer alguma coisa e eu acho que vou errar, daí não faço e quando vou fazer a tal coisa já passou a hora certa e nem ia ser ruim se eu tivesse feito.
A: Que bom, parece que você tem as coisas bem claro..., né as coisas que acontecem com você, tem outras que talvez a gente vai descobrir junto depois, mas é um primeiro passo muito bom.
T: Eu acho que é mais por isso mesmo...
A: Hum...;Espere a porta abriu vou fechar. Acho que foi o vento. Continue pode continuar....
T: Por este meu lado..., de... sempre quando eu fui tirar carta também..., quando eu tenho uma coisa, quando eu tava fazendo aula eu fiquei bravo..., não vou fazer nada, não sei o que... não quero... mais tirar carta, fiquei meio bravo. Daí a minha mãe sempre né, tendo paciência comigo, não, não é assim..., depois foi... fiz o teste

A: Você acha que... cê acha que você sempre foi assim, desde criança... ou quantos anos você tem mesmo?.
T: Eu tenho 22.
A: Certo. Então desde quando você age deste jeito ou tem este comportamento?
T: Eu acho que sim..., eu tinha meio medo das coisas, tenho então medo..., agora eu melhorei bem, antes era pior.
A: Medo do que?
T: Ah..., eu tenho medo de uma coisa no geral..., eu tenho medo de não dar certo.
A: De não dar certo?
T: É, de... disso ai.
A: Desde criança ou começou depois?
T: Eu acho que também é assim, mais sempre teve este medo do entendimento das coisas né, o medo maior ainda porque não entender direito como são as coisas, e depois com tempo você vê que não é bem assim.
A: Ah...
T: E mesmo assim você tem um pouquinho de medo, eu acho que eu sempre fui..., a minha mãe também é muito meio assim. Eu não sei se este lado meu tem muito a ver, com o comportamento da minha mãe..., dela ser meio apavorada com tudo, agora ela deu uma melhorada, de alguns tempos pra cá melhorou. Antes ela era nervosa com tudo, não conseguia fazer isso, eu saia ela já pensava em besteira, se tinha acontecido alguma coisa, se eu chegasse mais tarde. Ela ficava nervosa, o meu pai já é diferente.
A: Gostei de ouvir você falar comportamento, pois esta uma palavra que usamos muito em terapia e que significa tudo que a gente faz e também o que a gente pensa. Então como é o comportamento do seu pai?
T: O meu pai é mais tranquilo, já é calmo, sempre pensa positivo. Ao contrário da minha mãe, quando a gente chegava tarde assim..., ele falava vai ver que passou na casa de uma amigo, de um amigo... A minha mãe já não, acho que bateu o carro...
A: Sei, cada um pensa e fala de um lado, do outro lado, qual jeito você acha que é melhor?
T: Eu acho o meu pai né, sofre menos, não tem preocupação.
A: Sofre menos por que?
T: A minha mãe se preocupa por um negócio que não existe né.
A: Hum, hum...
T: A minha mãe fica preocupada um tempão, eu chego lá e não aconteceu nada.
A: Só que você acha que... você tem mais a ver com a sua mãe.
T: É tenho a ver com a minha mãe.
A: T. Antes você falou uma coisa interessante "eu não sei se este meu comportamento tem a ver com minha mãe".
T: Isso mesmo.
A: Eu posso te disser que tem, uma das coisas que nós terapeutas acreditamos, é que... o que você eu, somos hoje... é o resultado da nossa história de vida. E da nossa vida não porque eu trouxe um gene de ser parecido com a minha mãe, ou com o

meu pai, claro que a gente tem a coisa genética da coisa fisiológica, física. Então olho claro, altura, tá isso tem a ver agora..., o comportamento ele não é genético ele é aprendido..., tá então, você tem uma mãe preocupada e um pai tranqüilo, por alguma coisa que nos vamos descobrir juntos... você aprendeu o jeito preocupado da sua mãe. E não o jeito tranqüilo do seu pai, você falou o meu pai é desligado até demais. Mas você acha melhor o jeito dele?

T: É. Acho que o jeito dele é melhor.

A: Isso mesmo você entendeu bem, mas parece que você aprendeu mais o jeito da sua mãe, né? No entanto..., você aprendeu mais o jeito da sua mãe né?

T: Eu também acho isso..., quando eu penso assim é coisa da minha mãe. Por causa da minha mãe, porque desde criança... ela..., polícia, cuidado com aquilo..., começa a preocupar com que ela tem.

A: É isso mesmo, e isso faz com que a situação de terapia seja... muito promissora porque... o que aprendeu pode aprender diferente. Se você aprendeu com a sua mãe a ser um jeito X, você pode na terapia aprender outro jeito que seja melhor para você.

T: Tá ótimo. Que bom que dá para mudar isso. A Sra. sabe eu estou gostando muito desta nossa terapia?

A: Ótimo, eu também estou gostando de atender você. Bem, a idéia de aprendizagem e reaprendizagem é a base do trabalho. Agora me conta mais da sua família, com quem você mora, como é que é, se você têm irmãos?

T: Eu tenho dois irmãos um de vinte, não, um de dezenove e um de dezoito.

A: Você é o mais velho?

T: Sou o mais velho, e eu me dou bem com eles.

A: E todos são altos, fortes e bonitos como você?

T: Um irmão é menor, tem dezoito anos, é maior do que eu ele tem quase um l,90m.

A: E faz jiu-jitsu também?

T: Faz comigo também, e eu tenho um do meio que é o menorzinho, deve ter 1,77.

A: Ah...pequenininho né? (ri).

T: O meu irmão tem 1,90.

A: Então o pequenininho tem... 1,79.

T: 1,79 é menor.

A: É o menor, você tem razão você vê como tudo é relativo..., né. A gente não pode afirmar, é ou não é, a gente tem que pegar um padrão.

T: É verdade, e... eu me dou bem com eles né..., e quando a gente era de menor a gente brigava bastante.

A: Sei.

T: Mas daí depois quando ficou mais velho, a gente discute... as vezes, briga com o outro mas brigar mesmo assim não. A gente sai junto sempre, né.

A: Legal isso hein.

T: Os dois são mais... ligados um com o outro desde pequeno, um ano de diferença, (inaudível), às vezes a gente sai fora, comer, pra namorar, a gente saí bastante pra jantar, a gente é bastante amigos.

A: Isso é bom.
T: Então. O que mais que eu falo agora?
A: Você pode falar do que quiser de amigos das namoradas, eu vi a sua namorada é aquela que estava lá?
T: Isso, isso. O que a sra. achou dela?
A: Bonita ela, bem gatinha. Simpática também.
T: Ela..., eu namoro com ela há 18 meses, namorei dois anos e meio antes. Daí eu acho que terminei acho que janeiro de 97, e aí conheci a P no aniversário de um primo dela, conheci ela, e comecei a sair aos poucos com ela assim..., só pra... em agosto a gente começou a namorar..., e antes a gente só saía e não namorava. Daí comecei a namorar com ela, eu gosto dela..., ela é uma pessoa bem legal.
A: Como é que ela chama?
T: Chama-se P... ela é uma pessoa super legal, ela me ajuda a estudar me incentiva.
A: Ela estuda também?
T: Agora ela tá parada né.
A: Você parou no terceiro também?
T: Eu terminei o segundo grau. Ela tá fazendo o segundo grau... acho que o terceiro ano.
A: O terceiro colegial?
T: Isso o terceiro colegial.
A: Sei, e daí deu uma parada. E como você se dá com ela?
T: É deu uma parada, (inaudível), eu me dou bem com ela e... só tenho um pouco de ciúmes dela, e brigo bastante com ela por causa disso...
A: E essa coisa de você tá dizendo antes de antecipar, essa ideia de um modo geral que não vai dar certo, ficar inseguro, com ela também acontece isso...? Em relação a ela?
T: Em relação a ela?
A: É. O ciúme ocorre por causa desse seu comportamento de antecipar coisas ruins que você sempre faz?
T: Alguma coisa que..., vou fazer com ela e eu acho vai dar errado? Não, com ela não acontece não.
A: Com ela é mais tranquilo?
T: É com ela não rola isto. Antes até que eu tinha, até problema comigo, eu conhecia uma pessoa. Ah... não vai dar certo. Até de relacionamentos comigo era diferente eu achava que ia dar errado.
A: Conhecia uma menina e...
T: E achava que era..., não vai dar, que eu sou feio...
A: Feio?
T: Até com isso eu... achava.
A: Você achava feio?
T: Antes achava, mas era besteira.
A: Na sua casa não tem espelho?

T: (Ri). Até com isso eu tinha problema de me sentir errado, não conseguir as coisas, não confiar.
A:Não confiar? Como?
T: Às vezes por exemplo, a sra. hoje me pediu pra dar exemplo eu vou dar o exemplo.
A: Ok tá bom. Que legal você se lembrar do que a gente falou antes.
T: Já aconteceu mais de uma vez na praia, tinha uma amiga minha, um tempo há atrás fui pra Santos, tal e tava um pessoal lá, bastante gente..., tinha uma amiga da gente que tava sempre do meu lado, conversando comigo, falando comigo. E daí um pessoal, uns amigos, chegaram falaram "ela tá a fim de você".
A: A fim de namorar?
T: Coisa e tal, e eu imagina... pensei: ela maior bonita, acha que ela vai querer alguma coisa comigo, não vai dar certo, sempre foi assim... e os caras diziam: "toda hora tá do seu lado, toda hora vêm falar com você. E eu sempre deixando passar, não imagina, não sei o que, imagina que vai ficar comigo, depois de um tempo..., daí eu voltei pra São Paulo, só pras férias... e quando nós voltamos ela estava com um menino de lá, e ela comentou comigo: "que aquela época que eu gostava de você..., você não ligava pra mim..". E eu me achei um burro, todo mundo falava e eu..., por causa do meu jeito... achava que não, não sei o que, e aconteceu mais de uma vez isso.
A: Então você está me dando um exemplo de coisas, no caso das meninas que você perdeu por estas suas dúvidas, por achar que não ia dar certo?
T: Por este meu jeito de inferioridade..., de não conseguir... sabe... (inaudível).
A: Ah...Ah...
T: Era meio tímido assim..., eu acho que é um pouco desta insegurança que eu tenho né, eu achava que não ia conseguir e deixava quieto..., e depois de um tempo a própria pessoa vinha falar pra mim, sabe "Eu gostava de você e queria alguma coisa com você, e você não me dava bola, não sei o que, e todo mundo falava e eu não acreditava.
A: Pois é. que chato. Entendo como você se sentia.
T: Por causa deste meu jeito sabe?
A: Então daí a gente já percebe uma coisa, que de repente a tua insegurança, como você tá chamando, sua timidez traz consequências, e consequências ruins...
T: É isso aí e por isso eu estou aqui.
A: Isso, para mudar isso, porque esta também é uma lei da psicologia, que os comportamentos da gente têm consequências. Então a gente tem que perceber como a gente vai se comportar, para que as consequências sejam as melhores possíveis para a gente. Não mudar só porque a minha mãe quer, mas porque a pessoa quer.
T: Lógico. Entendi bem isso.
A É importante que a gente fique de bem, contente com a gente mesmo, a terapia é isso, é um processo de autoconhecimento, a gente vai conhecendo as nossas características, os nossos defeitos, problemas..., e todo o nosso potencial, toda a nossa capacidade de estar mudando a vida, de modo de que ela fique melhor possível.

T: Lógico.
A: Eu acho importante ir percebendo estas coisas, porque eu vou estar vendo você..., 50 minutos uma vez por semana.
T: Certo.
A: Todos os outros minutos, de todas as horas de todos os dias da tua semana, você vai estar vivendo lá fora, na sua vida..., então, é importante que você utilize o que a gente vai estar discutindo aqui, conversando, para levar para tua vida. Aqui é uma situação como se fosse um laboratório, uma amostra de relacionamento teu com o mundo.
T: Certo.
A: Então ai você tem que pensar nisso, que você ficar aproveitar bem o tempo aqui. Está confortável aí nesta cadeira?
T: Ta jóia.
A: Porque você tem umas pernas compridas, e eu coloquei esta cadeira pequena, não está ruim?
T:Não. Tábom.
A: Certo, então que mais você pode me contar você tá trabalhando agora?
T: Agora eu estou, depois deste serviço que eu tive fazendo estes projetos tal, depois eu fiquei uns dois anos só, depois eu sai de lá, porque acabou o serviço, acabou os projetos..., não tinha mais serviço né, não tinha (inaudível). Eu fiquei... 1 ano parado eu acho, né, ajudando o pai.
A: E o teu pai faz o que?
T: O meu pai tem uma..., vidraçaria, não é bem vidraçaria é revendedora de vidros de carros, de prédios, faz portas.
A: Sei.
T: Serviço de espelhos também, este tipo de serviços ele faz né.
A: Hum.
T: E a minha mãe trabalha com confecção, malharia faz este tipo de roupa, (inaudível), como esta aqui.
A: Bonito mesmo.
T: Ela faz..., tudo de linho, algodão...
A: Esta que tipo que é de malha?
T: Eu acho que é importado.
A: Parece aquele que é um veludo né.
T: Acho que é cheline.
A: Super legal.
T: É um fio, eu acho que é da Itália... eu acho que é, ela faz este tipo de roupa, vestido, saia.
A: Ela faz, e tem uma loja também ou ela vende para outros?
T: Ela faz e tem uma lojinha da fabrica também, teve uma loja no shopping e não deu certo.
A: É shopping é difícil o preço das lojas é alto.

T: É..., e tem a lojinha de lá da própria fábrica..., mas o forte ela vende pra fora, pra empresas...
A: hum, hum...
T: Loja do shopping compra dela vende mais atacado, e tem a loja da fábrica, (inaudível), os meus irmãos trabalham com o meu pai. E eu fiquei este tempo parado, e comecei a trabalhar numa empresa, em que o meu irmão trabalhava, trabalhava numa empresa de comunicações, eles davam cursos, (inaudível), pro pessoal falar.
A: Tem muito destas empresas?
T: Não tem muito não.
A: Tem um famoso que é aquele Polito.
T: Ele e a Vida Alves.
A: E você onde trabalhava?
T: Com a Vida Alves, quem concorria mesmo com a gente era o Polito, só que o Polito é o dobro do preço..., o curso é bem mais eficiente do que ela dá. (inaudível).
A: E o que você fazia?
T: Fazia..., eu trabalhava um pouco lá dentro também porque eu mexo com computador..., no escritório e trabalhava na rua, tinha o carro da empresa..., trabalhava às vezes de levar o pessoal pra fazer curso, levar documentos...
A: Levar equipamento...
T: Às vezes fazia banco também...
A: Por isso você sabia mexer na câmera aqui hoje?
T: É. Eu sou mais lento porque o meu irmão é quem cuidava desta parte.
A: Ah...tá.
T: Fazia..., montava o equipamento.
A: E é legal este tipo de trabalho?
T: É bom, é legal porque eu acho... que as pessoas não acreditam muito que vai dar certo..., um curso destes né.
A: E dá certo mesmo?
T: E depois de um certo tempo... porque são todas gravadas.
A: E depois a pessoa se assiste?
T: Isso, tudo são gravadas, depois ele pega o começo a pessoa e depois pega a última parte...
A: E bota para ela comparar?
T: É bem melhor...
A: Ah... Ah...
T: Perde o nervoso de ficar mexendo com a mão, tem gente que fica mexendo como pé.
A: Chacoalhando a perna né...
T: Tinha um rapaz lá (inaudível) ele levantava a pema nesta altura, parecia que tava dando coice, e a gente tinha que se segurar pra não dar risada. Eu tava com o meu irmão, e a gente eu com ele é muito brincalhão com o outro, tinha até que ficar longe porque...
A: Se ele fosse jogador de futebol dava certo, né ? Mas ali para falar era estranho?

T: Mas depois de um tempo ele começou a melhorar, ele só dava uma arrastadinha...
A: Ele dava um coice menor?
T: Mas antes ele levantava muito a perna assim quando tava falando...
A: Devia ser engraçado realmente... (ri).
T: Mas depois foi melhorando..., e tem gente que põe a mão na boca, e fica se mordendo...
A: Balança a perna, mexe demais com as mãos...
T: De nervosismo, e depois com as técnicas que você vai aprendendo... o pessoal vai se soltando mais, mais... e... tipo assim... tem um método tipo folha, método leque... o pessoal vários furos, pra não se perder, e põe o aparador lá..., e tem a planilha e você já sabe o que falar, pra não se perder do assunto
A: É como um resumo assim?
T: É.
A: Põe pra pessoa?
T: É isso a pessoa que vai falar já faz antes, são cursos que faz pra não esquecer de falar nada, de ir até o final..., porque assim... porque depois fala o final e depois junta o começo..., tá falando no começo...
A: Bem pelo menos você não tem problemas pra falar, pelo menos comigo... tá falando super bem.
T: É que aqui eu estou muito tranquilo.
A: Então você tá se achando tranquilo aqui?
T: To, eu acho que não é o que eu falei, em casa eles acham que eu não falo muito..., que eu sou muito fechado. E que na rua, a minha namorada as vezes ela fala..., quando a minha mãe fala isso no começo, como eu não falo..., ele fala direto comigo, eu fico até com saco cheio de tanto que ele fala, que ele não pára de falar. Então, é diferente em casa eu sou meio quieto.
A: você acha que... é verdade isso?
T: É verdade.
A: E por que você é meio arredio em casa?
T: Não sei. (inaudível).
A: Tudo bem..., nós vamos descobrir juntos.
T: Que nem por exemplo, na rua eu já falo mais.
A: Ah... Ah... Na tua casa como é que é? Você meio quieto, você fica num canto, ou as pessoas falam com você, e você só diz sim ou não? Me conta como se fosse um filme.
T: Eu respondo meio breve, meio sem empolgação de falar..., eu falo meio rápido..., mas eu não fico muito isolado.
A: Parece que não é que você fica isolado em casa, é que você fala pouco, é isso?
T: Eu falo um pouco, vejo televisão, não é que eu falo pouco é que em comparação ao que eu falo na rua. Na rua eu falo bem mais, às vezes a minha mãe fala, você não tem jeito pra falar certo negócio..., você vai em tal lugar, o seu pai vai com você..., ele fala mais, não sei o que, quando na verdade eu falo. O primeiro contato às vezes com a pessoa, eu fico meio quieto.

A: Você me disse agora pouco... que você vai fazer alguma coisa, a sua mãe fala melhor o seu pai ir com você... Como que é?

T: É, porque ela acha que eu não falo tanto..., por exemplo agora eu estou trabalhando com uma empresa de vale refeição, ela fala, vai em tal empresa lá... e fala com o pessoal responsável, pra ver se tá interessado em alguma coisa... tal. Daí às vezes, ela fala tem uma empresa lá, que o meu... comprava vidros deles lá..., empresa grande tal, ela deu idéia. E o meu pai comentou com o rapaz, e... daí ele falou legal, não sei o que, manda ele vir aqui. E ai a minha mãe falou, manda o seu pai ir com você, não sei o que, ele conhece, fala mais..., tal, não sei o que. Ela acha que eu falo menos, entendeu, pelo meu jeitão dentro de casa.

A: E quando ela fala isso, leva o teu pai, que ele fala melhor. O que sente?

T: Ah... às vezes eu falo pra ela, ela acha de eu ter muita vergonha. É, porque quando eu era menor, eu tinha bem mais vergonha, das coisas, eu era bem envergonhado. Depois com o tempo né, trabalhando..., ficar na rua, trabalhava de office-boy, ia pro centro, eu fui começa a desenvolver, perder a vergonha..., tem que fazer as coisas, não tem como...

A: Preste atenção: ao invés de você me contar o que você sente, você disse o que a sua mãe acha. Mas o que você sente? E o que você faz?

T: Me sinto muito chateado e acabo não fazendo nada, isto também dá para mudar?

A: Claro que sim, o importante é que você está com vontade de mudar, então poderá mudar sim. Bem, agora o tempo acabou e na semana que vem nós continuaremos, Ok? Quer perguntar ou dizer alguma coisa mais?

T:Eu me senti super bem aqui. Obrigado. Gostei de vir.

A:Eu também gostei. Até 4ª então.

ANEXO E – Transcrição da Sessão 4: a primeira sessão de psicoterapia individual entre a terapeuta Giovana e o cliente Erik

Abreviações:

G: Giovana

E: Érik

G: E ai, você já tinha vindo aqui antes?
E: Não...
G: Não? (G não ouviu direito - FONO)
E: Aqui já só uma vez.
G: Já, você já conhecia aqui?
E: (...) (aponta para um brinquedo)
G: Você quer brincar daquilo lá?
E: Quero.
G: Você sabe como eu me chamo?
E: Não...
G: Eu sei o seu nome!
E: É Erik!
G: Isso, Erik!!!... .
..E o meu?
E:.... não sei.
G: Não sabe? Quer adivinhar?
E: Vou pensar...
G: Tem que olhar para mim, eu tenho cara do quê? (digo isso porque Erik olhava para baixo)
E: Peraí, né...
G: Não, mas olha pra mim!
(ele olha um pouco)
G: Que nome você conhece?
E: Giovana!!!
G: Giovana, isso mesmo!!! Você tem uma boa memória, sabia? Você lembrou direitinho, ... sua mãe falou pra você?
E: É porque tem uma Giovana na minha sala... (está observando os brinquedos)
G: Na sua sala... humm...
...E agora hein, tem bastante brinquedo aqui... fica difícil de escolher?
E: Hum-hum.... Quero brincar com a casinha.
G: Dá uma olhada nela então!
E: (dirige-se até a casinha de bonecas)

G: (vou até ele e sento no chão ao seu lado). É bonita essa casinha, né, Erik?
E: Hum-hum.
E: Isso aqui está quebrado, nem dá pra consertar isso aqui... (escadinha)
G: Ah, dá sim...
E: Duvido!
G: Duvida? (conserto junto com ele).
E: (...) Agora o boneco vai fazer coco no vaso (senta ele na privada).
G: Vai fazer coco, de noite ou de dia? (lembro que havia algo no prontuário sobre enurese ou encoprese)
E:Plofplofplof...deda.
G: Tá fazendo até barulhinho!
E: E você, faz coco de noite ou de dia?
E: De noite e de dia, todo dia
G: Mas você faz só no vaso ou faz na calça também? (não me recordo bem se a mãe disse que ele ainda fazia nas calças, por isso eu pergunto).
E: Eu faço xixi na calça.
G: Você faz xixi na calça... de dia ou dormindo? I E: É, dormindo.
G: Quantos anos você tem, Erik?
E: (mostra os 6 dedos na mão).
G: Seis?
E: (fala ininteligível)... mudar de...
G: Mudar do quê??? (tento entender a fala - FONO)
E: De escola. No ano que vem (Não ouvi)
G: Ih mas você gosta de acordar molhado?
E: Não, eu vou no banheiro, às vezes eu nem faço xixi na cama.
G: Ah bom, é melhor né.
E: Às vezes minha mãe me acorda de noite, e me leva pra fazer xixi, aí eu não faço xixi na cama. Só fiz uma vez.
G: Ah, então se você acordar, não faz.
E: Mas um dia eu fiz, por causa que quando acabou a novela eu fui dormir (fala ininteligível). (E abre o armário de brinquedo da casinha)
G: Nossa quanta coisa que tem aí dentro né!
E: Oito. E um espelho, tá quebrado.
G: É verdade. Será que dá pra consertar?
E: Não sei...
G: A escada deu, não deu? Será que o espelho a gente também consegue? Se tiver cola aqui eu acho que dá... (levanto e vou procurar cola).
G: Ah, Erik, eu não estou achando cola não... com massinha será que a gente cola? ...Tenta você.
E: (pega a massinha e o espelho, amassa e conserta)
G: Hummmmmm!!!
E: (o espelho cai e desmonta) Hahahaha.... Não dá.
G: (eu o ajudo e o espelho cola) Deu hein!

E: Deu.
G: Toca aí!!! (batemos as mãos).
E: O menino vai dormir no berço (coloca um menino imenso em um bercinho pequeno)
G: Ih mas que berço pequeno pra ele!
E: Então vou colocar aqui (na cama).
G: Ah aí é bem maior.
E: Eu quero ir no banheiro.
G: Vem, vou te mostrar onde é.
E: Hum-hum. (saímos da sala - 2 minutos)
E: (tira figurinhas do bolso e me mostra)
G: O que você tem aí?
E: Cavaleiros do Zodíaco!!!
G: Cavaleiros... do Zodíaco... hummm... quem que é esse?
E: É um do mal.
G: O que ele faz de mal?
E: Ele... o do bem, ele tem que... (explica mas não dá pra entender... enquanto isso ele coloca os bonecos sentados).
G: Tá todo mundo sentado aí né, até os bebes sentaram.
G: E esse na mesa, o que ele vai fazer aí?
E: Ele vai cair, e o vô vai correr pra buscar ele.
E: Brinca também!!!!
G: Brinco! Eu vou ser essa aqui... é a vovó, olha o cabelo dela! Então ela é... mulher dele! (aponto o vovô). Ela anda bem devagarzinho.
E: O meu tá um pouco velho.
G: Tá um pouco velho, né...
G: e esse aqui é o netinho deles, né.
G ...Advinha o nome dele.
E: Não sei...
G: Mas você adivinhou o meu nome...
E: Eduardo. E esse outro aqui é o Renan. E esse aqui... Erik!!!
G: Ah, Erik! É bonitinho o Erik, hein.
E: E essa aqui é a Giovana.
G: Sou eu?
E: A Giovana da minha escola.
G: Ah, a da sua escola.
E: Essa é você, Giovana também.
G: Então tem duas Giovanas na casa.
E: É, por causa que tem a da minha escola. E esse aqui é menino.
G: Então deixa eu escolher um nome pra ele. Renato.
E: Renato.
G: Põe ele lá no colo do vovô. (ele põe).
E: Esse aqui é homem, vai se chamar.... (fala ininteligível).

G: O quê???
E: (fala ininteligível)
G: Não entendi...
E: Tiamiteli.
G: Ti-a-mi-te-li???
E: É...
G: Nossa, foi você que inventou esse nome?
E: Humhum.
E:E a vovó vai ficar aqui?!
G: Não, né, senão ela vai cair, coitada...
G: põe ela lá na cadeira...
(trecho ininteligível em que o Erik imita os bonecos indo ao banheiro).
G: Quando você faz a gente vê, Erik?
E: Não, não pode.
G: (...) Esse aqui é o Erik, né....
E: É neném... Hahahahaha....
G: Que tamanho! E aquele outro ali! É mais neném que esse aqui!
E: Hahahaha....
(solta um pum e me olha com olhar desafiador) hahahaha....
G: Ih você faz isso na frente de todo mundo?
E: não... hahaha...
G: Cuidado hein, que tem gente que não gosta e pode ficar bravo com você...
E: Tá.
E: Esse aqui fez pum (o boneco).
G: E essa aqui saiu de perto porque ela não gostava dessas coisas.
G: Então ela desceu pra fazer café da manhã (movimento a boneca). "Vamos fazer café da manhã? “Vamos” (imito 2 bonecos).
E: E eles vão descer. Vovô!!!!!!!!!!!!!! Caiiiiiiiiiiiiiiiu
(joga os bonecos de lá de cima).
E: Tem que fechar as cortinas assim.... é por causa que pode escurecer.
G: Erik, você está indo na escola?
E: (fala ininteligível).
G: E tem lá alguém que te ajuda... que te ensina a falar? (mãe comentou sobre fonoaudióloga)
E: Tem.
G: O que ela faz?
E: Ela olha eu.
G: E é lá na escola ou é em outro lugar?
E: É em outro lugar, no médico.
E: E aí o vovô... (fala ininteligível)
G: Que o quê?
E: (fala ininteligível)
G: Quê?

E: Elas estavam fofocando sobre o vovô.
G: Ah então o vovô tem que fazer alguma coisa. E agora, como é que fica?
E: (Erik imita o "vovô" brigando): "Pede desculpa!"
G: "Desculpa, a gente não vai mais fazer isso".
E: Tá bom.
G: Ela pediu desculpa, ela não quer mais fazer isso. Não adianta só pedir desculpa, né, não pode é fazer de novo.
E: (fala ininteligível).
E: Agora eu não quero mais brincar disso daí.
G:Quer brincar de outra coisa?
E: Daquilo ali! (aponta)
G: O pega-vareta?
E:Hum-hum.
G: (coloco o pega-varetas sobre a mesa)
E: Espera aí... isso aqui vai ficar aqui (Erik retira outros brinquedos que haviam sobre a mesa)... e isso aqui vai ficar aqui!
E: Quando eu era desse tamanhinho eu aprendi a jogar.
G: Assim??? (mostro a altura) Você já foi desse tamanho, Erik?
E: Já. E tem meu irmão grande, depois a Priscila, depois o David, depois eu pequenininho. (segura as varetas).
G: Erik eu não sei se eu brinco do mesmo jeito que você, ta. Vamos ver... às vezes nós sabemos de jeitos diferentes.
E: É assim, tem que jogar e pegar. E não vale roubar, hein?
G: Tá bom, nem eu nem você.
E: (joga as varetas e elas se espalham demais). Aaaahnnn...
G: não pode assim?
E: Não.
G: Então faz assim: pega com as duas mãos... assim... e solta as duas ao mesmo tempo (seguro as mãos dele).
E: Assim dá (as varetas caem certo)
G: Dá né... melhorou...
E: Eu vou mostrar como faz. Assim é tesoura, papel e pedra (mostra com as mãos). Vai!
G: Peraí... pra que fazer isso?! Pra ver quem começa?
E: Hum-hum.
G: Então é papel...
E: Pedra...
G: E tesoura?
E: Tesoura.
E: Impar ou par! Cortei (ele jogou tesoura e eu papel). Aeeee!!! (retira uma vareta). Agora você.
G: É difícil, né, Erik, não vale mexer, não é?
E: É.

G: (jogo)
E: Ah é, é isso.né...
G: É isso o que?
E: Vou te pegar!
G: Não, não vai pegar ninguém não! (falo em tom natural) (jogo novamente)
E: Você pegou com a mão!!!!
G: Não pode?
E: Não.
G: Ah, eu não sabia, então deixa eu fazer de novo. Vou tentar pegar uma difícil.
E: Esse aqui tá difícil (fala na vez dele). (A mesa se mexe muito)
G: Eita, mas deixa a mesa! Vamos fazer assim? Segura a mesa aí como seu joelho que eu seguro daqui com o meu.
E: Tá. Eu vou pegar um difícil.
G: Qual é?
E: Esse daqui.
G: (joga)
E: (Erik puxa as varetas, elas se mexem mas ele as pega mesmo assim)
G: Opa, esse não valeu, né.
E: Não valeu, não valeu (devolve)
G: E nem o outro, né.
E: Nem o outro... (devolve).
G: Porque não pode mexer, né...
E: Vou pegar essa...
G: Isso... muito bem!
E: Acabou, agora é contar. Quer ver que eu ganhei de você? (conta em silêncio e eu tb). Dezesseis!
G: E eu também dezesseis.
E: Empate??? Deixa eu ver quantos você fez??? (se levanta, pega as minhas varetas e começa a contar). Dezesseis e o meu deu dezessete.
G: Você falou dezesseis, lembra?
G: Conta de novo.
E: Um... dois... três..
G: Quatro... (vou contando junto com ele, ambos em voz alta).
E:... dezesseis.
G: É... dezesseis... vamos ver o meu? Um... dois... três...
E: Quatro... (Erik vai contando junto comigo).... dezesseis.
G: Empatamos!!!!
E: Não... eu.... um, dois, três... (recomeça a contar os seus pontos)... dezesseis.
G: E aí, não empatamos?
E: Não!
G: Se você fez dezesseis, e eu fiz dezesseis, não empatamos?
E: Sim.
E: Agora você que joga tá?

G: Tá. Também é bom empatar, né.
E: Ás vezes é bom ganhar, né.
G: Ás vezes é bom ganhar sim... às vezes a gente ganha, às vezes a gente empata... e às vezes a gente perde.
E: Às vezes a gente ganha... e aí quem ganha tem que dar ponto pra quem ta perdendo...
G: Mas pode fazer isso?
E: Pode. Porque tem muito. É assim: O outro tem assim: (mostra as mãos vazias), e você tem assim: (mostra os dez dedos da mão). E aí você tem que dar pro outro...
G: Mas não é contra as regras do jogo?
E: É ruim porque Deus não gosta disso. Tem que ajudar.
G: Mas sabe como a gente pode ajudar também? Eu tive outra idéia... Você tá sem pontos, e eu estou com dez.... você falou que eu podia te dar pontos, né?
E: Hum-hum.
G: Tá certo, mas sabe outro jeito também? Eu posso te ensinar a ganhar pontos!!!!
E: Hum-hum.
E: Vai, joga, você.
G: Então se acontecer isso... se eu estiver sem pontos, você me ensina?
E: Mexeu.
G: Então ensina pra mim... como eu pego?
E: Ó... você pode pegar esse... pode pegar esse...
G: Então vai, você que tá me ensinando hein? É esse aqui? Como eu jogo, bem rápido???
E: Não... devagarinho.
G: Ah, devagarinho! Então tá. (jogo). Aaaah! Legal... você ensina bem, hein, Erik!!! Agora eu estou com ponto, viu!!! Ó, bate aqui!!! (batemos as mãos)
(E joga)
G: Caramba!
E: Olha a boca!
G: Porque?
E: Isso aí é palavrão...
G: Não... palavrão é outra coisa parecida com isso... que eu não vou falar.
E: Vai. Joga pra cima.
G: Pra cima? Com força ou devagarzinho?
E: Devagarzinho.
E: Eu acho que vai empatar.
G: É... porque a gente tá os dois jogando muito bem né.
G: E aqui, jogo devagarzinho ou com força? De assim, ou de assim?
E: Devagarzinho... de assim...
G: Ih errei.
E: Você tem uma vida.
G: Uma vida?! Quantas vidas eu tenho?!
E: Você vai de novo, e agora tá facinho...

G: (erro). Gastei minha vida, agora, né.
E: Não. Quando você for de novo... você vai ter uma vida...
G: Toda vez, eu tenho uma vida?!
E: É.
G: Eu não sabia dessa regra hein.
G: Sabe um jeito que eu jogava? Era assim, ó... não era com a vareta, era com o dedo... assim, ó... aperta aqui...
E: Aaaah, eu sei!!!!! Aperta aqui... aperta aqui... e aí vai... é assim, né?
G: Isso... mas pode continuar... só mostrei porque às vezes não dá pra usar a vareta...
E: Então quando precisar usar a vareta, usa, e quando não, aí vai com o dedo assim.
G: Então vai, é a sua vez.
E: (joga)
G: Esse não precisou do dedo. (jogo)
E: Mexeu!!! Uma vida...
E: Depois vamos brincar daquilo, e daquilo, e daquilo???
G: Não sei se a gente tem tanto tempo, tá? A gente tem uma hora juntos, toda semana. Vai dar tempo de brincar com só mais um brinquedo, tá... aí você escolhe. Um... dois... três... (...) dezesseis.
E: (conta em silêncio). Dezesseis....
E: vamos contar de novo.
G: Nós já contamos, Erik... Dezesseis.
E: Então empatou. Agora você joga...
G: Vamos juntos?
E: Vamos.
G: Vai, vamos ver o q q dá, hein?
E: Já!!!! (soltamos as varetas) Agora é com o dedo assim... e tem a pedra...
G: E como é que fala?
E: Você tem que falar "impar ou par”...
G: Ah, não é mais ou pedra papel e tesoura?
E: É, você quer ser ímpar ou par?
G: Par.
E: Eu quero ser ímpar, “ímpar ou par" (colocamos as mãos), "ímpar ou par" (colocamos novamente).
E: Isso aí não vale.
G: O que é que vale?
E: Pedra, papel ou tesoura.
G: Ah, esse aí é outro jogo...
G: sabe como é que faz o impar ou par? É assim, ó...
E: (me interrompendo) Ooolha se você fazer pedra, você ganhou, se você fazer chuva... e tem o buraco também... vai... ímpar ou par!
G: (jogamos... eu faço a pedra e ele faz a chuva).
E: Ganhei.
G: Porquê, o que a chuva faz?

E: Molhou a pedra.
G: Hahaha... e a pedra não podia bater na chuva?
E: Não...
E: então vai de novo.
G: (faço a tesoura, ele faz a chuva)
E: Ah, ganhei, te enferrujei!!!
G: Me enferrujou???? Hahaha...
E: Vai, você começa.
G: Você ganhou de mim, pode começar.
E: (começa).
G: Quer ver um jeito que eu faço?
E: Vá.
G: Eu seguro assim, na pontinha, sem cair... olha lá...
E: E eu seguro assim, ó...
G: Mexeu...
E: Eu posso pegar...
G: Porquê???
E: Por causa que... (fala ininteligível)
G: Agora tem um monte fácil. Você gosta quando tá só fácil, ou quando tá difícil também?
E: Os dois.
G: Eu também.
E: E agora tem pouco!
G: É, tá acabando.
E: Ah não vale...
G: Claro que vale, o que vale pra você vale pra mim.:. (uso a regra q ele criou antes). Agora vamos contar... um, dois, três... dezesseis! Empatou, Erik.
E: Duvido.
G: Viu só... é o mesmo número...
E: E quantos você tem?
G: Dezesseis.
E: Mentira!
G: Empatou.
G: Agora, só dá tempo de brincar de mais uma coisa, tá. Do que você quer brincar?
E: Do que você quer?
G: Pode escolher, olha, que tal desenhar?
E: Tá
G: Vamos cortar esse papel aqui pra usar... olha a tesoura aqui, eu seguro e você corta tá?
E: Eu queria canetinha...
G: Ela tá aqui...
E: Eu vou fazer o desenho mais bonito.
G: Eu vou usar a canetinha daqui.... e você usa esse (giz).

G: E se todo mundo usar as canetinhas? Aí não fica faltando pra ninguém, não é?
E: Eu posso usar esse aqui também?
G: Pode!
G: O que vamos desenhar?
E: Desenha o que você quiser... Qual desenho ficar mais bonito, ganha.
G: Ganha o quê????
E: É uma brincadeira... não ganha nada...
G: Ahn, não ganha nada...
G: O que você vai desenhar? Vai desenhar um, e eu faço outro, ou vamos fazer juntos?
E: Você faz um. Eu faço outro. Eu vou fazer essa casa aí (a casinha de bonecas).
G: Ahn, legal... vou fazer também.
G: É vermelho, né, deixa eu pegar o vermelho...
G: Começa! (ele está parado).
E: Vamos fazer o desenho até acabar, aí outro dia a gente pinta?
G: Pode ser...
G: quer q eu guarde pra você?
E: Hum-hum
(pintamos em silêncio).
E: Quando que eu vou voltar?
G: Você vai voltar sexta-feira que vem.
E: Ah, mas vai demorar muito
G: Que dia é hoje, você sabe?
E: Quinta.
G: Não, hoje é sexta. Você vai voltar toda sexta.
E: Amanhã é sexta, e eu vou voltar aqui....
G: Não, amanhã é sábado.
E: Amanhã eu tenho escola?
G: Amanhã não tem. Hoje é o seu último dia de escola da semana, toda vez q for seu último dia de escola é o dia q vc vem, aí fica fácil de guardar na cabeça.
G: Depois do sábado é???...
E: Quarta!
G: Não... que dia que não tem aula.... sábado e....?
E: Terça! Quarta.
G: Do
E: Domingo!
G: Isso, sábado e domingo que não tem escola!
E: Eu estou na creche!
G: Na creche?
E: Eu estou na creche, o David tá na escola... e ele não sabe passar manteiga no pão!
G: Nossa, e quantos anos que ele tem?
E: Não sei.
G: Tem vinte? Ou menos?

E: Vinte.
G: Vinte e não sabe passar a manteiga?
G: Ah, Erik, pergunta a idade dele certinho... se ele tivesse vinte, ele saberia.
G: Quantos anos você acha que eu tenho?
E: Dez.
G: Dez? Não.
E: Nove.
G: Hum-hum. Tenho mais.
E: Oito.
G: Não, não é oito. É mais. E: é assim? (mostra com as mãos).
G: Não. É mais que dez. E mais que nove. Você tá diminuindo, e eu estou falando que tenho mais. Eu tenho mais que todos os seus dedos da mão abertos. Tinha que ter mais uma mãozinha aqui.
E: põe a mão aqui então.
G: (coloco minhas mãos abertas também). E mesmo assim eu tenho mais do que tudo isso.
E: Aaaaaaaaaahhhh!!!!!!!
G: É. Se eu escrever você advinha quanto que é? Vou colocar aqui no papel, como se fosse o número da casa. Essa é a minha idade.
G: Qual é? (escrevo '22").
E: Quatro.
G: não, esse é um dois, não é?
E: Dois e dois.
G: dois e dois, isso, vinte e dois.
E: Eu tenho assim (mostra o sete com os dedos).
G: Ué, no começo você disse que era seis. Você vai fazer sete, não é?
E: Não, vou fazer assim (mostra oito dedos).
G: Que dia é o seu aniversário?
E: Não sei, não vai ter bolo.
G: Não, e porquê, Erik?
E: Minha mãe não tem dinheiro.
G: Não tem dinheiro pro bolo... e na escolinha, tem bolo?
E: Tem.
G: Então vai ter lá?
E: A Priscila teve um monte de bolo.
G: A Priscila é pequenininha ou é grande?
E: Grande, tá na escola.
G: E você vai sair da creche no ano que vem?
E: Hum-hum, no ano que vem sim.
G: Ó o que eu fiz? (mostra o desenho)
G: Nossa, o que é que é isso?
E: É um pássaro.
G: Era pra ser a casa no começo, né... você mudou e idéia e fez.

E: Ficou legal!
E: Cadê o banheiro (pergunta sobre a casa q estou desenhando).
G: Ah, é mesmo, vou fazer o banheiro aqui no meio (desenho).
G: Legal o que você fez, você começou com uma casa e terminou com um pássaro.
E: Eu fiz só o teto da casa.
G: É, e depois você mudou.
E: Hum-hum. (fala ininteligível)
G: Você ta acabando? O nosso tempo já acabou... se não estiver, a gente pára e continua depois, na semana que vem.
E: Eu queria ir pra escola.
G: A escola do seu irmão?
E: Não, a minha escola.
G: Ah, a creche.
E: É por causa que lá é legal.
G: E aqui, você achou legal?
E: Achei.
G: Você quer voltar de novo?
E: Quero. É amanhã
G: Não, amanhã não vai dar. Amanhã aqui não abre...
E: Porque não?
G: Porque aqui é igual à escola, não abre de fim de semana.
E: Quando eu voltar quero brincar daquilo ali.
G: Hum-hum, você lembra de pedir? Não me deixa esquecer não.
E: Nós temos que pintar rápido.
G: Agora não dá tempo, Erik, o tempo acabou.
G: Olha o vovô, ficou parecido?
E: Ficou. E eu fiquei com cara de vovô.
G: Você ficou!
E: Amanhã quando eu terminar o desenho eu vou brincar com o carro... e a casinha.... (vai enrolando o papel para guardá-lo).
G: E já pensou um monte de coisas, né... que bom.
E: (me dá o papel).
G: obrigada.
E: De nada. Amanhã a gente vai brincar de tudo isso. (fala ininteligível) Quando eu vier a gente vai brincar de tudo né?
G: É, nunca dá pra brincar de tuuuudo... você vai ter que escolher. Mas não precisa ter pressa não! Vamos?
E: Hum-hum.